# DA ASIA
## DE
# DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

## DECADA SEXTA

*PARTE PRIMEIRA.*

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCC.LXXXI.

*Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.*

# INDICE
## DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I. DA DECADA VI.

## LIVRO I.



 seu

# LIVRO II.



*de ,*

rar

# LIVRO III.



Cor-

ça-

# LIVRO IV.

CAP.

# LIVRO V.

João

DE-

# DECADA SEXTA.
## LIVRO I.
### Da Historia da India.

## CAPITULO I.

*De como foi eleito pera Governador da India D. João de Castro: e da Armada com que partio pera a India no anno de 1545. e de como chegou a Goa, e tomou posse da governança: e das cousas em que proveo: e da viagem que Martim Affonso de Sousa teve até o Reyno.*

HEGADA a Armada de Diogo da Silveira a Portugal, e informado ElRey D. João o III. delle das cousas da India; e vendo as cartas de Martim Affonso de Sousa, e a instancia com que lhe pedia mandasse successor, e que o mesmo mandava pedir por Diogo da Silveira, indo-se ElRey pera Evora passar o inverno,

começou de tratar de negocios, e entrar na eleição da peſſoa, que havia de mandar por Governador da India, pera cujo cargo lhe inculcou o Infante D. Luiz ſeu irmão a Dom João de Caſtro, filho de D. Alvaro de Caſtro, Governador da Caſa do Civel, (que já tinha andado d'antes na India, como no Capitulo V. do ſetimo Livro da Quinta Decada fica dito,) a quem pelas partes que tinha era muito affeiçoado. E como o Infante D. Luiz tinha já muito obrigado a ElRey pelo grande amor, e cortezia com que o tratava, nomeou a D. João de Caſtro por Governador da India em Janeiro de quarenta e cinco, e lhe aſſinou ſeis náos com dous mil homens.

Com o deſpacho deſta Armada correo o Conde da Caſtanheira. Nos requerimentos ſe dizia que não ficára, D. João de Caſtro ſatisfeito, porque como hia contra o goſto dos do Conſelho, que o teriam de ir outro com aquelle cargo, não lhe reſpondêram bem, do que elle andava pejado. Mas o Infante D. Luiz lhe diſſe, que ſe embarcaſſe, e ſe calaſſe, que como eſtiveſſe na India, ſegundo as novas que delle vieſſem, aſſim ſe lhe reſponderia, com o que ſe calou, e aviou, mandando negociar ſeus filhos Dom Alvaro, e D. Fernando de Caſtro pera irem com elle.

Aqui

Aqui ſe conta huma couſa de D. João de Caſtro, que ſe lhe notou por doudice, como outras muitas que o não eram. Eſta foi, que paſſando hum dia pela porta de hum calceteiro, vio eſtar humas calças de veludo mui ricas, e de muito feitio, e detendo o cavallo, as pedio, e olhou, e depois de notar a obra que era curioſa, perguntou cujas eram? O calceteiro não o conhecendo, diſſe que eram de hum filho do Governador, que hia pera a India. D. João de Caſtro, dando-lhe a paixão, tomou huma tiſoura, e as cortou todas em retalhos, e diſſe ao calceteiro: *Dizei a eſſe moço que faça armas*, e foi paſſando.

Em fim, como o tempo da embarcação ſe hia chegando, foi ElRey concluindo com os negocios da India, deſpachando Rax Xarrafo Guazil de Ormuz pera ſe ir naquella Armada, porque havia muitos annos que o tinha no Reyno, (como na Quarta Decada no Capitulo III. do Livro ſexto fica dito,) e não continuamos com elle, porque de induſtria o guardámos pera eſte lugar.

Depois deſte Mouro chegar ao Reyno, que foi no anno de vinte e ſete, o teve ElRey no Caſtello de Lisboa muitos annos ſem o ouvir, e depois a ſeu requerimento o mandou levar á Relação, onde lhe elle fez huma mui elegante falla ſobre ſuas couſas,

ſas, allegando-lhe os ſerviços que lhe tinha feito, e contando-lhe os muitos aggravos, e tyrannias, que ſempre recebêra dos Capitães de Ormuz, concluindo que de tudo fizera muitas vezes queixas a S. A. por cartas, e iſſo meſmo aos Governadores da India, e que nem hum, nem outro lhe remediára ſuas queixas, por onde lhe pareceo que S. A. não fazia conta da fortaleza de Ormuz, e que elle por remir ſua vexação fizera o que fez.

ElRey o ouvio bem; e parecendo-lhe que tinha juſtiça, o mandou pera Montemór o novo, entregue ao Capitão mór dos Ginetes, em huma prizão livre, pera que pudeſſe ir á caça, e paſſear pela Villa. Alli eſteve até a entrada deſte anno, que o deſpachou pera ir com D. João de Caſtro, e lhe fez mercê dos cargos de Guazil, e Juiz da Alfandega de Ormuz, pera elle, e pera ſeu filho, e que pudeſſe mandar á Cidade de Goa cada anno vinte cavallos, e que os tiraſſe pera os Reynos do Decan fórros dos direitos, e outras mercês, e honras; e ao deſpedir-ſe, lhe diſſe ElRey, que folgaria de ver naquelle Reyno alguma couſa ſua pera lhe fazer mercês. Deſta palavra entendeo o Guazil, que ElRey ficava ainda deſconfiado delle, e beijando-lhe a mão, lhe reſpondeo, que elle ſatisfaria S. A. e aſſim ſe

em-

embarcou ſatisfeito. Contam deſte Guazil muitas grandezas, entre ellas huma foi, não querer acceitar mercês a ElRey de dinheiro, mandando-lhe dar muito, e muitas vezes. E que com ſaber mui bem a lingua Portugueza, nunca quiz uſar della, e dizia muitas vezes, que o homem honrado não havia de mudar lei, nem lingua.

Antre muitas couſas, que ElRey proveo pera a India, e que deo por regimento ao Governador foi, que proveſſe tres Veadores da Fazenda em Goa, que hiam noméados, hum pera a Ribeira das Armadas de Goa, outro pera os Contos, e outro pera a carga das náos do Reyno em Cochim. E poſto que alguns digam que lhe pareceo a ElRey ſer aſſi neceſſario pelo grande creſcimento, em que hiam as couſas da India; o que ſe tem por mais certo he, que o fez por não ter tanta confiança de D. João de Caſtro, nem o haver por homem de muito negocio.

Deſpachadas as couſas todas, o Governador ſe embarcou, e ſe fez á véla meado Março, indo elle embarcado na náo S. Thomé. Os Capitães de ſua conſerva eram, D. Jeronymo de Menezes, de alcunha o bacalháo, filho herdeiro de D. Henrique de Menezes, irmão do Marquez de Villa-Real. Era eſte Fidalgo caſado com huma filha de D. Alvaro de Caſtro, irmão

do

do Governador, que hia provído da fortaleza de Baçaim. Foi muito eſtranhada ſua ida á India, porque tinha que comer, e era filho mais velho de ſeu pai; ao menos ſeu irmão D. Franciſco de Menezes o ſentio tanto aſſim por iſſo, como por ir deſpachado com Baçaim, que quando chegou a Goa, fingio-ſe doente pelo não ir buſcar, porque dizia elle, que tinha eſcrito a El-Rey, que Baçaim era couſa pouca, e que não tirára della couſa alguma; e que vendo elle que ſeu irmão lho pediria, haveria que o enganára, e que lhe não eſcrevêra verdade. Os outros Capitães eram Jorge Cabral, que tambem hia provído com Baçaim. D. Manoel da Silveira, que levava a Capitanía de Ormuz, Simão de Andrade, e Diogo Rebello, que haviam de tornar com a carga. E tendo eſtas náos boa viagem, tomáram Moçambique, onde o Governador achou Simão de Mello com a gente da ſua náo, que ſe tinha perdido, (como na Quinta Decada, no Capitulo VI. do Livro decimo fica dito,) que o Governador repartio pela Armada, e fazendo-ſe dalli á véla, foram tomar a barra de Goa todas as náos a dez de Setembro, tirando a de Diogo Rebello, que era a náo Santo Eſpirito, que ficou invernando na coſta de Melinde.

A Cidade fez grande recebimento ao

Go-

Governador, e Martim Affonſo de Souſa lhe entregou a India na fórma acoſtumada por termos, e papeis, que diſſo fez Coſme Anes, que hia provído do cargo de Secretario. A primeira couſa, em que o Governador proveo, foi nos cargos dos Veadores da Fazenda, que vinham nomeados em ſegredo. Simão Botelho (como já diſſemos) pera a Ribeira; o Licenciado Manoel de Mergulhão pera os Contos; e Braz de Araujo pera a carga das náos. Mandou ElRey pelo Governador Alvará de Fidalgo de ſua Caſa a Coge Cemaçadim com grande acoſtamento, e lhe eſcreveo cartas cheias de mimos, e honras, o que tudo o Governador lhe mandou logo, e huma Provisão pera as ſuas náos poderem navegar pera Méca, e pera os mais portos que quizeſſe livremente, ſem noſſas Armadas entenderem com ellas; o que Coge Cemaçadim eſtimou muito, e o teve por mercê, e honra aſſinalada, mandando viſitar o Governador com preſentes, e couſas curioſas. O Guazil de Ormuz tanto que deſembarcou em terra, logo deſpedio recado a Ormuz a chamar ſeu filho Rax Nordim, porque determinava não ſe ir pera Ormuz ſem o deixar em Goa pera o mandar o anno ſeguinte pera o Reyno, por acabar de ſatisfazer ao goſto d'El-Rey; e tanto que chegou a Goa, o entre-

gou

gou ao Governador, e elle se embarcou pera Ormuz.

O Governador achou Mealecan prezo na torre da menagem, e tomando informação de suas cousas, o mandou soltar, e lhe fez muitas honras, mandando-lhe dar casas, assinando-lhe dous mil xerafins pera seu entretimento, e despachou Simão de Mello pera ir entrar na fortaleza de Malaca, e com elle Diogo Soares de Mello, que estava provído pelo Governador Martim Affonso de Sousa da Capitanía de Patane, além de Malaca, pera fazer ir os mercadores da China despachar suas fazendas a Malaca, porque por não pagarem direitos, tinham feito naquelle porto escala, no que a fazenda d'ElRey recebia notavel perda. E vendo quão necessario era acudir-se áquillo, o despachou, passando-lhe grandes Provisões sobre aquelle negocio, dando-lhe huma formosa galeota com quarenta Portuguezes; e assim se fizeram á véla por fim de Setembro, e de suas viagens adiante daremos razão.

O Governador mandou dar grande aviamento ás náos da carreira pera irem a Cochim tomar a carga. E porque Martim Affonso de Sousa andava pera se embarcar, o mandou requerer Bastião da Fonseca Feitor de Goa por cento quarenta e oito mil

oi-

oitocentos e vinte cinco pardáos de ouro, dos quatrocentos mil, que dissemos na Quinta Decada, no Capitulo I. do Livro decimo, lhe déra Coge Cemaçadim em Março, quando se foi ver com elle em Cananor, que carregou em receita sobre o mesmo Feitor, ficando-lhe em si, e passando-lhe escritos rasos, que lhe daria delles despeza, ou lhos entregaria. E como Martim Affonso de Sousa desejava de levar o dinheiro a ElRey, pois o cavára, (porque o Governador apertava por elle,) mandou-lhe dizer, que em Cochim pera onde hia o entregaria ao Veador da Fazenda, pois era pera a carga das náos. Com isto quietou o Governador, e elle se embarcou pera Cochim, pera onde foi tambem o Licenciado Manoel de Mergulhão pera fazer a carga. E sendo em Cochim, andou Martim Affonso de Sousa dilatando de dia em dia a entrega dos cento quarenta e oito mil oitocentos e vinte e cinco pardáos de ouro, até ser tempo de se embarcar, que desenganou o Veador da Fazenda, dizendo-lhe, que o dinheiro que elle cavára não queria que o Governador se lograsse delle, que em Portugal o entregaria a ElRey; e com isto se embarcou na náo S. Thomé, e deo á véla a treze de Dezembro, indo embarcado com elle Aleixos de Sousa, e Jorge de Sousa Chi-

chorro irmãos, e Fernão da Silva Commendador, e Alcaide mór de Alpalhão, Martim Correa da Silva, Jorge Pimentel, Affonſo Pereira de Lacerda, Chriſtovão de Sá, D. João Coutinho, filho baſtardo de D. Gonçalo Coutinho de Caparica, e outros. Foi eſta náo tão leſtes, e negociada; que no convéz não levou mais que algumas capoeiras, amarras, e pipas de agúa pera ſe gaſtarem nos primeiros dias.

Não deixou Martim Affonſo de Souſa embarcar nella matalotagem a peſſoa alguma, porque a todos os que ſe embarcáram deo de comer, até aos grumetes. E teve tão boa viagem, que ſurgio na barra de Lisboa a treze de Junho do anno de quarenta e ſeis, couſa nunca acontecida até então. E a meſma viagem farão todas as náos, que partirem tão cedo, e tão leſtes como foi eſta. E em quanto as náos foram proprias d'ElRey, e a carga dellas corria por ſua conta, fizeram ſempre ſuas viagens, e aconteciam poucos deſaſtres; mas depois que ſe contratáram a mercadores, e que a carga dellas correo por elles, são acontecidas grandes perdas, e deſaventuras, porque a cubiça do ganho as faz carregar de feição, que nem lhes fica lugar pera ſe marearem, nem pera levarem bem huma amarra. E aſſim affogou, e ſumio o mar a muitas com o

ſo-

ſobejo pezo que lhe põe ; e a mór parte das que são deſapparecidas, ſe preſume que foi nos primeiros dias com qualquer tempo, porque nem hiam pera ſe poderem marear, nem alijar couſa alguma, e aſſi as comeo o mar. E na barra de Cochim ſe foi huma náo (pelo grande, e eſpantoſo pezo que tinha) ao fundo, porque como lhe mettêram mais daquillo com que podia, não pode o mar com ella, e aſſi a ſorveo. E ſe eſtas deſordens ſe não emendão, não deixará de haver todos os annos grandes deſaſtres, e deſtruições; e porque ſobre eſta materia havemos de fallar adiante mais largamente, a deixamos agora. Eſte anno naſceo o Principe Carlos em Valladolid a oito de Junho, e a Rainha D. Maria ſua mãi faleceo dahi a quatro dias.

## CAPITULO II.

*Da diſſimulação com que Coge Çofar mandou viſitar o Governador: e das pazes que ſe fizeram com ElRey de Cananor: e dos recados que paſſáram antre o Governador, e o Idalxá ſobre Mealecan.*

COmo Coge Çofar andava com a tenção damnada preparando com mui grande ſegredo as couſas neceſſarias pera o cerco, que com Soltão Mahamude tinha aſſenta-

tádo de pôr á fortaleza de Dio na entrada de Maio ſeguinte, tempo em que não pudeſſe ſer ſoccorrida da India; e como corria neſte negocio com diſſimulação, quiz ſegurar D. João Maſcarenhas Capitão daquella fortaleza, e o mandou viſitar, e fazer-lhe queixas de Manoel de Souſa de Sepulveda quebrar o contrato das pazes em lhe mandar deſmanchar as paredes, pedindo-lhe quizeſſe conſentir em ſe tornarem a alevantar, porque pera iſſo mandava officiaes. Dom João Maſcarenhas recebeo bem eſte Embaixador, por quem lhe mandou reſponder que elle era ſeu ſervidor, e que em quanto alli eſtiveſſe por Capitão o moſtraria por obras; mas que no negocio das paredes não podia deixar bolir ſem recado do Governador D. João de Caſtro, que novamente era chegado, e que naquelle particular correſſe com elle, e que dando-lhe elle licença, eſtava muito preſtes pera com ſua peſſoa, e todos os ſeus ſoldados ajudar a carretar a pedra pera ellas. Com eſta reſpoſta (por encubrir mais ſua peçonha) deſpedio logo hum Capitão dos principaes da Corte pera ir viſitar o Governador, e a confirmar com elle às pazes, e lhe mandou hum preſente de duas peças de borcado de Turquia, e cinco de veludo de Méca de cores, tres de chamalotes azeitonados, e hum leito dourado

ſo-

ſobre preto. Eſte Embaixador foi muito bem recebido, e ouvido, e o Governador o deſpachou logo, confirmando-lhe as pazes em todos os Capitulos, tirando no da parede, ſobre o que ſe tornou a tomar conſelho, e ſe aſſentou que ſería grande affronta do Eſtado ſe tal ſe lhe concedeſſe. Com eſte deſengano ficou Soltão Mahamude mui melanconizado, porque como tratava de levar aquelle negocio por via de cumprimentos, e diſſimulação, ſentio muito a mudança que ſe lhe fazia nos apontamentos, e iſto lhe accendeo mais o deſejo que tinha de tomar aquella fortaleza, pera o que mandou em muito ſegredo dar preſſa ás couſas neceſſarias pera o cerco.

O Governador teve viſitações, e Embaixadóres de todos os Reys vizinhos, e o do Idalxá lhe requereo com muita inſtancia que lhe cumpriſſe os contratos que eſtavão aſſentados antre elle, e o Governador Martim Affonſo de Souſa nas materias de Mealecan, que ou o mandaſſe pera onde eſtava aſſentado, ou lhe tornaſſe as ſuas terras de Salſete, e Bardes. O Governador lhe reſpondeo, que elle era chegado de novo, e que tomaria informação daquelle negocio, e faria nelle o que foſſe juſtiça; e que pera mandar Mealecan pera fóra de Goa, tempo havia até Abril, que era a monção de

Ma-

Malaca, e Maluco. Com este entretimento quietou o Idalxá por então; mas elle não largou João Fernandes de Nigreiros, que o Governador Martim Affonso de Sousa pouco antes que acabasse lhe tinha mandado por Embaixador, a quem elle tinha reteudo com mais de vinte Portuguezes sobre este mesmo negocio, com lhos o Governador mandar pedir, antes lhe estreitou as prizões, porque bem entendeo que aquillo do Governador eram cumprimentos; e não ousava de romper a guerra, porque tinha hum muito grande freio em Mealecán, porque receava que se se puzesse em campo, houvesse alguma perturbação em seus Capitães, e assi dissimulou por então até ver em que aquillo parava; porque a todo o tempo que lhe bem viesse, podia lançar mão das suas terras.

Coge Cemaçadim com as cartas, e honras d'ElRey, e do Governador despedio logo hum homem seu com huma grande visitação ao Governador dos parabens de sua vinda, e agradecimentos da mercê que lhe ElRey fazia, e hum mui arrezoado presente de carlás finissimas, beitilhas, rambotins, e outras peças ricas, e curiosas, e huma muito fina alcatifa grande, e de muito preço, o que tudo foi avaliado em tres mil cruzados, mandando offerecer ao Governa-

dor

dor tudo o que delle cumpriſſe pera o ſerviço d'ElRey de Portugal, cujo vaſſallo era. O Governador recebeo eſte homem bem, e lhe fez muitas honras, mandando entregar o preſente ao Theſoureiro d'ElRey, e carregar-lho em receita pera ſua fazenda, e não quiz tomar pera ſi couſa alguma, porque em todo ſeu tempo viveo tão puro, e deſintereſſado, que até couſas muito poucas que lhe davam, mandava que ſe vendeſſem pera ElRey. E deſpedio eſte homem muito ſatisfeito, eſcrevendo a Coge Cemaçadim huma carta muito honrada, e de grandes agradecimentos; e aſſi eſcreveo a ElRey de Cananor outra cheia de mimos, pondo a culpa da morte de Pocarale ao Capitão que o matou, pedindo-lhe que pois Martim Affonſo de Souſa, em cujo tempo aquellas couſas acontecêram, era ido pera o Reino, que quizeſſe correr com elle em paz, e amizade, porque ElRey ſeu Senhor lhe encommendava muito que correſſe com as couſas de ſeu ſerviço muito a ponto, e que de ſua parte eſtava preſtes pera tudo, mandando-lhe as cartas d'ElRey, porque todos os annos lhe eſcrevia, encommendando a Coge Cemaçadim foſſe terceiro nas pazes, ſobre o que eſcreveo ao Capitão Diogo Alvares Telles. Todas eſtas cartas foram dadas, e o Coge Cemaçadim ſe metteo de permeio;

e tra-

e tratou o negocio das pazes, e de temperar ElRey de feição, que o moderou, e o tornou á amizade antiga; e se houve alguma satisfação, nós a não achámos na India, por ser tudo perdido. O Governador, depois de escrever pera o Reino, ficou entendendo em alguns negocios de justiça, e fazenda, despachando D. Jeronymo de Menezes pera a Capitanía de Baçaim, e Antonio de Sousa Coutinho pera a de Chaul, que lhe ElRey mandou pelos muitos serviços que lhe fez no cerco dos Rumes em Dio, onde elle esteve por Capitão do baluarte do mar.

## CAPITULO III.

*Do que aconteceo a Diogo Soares de Mello indo pera Patane: e de como foi ter a Pegú, e foi em companhia daquelle Rey contra o de Arracão: e do que lhe succedeo até chegar a Patane.*

PArtidos Simão de Mello, e Diogo Soares de Mello, como atrás dissemos no primeiro Capitulo, pera Malaca, depois de passarem a Ilha de Ceilão, e entrarem no grande golfo de Nicubar, lhes deo tão grande tempo, que esteve Diogo Soares de Mello perdido, e foi-lhe necessario ir arribando em poppa á vontade dos ventos. Simão de Mello como hia em hum galeão forte, e pos-

e possante, soffreo o tempo, e depois que lhe passou, ficando-lhe os geraes, foi tomar Malaca em fim de Outubro, e tomou posse da fortaleza, com que começou a correr. Diogo Soares de Mello foi lançado com aquelle tempo na costa de Pegú; e sendo-lhe já passada a monção pera Malaca, pareceo-lhe melhor ficar naquelle porto, que ir buscar outro, porque já havia de esperar até Abril; e chegando áquella barra, achou nella Alvaro de Sousa, hum Fidalgo, que foi casado com huma irmã de D. Christovão de Moura (o grande privado d'ElRey D. Filippe, Marquez de Castello-Rodrigo, e Commendador mór de Alcantara, e hoje segunda vez Viso-Rey dos Reynos de Portugal.) Este Alvaro de Sousa estava alli com hum galeão fazendo aquellas viagens, e festejou muito Diogo Soares de Mello, porque era muito seu parente, deixando-se ficar no Bandel fazendo seu negocio.

Andava naquelle tempo o Bramá Rey de Pegú ajuntando hum muito grosso exercito pera ir contra o Rey de Arracão, que era seu vassallo, porque se lhe tinha rebelado. Alvaro de Sousa como hia muitas vezes á Cidade, e fallava com ElRey, lhe fez a saber como era chegado áquelle porto hum grande Capitão Portuguez, que hia pera a banda de Malaca, que trabalhasse

de o levar comſigo naquella jornada, porque era muito bom cavalleiro, e levava outros Fidalgos, e bons ſoldados. ElRey mandou logo pedir a Diogo Soares de Mello ſe viſſe com elle, porque importava muito. Diogo Soares foi a elle acompanhado de todos os ſeus, muito luſtroſamente veſtidos; ElRey o recebeo muito bem, e lhe fez muitas honras, e gazalhados, e lhe pedio logo que em quanto lhe não fazia tempo pera ſua jornada, o quizeſſe acompanhar naquella, pera que eſtava de caminho, e que a elle, e a todos os ſeus faria muitas mercês. Diogo Soares de Mello ſe lhe offereceo com muito goſto, e aſſentáram que elle, e Alvaro de Souſa foſſem por mar com toda a Armada, e que ElRey iria por terra, mandando-lhes logo dar huma quantidade de dinheiro pera partirem com ſeus ſoldados.

Preſtes o exercito, e negociada a Armada, mandou ElRey que o foſſem eſperar ſobre a barra de Arracão, indo Alvaro de Souſa no ſeu galeão, e Diogo Soares de Mello na ſua galeota, e todos os Portuguezes, que eſtavam em Pegú, em outra, que ElRey tinha, e perto de outras ſeſſenta embarcações da terra, em que hiam alguns Capitães Pegús com gente d'ElRey, e dada á véla, foram ſeguindo ſeu caminho. ElRey tambem começou a marchar, levando

hum

hum milhão de homens, e tres mil Elefantes, e hum grande número de embarcações, que navegam por aquelles rios, que são muitos, e grandes, e retalham todo aquelle Reyno, que ſahem de huma meſma vêa com o Ganges, e tem como elle ſuas correntes, e inundações.

Dividem o Reino de Arracão do de Pegú outros Alpes maiores, e mais intrataveis, que os que dividem Italia de França, e de Alemanha, por onde era neceſſario abrir-ſe caminho, porque lho não deixou a natureza, e pera iſſo hia o Bramá negociado de todas as couſas neceſſarias; e chegando a elles, começou a pôr as mãos á obra, mettendo nella duzentos mil gaſtadores, que os começáram a cortar por huma parte, que lhes pareceo melhor de abrir; mas como tudo eram penedias aſperiſſimas, e muito ingremes, e a ſerra, que ſe havia de cortar, tinha perto de duas leguas de groſſura, foi luzindo a obra pouco, com ElRey mandar dobrar a gente que andava no ſerviço della, e deixallos-hemos por ora em ſeu trabalho por continuarmos com a Armada.

Partidos Alvaro de Souſa, e Diogo Soares de Mello de Pegú, tanto que entráram no mar de Bengala, lhes deo hum tempo tão groſſo, que os houvera de comer; e como

 mo

mo os Pegús não são homens do mar, e os ſeus navios hiam mal apparelhados, alguns ſe ſoçobráram, e outros deram á coſta. Alvaro de Souſa foi correndo no ſeu galeão pera a banda de Ceilão; e vendo que o tempo lhe não dava lugar pera mais, correo a Ilha por fóra, e foi demandar a coſta da India. Diogo Soares de Mello na ſua galeota, e a outra de Pegú, em que hiam os Portuguezes, chegáram-ſe á terra, e á ſombra della ſurgíram, onde eſtiveram em grande perigo; e todavia creſcendo o tempo lhes foi neceſſario levarem-ſe, o que fizeram com muito trabalho; e dando traquetes, foram correndo tormenta pera a banda de Pegú, e quiz Deos que ferráram áquelle porto, onde entráram ſem ſaberem novas de Alvaro de Souſa.

Diogo Soares de Mello deſpedio logo hum ſoldado chamado Luiz Alvares em companhia de alguns Pegús pera ir dar novas a ElRey do que paſſava, e a pedir-lhe que pois o tempo era gaſtado, (por ſer já em Março,) lhe mandaſſe licença pera ir aonde o Governador o mandava, e que lhe fizeſſe mercê da fuſta, que mandou em ſua companhia. Eſte homem foi em doze dias aonde ElRey eſtava occupado na obra da ſerra, que era infinita, de que hia já deſconfiando; e dando-lhe o recado de Diogo Soares

de

de Mello, e contando-lhe o ſucceſſo da jornada, e perdição de ſua Armada, e que de Alvaro de Souſa não havia novas, ficou El-Rey muito triſte, e magoado; e mandando logo levar mão da obra, tornou a voltar pera Pegú. E porque hia de vagar, deſpedio Luiz Alvares com reſpoſta a Diogo Soares de Mello, mandando-lhe os agradecimentos de ſeu trabalho, e hum preſente de tres moças muito formoſas, e hum moço filho d'El-Rey de Chalão, e Porão, que cativou quando tomou aquelles Reynos, que podia haver perto de dous annos, e aſſi lhe concedeo a fuſta que lhe pedio, e tudo o mais que lhe foſſe neceſſario pera ſua jornada. E eſcreveo a ſeus Veadores da Fazenda, que tudo ſe lhe déſſe em abaſtança; e lhe mandou rogar muito, que quando ſe tornaſſe pera Goa, tomaſſe aquelle porto, e que ſe viſſe com elle, porque era muito ſeu amigo, e deſejava de lhe fazer mercês. Eſte recado chegou a Diogo Soares de Mello, que eſtimou muito o preſente, porque era muito pera iſſo. E tendo licença d'ElRey, ſe fez preſtes, negociando a fuſta, de que lhe elle fez mercê, e tomando as couſas neceſſarias, deo á véla pera Malaca, aonde chegou, e dahi ſe partio pera Patane, eſcrevendo Simão de Mello Capitão de Malaca áquelle Rey, que eſtava de paz com o Eſta-

tado, da qualidade, partes, e pessoa de Diogo Soares de Mello, pedindo-lhe o favorecesse em quanto estivesse em seu porto. E assi ficou Diogo Soares de Mello fazendo ir os mercadores a Malaca, com o que aquella Alfandega começou a crescer nas rendas.

## CAPITULO IV.

*Da chegada d'ElRey de Maluco a Goa: e de como o Governador D. João de Castro o tornou a mandar pera seu Reyno, e Bernaldim de Sousa foi entrar naquella fortaleza: e do que aconteceo na viagem a Fernão de Sousa de Tavora: e dos partidos com que Ruy Lopes de Villalobos se entregou.*

DOm Jorge de Castro, que trazia ElRey Aeiro de Maluco, (que na Quinta Decada no Capitulo V. do Livro decimo fica dito, que deixámos em Malaca,) partio daquella fortaleza tão cedo, que chegou a Goa em Fevereiro deste anno de quarenta e seis, em que com o favor Divino entramos. O Governador recebeo aquelle Rey com muita honra, mandando-o agazalhar, e dar-lhe todo o necessario. E porque era tempo de prover nas cousas de Malaca, e Maluco, principalmente nas daquelle Reyno, onde por morte d'ElRey D. Manoel, que

que morreo em Malaca, não ficava outro herdeiro senão este Aeiro, que pudesse governar; posto que ElRey D. João de Portugal ficou no testamento do Rey morto nomeado por herdeiro dos Reynos de Maluco, (como no fim da Quinta Decada no Capitulo X. do Livro decimo fica dito,) tomando o Governador o parecer dos Fidalgos, e Capitães sobre aquellas cousas, se assentou, que pois Jordão de Freitas Capitão de Maluco não mandava aquelle Rey por culpas que delle tivesse, senão por se recear que com a chegada d'ElRey D. Manoel feito Christão, houvesse alguma alteração, que se tornasse a governar aquelle Reyno da mão d'ElRey de Portugal.

Assentado isto, o Governador em hum dia solemne, tendo pera isso dado recado aos Vereadores, Fidalgos, Capitães, e Officiaes da Fazenda, e Justiça em sala pública, investio ElRey Aeiro no Reyno de Maluco, e o alevantou por esse: com condição, e declaração, que recebia aquelle Reyno da mão d'ElRey de Portugal; e que todas as vezes que o quizesse, lho tornaria a entregar livre, e desembargado á pessoa que elle mandasse, do que tudo se fizeram autos assinados por ElRey, e jurou nas mãos do Governador de ser servidor, e vassallo d'ElRey de Portugal, elle, e todos os que del-

delle herdassem aquelle Reyno, o que tudo se fez com o mór apparato, e solemnidade que pode ser.

E pera ir fazer esta investidura deste Reyno, mandou o Governador D. João de Castro a Bernaldim de Sousa que se fizesse prestes, porque havia de ir a Maluco levar aquelle Rey, por cumprir assi ao serviço d'ElRey de Portugal. Bernaldim de Sousa lhe disse, que elle pera o servir viera á India, e que em tudo o faria com muito gosto. O Governador lhe deo todas as cousas que lhe pedio, assi pera a viagem, como pera o provimento da fortaleza, e aos quinze dias de Abril se embarcou, entregando-lhe o Governador pela mão ElRey Aeiro, que foi acompanhando até o terreiro dos Paços, onde se despedio do Governador muito satisfeito das honras, e mercês que lhe fez; e assi se mostrou sempre agradecido, tanto, que podemos dizer, que o matáram por serviço d'ElRey de Portugal, como em seu lugar diremos. Embarcados todos, foram seguindo sua viagem, em que os deixaremos por continuarmos com Fernão de Sousa de Tavora, que no fim da Quinta Decada no Capitulo X. do Livro decimo deixámos partido de Malaca pera Maluco de soccorro contra os Castelhanos.

Foi este Capitão seguindo sua viagem

ſem achar contraſtes até ſurgir no porto de Talangame da Ilha de Ternate em Novembro paſſado. Jordão de Freitas o foi buſcar, e lhe deo conta do eſtado em que as couſas daquellas Ilhas eſtavam, e do que tinha paſſado com os Caſtelhanos, que El-Rey de Tidore tinha muito mimoſos; e eſtava com elles tão ſoberbo, que cuidava que mui cedo ſeria Senhor de todas aquellas Ilhas. Fernão de Souſa deſembarcou na fortaleza, onde ſe agazalhou Ruy Lopes de Villa-lobos: tanto que ſoube ſer chegado hum Capitão novo, ſem ſaber quem era, deſpedio hum Heſpanhol em huma corocora com huma carta pera elle toda cheia de cumprimentos, offerecimentos, e deſculpas, reſumindo-ſe em lhe pedir que quizeſſe correſſem em paz, e amizade, como era razão tiveſſem duas nações, vaſſallos de dous Reys tão conjuntos em parenteſco, e mais em terras tão apartadas antre Mouros, e Gentios, que por natureza eram inimigos mortaliſſimos de Chriſtãos, porque não amavam a algum ſenão por ſeu intereſſe, ou grande neceſſidade. Fernão de Souſa vendo a carta tão palavroſa, e tão copioſa de cumprimentos, (couſa de que os Heſpanhoes não ſão avaros,) reſpondeo-lhe por outra muito breve, que continha o ſeguinte:

» Senhor. O Governador da India me

» man-

» mandou nesta Armada, sabendo que era
» chegada outra de Hespanhoes a estas Ilhas,
» contra os contratos que estam feitos an-
» tre os Reys de Portugal, e Castella. A
» mim me chamam Fernão de Sousa de
» Tavora; e assi como sou pequeno de cor-
» po, sou muito curto de cumprimentos:
» V.m. se determine, porque eu não venho
» cá senão a fazer o serviço d'ElRey de
» Portugal, como me he mandado. Aqui
» está esta fortaleza, onde se póde agaza-
» lhar até se ir pera Hespanha, porque não
» he razão que perturbe o commercio, e
» trato destas Ilhas, que são d'ElRey de Por-
» tugal; quando o não quizer fazer, far-se-
» ha o que convem. »

Com esta carta assi secca despedio o Hespanhol, que pasmou de ver em homem tão pequeno tamanha determinação; porque Fernão de Sousa de Tavora era hum dos pequenos homens de Portugal, mas muito grande de animo, e saber. Ruy Lopes de Villa-lobos pela carta bem entendeo que aquelle homem era de conclusão; e porque não tinha nem gente, nem Armada pera se defender, mandou tratar com Fernão de Sousa de Tavora sobre se verem ambos, onde, e como lhe a elle parecesse. E correndo sobre isto recados de parte a parte, vieram a concluir que se vissem cada hum em sua

co-

corocora, com levar cada hum tres companheiros, e que fossem as vistas no mar antre Ternate, e Tidore, tanta distancia de huma, como de outra. E ao dia limitado embarcou-se Fernão de Sousa de Tavora na sua corocora mui bem negociado, levando por companheiros Leonel de Lima, Manoel de Mesquita, e João Galvão, e hum pagem nascido na India, que se chamava Caceres, que este anno de noventa e sete, em que isto escrevemos, faleceo nesta Cidade de Goa, onde sempre viveo rico, e honrado, e chamava-se Gaspar de Caceres, de quem nós soubemos o successo desta jornada, porque dava de tudo muito boa razão. Ruy Lopes de Villa-lobos partio de Tidore em outra corocora muito ligeira, levando comsigo D. Alonso Henriques, Bernardo de la Torre, Gonçalo de Avila, e hum pagem Naraval.

Chegadas as embarcações huma á outra, proa com proa, onde os Capitães hiam em pé, e sobre quem entraria primeiro hum na outra, se passou hum grande espaço em cumprimentos, e todavia Ruy Lopes de Villalobos saltou na de Fernão de Sousa de Tavora, que o levou nos braços, e isso mesmo aos companheiros. Recolhidos ao toldo, que estava alcatifado, e com alguns coxins de borcado, e veludo, se assentáram todos.

Fer-

Fernão de Soufa de Tavora, depois de paffarem as palavras de cumprimentos, diffe que elle era alli vindo por mandado do Governador da India, por faber que eram chegadas náos de Hefpanha áquellas Ilhas contra os contratos, que eftavam feitos antre os Reys de Caftella, e Portugal, que logo alli moftrou, (porque os trazia muito autenticos,) e continham em foma, que o Emperador Carlos V. havia por bem, que nenhum vaffallo feu, affi dos portos dos Reynos de Caftella, como da nova Hefpanha, foffem ás Ilhas de Maluco, em quanto duraffe o tempo do concerto, que fobre ellas tinha feito com ElRey D. João de Portugal feu cunhado, fob pena que o dito Rey de Portugal pudeffe mandar prender, e caftigar qualquer Capitão, ou Capitães Hefpanhoes que a ellas foffem, como revéis, e quebrantadores da paz, e amizade, que antre ambos os Reys havia, (como melhor fe veram na noffa Quarta Decada no Capitulo I. do Livro fetimo.)

Depois de lidos eftes contratos, e lhos moftrarem pera os verem á fua vontade, lhe diffe Fernão de Soufa de Tavora, que lhe pedia muito não quizeffe quebrantar, e perturbar efta paz, e amizade antre eftes Reys tantas vezes conjuntos em parentefco, que em lugar do caftigo que o Emperador

man-

mandava que ſe lhe déſſe, quizeſſe ir com elle pera a India com todos os ſeus, e que ſe lhe daria todo o neceſſario, e ſe lhe não buliria em navio, artilheria, nem fazenda. E que os que ſe quizeſſem ir pera o Reyno, lhes daria o Governador embarcação franca, e livre; e que os que quizeſſem ficar em Goa, e pela India nas Cidades, e fortalezas d'ElRey de Portugal, ſeriam nellas agazalhados como naturaes, e que uſariam dos privilegios, e liberdades, de que uſavam os Cidadãos, e moradores Portuguezes. Ruy Lopes vendo os papeis, e conſiderando os partidos que Fernão de Souſa de Tavora lhe commettia, veio a concluir que os acceitava, pois que aſſi era ſerviço do Emperador; e que elle, e todos os da ſua companhia, ſe iriam pera a fortaleza de Ternate dentro em tres dias primeiros ſeguintes; com condição que ElRey de Tidore ficaſſe na graça dos Portuguezes, e tornaſſem a correr em amizade como dantes. Diſto ſe fez hum auto por hum daquelles companheiros, em que Ruy Lopes, e os ſeus ſe aſſignáram com Fernão de Souſa de Tavora, e ſeus companheiros.

Acabado eſte auto com grandes exteriores de alegria de todos, deſpedio Fernão de Souſa de Tavora o ſeu pagem Caceres na corocora de Ruy Lopes, pera que

fosse ao seu galeão buscar de jantar, porque tinha deixado recado que se lhe fizesse pera convidar os Castelhanos, o que se fez em quanto se trasladáram os papeis; e Caceres voltou muito depressa com o jantar, e foram todos servidos muito bem, e com muita abastança de tudo o que na terra havia. Alli estiveram em conversação até bem tarde, dando Fernão de Sousa de Tavora a Ruy Lopes de Villa-lobos algumas peças curiosas da India, que pera isso levava já, e o mesmo fez aos companheiros, que todos se despedíram muito contentes, e satisfeitos; ficando Fernão de Sousa de Tavora com Ruy Lopes de Villa-lobos de o ir visitar a Tidore dahi a tres dias, primeiro que se elle passasse pera Ternate pera o fazer amigo com aquelle Rey.

## CAPITULO V.

*Do que mais passou Fernão de Sousa de Tavora com os Castelhanos: e de como foram todos contra o Rey de Geilolo, e o cercáram na sua fortaleza: e de como se recolhêram sem fazerem cousa alguma.*

CHegado Ruy Lopes de Villa-lobos a Tidore, começou a haver antre os seus grandes murmurações sobre os contratos que fi-

fizera com Fernão de Sousa de Tavora; estranhando-lhe muito fazer huma cousa como aquella, sem parecer de todos, (porque estavam mais com o olho no interesse do cravo, que esperavam levar á nova Hespanha, que no serviço de seu Rey,) havendo que não podiam tambem ser os Portuguezes tão puros, que lhe cumprissem os contratos em todo; pelo que começou a haver alterações, e bandos contra Ruy Lopes de Villa-lobos, fazendo-se cabeça delles D. Alonso Henriques, que se achou presente aos contratos, e lhe parecêram bem, e se assignou nelles, pondo-se todos em armas pera matarem Ruy Lopes de Villa-lobos, que se recolheo em suas casas com cincoenta arcabuzeiros, trabalhando por apaziguar D. Alonso Henriques, sem o poder reduzir á razão, porque estavam todos determinados a lhe não obedecer naquelle particular, nem se passarem a Ternate; no que ElRey os favorecia em segredo, pelo proveito que tinha de ter comsigo os Hespanhoes, e tambem porque ficava odiado com os Portuguezes, de quem já determinava de se não fiar.

Destas alterações não sabia Fernão de Sousa de Tavora cousa alguma, e estava prestes pera recolher os Castelhanos por quem esperava no cabo dos tres dias assigna-

nados, como tinham aſſentado. Ao terceiro dia pela manhã ſe embarcou Fernão de Souſa de Tavora em huma corocora com os meſmos companheiros que da outra vez levou, e partio pera Tidore a viſitar Ruy Lopes de Villa-lobos, como lhe tinha promettido, porque aquelle dia por noite eſperava que ſe paſſaſſem todos os Heſpanhoes a Ternate. E antes de chegar a Tidore hum tiro de eſpingarda, chegou a elle huma corocora mui ligeira, em que hia hum criado de Ruy Lopes de Villa-lobos, por quem lhe mandava pedir por mercê que não quizeſſe por então chegar a terra, porque cumpria aſſi ao ſerviço d'ElRey de Portugal, e que ficaſſem as viſitações pera o dia ſeguinte. Fernão de Souſa de Tavora, que não ſabia o que hia em Tidore, ficou apaixonado, cuidando que eſte recado de Ruy Lopes de Villa-lobos era eſtar arrependido dos concertos que eſtavam feitos; e diſſe ao homem que diſſeſſe a ſeu amo, que aquelle recado lhe houvera de mandar primeiro que partíra de Ternate; e que pois já eſtava tão perto, não havia de deixar de o ver, e viſitar: e com iſſo mandou remar pera diante. Ruy Lopes de Villa-lobos da ſua janella vio ir ambas as corocoras, e indireitarem com a terra; e porque não houveſſe alguma alteração nos do bando, ſahio de

ca-

caſa muito apreſſado com os cincoenta arcabuzeiros, e foi eſperar na praia a Fernão de Souſa de Tavora, que chegando a terra, ſaltou nella com os companheiros. Ruy Lopes de Villa-lobos o recebeo muito bem, e tomando-o em meio dos arcabuzeiros, ſe foi recolhendo pera ſua caſa, dando ordem pera que os arcabuzeiros ficaſſem ſempre em guarda, feſtejando muito a Fernão de Souſa de Tavora; dando-lhe muito bem de jantar, e ſobremeza, lhe deo conta de tudo o que era paſſado, e de como D. Alonſo Henriques com os Heſpanhoes eſtavam bandeados contra elle, e que eſſa fora a razão, por que lhe mandára pedir que não chegaſſe a terra por eſcuſar alguma união, porque queria primeiro ver ſe os podia quietar. Fernão de Souſa de Tavora ſentio muito aquelle negocio, e teve a Ruy Lopes de Villa-lobos por homem de muita honra, e primor. E parecendo-lhe neceſſario temperar aquellas couſas, mandou pedir a D. Alonſo Henriques, que ſe quizeſſe ver com elle da maneira que ordenaſſe, porque cumpria aſſi ao ſerviço do Emperador; e tantos recados corrêram de parte a parte, que lho concedeo D. Alonſo Henriques, mandando-lhe dizer, que as viſtas foſſem junto das caſas de Ruy Lopes de Villa-lobos com dous companheiros. E chegados ao lugar orde-

nado, por taes modos se houve Fernão de Sousa de Tavora com D. Alonso Henriques, e tantas obrigações lhe poz, e tantas cousas lhe disse, que o quietou, ficando com elle de ir moderar os do seu bando, e de logo tornar a elle, como fez, deixando os seus apaziguados, e Fernão de Sousa de Tavora levou D. Alonso Henriques pela mão a casa de Ruy Lopes de Villa-lobos, e os fez amigos, e pela mesma maneira a todos os mais. ElRey tambem veio a casa de Ruy Lopes de Villa-lobos a visitar Fernão de Sousa de Tavora, que o recebeo com muita honra, e se fizeram amigos; e deixando tudo quieto, se despedio de todos, ficando elles de se irem pera a fortaleza ao outro dia, como fizeram; recebendo-os Fernão de Sousa de Tavora com muitas honras, agazalhando na fortaleza a Ruy Lopes de Villa-lobos, D. Alonso Henriques, e Bernardo de la Torre, e aos mais mandou dar casas pela Cidade, com que ficáram satisfeitos. Alli ficáram todos correndo com grande amizade, não lhe tocando Fernão de Sousa de Tavora em suas fazendas, nem em cousa alguma sua.

E porque aquelle negocio, que era o principal a que Fernão de Sousa de Tavora particularmente foi, estava acabado, determinou de entrar no de Catabruno Rey

de

de Geilolo. E praticando com Jordão de Freitas sobre suas cousas, e tomando informação dellas, soube como aquelle tyranno matára o seu Rey, e tinha inquietas todas aquellas Ilhas, avexando muito aquella Christandade, (que era muita,) e que por mar, e por terra fazia guerra aos Portuguezes, defendendo-lhes os mantimentos, e navegações com suas Armadas. E praticando aquelle negocio com os Capitães Portuguezes, e Castelhanos, assentáram que era necessario acudir áquillo, e castigar aquelle tyranno, o que se havia de fazer com ir todo o poder dos Portuguezes, e Castelhanos, e de toda a Ilha, offerecendo-se Ruy Lopes de Villa-lobos pera isso. Fernão de Sousa de Tavora mandou pedir á Rainha, e aos Regedores do Reyno, que os quizessem ajudar com suas corocoras, e com toda a gente que pudessem, o que elles lhe concedêram, mandando fazer prestes a que lhes pareceo. Ruy Lopes de Villa-lobos, D. Alonso Henriques, Bernardo de la Torre, que entráram no Conselho, com todos os Hespanhoes se fizeram prestes. E como Fernão de Sousa de Tavora desejava de se tornar aquelle anno pera a India, deo tanta pressa a estas cousas, que em Fevereiro poz todo o poder no mar, indo elle no seu galeão, e Jordão de Freitas no S. Joani-

nilho de Ruy Lopes de Villa-lobos, e os Heſpanhoes repartidos por toda a Armada, e as corocoras de Ternate, em que hia hum dos Regedores; e dando á véla, em poucos dias foram ſurgir no porto de Geilolo, onde o tyranno Catabruno tinha huma formoſa fortaleza, mui bem provída de gente, artilheria, e mantimentos pera dous annos, em que elle eſtava muito confiado, eſperando pelos Portuguezes, de cuja jornada elle logo foi aviſado, e por iſſo ſe tinha repairado muito á ſua vontade, mandando fazer derredor do muro mui grandes cavas cheias de eſtrepes perigoſiſſimos.

Fernão de Souſa de Tavora tanto que ſurgio, tomou conſelho com os Heſpanhoes, e com os ſeus Capitães, e com a gente de Ternate ſobre o modo que teria em ſe commetter á fortaleza, e aſſentou-ſe que a bateſſem os galeões pela banda do mar, (por ficar a tiro de bateria,) e com o poder todo ſe commetteſſe por aſſaltos.

Ordenado tudo o que era neceſſario, deſembarcáram os noſſos hum pouco affaſtados da fortaleza, tendo algumas eſcaramuças com os Geilolos, que lhes ſahíram a defender a deſembarcação; mas a pezar de todos, e com damno ſeu ſe foram aſſentar perto da fortaleza, onde fizeram ſeus vallos, e trincheiras mui fortes, e defenſaveis,

e aſ-

e asseſtáram algumas peças de campo nos lugares mais commodos pera a bateria. Havia no exercito entre Portuguezes, e Heſpanhoes quatrocentos, toda gente mui limpa, e eſcolhida, e mil e quinhentos Ternatezes.

Preſtes, e negociado tudo pera a bateria, foram-ſe os galeões chegando perto á terra, e começáram de huma, e de outra parte a bater o muro com tão grande força, que lhe derribáram os altos, que logo foram repairados. Catabruno, que era homem esforçado, e animoſo, não ſe contentando com ſe defender dentro na fortaleza, ſahia cada dia fóra a dar aſſaltos aos noſſos, e a travar com elles eſcaramuças, de que ſempre houve damno. Niſto ſe foram gaſtando alguns dias, não ceſſando a bateria, que não fez mais que derribar o muro pelos altos.

Fernão de Souſa de Tavora ſendo informado do modo de como o tyranno eſtava provído, e fortificado, entendeo que havia miſter muito vagar pera ſe concluir aquelle negocio; e vendo que ſe lhe hia gaſtando o tempo, determinou de commetter a fortaleza á eſcala viſta, e metter daquella feita todo o reſto, ou pera a tomar, ou pera ſe deſenganar. E preparando-ſe de eſcadas, alavancas, picões, machados, e to-

todos os mais petrechos defta forte, em vindo o dia limitado de madrugada, fahíram todos do arraial poftos em armas, e foram commetter a fortaleza, levando a dianteira João Galvão, e Bernardo de la Torre. E chegando-fe aos muros pera lhe encoftarem as efcadas, deram nas trapeiras, que eftavam cubertas, em que cahíram muitos, encravando-fe nos eftrepes, que eram mui agudos, e acudindo-lhes os outros, tiráram os vivos com muito trabalho, e rifco, porque de cima do muro choviam fobre elles efpingardadas, e fréchadas, de que a mór parte fahíram empenados.

Vendo Fernão de Soufa de Tavora aquelle negocio, tocou a recolher, porque lhe não mataffem toda a gente, ficando muito enfadado de Jordão de Freitas, fendo Capitão de Ternate, não ter intelligencias pera faber de como os inimigos eftavam fortificados, e donde fe haviam os noffos de guardar, e poz-lhe toda a culpa defta jornada.

Vendo Catabruno que os Portuguezes fe recolhiam quafi desbaratados, ficou tão foberbo, que fahio da fortaleza com perto de tres mil homens, e com grande determinação os foi commetter, eftando já recolhidos dos valos pera dentro. Vendo Fernão de Soufa de Tavora aquelle atrevimento,

lhe

lhe sahio ao campo, e lhe apresentou batalha; que elle não refusou, e assim travados todos se começáram a ferir, e matar com muita crueza, fazendo os Portuguezes, e Hespanhoes neste dia cousas tão assinaladas, que com damno muito conhecido dos inimigos os arrancáram do campo.

Ao outro dia tornou Catabruno a provar sua ventura, lançando diante alguns dos seus pera obrigar aos nossos a lhes sahirem, porque desejava de se tornar a baralhar com elles. Estes corredores chegáram perto dos valos, a quem sahio João Galvão com cem homens, e dando nelles, os foi arrancando do campo. Catabruno como vio a cousa travada, arrebentou com grande poder sobre os nossos, que lhe tiveram o rosto com grande determinação, e antre todos se travou huma muito aspera batalha, em que João Galvão, depois de ter bem mostrado o valor, e esforço de sua pessoa, quiz a fortuna que acabasse naquelle feito de muitas, e mui grandes feridas, que elle estimou pouco até as forças o desampararem.

Os seus vendo-o morto, se foram recolhendo desbaratados; mas sahíram-lhes os Capitães Portuguezes, e Hespanhoes aos recolher, o que não puderam fazer sem se travarem com inimigos, a que assinaláram bem de seu ferro, e houveram por seu parti-

ti-

tido recolherem-ſe pera a ſua fortaleza. Fernão de Souſa de Tavora ſentio tanto a morte de João Galvão, que ſe veſtio de preto por ſer muito ſeu amigo. E deſenganando-ſe daquelle negocio, entendendo, ou imaginando que Jordão de Freitas eſtava já contra ſeu goſto, havendo quarenta dias que alli eram chegados, ſe tornou a embarcar, e ſe recolheo a Ternate, onde pouco depois faleceo de febres Ruy Lopes de Villa-lobos. Fernão de Souſa de Tavora como foi tempo ſe partio pera Malaca, levando comſigo os Heſpanhoes, e o ſeu galeão São Joanilho, e em Malaca ſe encontráram com Bernaldim de Souſa, e com ElRey Aeiro, e alli eſtiveram até ſer tempo de partirem huns pera Maluco, e outros pera a India.

## CAPITULO VI.

*Das intelligencias, que Coge Çofar teve com hum Ruy Freire, eſtando em Surrate, ſobre lhe entregar a fortaleza de Dio: e da gente, que naquella Ilha entrou diſſimuladamente.*

VEndo o Governador D. João de Caſtro que ſe gaſtava o verão, proveo as fortalezas do Norte de gente, e munições, principalmente a de Dio, pera onde mandou duzentos homens debaixo das capi-

pitanias de D. João, e D. Pedro de Almeida, filhos de D. Lopo de Almeida, de Gil Coutinho, e de Luiz de Sousa, filho do Chanceller mór do Reyno. Estava neste tempo Coge Çofar em Surrate ajuntando as cousas necessarias pera o cerco, que determinava pôr á fortaleza de Dio, tanto que entrasse o mez de Maio, em que se não podia esperar soccorro de Goa. E como traçava de contínuo em sua imaginação modos, e ardís contra aquella fortaleza, tentou hum muito diabolico, que se o Deos não atalhára, não pudera deixar de se perder, e foi desta maneira.

Estava no mesmo tempo em Surrate hum Portuguez morador em Dio, chamado Ruy Freire, tão familiar amigo de Coge Çofar de muitos tempos atrás, que tinha delle tença; e quando hia a Goa, lhe negociava peças, e brincos, e ainda fazendas, que por elle mandava ás náos do Reyno, e a mór parte do verão residia em Surrate, onde em quanto estava comia, e bebia com o Coge Çofar. Em fim era tanta sua amizade, que o commetteo pera lhe dar entrada na fortaleza de Dio, promettendo-lhe huma somma de ouro, e humas aldeias de muita importancia. E como o diabo o venceo com tão grande interesse, vieram a se concertar, que se viesse o Ruy Freire pera Dio, e que el-

elle Coge Çofar ſería naquella Ilha na entrada de Maio; e que como lá eſtiveſſe, lançaſſe peçonha (que lhe logo deo) na ciſterna, donde todos bebiam, e que trabalhaſſe por dar fogo á caſa da polvora. E quando não tiveſſe lugar pera iſſo, ordenaſſe chaves falſas pera lhe abrir hum poſtigo da fortaleza de noite, quando lhe elle fizeſſe hum ſinal. E que quando tambem iſto não pudeſſe vir a effeito, que então o metteria huma noite eſcura dentro na fortaleza pela banda do mar, onde elle pouſava, e ſobre quem tinha humas varandas baixas, por onde com eſcadas de corda podia metter dentro toda a gente que quizeſſe. Ordenado iſto antre elles, deſta maneira o Ruy Freire ſe fez preſtes pera ſe ir pera Dio.

Andava alli tambem hum mouriſco eſtante em Dio, chamado Franciſco Rodrigues, de quem o Ruy Freire era amiciſſimo; e ſentindo nelle natureza pera ſer ſeu companheiro em tão grande maldade, e perverſidade, lhe deo conta do negocio, ſem o Coge Çofar ſaber, promettendo-lhe hum grande quinhão de tudo o que lhe déſſem. O mouriſco não foi muito de rogar, e acceitou acompanhallo, e ajudallo em tudo. Com eſta determinação ſe foram pera Dio, aonde como homens de caſa começáram a notar a caſa da polvora pera verem

por

por onde ſe lhe podia pôr o fogo, (deſcuidando-ſe por então da ciſterna, pelo permittir Deos Noſſo Senhor aſſi, porque bem lhe puderam lançar a peçonha, ſe logo o tentáram.)

Partidos eſtes homens, deſpedio logo Coge Çofar hum Capitão com quinhentos Turcos, que lhe ElRey de Zebit tinha mandado de Méca, com regimento que ſe foſſem metter na Cidade de Dio, e que com a mór diſſimulação que pudeſſem defendeſſem vender-ſe na Cidade lenha, nem mantimentos, por os Portuguezes os não comprarem, porque não queria ſe declaraſſe a guerra até elle chegar; e pera ſegurar Dom João Maſcarenhas, lhe eſcreveo pelo meſmo Capitão huma carta, cuja ſubſtancia era eſta:

» Que ElRey lhe tinha feito mercê da-
» quella Ilha, e que ficava pera ir tomar
» poſſe della, e que o que diſto mais eſti-
» mava era ficar tão ſeu vizinho pera de
» mais perto o ſervir; que lhe pedia muito
» tiveſſe lembrança da ſua tão antiga ami-
» zade, e que entendeſſe que todos os Por-
» tuguezes teriam nelle muitos favores, e
» gazalhados, aſſi em ſuas fazendas, como
» em tudo o mais que lhes delle cumpriſ-
» ſe; e que aquelle Capitão, que mandava
» diante, lhe faria mercê favorecer, e aju-

» dar,

» dar, e que o trataſſe como ſeu vaſſallo,
» porque hia fazer certos negocios, que lhe
» importavam, pera o que lhe havia de ſer
» neceſſario ſeu favor, e que ſe não pejaſ-
» ſe com elle, porque não hia ſenão pera
» o ſervir. »

Chegado eſte Capitão a Dio aos quinze de Abril, mandou a carta a D. João Maſcarenhas, que vendo-a tão cheia de cumprimentos, não deixou de lhe parecer novidade; e diſſimulando com o negocio, mandou fazer ſeus offerecimentos ao Capitão Turco, e ordenou logo comprar á formiga todos os mantimentos, e lenha que pode, lançando ſuas eſpias pera ſaber a determinação do Turco, e deſpedindo outras pera a Corte a ſaber o que lá ſe tratava. Coge Çofar deo ordem pera que de todos os lugares vizinhos a Dio ſe levaſſem todos os mantimentos que havia, e ſe recolheſſem na Ilha os que pudeſſem, e os mais ſe puzeſſem na Villa dos Rumes, aonde mandou fazer grandes celeiros pera iſſo, e aſſi começáram a ſe recolher huma grande ſomma delles.

D. João Maſcarenhas foi aviſado pelas eſpias da Cidade dos muitos mantimentos, que nella ſe recolhiam, e com muita preſſa, e com iſſo lhe fizeram os moradores queixume, que já na Cidade lhe negavam le-

lenha, arroz, e mais cousas, e que as praças eram de todo alevantadas, estando até então cheias de tudo, e comprando nellas os nossos o que queriam pelos preços ordinarios. D. João Mascarenhas bem entendeo o negocio, e logo mandou com muita pressa recolher pera a fortaleza (porém com dissimulação, porque queria que os inimigos se declarassem primeiro) todos os pedreiros, cavouqueiros, carpinteiros, e todos os mais officiaes que viviam fóra, e assim mastos, vergas, taboado, madeira, e tudo o desta sorte; e mandou pelo lingua hum recado ao Capitão Turco, cuja substancia era:

» Que lhe parecia novidade fecharem-se
» as tendas na Cidade, e não se venderem
» as cousas, que até então os Portuguezes
» compravam por seu dinheiro; e que Co-
» ge Çofar lhe escrevêra, que acceitára aquel-
» la Cidade pera serem amigos de mais per-
» to, mais firmes, e mais verdadeiros, que
» elle o não mostrava nas cousas que de-
» fendia, que aquillo eram indicios de guer-
» ra; que logo mandasse abrir as tendas,
» e vender aos Portuguezes todas as cou-
» sas, de que tivessem necessidade, senão que
» elle iria em pessoa á Cidade, e as faria
» abrir, e o castigaria por traspassar os man-
» dados de Coge Çofar. »

O

O Turco mandou-ſe-lhe deſculpar com affirmar que tal não ſabia, que ſería aquillo alguma deſordem dos ſeus ſoldados por algum intereſſe, que elle tiraria devaſſa do caſo, e que os que achaſſe culpados na perturbação das pazes, ſeriam logo caſtigados, porque elle não era alli vindo ſenão pera conſervar a antiga amizade dos Portuguezes, porque aſſi lho mandava Coge Çofar. E logo mandou lançar pregões, que ſe vendeſſem aos Portuguezes todas as couſas como d'antes, franca, e liberalmente, ſob pena de morte.

D. João Maſcarenhas bem via que tudo eram invenções, mas diſſimulava com iſſo por ſe aproveitar do tempo, mandando comprar pelos caſados todo o mantimento, lenha, madeira, murrões, e tudo o mais que achaſſem, e pudeſſem. Neſta conjunção chegáram as eſpias da Corte, e affirmáram que na Cidade de Champanel ſe ajuntava hum exercito tão poderoſo de gente, artilheria, e munições, que aſſombrava o mundo, e que claramente ſe dizia ſer contra aquella fortaleza de Dio. D. João Maſcarenhas não perdendo com aquellas novas ſeu animo, e conſelho, deſpedio logo huma embarcação com cartas aos Capitães de Chaul, e Baçaim, em que lhes dava conta do eſtado em que ficava, pedindo-lhes que

com

com muita pressa o soccorressem com gente, e munições, e que avisassem ao Governador, e lhe mandassem as cartas que lhe escreveo então, e com isso ficou dando pressa ás cousas que se recolhiam; e naquella liberdade, que durou só tres dias, se metteo na fortaleza huma grande somma de tudo, porque logo se tornáram a alevantar as praças com a chegada do outro exercito, que entrou na Ilha a vinte de Abril, com que se começou a romper o segredo da guerra.

D. João Mascarenhas foi avisado logo, e no mesmo dia despedio outra embarcação com cartas aos Capitães da outra costa, em que lhes pedia o soccorressem, porque estava com pouco mais de duzentos homens; e o mesmo escreveo ao Governador Dom João de Castro. Ao outro dia, depois que este exercito chegou, se tornáram a fechar as praças, e logo o Capitão mandou recolher os Portuguezes, e não consentio irem mais á Cidade.

E inspirando Deos em hum Abexim, (pera que se descubrisse a maldade de Ruy Freire,) se sahio da Cidade onde pousava, e se foi á fortaleza, e disse aos porteiros, que o levassem ao Capitão, o que logo foi feito, e lhe disse, que tinha cousas de importancia que tratar com elle; e recolhendo-se pera huma camera, lhe disse, que elle

era

era natural do Reyno da Abaſſia, naſcido Chriſtão, mas que fora cativo moço, e feito Mouro por força, e que no ſeu coração confeſſava a Deos verdadeiro, e que elle o movêra ao vir aviſar de huma grande traição, que lhe eſtava ordenada; e que em paga daquelle ſerviço que lhe fazia, não queria mais delle, ſenão que ordenaſſe, quando foſſe tempo, com que ſe pudeſſe paſſar á ſua patria. E então lhe contou todos os tratos, que eſtavam feitos antre Ruy Freire, e Coge Çofar, ſem lhe nomear o Ruy Freire, mas ſómente dizer-lhe que eſtava o Coge Çofar concertado com hum Portuguez da fortaleza pera deitar peçonha na ciſterna, e dar fogo ao armazem da polvora, e pera o metter dentro na fortaleza. D. João Maſcarenhas ficou confuſo, e embaraçado com aquelle negocio, e revolvendo mil couſas pela fantaſia, cuidando ſe poderia aquillo ſer ardil do Coge Çofar pera lançar zizania na fortaleza, e pera fazer deſacoroçoar os Portuguezes todos. Mas por outra parte a confiança do Abexim (que lho affirmou muitas vezes, dando-ſe por penhor de ſua verdade) lhe fazia crer que aquillo era obra de Deos, que queria que aquella fortaleza ſe não perdeſſe. E tendo tudo aquillo em ſegredo, defendeo ao Abexim, que não diſſeſſe a peſſoa viva couſa alguma deſ-

deste negocio, encommendando-o ao Alcaide mór que o agazalhasse, e o tratasse muito bem livremente, porém com resguardo, e olho nelle; e começou a tirar muito em segredo inquirição daquelle negocio, sem achar rasto algum. Mas como Deos Nosso Senhor tinha póstos seus Divinos olhos naquella fortaleza fundada sobre ossos de tantos cavalleiros, e martyres de Christo, não querendo que seus templos fossem profanados de Mouros, ordenou que aquella verdade se descubrisse por outra via; e foi desta maneira.

Havia na fortaleza huma mulher Turca de nação, casada com hum homem da terra, que se fez alli Christão, vivia bem, e era muito amiga de Deos. Costumava esta mulher ir á Cidade a comprar algumas cousas, e nestas idas foi conhecida de hum daquelles Turcos por natural, e tomou amizade com ella de feição, que a persuadio a se deixar ficar na Cidade, descubrindo-lhe o segredo que o Abexim tinha dito ao Capitão; affirmando-lhe, que tanto que Coge Çofar chegasse, se lhe entregaria a fortaleza; porque hum Portuguez, que pousava sobre o mar, o havia de metter nella por huma varanda que tinha. A Turca como boa mulher dissimulou com o negocio, mostrando folgar com o aviso, e disse que

hia negociar ſuas couſas pera ſe tornar pera a Cidade. E indo-ſe pera a fortaleza, deſcubrio ao Capitão tudo o que paſſára com o Turco, do que elle ficou maravilhado.

E vendo que conformava com o que o Abexim lhe tinha dito, deo muitas graças a Deos por tão grande mercê, conhecendo que aquillo era obra ſua. E diſſimulando com o caſo, foi correr as eſtancias todas, como que as queria prover, e aſſi as caſas da banda do mar, e achou as de Ruy Freire com a varanda, por onde facilmente ſe podia metter gente dentro na fortaleza. E notando bem tudo, ſem fazer caſo de couſa alguma, tirou outra vez em muito ſegredo devaſſa, e achou que Ruy Freire, e Franciſco Rodrigues andavam ſempre juntos, e viviam ambos, e que foram os derradeiros Portuguezes que vieram de Surrate. E vendo que os indicios eram baſtantes pera lançar mão delles, não o quiz fazer pelos não infamar, até não haver prova mais clara; mas uſou de hum ardil de Capitão bom Chriſtão, e bom homem, que foi deſpedir o Ruy Freire em huma embarcação ligeira com cartas pera o Governador, em que por cifras lhe dava conta do negocio, pedindo-lhe o mandaſſe ter a bom recado; e ao Ruy Freire encommendou de palavra que trabalhaſſe por lhe tornar com

a reſ-

a resposta, porque importava muito, e que lhe faria mercê pelo segurar.

Depois de elle partido, mandou em outra embarcação o mulato Francisco Rodrigues com outras cartas pera o Capitão de Chaul da mesma maneira, pera que o mandasse ter em resguardo, porque o tirava de Dio por ser Mourisco, e não confiar delle, sem lhe descubrir o porque o mandava. Hum partio a vinte e hum de Abril, e o outro a vinte e tres.

## CAPITULO VII.

*De como Ruy Freire chegou a Goa com as cartas que o Capitão da fortaleza de Dio mandava ao Governador D. João de Castro: e elle mandou de soccorro seu filho D. Fernando, e outros Fidalgos em nove navios: e da chegada de Coge Çofar a Dio: e do terceiro aviso, que Dom João Mascarenhas teve: e dos recados que antre ambos corrêram.*

PArtido Ruy Freire de Dio, como ventavam os Ponentes rijos, em sete dias foi a Goa; e dando as cartas ao Governador, em que o certificava de tudo, mandou logo com grande pressa lançar ao mar nove navios, em que mandou embarcar seu filho D. Fernando. As novas corrêram lo-

go pela Cidade de Goa , a que acudíram todos os Fidalgos a ſe offerecerem ao Governador pera a jornada , e os primeiros que chegáram, eſſes mandou que ſe embarcaſſem, que foram D. Franciſco de Almeida , filho de D. Lopo de Almeida , que já tinha dous irmãos em Dio: Baſtião de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, Veador da Fazenda do Porto, a quem os ſoldados na India chamavam o Çapeca, (que he huma moeda a mais pequena que ha em Goa,) por ſer elle muito pequeno, mas grande no animo, e no conſelho: Diogo de Reinoſo, Pero Lopes de Souſa, Diogo da Silva, Antonio da Cunha , e outros dous a que não achámos os nomes; e em tres dias os fez o Governador á véla, embarcando-ſe por ſoldados outros muitos Fidalgos , e cavalleiros deſejoſos de ganharem honra.

O Governador entregou ſeu filho Dom Fernando de Caſtro a Diogo de Reinoſo, e eſcreveo a D. João Maſcarenhas, que ficava deſcançado, e não receava todo o poder d'ElRey de Cambaya, pois o tinha naquella fortaleza, que lá lhe mandava ſeu filho pera ſer ſeu ſoldado: que lhe pedia o enſinaſſe , e o puzeſſe nos lugares mais arriſcados , e que ſe foſſe neceſſario , todo o inverno o ſoccorreria. E mandou embarcar naquelles navios hum Armenio com cartas

pera o Reyno, em que dava conta a El-Rey do eſtado em que a India ficava, encommendando a D. João Maſcarenhas que logo déſſe aviamento pera o lançarem na coſta de Pôr pera dalli partir por terra pera Ormuz, e dalli paſſar ao Reyno. O Governador mandou ficar Ruy Freire em Goa com diſſimulação, eſcrevendo a D. João Maſcarenhas lhe mandaſſe a certeza daquelle negocio. E em quanto eſtes navios ſeguem ſua viagem, continuaremos com as couſas de Dio.

D. João Maſcarenhas, tanto que ſe declarou a tenção dos Mouros, tratou logo de ſe repairar, e fortificar, mandando quebrar a ponte que hia do poſtigo do baluarte Sant-Iago por ſima da cava até a outra banda, e mandou fazer outra levadiça, pera que ſe foſſe neceſſaria, ſe pudeſſe ſervir por ella. Neſtas couſas gaſtou até nove de Maio, que chegou Coge Çofar a Dio com o reſto do exercito, que logo ſe paſſou á Cidade, onde ſe apoſentou. O eſtrepito, e ruido das armas, e da gente foi logo ſentido na fortaleza, onde todos trabalhavam em ſua fortificação. Aquelle dia ſe paſſou ſem mais novidade; e tanto que anoiteceo, chegou á porta da fortaleza huma eſcrava, que ficára na Cidade, que vinha fogindo daquella confusão que nella vio, e bradou

aos

aos guardas que a recolheſſem, porque tinha muitas couſas que fallar com o Capitão, que cumpriam muito ao bem da fortaleza. Foi eſta eſcrava logo recolhida, e levada a D. João Maſcarenhas, que ſe apartou com ella, e lhe diſſe: » Sabe, ſenhor » Capitão, que Deos he comtigo. Eu me » achei em huma parte, onde huns Mou- » ros de caſa de Coge Çofar eſtavam pra- » ticando, ſem ſe recearem de mim, e di- » ziam que ſeu amo vinha mui alvoroçado, » cuidando que eſta noite lhe entregaſſem » eſta fortaleza; e depois de ſer na Cida- » de, ſabendo que o homem com quem » pera iſſo eſtava concertado era ido pera » Goa, ficou muito triſte; por iſſo vê, ſe- » nhor, o que te cumpre, e não te deſcui- » des em couſa alguma; ſabe a verdade » diſto, porque ſem dúvida ſe te tem ordi- » do traição, porque eſte homem, em que » elles vinham confiados, (ſegundo os Mou- » ros diziam,) tinha determinado de dei- » tar peçonha na ciſterna, e de dar fogo » ao armazem da polvora, e depois metter » os Mouros neſta fortaleza por ſua caſa. »

O Capitão vendo quanto todos aquelles aviſos conformavam, acabou de confirmar a preſumpção que havia de Ruy Freire, e do Mouriſco Franciſco Rodrigues. E dando muitas graças a Deos, entregou a eſ-

cra-

crava a hum homem ſeu, pera que a proveſſe de tudo o neceſſario, e lhe mandou dar huma quantidade de dinheiro; e tratando todas eſtas couſas com muito grande diſſimulação, a aviſou que não fallaſſe couſa alguma. E como era de noite, repartio os quartos das vigias, e foi elle roldar a fortaleza toda, e a parte de ſobre o mar, entrando em todas as caſas por não fazer caſo; e chegando á de Ruy Freire, eſteve vendo a varanda muito devagar, e notou bem que por ella ſe podiam metter os inimigos dentro muito facilmente; e achando alli hum ſobrinho do Ruy Freire, o mandou pera o baluarte do mar, com lhe dar a entender que o fazia por lhe melhorar a eſtancia, e logo tapou a varanda de pedra, e cal; as caſas entregou a hum Capitão de muita confiança com alguns ſoldados. Ao outro dia pela manhã viſitou a caſa da polvora, e achou rota huma forte argamaſſa, que a cubria por cima á maneira de abobada, e nella hum grande buraco, por onde determinavam de lhe dar o fogo; e vendo tão grandes, e manifeſtos ſinaes de traição, deo muitas graças de novo ao Altiſſimo Deos por tantas mercês, quantas lhe tinha feitas com os aviſos. E ſem dar conta a peſſoa alguma do que paſſava, mandou mudar a polvora pera outra caſa, que mandou

dou fortificar bem, provendo-a de contínuas guardas de muita confiança, e a cisterna mandou cercar, e fechar com suas portas, que tambem entregou a pessoas mui apuradas.

Este dia, que foram dez do mez, chegou hum mercador gentio, morador na Cidade, muito conhecido dos da fortaleza, á porta della, e disse aos guardas, que levava hum recado de Coge Çofar pera o Capitão; e dando-se-lhe recado, o mandou levar diante de si, e elle lhe disse, que Coge Çofar lhe mandava dizer, que tinha muitas cousas que tratar com elle, que lhe enviasse hum homem de recado pera as communicar. O Capitão posto que entendeo serem tudo invenções de Coge Çofar, tomou parecer sobre aquelle negocio com os Fidalgos, e Capitães; assentou-se que se soubesse o que queria. Com isto elegeo o Capitão hum Simão Feio, homem honrado, sezudo, e de experiencia, que poderia notar mui bem as cousas. E indo em companhia do mercador, foi levado a Coge Çofar, que lhe disse, que ElRey Soltão Mahamude lhe mandava fazer a parede, que por contrato das pazes, que fizeram com o Viso-Rey D. Garcia de Noronha, estava assentada, que Manoel de Sousa de Sepulveda impedíra. E que além disso mandava El-

Rey

Rey pedir ao Capitão de Dio duas cousas, que como amigo lhe podia conceder.

A primeira, que todos os navios dos mercadores de Cambaya pudessem navegar livremente por toda a costa do seu Reyno, sem cartazes dos Capitães d'ElRey de Portugal, porque era menoscabo seu, e de seu Estado tamanha obrigação.

A segunda, que as náos dos mercadores não fossem constrangidas a tomar aquella fortaleza de Dio, mas que pudessem ir vender suas fazendas aos pórtos que lhes bem viesse. Pelo que lhe pedia muito por mercê tomasse logo resolução naquelle negocio, porque estimaria (pois vinha ser seu vizinho) não haver antre elles quebras, antes muita paz, e amizade. Com isto despedio Simão Feio, que o Capitão ouvio, presentes todos os Fidalgos, e Capitães, que pera isso chamou; e vendo a fórma do recado, lhe mandou logo a resposta pelo mesmo Simão Feio, em que dizia, que aquellas cousas que pedia se haviam de tratar com o Governador da India, porque elle não tinha poderes pera innovar, nem alterar os capitulos das pazes, que estavam feitas. Coge Çofar lhe tornou a mandar dizer, que ElRey não lhe mandava tratar aquellas cousas senão com elle, como Capitão, e Governador daquella fortaleza; e que quan-

do

do lhe elle não quizeſſe differir a ellas, que mandaria elle correr com a parede como lhe mandavam; e que ſe elle lha defendeſſe, ſería o quebrantador das pazes. Com eſta reſolução entendeo claramente o Capitão que lhe vinha Coge Çofar a fazer guerra. E tomando conſelho ſobre aquellas couſas, deſejando de não ſer elle o primeiro que quebraſſe a paz, ſenão o inimigo, pera na guerra lhe ficar mais juſtiça, ſe aſſentou que lhe mandaſſe dizer, que ſenão vinha a mais que a fazer as paredes conforme ao contrato das pazes, que baſtava pera iſſo hum Tanadar ſeu, e não tomar tamanho trabalho, nem vir com tamanho exercito. Com eſte recado tornou Simão Feio, levando o traslado do contrato das pazes, pera que lho moſtraſſe, e que lhe diſſeſſe mais, que ſe os elle quizeſſe quebrar, e fazer a parede fóra do termo, e grandeza que eſtava naquelles capitulos, que ſoubeſſe de certo que lho havia de defender, e que eſperava em Deos que o havia de ajudar contra elle, como contra quebrantador das pazes feitas pelo ſeu Rey.

Dado eſte recado a Coge Çofar, e lendo-lhe o contrato das pazes, vendo o Capitão tão juſtificado, como não queria ſenão guerra, lançou mão de Simão Feio, e o prendeo, e logo mandou publicar a guerra

ra pela Cidade, o que ſe fez com grande alvoroço de inſtrumentos, e bombardadas. E no meſmo dia foi hum grande eſquadrão de Turcos com ſuas bandeiras deſenroladas dar viſta á fortaleza, fazendo ſuas algazarras, e dando huma grande ſalva de arcabuzaria, e com outras bizarrias, e ſoberbas, de que aquella barbara nação uſa. O Capitão os mandou tambem ſalvar com algumas bombardas, de que alguns ficáram eſtirados no campo em ſinal, e penhor dos muitos que por alli ſe haviam de eſpedaçar; e logo mandou embandeirar os baluartes, porque ſe viſſe na Cidade o alvoroço com que os eſperavam, veſtindo-ſe muito galante elle, e todos.

E porque os baluartes não eſtavam ainda provídos de Capitães, o fez logo, pondo D. João de Almeida em Sant-Iago, e com elle D. Pedro ſeu irmão com trinta ſoldados; e no baluarte S. Thomé poz Luiz de Souſa; no de S. João poz Gil Coutinho; e no de S. Jorge, Antonio Paçanha com trinta ſoldados cada hum. A couraça encarregou a Antonio Rodrigues Feitor d'ElRey, e a torre de ſobre a porta ao Alcaide mór da fortaleza Antonio Freire, e por eſtas eſtancias repartio cento e cincoenta ſoldados, de duzentos que havia na fortaleza: dos cincoenta tomou alguns pera

an-

andarem com elle, e os mais poz em guarda da ciſterna, e caſa da polvora. Feito iſto, ajuntou todos no terreiro da fortaleza, e poſto no meio delles, lhes fez eſta breve falla.

*Falla, que o Capitão da fortaleza de Dio D. João Maſcarenhas fez aos Capitães dos baluartes, e ſoldados, animando-os, e perſuadindo-os á defensão da fortaleza.*

» BEm pudéra, muito valoroſos Capitães,
» e esforçados cavalleiros, eſcuſar de
» vos fazer eſtas lembranças; porque a quem
» tem tantas obrigações pera tudo, nenhuma
» couſa os move mais, que o ſangue, a
» opinião, e a honra, aſſi particular de ca-
» da hum, como em geral deſta noſſa na-
» ção Portugueza, que todos tanto deſeja-
» mos conſervar; mas ſatisfaço niſto a mi-
» nha obrigação pelas muitas que carregão
» ſobre mim, como homem que ha de dar
» conta deſta fortaleza, que eu pertendo
» defender com tão valoroſos companhei-
» ros, não ſó a todo o poder d'ElRey de
» Cambaya, mas ainda ao do grão Turco,
» ſe com elle ſe ajuntar. E pera iſto tomá-
» ra que não eſtiveramos rodeados deſtes mu-
» ros, porque então moſtraremos a todos co-

» mo

» mo não ha outros mais fortes peitos, que
» nunca ſe rendêram a bombardas, trabu-
» cos, nem a outro algum ameaço de mor-
» te. E além de voſſo esforço, e valor,
» que me aſſegura a victoria, ainda mo faz
» mais a juſtiça, que de noſſa parte temos;
» porque bem viſtes como me juſtifiquei com
» eſtes inimigos, porque quiz foſſem elles
» os quebrantadores da paz pera nos ficar
» na guerra todo o direito. Não me em-
» baraça tomar-nos eſte cerco em tempo,
» que duvidoſamente poderemos ſer ſoccor-
» ridos de Goa, (pelas grandes tempeſtades
» do inverno que entra, ) porque temos
» hum Deos juſtiçoſo, que nos ha de dar
» a victoria, aſſim pela razão que de noſſa
» parte temos, como porque havemos de
» defender ſua Santa Fé, e a honra de noſ-
» ſo Rey, que com tanto cuſto ſeu, e tra-
» balho de ſeus vaſſallos trouxe a Lei do
» ſagrado Evangelho tantas mil leguas, por
» tantos riſcos, e perigos, e a tem dilata-
» da por todo eſte Oriente, e ainda antre
» as mais barbaras nações delle. Eſtes Mou-
» ros, além de quebrantadores da paz, pele-
» jão por defenderem as mentiras do ſeu
» falſo Profeta, que eſtá no inferno pade-
» cendo tormentos eternos. Por iſſo, ó Por-
» tuguezes dignos de immortal nome, e
» fama, aqui vos convem moſtrar a diffe-
» ren-

» rença que ha de nação a nação. Coſtuma-
» dos ſois todos a perigos , e trabalhos,
» por quem tendes alcançado grandes vi-
» ctorias , e engrandecido voſſa patria , e
» nome. Agora neſte tranſe não haja algum ,
» que não trabalhe por fazer immortal a
» fama Portugueza , pondo os olhos em
» Deos, que tendes brando , e benigno , e
» depois nos feitos de voſſos antepaſſados,
» e nas grandes proezas , e cavallerias , que
» noſſos parentes , e amigos ha bem pou-
» cos annos obráram neſte lugar , onde al-
» cançáram victorias , que pareciam milagro-
» ſas , deſtes , e de outros inimigos mais po-
» deroſos , e de huma Armada , que pudé-
» ra aſſombrar a toda Europa ſe lá paſſára ,
» pera aſſi vos accenderdes no deſejo de
» vos igualardes com elles , e alcançardes
» a fama que elles alcançáram. »

Acabada eſta falla , todos com os co-
rações mui determinados , e deſejoſos de ſe
verem já ás mãos com os inimigos , lhe re-
ſpondêram , que todos eſtavam alvoroçados
pera deſenganarem aquelles barbaros ; e que
em quanto os elle governaſſe os eſtimavam
pouco , e dalli ſe foram todos armar o mais
cuſtoſamente que puderam , pondo-ſe de
plumas , e cores alegres , e foram dar viſta
ao Capitão , que tambem ſe veſtio de eſcar-
lata , e em ſua companhia foram correr as
eſ-

eſtancias, e a tomar poſſe dellas. O Capitão mandou ſalvar a Cidade com toda a artilheria, que foi huma moſtra muito pera arrecear, e que não deixou de pôr grandes deſconfianças nos inimigos.

## CAPITULO VIII.

*Do conſelho que Coge Çofar tomou com ſeus Capitães ſobre o modo de como cercaria a fortaleza: e de como aſſentáram ganhar primeiro o baluarte do mar: e de huma grande máquina que pera iſſo armáram: e de como o Capitão lha mandou queimar: e das couſas que mais paſſáram até chegar D. Fernando de Caſtro.*

VEndo Coge Çofar perdida a occaſião de Ruy Freire, que lhe havia de entregar a fortaleza, em que elle vinha mais confiado, que no poder que trazia, porque bem ſabia que lhe havia de ſer muito difficultoſo tomalla por armas aos Portuguezes, de quem já tinha tanta experiencia; e fazendo ajuntamento de ſeus Capitães, praticou com elles ſobre o modo de como ſe poria o cerco, e porque parte poderiam bater a fortaleza; e debatido antre elles eſte negocio, foi aſſentado que ſe ganhaſſe primeiro o baluarte do mar pera dous effeitos. O pri-

primeiro, pera defenderem os ſoccorros que viessem pera a fortaleza; e o ſegundo, pera dalli a baterem por aquella parte do mar, que era mais fraca, e por onde ſe podia tomar com mais facilidade, e que niſto ſe metteſſe todo o cabedal, porque ſem iſto ficaria todo o ſeu trabalho perdido, e não fariam mais que gaſtar o tempo, e as munições.

Aſſentado iſto, praticáram ſobre o modo de como ſe commetteria o baluarte; e lembrando-lhe a Coge Çofar a grande máquina que no outro cerco fizeram pera abalroarem, e entrarem no caſtello da Villa dos Rumes, aſſentou que pera eſtoutro negocio ſería de mais effeito, porque de maré cheia podia abordar o baluarte por qualquer parte que quizeſſem, por eſtar fundado ſobre hum penedo, que eſtá no meio do rio. E parecendo bem a todos, mandou logo armar ſobre huma formoſa náo, das que navegavão pera Méca, tres caſtellos mui grandes de madeira: hum na proa, outro na poppa, e outro no meio, liados, e atraveſſados com groſſas vigas, em que mandou metter muitos artificios de fogo, barrís de alcatrão, e de outros materiaes, pera lançarem dentro no baluarte muitos dardos, lanças, pedras, e outros inſtrumentos de guerra, encommendando aquelle negocio a hum

San-

Sangiaco com duzentos Turcos, pera como fossem aguas vivas, na maré da noite abordar com a náo o baluarte, e ganhallo, o que lhe fora muito facil se Deos o não descubríra. Porque como o Capitão trazia espias mui fieis antre os inimigos, logo foi avisado daquella fabrica, que estava surta hum pouco abaixo da Alfandega com toda a gente já dentro esperando pelas aguas vivas. E não fazendo rumor algum por não alvoroçar a gente, tomou Jacome Leite, Capitão mór da Armada daquella fortaleza, homem muito determinado, e lhe deo conta daquelle negocio em muito segredo, encommendando-lhe que trabalhasse por queimar aquella máquina.

Jacome Leite o houve por muito grande alvitre, e logo se foi negociar. Tinha elle dous navios de remo no mar, chegados á couraça com suas esquipações dentro, e sem dar conta a seus soldados, mandou embarcar dez em cada navio, mettendo nelles muitas lanças de fogo, e panellas de polvora; e sendo meio quarto da modorra, tomou o remo no mór silencio que pode, e no começo da enchente da maré se deixou ir na vêa da agua; e pouco antes de chegarem á náo, foram vistos das vigias, que estavam nella bem álerta, e começáram a bradar. Os Turcos que estavam dentro

acudíram a bordo com as armas nas mãos pera verem o que aquillo era. Jacome Leite aos primeiros gritos apertou o remo pera fazer o a que hiam, primeiro que os Turcos ſe pudeſſem determinar. E pondo as proas na náo, cada hum por ſua parte lhe lançou logo dentro huma grande ſomma de panellas de polvora, e o navio, que ficou da banda da proa, cortou logo as amarras á náo. Os Turcos tambem lançáram ſobre os noſſos muitos tiros, arremeſſos, e muito fogo. A náo como ficou deſamarrada, começou a cabecear, e a levalla a maré pera dentro, não ceſſando antre os noſſos, e os Turcos os arremeſſos, e eſpingardadas. Iſto foi logo ouvido da terra, e o exercito todo ſe poz em armas, e acudindo á praia, ſe mettêram muitos em algumas embarcações pera irem ſoccorrer á náo; mas quiz a boa fortuna de Jacome Leite, que algumas das panellas de polvora, que ſe arremeſsáram dentro, cahiſſem em hum dos caſtellos, que eſtavam cheios de materiaes peſtiferos; e pegando o fogo de huma couſa em outra, foi dar na polvora, cuja força, e furor lançou logo pelos ares as cubertas da náo, e os caſtellos, avoando abrazados os mais dos Turcos, que dentro eſtavam. A náo ficou entregue ás lavaredas, que foram taes, que deſcu-

bri-

briam a Cidade , e a gente do exercito, que ſe embarcava com muita preſſa. Jacome Leite vendo ſua boa fortuna, virou as proas a terra, e apontou os falcões nos cardumes dos inimigos que fervião, e deſparando nelles as cargas , fez huma muito grande deſtruição , e tomando o remo em punho, ſe foi recolhendo com ſete companheiros feridos, e queimados, deixando acabado hum feito digno de perpétua memoria ; e chegados á fortaleza, foram todos recebidos nos braços do Capitão, e de todos os mais com louvores muito públicos.

Coge Çofar acudio ao caes da Alfandega; e vendo a grande máquina, em que fundava ſuas eſperanças, abrazada, e desfeita, ficou paſmado, porque na náo perdeo mui grande quantidade de munições, e muitas peças groſſas de artilheria, com que determinava de bater a fortaleza do baluarte do mar, depois que o tomaſſe, e ſobre tudo ſentio os Turcos, que elle eſtimava muito, com cujo esforço, e induſtria eſperava de acabar aquelle cerco , e deitar os Portuguezes fóra daquella Ilha. E arrebentando em blasfemias, diſſe mal á ſua ventura; e depois fez voto a Mafamede de ſe não alevantar de ſobre aquella fortaleza até a não arrazar , e tomar. Mas bem differente era o penſamento do Capitão della , e de

 to-

todos os mais, porque toda a noite gastárão em danças, e folias, havendo aquelle principio de vitoria por hum muito certo signal de sempre a alcançar daquelles inimigos. Assim ficárão tres dias fortificando-se huns, e outros, ordenando as cousas necessarias pera a bateria.

Neste tempo foi tambem o Capitão pelas espias avisado, que se esperava no exercito por huma grande cafila de mantimentos, que lhes havia de vir por mar, de toda aquella costa de Balsar até Damão, pelo que logo despedio Jacome Leite com tres navios bem negociados, pera que a fosse esperar até á Ilha dos Mortos. E sahindo-se de noite pela barra fóra, foi correndo aquella costa por onde encontrou algumas cotias carregadas de mantimentos, que tomou, não dando a vida senão a alguns que guardou pera embandeirar os seus navios, quando entrasse em Dio; e depois de deixar feito huma mui grande destruição, se foi recolhendo, e entrou dahi a poucos dias pela barra com as vergas cheias daquelles estendartes, e huma grande cafila de mantimentos, que se recolhêram na fortaleza; e ás cotias todas, depois de descarregadas, se lhes mandou dar fogo no meio do rio, pera que os inimigos as vissem bem, o que foi pera todos elles huma mui-

to

to grande dor, e trifteza. Coge Çofar andava como areado; e vendo que lhe mandavam tomar os feus navios por aquella cofta, defpedio com muita preffa recado a Surrate, que armaffem vinte fuftas, e que fe foffem lançar fobre a barra de Dio, affim pera fegurarem os feus navios, como pera defenderem a entrada aos noffos, fe vieffem de foccorro da India. D. João Mafcarenhas efcreveo aos Capitães de Baçaim, e Chaul que trabalhaffem muito por impedirem a navegação aos Mouros por aquella cofta de Balfar, e Damão, porque lhes não foffem mantimentos ao exercito: o que elles fizeram armando alguns navios, que em poucos dias tomáram dous taurís grandes, e quinze cotias carregadas de mantimentos, mettendo todos os que nellas acháram á efpada.

## CAPITULO IX.

*De como Coge Çofar começou a fazer a parede, e das coufas, que fuccedêram com a chegada de D. Fernando de Caftro: e de hum grande feito, que fez Diogo da Nhaya Coutinho.*

VEndo Coge Çofar que fem ter começado a guerra, tinha recebido tantas perdas, (porque logo teve avifo da deftrui-

ção

ção que a Armada fez pela outra costa,) andava como fóra de sizo, e de juizo, porque receava ruim fim áquelle negocio, e mandou com muita pressa pôr as mãos na obra da parede, (ou pera lhe melhor chamarmos do muro,) o que começou a fazer com hum grande número de officiaes. Esta parede se fabricou pouco mais de hum tiro de bésta da fortaleza, pelo começo donde depois esteve o jogo da bola, e foi cortando da borda do rio por aquelle tejo assima até o mar, e tinha quinze palmos de largo. E porque de dia não podiam trabalhar por causa da nossa artilheria, e arcabuzaria, que lhe matava muitos obreiros, trabalhavão de noite, abrindo por baixo do chão caminhos intrincados, e em caracol, pera a gente poder passar ao serviço segura das bombardadas. E assim fizeram huma fábrica de ruas, travessas, e encruzilhadas, que parecia hum labyrintho de Creta; mas nem com isso deixavam de morrer muitos, porque a nossa arcabuzaria lá os hia descubrir, e derribar. O Capitão mandava de noite bater os lugares onde sentiam trabalhar, derribando-lhes a obra, que hiam fazendo por partes. Mas com tudo, como os officiaes eram muitos, foi o muro crescendo, e subindo nelle alguns baluartes fortes com bombardeiras rasteiras,

em

em que Coge Çofar mandou aſſentar bazaliſcos , leões , e outras peças groſſas com que determinava de bater a fortaleza. E defronte do baluarte Sant-Iago ſe poz hum palquartão , que lançava pelouro de treze palmos em roda , que ſe entregou a hum bombardeiro Francez arrenegado , homem mui deſtro em ſeu officio , que o aſſeſtou por eſquadria tão certa na parte em que a ciſterna eſtava , que lhe lançava nella todos os pelouros que queria. Vendo Coge Çofar a parede já alevantada , mandou logo fazer valos , e trincheiras naquella parte baixa do jogo da bola pera ſe paſſar pera alli com o ſeu exercito , correndo com huma couſa , e com outra á mór preſſa que podiam.

D. Fernando de Caſtro , que deixámos partido de Goa no Capitulo VII. do primeiro Livro , foi ſeguindo ſua viagem até Baçaim , levando já ameaços do inverno ; e tomando alli algumas couſas , atraveſſou logo o golfo , que achou tão ſoberbo , e alterado , que ſe vio muitas vezes perdido com toda a Armada : e paſſando por todos aquelles medos , chegou a Dio em fim de Maio , o que foi pera todos os noſſos a mór alegria que podia ſer , e embandeirando os navios , commettêram a barra , entrando por ella dentro , esbombardeando , e ſalvando a Cidade dos Mouros , deitando

do nella alguns pelouros por ſignal dos mais, com que haviam de ſervir, e hoſpedar os inimigos; e aſſim foram ſurgir no caes aonde deſembarcáram, achando já D. João Maſcarenhas com todos os Fidalgos, que os leváram nos braços com grande alvoroço de todos. E recolhidos pera a fortaleza, os leitos dourados, e camas molles, em que os agazalháram pera repouſarem do trabalho do caminho, foram os baluartes, guaritas, e mais lugares do muro por onde o Capitão os repartio. Os da fortaleza ficáram muito ufanos com eſte ſoccorro, que ainda que pequeno em número, era muito grande na eſtimação pelo grande valor, e esforço dos Capitães, e ſoldados, que nelle vinham. Eſta noite paſſáram os noſſos em grandes regozijos, e feſtas, lançando muitos foguetes, e outros artificios de fogo por eſſes ares pera moſtrarem aos inimigos o alvoroço com que todos eſtavam, e o pouco temor que delles tinham.

Ao outro dia em amanhecendo appareceo ſobre a barra a Armada que Coge Çofar mandou fazer em Surrate, que vindo correndo a coſta de Dio, encontrou alguns navios, que os Capitães de Baçaim, e Chaul mandavam com gente, e provimentos; e como hiam eſpalhados, dous delles foram cahir nas mãos dos inimigos

que

que os abalroárão; e posto que os poucos Portuguezes que nelles vinham pelejáram mui valorosamente, e vendêram muito bem suas vidas, (que todos quizeram antes perder, que ficar cativos,) foram mortos, e espedaçados. Outros alguns navios havendo vista desta Armada dos inimigos, e conhecendo-a, tornáram a voltar pera a outra costa. Os inimigos com aquella preza, e vitoria chegáram á barra de Dio embandeirados a dar vista aos nossos, salvando a fortaleza de longe. D. Fernando de Castro lhes quizera sahir, mas o Capitão lho não consentio, porque bem sabia que os inimigos o não haviam de esperar, e que sería trabalho perdido tornar a negociar as fustas, que estavam já recolhidas na couraça, e assim se não fez por então cousa alguma, nem foi necessario, porque logo ao outro dia desappareceo a Armada, que tambem receou que lhe sahissem os nossos. Esta Armada andou por aquella costa des da Ilha dos Mortos até Madre Faval, em quanto o tempo lhe deo lugar; e como entrou o inverno, recolheo-se a Surrate sem fazer mais prezas que aquellas primeiras.

D. João Mascarenhas ao outro dia, depois que D. Fernando de Castro chegou, mandou negociar hum catur muito ligeiro, em que mandou embarcar o Armenio, que

ha-

havia de paſſar ao Reino, por quem tambem eſcreveo a ElRey o eſtado em que aquella fortaleza ficava. Eſte homem foi lançado na coſta de Pór, e dalli em trajos de Jogue, (que he huma gente, que ſe préza de Religioſa, e que nos trajos moſtra grande deſprezo do mundo, porque não trazem mais veſtido que humas capas como os mantos dos Capuchinhos, feitas de farrapos que achão nos monturos,) foi caminhando até o Cinde, onde achou ainda embarcação pera Ormuz, em que ſe metteo, e foi ter áquella fortaleza, e deo as cartas do Governador a Luiz Falcão, em que lhe encommendava muito déſſe logo ordem pera que aquelle homem ſe partiſſe pera o Reino, o que elle fez, negociando-ſe com os mercadores de Baçorá que o leváram, e o paſſáram a Babylonia pelo rio Eufrates aſſima, e dalli tomou ſeu caminho em companhia de cafilas que ſempre as ha, e foi ſeguindo ſua derrota. E porque não achámos as particularidades deſta jornada, paſſamos por ellas, e de ſua chegada ao Reyno adiante daremos razão.

Coge Çofar foi continuando com as obras da fortaleza até as pôr em ſua perfeição, paſſando o ſeu exercito pera aquella parte, repartindo pelos lugares da bateria perto de ſeſſenta peças groſſas, de baza-

zalifcos, falvagens, aguias, e camelos, e da outra miuda huma grande quantidade; mandando fazer muitas efcadas, huma grande fomma de picões, alavancas, cudilins, padiolas, e em fim toda a mais coufa defta qualidade, que lhe pareceo neceffaria pera aquelle negocio. D. João Mafcarenhas não eftava defcuidado, que tambem de dia, e de noite trabalhava em fua fortificação, vendo, e notando tudo o de que tinha neceffidade, efperando cada dia pelos combates com hum animo muito determinado, e feguro.

Mas como defejava muito faber de certo o intento, e determinação dos inimigos, era-lhe neceffario pera ifto tomar algum lingua, de que fe pudeffe informar. Ifto praticou algumas vezes com os Fidalgos, cavalleiros, e foldados, de que prefumia que preftariam pera efte feito; foi huma dellas em tempo, que fe achou prefente Diogo da Nhaya Coutinho, natural de Santarem, Fidalgo de nobre geração, de grande valor, e notaveis forças, que diffimulando feu intento, vindo a noite, fem dar conta a peffoa alguma, mais que a hum foldado, a quem pedio hum capacete empreftado, (por fer o bom Fidalgo tão pobre que até ifto lhe faltava, fobejando-lhe o animo pera pelejar com os inimigos, ) lançando-fe por hu-

huma corda do muro abaixo acompanhado de ſua eſpada, e huma lança. E indo-ſe pera a parte onde os inimigos eſtavam, pouco affaſtado do caminho, ſe poz deitado com grande ſilencio, eſperando algum bom encontro. Em pouco eſpaço vio vir dous Mouros bem diſpoſtos, que vinham praticando, e bem deſcuidados de imaginarem o que lhes aconteceo. Bem ſentio Diogo da Nhaya Coutinho ſerem dous, e receou commettellos; não porque ſenão atreveſſe a pelejar com ambos, e com mais, mas porque temeo que brigando com ambos, de força havia de haver roido, e podia ſer ouvido, e elle não poder pôr em effeito o negocio a que hia; mas tomando conſelho com a neceſſidade do caſo, e do tempo, determinou commettellos. E deixando-os paſſar, levantou-ſe, e deo a hum tal golpe com a lança, que logo o derribou, e remettendo ao ſegundo, o levou nos braços, ſem lhe valer pernear, morder, nem bracejar, e aſſim aſido chegou com elle á porta da fortaleza a que bradou, que lhe abriſſem depreſſa; e abrindo-lhe a porta, deo com elle dentro, de que o Capitão, e os mais Fidalgos, e cavalleiros ficáram paſmados, e maravilhados de tão raro ſucceſſo, que feſtejáram muito alegres, e contentes.

E

E porque ſerá roubo, que lhe faremos, calarmos o mais que na meſma noite lhe aconteceo, contarei o que fez, porque fiquemos ſatisfazendo aſſim a noſſa obrigação, (que he dizermos as couſas, que neſte cerco acontecêram,) como a ſeu merecimento, e esforço, com fama depois de morto, já que na vida lhe faltou ventura de ter com que mataſſe a fome. Prometteo eſte Fidalgo ao ſoldado, que lhe empreſtou o capacete, de lho tornar a trazer, certificando-lhe, que antes deixaria a vida; que o proprio capacete. Na briga, e revolta que teve com os Mouros lhe cahio da cabeça ſem o elle ſentir, nem achar menos, ſenão depois de entrar na fortaleza, e o ſoldado lho pedir. *Senhor*, diſſe elle, *eu o vou buſcar*. E tornando a deſcer por onde deſcêra a primeira vez, havendo que pela porta o não deixaria o Capitão ſahir, ſe foi á parte onde teve a briga, e achando o capacete, o trouxe, e tornou a ſubir, e o entregou a ſeu dono. Bem merecia eſte Fidalgo por iſto que fez por ſeu Rey, que enxergáramos nós nelle as mercês que eſtes feitos eſtam pedindo; mas pois as não teve, não lhe faltemos nós com o deixarmos neſta noſſa eſcritura dado a conhecer aos que o não alcançáram.

DE-

# DECADA SEXTA.
## LIVRO II.
### Da Historia da India.

## CAPITULO I.

*De como ElRey Soltão Mahamude chegou a Dio: e de hum assignalado feito que seis soldados fizeram, em que tomáram hum Mouro: e das asperas baterias que deram á fortaleza.*

ACABADAS todas as obras, assim da parede, como dos valos, e trincheiras, desejou Coge Çofar de ver ElRey as primeiras baterias, porque lhe pareceo que nellas se averiguasse tudo, mandando-lhe recado a Champanel, onde elle estava com o resto de sua potencia pera acudir onde fosse necessario. E tanto que teve recado, se abalou afforrado só com dez mil de cavallo; e tanta pressa se deo, que chegou á Villa dos Rumes dez dias depois da chegada de D. Fernando de Castro.

tro. E ao outro dia depois de ſua chegada ſe paſſou á Ilha pera de mais perto ver a notomia que Coge Çofar lhe promettia de fazer naquella fortaleza. E á ſua entrada na Cidade lhe fez Coge Çofar tão grandes recebimentos, e foram os inſtrumentos tantos, que ſe ouvíram na fortaleza, enxergando na Villa dos Rumes novas bandeiras; mas pareceo-lhes que era gente que chegava de refreſco, não imaginando que podia ſer ElRey. E pera ſaberem daquella novidade, mandou o Capitão Dom João Maſcarenhas dizer a Fernão Carvalho, (que eſtava no baluarte do mar,) que mandaſſe algumas peſſoas de recado de noite no batel do ſerviço pera ver ſe podiam haver ás mãos algum Mouro, de quem pudeſſem ſaber o que hia na Cidade.

Fernão Carvalho, tanto que foi o quarto da modorra, deſpedio o batel com ſeis ſoldados, que pera aquillo eſcolheo, cujos nomes ficáram em eſquecimento aos daquelle tempo, (porque os deſtes homens, que não naſcêram illuſtres, e fizeram couſas abalizadas, não lhes luzíram nem em hiſtorias, nem em mercês, e ſatisfações; porque he muito antiga eſta miſeria Portugueza não ſaber dar lugar ás virtudes, nem engrandecer honroſos penſamentos, antes acanhallos, e deſprezallos pelos verem avan-

ta-

tajar nas obras a alguns, que ſe contentão da gloria de ſeus paſſados.) E eſta he a razão, por que muitos não trabalhão por obrarem grandes proezas, porque antes querem poupar as vidas, que arriſcallas ſem eſperança de galardão. Mas diante daquelle famoſo Antigono não ſe dava lugar ſenão ás virtudes, e ao valor ganhado por proprio braço, e não aos que os herdáram de ſeus avós, como elle diſſe áquelle mancebo, que por naſcer nobre queria preceder a outros que o não eram, tendo mais merecimentos.

E tornando á noſſa hiſtoria. Partidos os ſeis valoroſos ſoldados, foram pelo rio aſſima em grande ſilencio, ſem tocarem com os remos na agua por não ſerem ſentidos na terra; e no lugar em que eſtá a Alfandega, víram eſtancia muito perto do mar, em que não ſentíram vigias, e parecendo-lhes que eſtariam dormindo, ſe chegáram á terra, e ſaltáram nella muito manſo, e com grande determinação commettêram a eſtancia, em que eſtavam ſeſſenta Mouros ſepultados todos em hum profundo ſomno, como homens que alli ſe não receavam de couſa alguma; e dando nos primeiros que acháram, matáram nelles á vontade, e ao tom dos golpes, e dos gritos acordáram os outros, andando já o ferro dos valentes ſeis companheiros ſobre elles, e não ſaben-

bendo o que aquillo era, nem donde ſe haviam de guardar, embaraçavam-ſe huns com os outros, porque ſem verem o que era, ſentiam o cruel ferro dos ſeis Portuguezes em ſuas carnes, e de outras partes as vozes, e ais dos que ficavam eſtirados. E foi a couſa de feição, que aos gritos dos daquella eſtancia ſe puzeram todas as mais em armas, cuidando que todos os Portuguezes davam nelles. Os ſeis ſoldados, que andavam encarniçados nos Mouros, ſentindo que chegava ſoccorro, ſe foram recolhendo ao ſeu batel, e não ſem muito trabalho, e riſco, porque apertáram tanto com elles, que lhes matáram dous; e quiz a ventura que os quatro ao recolher deram com hum Mouro na praia, que por ventura hia fugindo da morte, e liando-ſe hum com elle, acudindo-lhe os outros, deram com elle no batel, e tomando o remo ſe foram ſahindo, indo apôs elles grandes nuvens de fréchas, e pelouros. Chegados á couraça bradáram ás guardas, que os recolhêram dentro, e levando o Mouro ao Capitão, lhe contáram o ſucceſſo: elle os abraçou a todos, louvando-os, e engrandecendo-os publicamente. E recolhendo-ſe com o Mouro, e lingua, delle ſoube que as feſtas que ſe fizeram, eram á chegada d'El-Rey, que era vindo pera ver tomar aquel-

la fortaleza, e aſſim deo razão de todas as mais couſas que lhe perguntáram, que o Capitão eſtimou muito ſaber, mandando ter o Mouro a bom recado, e aos ſoldados deo dinheiro de ſua caſa.

Tão affrontados ficáram os Mouros deſte ſucceſſo, por ſer no meſmo dia que o ſeu Rey chegou, que deſejavam de ir todos morrer ao pé dos muros da fortaleza. Coge Çofar andava como doudo ſem ſaber o que diſſeſſe, nem fizeſſe, e tomára ſer antes aleijado da outra mão, que ter-ſe tão penhorado com ElRey em negocio que tão ruins principios teve. Ao outro dia chegáram huns poucos de Mouros á falla com os do baluarte S. João, e lhes diſſeram muitas injúrias, e vituperios; affirmando-lhes que cedo teriam o pago daquelle atrevimento, e de não entregarem logo aquella fortaleza ao grande Rey Soltão Mahamude, que era chegado. Os noſſos lhes reſpondêram que folgavam muito com ſua vinda, porque muito cedo ſería dependurado de huma daquellas ameias pelo atrevimento que teve de mandar cercar a fortaleza, em que eſtavam Portuguezes, que a haviam de defender a todo o mundo junto, quanto mais a elle, e aos ſeus, que eram huns coutados, covardes, e biguairins, de que não faziam conta alguma.

To-

Todas eſtas couſas ſoube ElRey, de que ſe houve por tão affrontado, e offendido, que mandou a Coge Çofar, que logo começaſſe a bateria; o que elle fez na força do meio dia com mui grande terror, e eſpanto, batendo os tres baluartes, São João, S. Thomé, e Sant-Iago com oito peças cada hum, e o quartão na parte da ciſterna, que cada vez que deſparava, parecia que todo mundo ſe abalava; e certo que poz grande eſpanto, e cauſou muito temor. Os Capitães dos baluartes, que eram D. João de Almeida, Luiz de Souſa, e Gil Coutinho, tambem lhe reſpondêram com ſua artilheria, batendo as eſtancias dos inimigos com grande furor, andando cada hum reformando as ruinas que a artilheria fazia. A grita, o rugido das armas, os fuzís do fogo, o fumo da artilheria que eſcurecia o Sol, tudo repreſentava o dia final do juizo. No baluarte Sant-Iago de Luiz de Souſa, onde eſtava D. Fernando de Caſtro, começou a fazer a bateria mais damno, por ſer mais fraco; mas logo tudo era reformado, e repairado de novo.

O Capitão D. João Maſcarenhas, que neſte dia começou a moſtrar os quilates de ſua prudencia, e esforço, tinha dado tal ordem a tudo, que em ſe pedindo pedra, madeira, taboas, panellas de polvora, pe-

louros, e todas as mais coufas neceffarias, logo eram dadas, porque efte trabalho encommendou a alguns homens velhos, com muitos efcravos, e marinheiros, e affim nunca faltou coufa alguma.

D. Fernando de Caftro como era moço, e nunca fe tinha vifto em outro perigo, defejou de fe affignalar nefte, e affim deo moftras de feu grande valor, e animo, de que a fortuna lhe começou logo a ter inveja. Todos os mais Fidalgos, e cavalleiros trabalháram em quanto durou o efpantofo combate mui animofamente. Huns ajudando a carregar, e bornear as peças da artilheria; outros em reformar as ruinas, e em outras femelhantes, e neceffarias occupações, de forte que todos deram muito grandes efperanças no animo com que acudiam a todas as coufas, e na alegria que moftravam nos trabalhos, de huma muito certa, e grande victoria. A bateria durou até fe pôr o Sol, que ceffou, deixando os baluartes todos deftruidos, e arrazados das ameias, e parapeitos, ficando a artilheria toda delles quafi defcuberta. O Capitão Dom João Mafcarenhas não tomando repoufo toda a noite, trabalhou em reedificar os baluartes, fendo todos os Fidalgos, e cavalleiros os pedreiros, e officiaes da obra, a que deram tanta preffa, que quando amanhe-

nheceo eſtava tudo renovado, como ſe nunca fora derribado, do que os inimigos paſmáram.

Ao outro dia tornáram a continuar a bateria com grande braveza, tornando a arruinar os baluartes por outros lugares, andando ſempre os Capitães mui promptos em repairar tudo, batendo tambem eſpantoſamente as eſtancias dos inimigos, em que o dia dantes fizeram bem de damno, como tambem eſte, em que lhe matáram muitos. Deſta maneira foram continuando os combates naquelles tres baluartes quatro dias, alevantando os noſſos de noite, o que lhes derribavam de dia com muito trabalho, e preſteza. O quartáo, que eſtava fronteiro ao baluarte Sant-Iago, que o Francez regia, tinha feito na fortaleza grande damno, porque derribou caſas, arruinou edificios, e lançou alguns pelouros na ciſterna, que Deos ſempre guardou, porque nella eſtava o remedio de tudo, e andavam todos aſſombrados, porque cada vez que atirava, fazia hum terremoto, que parecia que tremia o ar, e a terra.

Mas enfadado Deos noſſo Senhor de ſoffrer áquelle arrenegado tantas offenſas, e affrontas, indireitou hum dardo, que ſe arremeçou da fortaleza, ſem ſe ſaber de que mão, e tomando o Francez pelos peitos o der-

derribou morto. Esta perda sentio Coge Çofar muito, porque aquelle homem era o mais importante que tinha no seu exercito pera o maneio da artilheria, e da bateria, e logo em seu lugar poz outro arrenegado, que não sabendo a esquadria, nem a medida do ponto do quartáo, todos os pelouros que tirava cahiam sobre o seu exercito, matando muitos dos seus, que isto foi tambem obra da Divina mão de Deos, porque só aquelle tiro se receava na fortaleza mais que todos os outros, porque fazia mór damno.

## CAPITULO II.

*De como os Mouros continuáram a bateria, e ElRey se foi da Cidade por hum ruim agouro que tomou: e do monte da rama que os inimigos alevantáram defronte do baluarte S. Thomé.*

FOi-se continuando a bateria, em que os nossos soffrêram muito grandes trabalhos, porque não largavam de dia, nem de noite as armas das costas, nem das mãos as achegas pera a reformação dos lugares derribados, sendo tudo assim em huma parte como na outra, vozes, clamores, gritos, estrondos, fogo, fumo, trovões, e tempestades da cruel, e horrenda artilheria,

que

que quafi tinha enfurdecidos todos os da fortaleza. E havendo dez dias que durava efta confusão, eftando ElRey vendo huma afpera, e geral bateria, que fe dava á fortaleza, difparando hum camelo de hum dos baluartes, guiou Deos o pelouro de feição, que entrou pela eftancia em que ElRey eftava, e matou hum privado feu muito junto delle, ficando todo borrifado do feu fangue. E como os Mouros são muito agourentos, affim efte tomou aquillo a tão ruim fignal, e máo prognoftico, que logo fe foi pera a Cidade, e no mefmo dia fe paffou á outra banda, e dahi pela pofta caminhou pera Amadabá, tão affombrado, que lhe pareceo que ainda o pelouro hia apôs elle, ficando com a gente de cavallo, que trouxe hum Capitão Abexim chamado Juzarcão, homem de grande authoridade, esforço, e confelho, e grande Senhor no Reino de Cambaya. Coge Çofar fentio muito a ida d'ElRey, porque lhe pareceo que hia defconfiado; e pera moftrar affim a elle, como aos noffos que nenhuma coufa lhe caufava temor, mandou dobrar a bateria pera fazer alguma entrada na fortaleza, porque determinava ou perder-fe de todo, ou ganhalla, e affim forão continuando fem ceffarem até arrazarem todos os altos dos baluartes S. João, S. Thomé,

e hu-

e huma grande parte da cortina do muro; que corria de hum ao outro. Luiz de Sousa, e Gil Coutinho Capitães delles com os mais Fidalgos, e cavalleiros, soffrêram aquelles combates com animo muito grande, acudindo logo a todas as cousas necessarias, pelejando, trabalhando, animando os soldados, tendo-lhes já mortos alguns, e feridos muitos; e certo que quanto maior era o perigo, tanto mais parecia que cresciam forças, e animo de novo a todos pera sustentar tudo, e acudir a tanta cousa, como era pelejar, e reformar.

D. João Mascarenhas vendo os baluartes arrazados, acudio áquella parte; e vendo que estava a fortaleza muito arriscada pela cortina, tratou de fazer por dentro hum contra-muro; e vendo que não tinha parte commoda pera isso, mandou logo na rotura armar hum cubello alto, e grande, no meio de traves, que servia de triangulo, e se corria delle para ambos os baluartes, correndo com hum pedaço de muro pera tornar a fechar aquella parte, com que ficava mais forte. Esta obra se começou com grande pressa; e porque faltavam servidores por serem mortos alguns, e outros estarem doentes, acudíram as mulheres da fortaleza, assim casadas, como viuvas, a acarretar os materiaes, como já fizeram outras no outro cer-

cerco paſſado: e a que ordenou iſto foi huma Iſabel Madeira, dona honrada, caſada com Meſtre João Cirurgião, Chriſtão velho, de quem tinha dous filhos, e huma filha; eſta foi eleita por Capitoa de todas, formando-ſe hum muito grande eſquadrão dellas, de que as principaes eram Garcia Rodrigues mulher de Ruy Freire, Iſabel Dias caſada com o Feitor d'ElRey, Catharina Lopes mulher de Antonio Gil, e Iſabel Fernandes, que depois ſe chamou a velha de Dio, digna do ſobrenome que lhe deram, pelas couſas que neſte cerco fez, como em ſeu lugar diremos. Eſtas com ſeus filhos, e eſcravos tomáram á ſua conta acarretarem a pedra, e terra pera as obras, que traziam com ceſtos ſobre ſuas cabeças, de algumas caſas que o Capitão mandou derribar dentro na fortaleza, e o meſmo fizeram ás traves, taboado, e a todas as mais couſas que ſe pediam. Eſte trabalho começáram a continuar com tanta preſſa, e alegria, que deo a todos huma certa confiança de bom fim naquella guerra, com o que ficáram os homens mais deſalivados pera acudirem ás baterias. A obra foi creſcendo de feição, que em breves dias ſe poz o cubello em pé, de que encarregou Antonio Paçanha, varão de conſelho, e de muito esforço, dando-lhe quarenta eſpingardeiros.

O

O Capitão andava muito ufano, e alegre de ver a alegria, e gosto, com que aquelle esquadrão feminino acudia ás cousas, assim de dia, como de noite, porque o havia por hum mui bom prognostico, e assim as hia ver muitas vezes á obra, louvando-as com palavras muito honrosas, e de muito agradecimento. A estancia, que era de Antonio Paçanha, deo o Capitão a hum João de Venezianos com alguns soldados. Em quanto a obra do cubello durou, não cessou a bateria, que deo muito trabalho aos que andavam na obra; mas quiz Deos que não fizesse damno, ainda que estorvava, e impedia os officiaes, mas de noite se fez a mór parte della.

Coge Çofar tanto que vio o baluarte em pé, (com que ficavam aquellas partes cahidas muito seguras,) mandou fabricar defronte do baluarte S. Thomé, outro maior que elle, de terra, e rama pera lhe ficar alli em padrasto, e entulhar a cava, porque determinava de entrar por alli a fortaleza. Esta obra se começou a fazer de noite, porque de dia a nossa artilheria, e arcabuzaria lho defendia. E sentindo o Capitão que de noite trabalhavam, mandou fazer nos baluartes tantas luminarias que acclarou todo o campo, e se descubriam muito bem os officiaes que andavam na obra; e assestan-

do

do alli a artilheria, começáram a lhe dar bateria, com que lhe matáram muita parte dos trabalhadores, e os mais largando o trabalho, ficou tudo desamparado; porque além dos pelouros, choviam sobre os que acarretavam as cousas, tantos dardos, pedras, e panellas de polvora, que lhes não davam lugar a apparecerem. E posto que isto causava, e quebrantava muito aos nossos, o perigo em que estavam lhes dava forças pera tudo. Mas Coge Çofar não desistindo da obra, mandou fazer novas ruas por baixo do chão pera passarem os seus encubertos pera a obra; mas ainda assim não deixou de lhes custar muito, e a poder de mortes dos miseros officiaes, e trabalhadores, acabou o baluarte, que ficou tão alto, que descubria todo o de S. Thomé. E em sima delle mandou Coge Çofar pôr muitas arvores grossas com toda sua rama, que se traziam alli a poder de força pera servirem de tranqueiras aos seus, e poz alli hum formoso esquadrão de Turcos, e de outras nações estrangeiras, não cessando em todo este tempo a bateria nas outras partes, com que derribavam os baluartes de D. João de Almeida, e de Antonio Freire, Alcaide mór da fortaleza; mas logo o Capitão acudio a reformar tudo, em cuja obra D. João de Almeida, e seus irmãos mostráram bem o

va-

valor de ſuas peſſoas, cumprindo muito á riſca com as obrigações do ſangue de que procediam, pelejando, e trabalhando ſem tomarem repouſo algum. Coge Çofar vendo a fortaleza tão desbaratada por todas as partes, e o muito trabalho que os Portuguezes paſſavam em as reformar, havendo que não poderiam já ſoffrer mais, e que ſe entregariam com alguns partidos, porque ſe não podia eſperar de corpos humanos, o que aquelles homens tinham paſſado, e paſſavam havia tantos dias, ſem tomarem huma ſó hora de deſcanço, e pera lhes não dar folego, e os apertar mais por todas as partes, mandou novamente abrir caminhos por debaixo da terra, pera as eſtancias de Alonſo de Bonifacio, Luiz de Souſa, e Gil Coutinho, até ſahirem á cava, porque determinava de a entulhar pera commetter a fortaleza por aſſalto; e tanto trabalháram neſte negocio, que ainda que foi á cuſta de muitos dos ſeus, que a noſſa eſpingardaria ſempre peſcava, chegáram aonde pertendiam, trabalhando D. João Maſcarenhas muito por lho defender.

E porque o lugar de que ſe mais receavam, e de que mór damno recebiam, era o baluarte do monte da rama, mandou o Capitão fazer hum terrapleno no taboleiro da Igreja, que era o mais alto da forta-

taleza, pera o defcubrir, e alli mandou affeftar hum bazalifco, e outras peças groffas, e encommendou ao Condeftable da fortaleza, homem mui experimentado em feu officio, que trabalhaffe muito por derribar aquelle monte. E dando elle recado aos do baluarte S. Thomé, pera que fe recolheffem a partes feguras, por fima delle o começou a bater, e quiz Deos que em quinze dias o desfizeffe todo, matando muitos dos que nelle eftavam.

Ifto fentio Coge Çofar muito, e mandou correr com o entulho da cava, mandando cubrir as ruas foterraneas (por onde corriam os trabalhadores) com palmeiras, rama, e terra, pera andarem por baixo feguros. E ordenou grandes, e fortes mantas pera as bocas das ruas, que fahiam á cava pera feu amparo; e affim mefmo mandou fazer muitas pranchas de vigas folhadas com taboas, pera atraveffarem a cava de huma parte á outra, cubrindo-as por fima de rama, e terra molhada por caufa do fogo, fem os noffos lho poderem defender, pofto que pera iffo lhes lançáram infinitos artificios de fogo. Tanto que os inimigos tiveram lançadas as pranchas, começáram a entulhar a cava, trazendo por baixo das ruas a faxina, terra, e outras coufas fem perigo algum.

C A-

## CAPITULO III.

*De como os nossos furtáram o entulho aos Mouros : e de como matáram Coge Çofar : e do soccorro que o Capitão mandou pedir a Goa : e de como os inimigos entulháram a cava : e de outras cousas.*

FOram os Mouros correndo com a obra do entulho com muita pressa sem se lhes poder defender , o que deo grandes cuidados ao Capitão, traçando em sua imaginação algum modo pera poder impedir aquella obra , que era de muito perigo, praticando, e tomando conselho com todos sobre isso. Alguns homens velhos lhe disseram : » Que no muro defronte donde a » cava se entulhava, estava hum antigo, e » pequeno postigo , que o tempo foi es» condendo com terra, e cisco, que de si» ma do muro se lançava, por onde se po» dia muito bem furtar o entulho aos ini» migos. » Não pareceo isto mal ao Capitão, e indo-o logo ver pela banda de dentro , pareceo-lhe que podia aquelle ser o melhor remedio de todos. E logo deo ordem com que se fizessem algumas mantas muito fortes, que mandou armar por sima do postigo, lançadas como pontes, e mandou abrir, e desentulhar o postigo, que fi-

ca-

cava escondido debaixo das mantas. E de noite os moços, e marinheiros, com cestos por baixo foram furtando o entulho á formiga pera dentro, estando sempre gente em guarda pera os animar, e fazer trabalhar. E ainda que os Mouros na obra do entulho corriam com grande número de servidores, e crescia muito, de noite punham os nossos tanta diligencia, revezandose huns, e outros, que lhes furtavam a mór parte sem os Mouros o sentirem. O entulho fazia hum modo de pyramide muito largo no pé, e agudo na ponta, e todavia vendo elles sempre a obra em hum ser, e que lhes não crescia mais de hum certo limite, andavam embaraçados.

Os nossos trabalhadores hiam por baixo solapando a modo de mina; e assim lhe fizeram tão grande vão, que não podendo com o pezo, esborralhou-se pelo pé, cahindo toda aquella máquina, do que Coge Çofar ficou pasmado, porque nunca entendêram, nem sentíram que lhe furtavam o entulho, e cahindo no engano, começáram de defender o trabalho, pondo-se hum grande esquadrão á borda da cava, donde lançavam grandes penedos, muitas panellas de polvora, e outras cousas, com que offendiam os nossos trabalhadores. D. João Mascarenhas os mandou soccorrer por mais solda-

dos,

dos, que ſahiam pelo poſtigo fóra, e travavam com os Mouros, ateando-ſe de parte a parte hum formoſo jogo de arcabuzaria, de que todos recebêram aſsás de damno, acudindo a mór parte dos Fidalgos, e cavalleiros áquelle negocio, que era de importancia. E antre eſtes foi Antonio Freire, que eſta noite fez obras merecedoras de maiores louvores; mas a fortuna invejoſa dellas, ordenou que lhe deſſem huma eſpingardada, de que cahio logo morto, o que ſe ſentio bem antre todos os da fortaleza, porque eſte era hum dos homens, que mais ſuſtentava o pezo, e o trabalho daquelle cerco, com ſeu esforço, conſelho, e com ſeu dinheiro, de que deo muito a muitos. Durou eſta noite a briga hum grande eſpaço, em que os noſſos apertáram tanto os Mouros, que os fizeram recolher. Mas Dom João Maſcarenhas não tomando repouſo, mandou com muita preſſa carretar muitas traves, taboas, e portas, que tudo foi levado por aquellas valeroſas matronas, (que neſte cerco a ſeu modo tiveram tão grande quinhão como todos.) E tudo iſto mandou atraveſſar de noite des do poſtigo até á outra parte, onde ficou alevantado hum grande monte do entulho, e fazendo huma forte ponte, a cubrio de terra, e rama molhada por cauſa do fogo; e por baixo ficáram

ram os noſſos defendendo a obra do entulho mais á ſua vontade, e em damno dos inimigos, ſem elles lhes poderem empecer; e quando amanheceo eſtava tudo acabado.

Dada a nova diſto a Coge Çofar, acudio alli, e vendo a obra, deſenganou-ſe de poder por alli entulhar a cava, e cheio de paixão começou a esbravejar contra os ſeus, porque não defendêram aquillo, e de todo deſconfiou do cerco, por ver a grande diligencia, e preſteza, com que os noſſos ſe repairavão, e lhes desfaziam ſuas traças. E no pezar que aqui moſtrou, parecia que lhe denunciava o coração algum grande mal ſeu. E eſtando alli dando ordem ao que ſe havia de fazer, ordenou Deos, e não permittio que tardaſſe mais o caſtigo a eſte inimigo de ſua ſanta Fé, (naſcido, e creado nella,) que deſparaſſem da fortaleza algumas bombardas naquella multidão de gente, que com elle ſe ajuntou; e endireitando hum dos pelouros com elle, tomando-o pela cabeça, lha fez logo em pedaços, borrifando os que eſtavam derredor com ſeus miolos, e aquella perverſa, e maldita alma foi levada dos diabos ás penas perpetuas do Inferno, aonde ſerá atormentada em quanto Deos durar. Profetizado eſtava já pela triſte mãi (que ainda vivia em Otranto catholicamente) o lugar, a que havia de ir

parar; porque todos os annos lhe escrevia cartas, em que lhe lembrava que era Christão, pedindo-lhe que deixasse os enganos da falsa Lei de Mafamede, em que andava embebido; e nos sobrescritos das cartas lhe punha assim: *Pera Coge Çofar meu filho ás portas do Inferno.* O seu corpo foi logo levado dalli com grande dor, e tristeza de todos, e lhe foram dar sepultura em huma das mesquitas da Ilha com a maior pompa que podia ser. Juntos logo todos os Capitães, elegêram em seu lugar seu filho Rumecan, tão máo, perverso, e ardiloso como seu pai, que logo alli jurou a Mafamede sobre o corpo do pai, de tomar cruel vingança de sua morte, e de não dar vida a pessoa alguma da fortaleza. E começando a correr com sua obrigação, a primeira cousa que fez, foi mandar abrir seis ruas por debaixo do chão, que hiam todas diffirir na cava de fronte do nosso postigo, por onde lhe furtáram o entulho, que quasi hiam fechar sobre a ponte, que os nossos fizeram por baixo, donde furtavam o entulho, e sobre ella lançáram pedras de tamanha grandeza, e pezo, que fizeram render as traves, e deram com toda a ponte em baixo, tratando mal alguns dos servidores.

Vendo D. João Mascarenhas este máo successo, mandou tapar o postigo, porque lhe

lhe não acontecesse por elle algum desastre, ficando os Mouros desapressados pera irem continuando com a obra do entulho, como fizeram por seis partes, que cresceo tanto, que cubria já o postigo. O Capitão andava muito pensativo, porque via que os inimigos acabáram todas as obras que queriam, sem lhas elle poder defender, e que lhe hia já faltando gente, por ser alguma morta, e outros doentes, e feridos; mas não pera que com tudo isto perdesse hum ponto de seu grande animo; porém via que lhe tardava o soccorro de Goa, e que hiam faltando mantimentos, que era mór guerra que a que lhe faziam os inimigos: pelo que mandou recolher todos os que havia pelas casas pera se despenderem por regra, desejando de certificar ao Governador o perigo em que estava; mas via o inverno tão encarniçado, e cruel, que havia que nenhum homem se quereria arriscar.

Entendida esta vontade pelo Vigario da fortaleza, (que era hum Sacerdote honrado, e bom homem, que naquelle cerco tinha mostrado muita caridade com todos; e por ser este, communicava o Capitão com elle só seus móres segredos, como foi este,) se lhe foi offerecer pera ir a Chaul levar as cartas pera se enviarem ao Governador, e ainda ir a Goa, se fosse necessario.

O Capitão eſtimou aquillo muito, e mandou logo negociar hum catur ligeiro, em que ſe embarcou, com cartas por tres, ou quatro vias pera o Governador, levando por regimento que não fizeſſe mais que tocar Baçaim, e Chaul, e déſſe as cartas que levava pera aquelles Capitães, em que lhes pedia o ſoccorreſſem com muita preſteza, porque ficava em trabalhos, e que deſpediſſem logo as cartas pera o Governador por differentes patamares, que são caminheiros de pé. O Vigario deo á véla, e foi ſeguindo ſua derrota, onde o deixaremos até tornar a elle.

Os Mouros foram continuando com o entulho até de todo igualarem a cava. E pela parte em que eſtava Gil Coutinho, que ſe não podia entulhar, atraveſsáram grandes maſtros com taboas pregadas pera paſſarem por cima a picar o muro, o que tambem ſe lhe não pode defender, porque tudo faziam por baixo de repairos, e ruas. D. João Maſcarenhas acudio áquella parte; e vendo a ponte lançada, mandou logo com muita preſſa fazer huma groſſa cadeia de ferro tão comprida, que pudeſſe chegar do baluarte abaixo, em que mandou amarrar grandes ſaccas de gunes cheias de polvora, ſalitre, enxofre, e outros materiaes com fogo artificioſo por dentro, e as mandou lan-

çar

çar de ſima ſobre as pontes, ficando as cadeias prezas ás argolas das peças groſſas; e ſendo em baixo, tomáram o fogo com tamanha braveza, que pegou nos maſtros de feição, que em pouco eſpaço os desfez em cinza, e em carvão, queimando, e abrazando a muitos dos que por baixo andavam. Rumecan acudio logo áquella parte, e mandou trazer outros maſtros, e taboas, de que ordenou outras pontes, que ſe lançáram no meſmo lugar, ſobre o que ſe ateou hum grande jogo de bombardadas, e eſpingardadas, de que os inimigos recebêram mui grande damno, matando-lhes, e derribando-lhes muitos dos que andavam em o trabalho, cujos lugares ſe tornavam a encher logo de outros de refreſco; e tantos ſe arriſcáram, e trabalháram, que a pezar dos noſſos cubríram as pontes de terra, e rama por cauſa do fogo, ordenando-lhes paredes pelas ilhargas, e outras pelo meio, que ſe cubríram por ſima de outras vigas, ſobre que ſe armou hum forte terrado pera os debaixo ficarem ſeguros, o que tudo ſe fez á cuſta das vidas de muitos.

Feita eſta obra, começáram a picar o baluarte S. João, no que gaſtáram alguns dias, havendo da noſſa parte toda a reſiſtencia poſſivel; mas em fim elles fizeram hum portilhão, por onde cabiam dez homens

juntos; mas D. João Mascarenhas mandou fazer por dentro hum repairo muito forte, com que ficou seguro, sem os Mouros darem fé delle. Rumecan como vio aquelle lugar aberto, determinou de entrar por elle; e pera o fazer mais a seu salvo, mandou dar hum assalto geral á fortaleza por todas as partes pera por ellas se repartirem os nossos poucos, e lhes ficar aquelle lugar com menos risco; mas acháram tal resistencia, que com perda de muitos dos Mouros os fizeram affastar, fazendo todos os Fidalgos, Capitães, e cavalleiros Portuguezes este dia obras mui dignas de muito maior escritura, que não especificamos por não gastarmos o tempo em louvor de homens, cujos feitos contados singelamente, e sem ornamento de palavras, (de que aquelles famosos escritores Gregos, e Romanos usavam no contar dos feitos dos seus,) podem escurecer a todos. O Capitão em tudo mereceo sempre mais que todos, porque cada hum pelejava, e tinha cuidado do seu lugar, e elle dos de todos, provendo, mandando, e governando com muito animo, e prudencia, sem tomar huma hora de descanço, e em todas as cousas tão alegre, e contente, que dobrava o esforço, e animo aos seus em o verem.

CA-

## CAPITULO IV.

*Do recado que Rumecan mandou ao Capitão por Simão Feio: e do grande, e aspero combate que os inimigos deram á fortaleza: e de como entráram o baluarte S. Thomé.*

PAssado o combate, tanto que anoiteceo, ouvíram os do baluarte Sant-Iago chamar de fóra pelos da vigia, dizendo: » Que lhe chamassem o Capitão, que lhe » queriam dizer certas cousas que importa- » vam, declarando-se que era Simão Feio » o que lhe queria fallar. » Este recado se deo logo ao Capitão, que assomou ao baluarte, e mandou perguntar a Simão Feio que era o que lhe queria? que lhe disse: » Doo-me tanto de todos, e vejo tudo tão » arriscado, que pedi licença pera vos vir » fallar. Bem vedes esses muros todos der- » ribados, as cavas entupidas, e vós fal- » tos de tudo, cansados das vigias, e tra- » balhos, perdidos muitos companheiros » na guerra, o soccorro longe, e tão im- » pedido com o inverno, o poder d'El- » Rey de Cambaya grande, e que cada » dia póde vir mais. Rumecan Capitão ge- » ral desejoso de vos não perderdes todos » pela grande amizade que seu pai teve

» sem-

» ſempre com os Portuguezes, folgará de
» haver algum bom meio juſto, e honeſto
» pera ſe eſcuſar tanto damno. Por iſſo ſou
» de parecer que devieis de vos entregar a
» elle, porque eſtá apoſtado a uſar com to-
» dos de muita brandura, e liberalidade;
» e ſendo de outra maneira, e inſiſtindo
» em voſſa contumacia, cerrareis as portas
» a toda a miſericordia, e ſereis graviſſi-
» mamente caſtigados, por iſſo dos males
» eſcolhei o menor, porque he conſelho de
» prudentes. »

O Capitão entendendo que lhe faziam dizer aquellas couſas por força, mandou-lhe dizer: Que bem entendia que aquellas
» palavras, e conſelhos não eram ſeus; por-
» que bem ſabia elle que os Portuguezes
» não coſtumavam a entregar huma parede
» velha, que primeiro não morreſſem to-
» dos cem mil mortes ſobre ſua defensão;
» que aquella fortaleza eſtava ainda pera ſe
» defender a todo o poder do Turco, quan-
» to mais a hum tão pequeno, e tão fraco,
» como era o d'ElRey de Cambaya; e que
» eſperava em Deos de muito cedo os ir
» buſcar a ſuas eſtancias, e quebrar-lhes
» ſua ſoberba; e que bem ſe ſabia pelo
» mundo que os Portuguezes não ſe ven-
» ciam nem de trabalhos, nem de medos,
» nem da meſma morte: que ſe foſſe, e

» não

» não tornasse alli mais com aquelles alvi-
» tres, porque o mandaria fustigar rijamen-
» te com aquella artilheria. » Simão Feio,
que estava amarrado por muitos que o ti-
nham, calou-se, e os Mouros sem dizerem
cousa alguma se recolhêram, e o levâram
a Rumecan, a quem contáram tudo o que
passára, de que elle ficou accezo em ira, e
furor, e já desejava a manhã pera dar hum
assalto á fortaleza, em que esperava de ar-
rematar aquelle negocio. Nos nossos havia
bem differente pensamento, porque se re-
formáram o melhor que puderam, e se pre-
paráram pera os esperar, e desenganar,
porque bem entendiam que o Rumecan os
havia de commetter com toda sua potencia.

Ao outro dia em amanhecendo appa-
receo derredor da fortaleza todo o exercito
dos Mouros com todas suas insignias, e
bandeiras desenroladas, tocando muitos in-
strumentos, dando todos tão grandes, e es-
pantosos gritos, e bramidos, que pudera
aquelle barbaro apparato pôr, e causar medo
a muitos mil milhares de cavalleiros sãos,
e folgados; o que não fez a tão poucos
homens, (que não passavam de duzentos,)
tão quebrantados, maltratados, cansados,
e tão moidos de nunca despirem as armas,
nem dormirem huma hora inteira; antes
crescendo-lhes a todos novo furor, pare-
cen-

cendo-lhes pouco o que viam, se puzeram em seus lugares esperando os inimigos, que vinham arremettendo com o baluarte São João com tantos estrondos, que parecia que o mundo se fundia. Luiz de Sousa Capitão do baluarte, e D. Fernando de Castro, que com elle estava, acompanhados de Bastião de Sá, Diogo de Reinoso, Pero Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Antonio da Cunha, e de todos os mais Capitães, que com elle tinham vindo de soccorro, se lhes apresentáram com grande valor, e confiança, fazendo todos taes cousas, que não ha palavras, com que se possão engrandecer como merecem.

O poder dos inimigos vinha repartido em duas partes. Rumecan com todos os Turcos, e Estrangeiros, e com toda a gente de seu pai commetteo o baluarte S. Thomé, Juzarcão com todo o mais poder o de S. João. Rumecan lançou diante quinhentos Turcos com escadas pera encostarem ao baluarte, como fizeram, commettendo a subida com grande determinação, sendo favorecidos dos mais com muita espingardaria. Os que subíram chegáram a pôr as mãos em sima nos muros; mas tornáram a virar por detrás feitos pedaços, levando outros apôs si. As bombardadas soavam em todas as partes, porque em todas se batia.

Do

Do baluarte do mar fizeram grande estrago nos inimigos, porque os tomavam em descuberto, e empregavam bem nelles sua munição. Rumecan apertou com o baluarte, que tinha á sua conta, favorecendo outros que de novo subiam a elle, com tantas espingardadas, e fréchadas, dardos, e pedras, que parecia chover tudo isto dos ares sobre os nossos, que desestimando tudo, nunca largáram os lugares, offendendo tambem aos inimigos com todo o genero de instrumentos de morte que achavam, deitando sobre elles grandes cantos, muito fogo, infinitos dardos; o que tudo se empregava tão bem, que era grande destruição, por cahir sobre aquelle cardume, que estava ao pé do baluarte amontoado, fazendo nelles tal estrago, que puderam internecer outros peitos, que não foram tão barbaros, e crueis, como os dos seus Capitães, que lhes não dava cousa alguma de verem tantos dos seus espedaçados, abrazados, e com as entranhas abertas.

D. João Mascarenhas exercitou aqui bem o officio de prudente, e esforçado Capitão, vendo, notando, provendo em tudo, pelejando, animando, e esforçando aos seus com palavras de muita confiança, e honra. O exercito das matronas fez aqui tambem seu officio, acudindo aos baluar-

tes,

tes, em que pelejavam, carregadas de lanças, dardos, panellas de polvora, pedras, e de outras muitas cousas desta qualidade pera empecerem aos inimigos, que repartiam pelos que pelejavam. E algumas dellas se mettiam antre aquelles valorosos soldados, e cavalleiros, que estavam accezos em furor, chamando-lhes: Filhos, caval-» leiros de Christo, pelejai por vossa fé, » que Deos tendes, que vos ha de favore-» cer » ajudando tambem a lançar sobre os inimigos os instrumentos de sua perdição. E a boa velha Isabel Fernandes, que teve aquelle honrado sobrenome da velha de Dio, que já pera aquelle tempo trazia muitos bolos de assucar, e bocados doces, corria os baluartes, e aos que via mais cansados, e fracos, lhes mettia nas bocas alguma daquellas cousas, dizendo-lhes: Esfor-» çai, filhos: pelejai, cavalleiros, que a » Virgem nossa Senhora está comvosco. »

Juzarcan, que foi commetter os baluartes S. Thomé, e S. João, achou tão grande resistencia em D. João de Almeida, e em Gil Coutinho seus Capitães, que recebeo de suas mãos outro tão grande estrago, como o de Rumecan. Em todas as partes crescia a crueza, e furor cada vez mais, sendo já tantos os mortos, que estorvavam os vivos, principalmente nos baluartes, que al-

alli onde cahiam, ficavam. Sómente os feridos eram logo recolhidos a curar por aquellas matronas, e levados a caſa de Iſabel Madeira, onde ſeu marido Meſtre João ſempre eſtava, pelo não deixar o Capitão entrar nos lugares da peleja pela neceſſidade que delle havia: e aſſim curava a todos com muito amor, e caridade, fazendo-lhes ſua mulher os fios, e batendo-lhes os ovos, alimpando-lhes as feridas por ſua mão, agazalhando-os em ſua propria caſa, fazendo-lhes de comer, e dando-lhes ſeus mimos, como ſe todos foram ſeus filhos. O meſmo fizeram as outras donas, repartindo antre ſi eſtas obras de caridade, que todas exercitavam com muito goſto, e diligencia: e póde bem ſer, que ſe ellas não foram, que morrêra a mór parte dos ſoldados á mingua.

Nos baluartes (principalmente no de S. Thomé, que eſtava mais damnificado) creſcia a crueza muito, porque os inimigos no lugar de dez, que lhe matavam, ſe punham logo vinte; mas nós nos baluartes não, porque o que cahia, alli ficava, ſem haver outro que ſe puzeſſe em ſeu lugar: e certo que parecia, que ainda aquelles corpos aſſim eſpedaçados ſe queriam alevantar pera tomarem vingança de ſeu damno. Os vivos trabalhavam tudo o que podiam por ſe não ſentir o defeito, e falta dos que ca-

hi-

hiam feridos, ou mortos, enchendo hum fó o lugar que foi de tres, e de quatro, pelejando com tanto furor, e esforço, que parecia que as forças dos mortos fe uniam, e ajuntavam ás dos vivos. Baftião de Sá defejando de alcançar hum nome eterno, e de illuftrar com façanhas aquelle feu antigo appellido, fez obras dignas de grandes louvores, matando, e ferindo nos inimigos com muito animo, e valor, até que o derribáram de huma cruel fréchada, que o tomou por fima do giolho por antre os miudos, de que fe mais não pode fuftentar na perna, e affim foi recolhido com mágoa de todos, por perderem hum tão grande defenfor daquella fortaleza, e companheiro em feus trabalhos. Ifabel Madeira o levou pera fua cafa, e o agazalhou, e feu marido o curou com muito refguardo.

Pois dos foldados, que fe aqui acháram, a que o defcuido fepultou os nomes em efquecimento, por certo que bem fe puderam fazer delles muitos, e mui grandes capitulos, pelas grandes coufas que obráram, tanto fobre tudo o que fe póde crer. E pofto que a miferia Portugueza, de que ha tão pouco nos queixámos, vós deixaffe efcurecidos, e apagados; vós, ó valorofos foldados, que nefte cerco fubiftes o nome Portuguez até as eftrellas, e pela for-

ta-

taleza de voſſos braços lhes fizeſtes ganhar hum nome eterno, não vos poderáõ tirar aos que aqui morreſtes, defendendo a honra de voſſo Deos, e do voſſo Rey, outra gloria maior, e mais ſegura, de que eſtareis todos gozando, e onde voſſos nomes ſerão tão patentes, e conhecidos, antre os Cortezãos do Ceo, e voſſos feitos illuſtrados com outros titulos tanto maiores, que todos os que a terra vos podia dar, (que são os de martyres de Chriſto,) que não tenhais inveja a couſa alguma. E todos os mais que daqui eſcapaſtes, e que a fortuna vos guardou pera mais comprida vida, a todo o tempo havia Deos de permittir, que foſſeis gozar do galardão de voſſas obras. Porque ſe os Gentios haviam, (como diz Marco Tullio no ſexto de ſua Republica,) que todo o que ajudaſſe a conſervar a Patria, tinha hum certo, e determinado lugar no Ceo: quanto com mais razão podemos os Catholicos eſperar, que todo o que não ſó ajudou a ſuſtentar a Patria, mas ainda a defender, e dilatar a Fé de Chriſto, lhe haja elle em nenhum tempo de negar o galardão de ſeus merecimentos. E poſto que o mundo os negaſſe a eſtes, que mór premio, e gloria podiam elles alcançar, que verem que ſuas obras foram famoſas, e grandes.

E tornando ao fio da noſſa hiſtoria. Os inimigos como eram muitos, e recreſciam cada vez mais, ſubíram o baluarte S. Thomé a pezar dos golpes dos noſſos, que nenhum davam em vão; mas aſſim os empregavam, que tinham ao pé do muro hum grande número, e monte de mortos, e vivos miſturados: huns ſem pernas, outros ſem braços, outros com as entranhas paſſadas, com tamanhos, e tão vivos gemidos das afflicções, e anſias da morte, que cauſavam medo, e pavor. Vendo os noſſos os inimigos em ſima do baluarte, animando-ſe huns aos outros, com corações de leões bravos remettêram com elles determinados a morrerem, ou aos deitarem fóra; e de tal maneira, e com tanto esforço pelejáram, que os meſmos Mouros ficáram paſmados, e com mortes de muitos os foram arrancando do baluarte. Ao que alguns ſoldados valoroſos bradáram por Sant-Iago, mettendo-ſe de envolta com os inimigos, como leões esfaimados, e que os queriam comer aos bocados; e de feição apertáram com elles, que os fizeram lançar do baluarte abaixo, onde muitos ſe fizeram em pedaços; e ainda fora o damno maior, ſe os mais delles não cahíram ſobre aquella grande multidão de mortos, que ao pé delle, e ſobre elles lançáram logo grandes alcan-

zias de polvora, acabando alli banhados em ſangue, e abrazados em fogo. Eſte foi o dia, em que todos os que ſe acháram neſte baluarte, puderam com muita razão dizer aquillo, que diſſe Ceſar daquella grande batalha, que em Heſpanha teve com os filhos de Pompeo, que todas as vezes que pelejára, o fizera pelo intereſſe da vitoria; mas que aquella pelejára pela vida. Aſſim que neſta batalha ſe víram os noſſos em eſtado, que pelejáram ſó por ſua defensão, e não pela da fortaleza. Rumecan vendo tão grande eſtrago, tocou a recolher, levando dos ſeus menos quinhentos, e affaſtado mandou dar fogo aos bazaliſcos, e ſalvagens, que eſtavam apontados naquelle baluarte, em que os pelouros com grandes terremotos foram fazendo muitas ruinas, poſto que havia já pouco que derribar nelle, por eſtar quaſi arrazado até o entulho. Tão eſcaldados ficáram os Mouros deſte ſucceſſo, que nunca mais ouſáram commetter os baluartes deſcubertamente; mas quaſi todos os dias faziam remettiduras com todo o exercito, tornando-ſe logo a recolher, como viam os noſſos poſtos em defensão: e tendo a artilheria preſtes, a deſparavam junta pera os tomarem em deſcuberto; mas de todas eſtas vezes livrou Deos aos noſſos, porque de todas ellas nenhum perigou. E

algumas noites commettêram as eſtancias com grandes eſtrondos, ſó a fim de inquietarem os noſſos. Neſte tempo eram já ſeſſenta Portuguezes mortos, ſem acharmos antre elles algum de nome, poſto que todos o merecêram mui honrado; pois he certo que os que recebêram maior damno, eſſes ſe offerecêram aos maiores perigos, e á meſma morte.

## CAPITULO V.

*De outro muito grande, e aſpero combate, que Rumecan deo á fortaleza com todo o poder: e das couſas, que nelle ſuccedêram.*

VEndo Rumecan quão mal lhe ſuccediam as couſas daquelle cerco, pareceo-lhe que Mafamede eſtava irado contra elle, porque pelo grande poder que tinha, e pouco dos Portuguezes, e defenderem-ſe delle em huma fortaleza arrazada até o chão, houve que ſeriam peccados commettidos contra o ſeu Profeta. E querendo-o aplacar, ordenou de noite grandes prociſsões, ſahindo da Cidade em romaria ás meſquitas da Ilha, com todo o exercito poſto em ordem, com grandes, e formoſas luminarias, e com muitos clamores, e vozes, pedindo ſoccorro a Mafamede. E entrando nas meſquitas,

fi-

fizeram grandes orações, e superſtições, ſahindo pera fóra, e entrando pera dentro, andando á roda muitas vezes, e iſto com tamanhos gritos, e prantos, como quando no tempo de huma geral, e contagioſa enfermidade os Chriſtãos em ſuas procisſões, cantando ſuas Ladainhas por toda a Cidade, a certos paſſos ſe levanta aquella geral, e piedoſa voz de todos, bradando pela miſericordia de Deos, com muitas lagrimas, e gemidos.

Foi tudo iſto viſto do baluarte do mar, que deſcubria o campo todo; e parecendo a Fernão Carvalho aquillo novidade, metteo-ſe em hum pequeno batel, e foi á fortaleza dar conta ao Capitão do que víra. Bem pareceo a D. João Maſcarenhas que aquillo era alguma ſuperſtição pera ao outro dia lhe darem geral aſſalto; e deſpedindo Fernão Carvalho, lhe encommendou que de lá o favoreceſſe com a artilheria, e logo foi correr toda a fortaleza, animando, e esforçando a todos, pedindo-lhes que eſtiveſſem apercebidos, porque ao outro dia haviam de ſer commettidos com todo o poder, mandando com muita preſteza encher em todos os baluartes muitas tinas de agua pera o repairo do fogo, e prover as eſtancias de muitas lanças, alabardas, panellas de polvora, pelouros, pedras, e em fim

de toda a mais cousa, com que se pudesse offender aos inimigos, negociando, e dando ordem a tudo o mais que lhe pareceo necessario, com muita prudencia, e conselho. Era este dia vespera do Apostolo Sant-Iago, Padroeiro das Hespanhas; e em rompendo o quarto d'alva, appareceo toda a fortaleza cercada á roda de todo o poder dos inimigos póstos em armas com muitas bandeiras desenroladas, e em meio de todas huma muito grande, em que estava pintada a figura de Mafamede, tão feia, e medonha, como foram suas obras, que tiravam este dia por grande reliquia, havendo que nelle se arremataria a vitoria, que elles tinham por muito certa. Vinham tocando os instrumentos de guerra, com som, e estrondo tão confuso, e triste, que parecia huma denunciação do final juizo, porque com isso as vozarias, gritos, e alaridos daquelles barbaros, representavam os tristes condemnados ás penas eternas em suas lamentações, e blasfemias. Com esta representação (que por ainda ser escuro fazia tudo mais medonho) remettêram com os baluartes S. João, e S. Thomé, e com a guarita de Antonio Paçanha, que estava antre ambos, repartindo-se o poder em tres esquadrões pera estes lugares, em que logo arvoráram muitas escadas, por onde os mais ou-

oufados começáram a fubir com grande determinação; e chegando affima, foram recebidos nas mãos dos noffos, que já eftavam preftes, onde pagáram feu atrevimento, tornando os primeiros a virar fobre os de detrás de pernas affima efpedaçados, levando muitos apôs fi. Mas como a multidão delles era grande, não fe deixava fentir aquella perda: foram logo tantos outros que fubíram, que entulháram os lugares, pondo-fe muitos fobre o baluarte de barba a barba com os noffos. Aqui foi o retinir das armas, os gritos, e eftrondos de huns, e outros, os inftrumentos, que fe não deixavam de tocar, a artilheria, que fazia feu terremoto, de forte que tudo fazia tão grande confusão, que parecia que toda a máquina do mundo fe fovertia. Efte foi o dia, em que os Portuguezes moftráram todo o preço, e valor de fuas peffoas. Luiz de Soufa, D. Fernando de Caftro com os Capitães, e Fidalgos de fua companhia, póftos diante de todos aos trabalhos, não pelejavam como homens tão quebrantados, e canfados de tantos dias, fenão como fe áquella hora chegáram de foccorro muito folgados. Os tres irmãos D. João, D. Francifco, e D. Pedro de Almeida fizeram tão grandes coufas, que fe não podem particularizar. Antonio Paçanha com feus companhei-

nheiros no cubello tiveram mui grande trabalho, porque foram mui rijamente commettidos do poder de Juzarcão. Em fim todos em todas as partes fizeram taes façanhas, que paſmavam os inimigos, porque não ſó pelejavam com ambos os braços, mas ainda com os pés, com que deitavam grandes galgas ſobre os que eſtavam aos pés dos baluartes, e com as bocas ainda o faziam mais, porque ora affrontavam os inimigos, ora conſolavam, e animavam aos amigos, e companheiros, com que lhes davam forças a huns, e quebrantavam aos outros; e taes andavam todos, que ſe deſejavam lançar em baixo ſobre os inimigos, que muitas vezes arrancáram dos baluartes, fazendo-os virar pera trás feitos em pedaços. A furia creſcia em todas as partes cada vez mais; o damno era maior aſſim em huns, como em outros; os gritos rompiam os ares, tudo era confusão, e eſpanto. O Capitão D. João Maſcarenhas com ſeu animo nunca rendido a trabalhos, nem a medos, com ſua prudencia, e conſelho governava tudo, correndo de hum lugar a outro, mandando trazer as couſas que ſe pediam; no que tinha dado tal ordem, que em bradando por panellas de polvora, já alli havia quem lhas metteſſe nas mãos, por lanças, por dardos, e em fim por tudo o

mais, que era tudo trazido ás coſtas, e cabeças daquellas honradas, e animoſas matronas.

A velha Iſabel Fernandes corria os baluartes com ſeus bolos, e bocados doces, esforçando a todos, acudindo aos fracos com aquella refeição, mettendo-lha nas bocas por não deſoccuparem as mãos, que eſtavam offendendo aos inimigos, alevantando a voz a toda a parte a que chegava, pera que todos a ouviſſem, pera ſe della quizeſſem alguma couſa, a dar, dizendo: » Ah filhos, cavalleiros de Chriſto, pelejai, que elle he comvoſco: vede o de » que tendes neceſſidade, que logo ſe vos » dará. » E aſſim todas as vezes que entrava nos baluartes, que a ouviam, aſſim ſe animavam todos tanto, que pelejavam com alegria, e ſem receio. As outras companheiras eſtavam repartidas pelos baluartes da briga, e em cahindo hum morto, logo o affaſtavam por não ſer eſtorvo aos vivos, e os feridos eram logo levados por ellas a caſa de Iſabel Madeira pera ſerem curados.

Rumecan poſto que vio o eſtrago, que era feito nos ſeus, não deſiſtia do negocio, porque determinava de ou tomar daquella vez a fortaleza, ou perder-ſe de todo; e aſſim fazia chegar os Capitães ao aſſalto, o que os mais delles faziam com vergonha,

por

por verem quão mal recebidos eram dos noſſos em ſima. Aqui ſe dobrou a crueza, porque ſe metteo todo o reſto no commettimento dos baluartes, tornando os Turcos do terço de Rumecan a cavalgar o baluarte S. Thomé á cuſta de tantas mortes, que era eſpanto; porque os noſſos vendo que ſó em Deos, e nos ſeus braços eſtava o remedio de ſua ſalvação, com o coração no Ceo pedindo favor, e ajuda, e com os braços á defensão, pelejavam todos tão valoroſamente, que com fazerem tanto, não havia quem não tiveſſe inveja do companheiro, que a par de ſi tinha, das grandes proezas, que lhe via obrar.

Deſta vez eſteve a couſa tão arriſcada, que começou a correr huma voz pela fortaleza, que já os Mouros eſtavam ſenhores do baluarte S. Thomé. E chegando aos ſoldados, que vigiavam as caſas da banda do mar, largando tudo, acudíram a elle, entrando de refreſco com aquelle furor, e ira, que a nova que ouvíram accendeo nelles, e taes couſas fizeram, que tornáram, os que pelejavam no baluarte, a ficar com mais folego, porque os inimigos vendo o ſoccorro, paráram alguns, e outros ſe lançáram dos muros abaixo. Do baluarte do mar não ceſſava a artilheria, que em roda viva não fazia ſenão carregar, e deſcarregar nos ini-

mi-

migos, que eram tantos, e eſtavam tão apinhoados, que nenhum tiro ſe errava, e aſſim fizeram nelles, em quanto durou o aſſalto, muito grande eſtrago.

## CAPITULO VI.

*De como os Mouros entráram pela banda da rocha: e de hum valoroſo feito, que huma mulher fez: e de como acudio o Capitão, e os lançou fóra: e de como matáram Juzarcão.*

EStando o aſſalto neſte eſtado, Juzarcan, que andava pela outra parte da banda do mar mandando pelejar os ſeus, foi rodeando pela banda da rocha por ver ſe havia por alli lugar, por onde pudeſſe entrar na fortaleza, e lá junto do baluarte Sant-Iago ſentio tudo calado, e quieto, e pareceo-lhe que eſtava ſem guarda, como de feito aſſim era; porque os ſoldados, que alli eſtavam por aquellas caſas, tinham ido ſoccorrer o baluarte, como já diſſemos. E chamando hum Sangiaco de cem Turcos, lhe encommendou que ſubiſſe por humas caſas, que eſtavam encoſtadas á Igreja de Sant-Iago, que tinham huma varanda baixa, em que logo arvoráram algumas eſcadas, por que ſubíram alguns Turcos em muito ſilencio. Chegando á varanda, entrá-

ram

ram dentro, e hum delles mais atrevido foi passando, e abrio huma porta, que hia pera huma camara, em que estava huma mulher casada, Turca de nação, que ao estrondo se alevantou, e dando com o Turco, ficou toda traspassada de medo. O Turco vendo-a assim, tomou-a por hum braço, e lhe disse: » Que não houvesse medo, que » elle a segurava, que soubesse que a for» taleza era tomada, que lhe désse algum » dinheiro, que elle a salvaria, e tomaria » á sua conta. »

A pobre mulher dando-lhe Deos forças, e alento, lhe disse, que esperasse, que hia dentro buscar-lho, e sahindo-se pera fóra, abrio a porta da rua manso, e entrou em casa de outra vizinha, e lhe disse, que os Turcos ficavam em sua casa: ao que a outra começou a bradar alto, chamando por nossa Senhora, que lhe valesse, a cujos gritos acudio outra mulher tambem vizinha, a que não achámos nome; e sabendo que eram os Turcos entrados na casa da outra, remetteo a huma chuça, e como leoa raivosa sahio pela porta fóra, e foi demandar a casa em que estavam, e chegando á porta, vio que hum Turco lançava a cabeça fóra pera ver o que hia na rua. A valorosa mulher com hum animo varonil remetteo a elle, dizendo: *Ah perro, que ás minhas*

*mãos*

*mãos has de morrer*: e com grande valor, e esforço se poz ás chuçadas com o Turco, que fechou a porta, ficando ella de fóra pera os não deixar sahir.

As outras vizinhas foram gritando pelas ruas, e encontrando com o Capitão, lhe disseram, que acudisse á fortaleza, que era entrada pela banda da rocha. O Capitão sem se torvar lhes disse: » Que se calassem, » que tal não era; e logo despedio hum » dos tres homens, que com elle hiam, pe- » ra que fosse buscar alguns soldados a al- » guns lugares, que estivessem menos apres- » sados; e ao outro mandou que fosse pe- » las ruas, e todos os que achasse encami- » nhasse pera aquella parte, avisando-os » que lhes não dissessem o pera que » porque se aquillo chegasse ás orelhas dos que pelejavam nos baluartes, desamparallos-hiam, e perder-se-hia tudo. O Capitão com hum só pagem que lhe ficou, que sempre o acompanhava com o guião de Christo, foi pera a parte pera onde as mulheres o encaminháram, e pelo caminho se lhe ajuntáram dous soldados, hum chamado André Baião, mui bom cavalleiro, e ao outro não soubemos o nome, e chegando á porta, onde os Turcos estavam, achou aquella valorosa mulher, (qual outra Poncella de França,) que sem medo algum tinha os

Tur-

Turcos encurralados na caſa, tendo-lhe tomada a porta, que defendia com tamanha ira, e furor, que fez paſmar a todos.

O Capitão vendo aquelle eſpectaculo, ficou alegre, e confiado, vendo como até a natureza tinha em ſeu favor, pois aſſim mudava hum coração tão ſujeito a medo, e a temor, em outro tão determinado, que ſem moſtras de receio eſtava offerecida a morrer pela defensão de ſua fortaleza. O Capitão chegando a ella, com palavras de muito louvor lhe perguntou o que era? ao que lhe reſpondeo, que Turcos dentro naquella caſa. O Capitão parou bradando por huma panella de polvora: áquella hora ſahia de dentro de huma daquellas caſas hum Abexim, que ficou diante de D. João Maſcarenhas paſmado; o Capitão vendo-o aſſim, o tomou por hum braço, e o arremeçou por diante delle, dizendo-lhe que foſſe trazer huma panella de polvora, e ao paſſar por diante delle, lhe deram huma eſpingardada de ſima de hum eirado da Igreja, onde já eſtavam alguns Turcos, do que o Abexim cahio morto aos pés do Capitão, que quiz Deos pollo por ſeu amparo, porque ſe não executaſſe nelle a cruel eſpingardada, porque fora total perdição daquella fortaleza.

A'quelle tempo chegou hum ſoldado com

com huma panella de polvora, e tomando-lha o Capitão, remetteo com a casa onde os Turcos estavam, e dando-lhe hum grande couce, deo com as portas dentro, e lançou a panella, quebrando-se em meio dos Turcos, (que eram mais de trinta os que estavam dentro,) e accendendo-se a polvora da panella, e dando por elles, os abrazou. O Capitão após a panella, entrou a casa cuberto de huma rodela de aço, e huma formosa espada na mão, e com elle os tres, ou quatro soldados, que com elle estavam, e dando em os Turcos, a poder de golpes os leváram até á varanda, fazendo-os lançar com a pressa della abaixo sobre a rocha, onde se fizeram em pedaços.

Feito isto, sahio-se o Capitão pera fóra, e vio que estavam sobre o eirado da Igreja hum cardume de Turcos com dous guiões desenrolados, e vinham já descendo pera o muro, pera dalli (que era baixo) saltarem dentro na fortaleza. A este tempo vinham já chegando alguns soldados, e debaixo se puzeram ás espingardadas com os Turcos, que de sima tambem faziam o mesmo. O Capitão bradou por huma escada, que logo lhe trouxe huma mulher, e encostando-a ao eirado, começáram alguns dos nossos a subir, e outros debaixo aos favorecer com a arcabuzaria; mas era tão peque-

quena a efcada, que não cabia por ella mais que hum e hum, e o primeiro que affima chegou, tornou a virar fobre os debaixo com algumas lançadas.

Nefte tempo acudiam já foldados áquella parte, e vendo os Turcos fobre o muro, que era baixo, puzeram-fe ás efpingardadas a elles, derribando alguns. Pela banda da rocha vinham fubindo mais Turcos, porque Juzarcão, que em baixo eftava, os hia favorecendo com mais foccorro, e affim poucos e poucos fubíram tantos, que entulháram aquelle lugar, ateando-fe antre elles, e os noffos huma cruel briga, por fer toda de efpingardadas, a que não havia repairo. O Capitão andava animando os feus, e bradando por efcadas, que lhe trouxeram mais capazes, e arrimando-as ao muro, começáram a fubir os noffos, favorecendo-os o Capitão debaixo, dizendo-lhes: » Ah valorofos, e esforçados cavalleiros, » dia he efte pera deixardes de voffa nação » huma perpétua memoria ao mundo. » Os golpes retiniam, os arremeffos de ambas as partes eram muitos, e os que fubiam tanto trabalháram, que a poder de golpes que recebêram, fe puzeram em fima do muro, onde os primeiros começáram mão por mão huma afpera batalha com os Turcos, fuftentando o pezo delles, em quanto outros

fu-

ſubiam de refreſco. E pondo-ſe em ſima, chamando pelo Apoſtolo Sant-Iago, em cuja caſa eſtavam, arremettêram com os inimigos, e com hum grande impeto, e furor os leváram de arrancada; e vendo-os embaraçados huns com os outros, os apertáram de feição, que os fizeram lançar do muro abaixo ſobre a rocha, onde ſe fizeram em pedaços, não eſcapando hum ſó.

Deſpejado o muro, entrou o Capitão nas caſas por onde ſubíram, e provendo aquelle lugar de guarda, voltou pera os baluartes. Juzarcão vendo o eſtrago dos ſeus, ſe foi recolhendo o melhor que pode, porque vinha já a manhã eſclarecendo, e de todas as partes ſe deſcubriam os inimigos claramente, varejando-os com a artilheria, e com a arcabuzaria, que antre elles fazia bem de damno.

Chegado o Capitão aos baluartes, e vendo o perigo, e crueza da batalha, e as maravilhas que os noſſos faziam, levantou a voz pera os animar, dizendo: » Ah ſe- » nhores Fidalgos, Capitães, e Cavalleiros » de Chriſto, fazei-vos hoje acabar de co- » nhecer a eſtes barbaros, porque não quei- » ram provar mais voſſo ferro: fazei que » eſte dia do bemaventurado Apoſtolo Sant- » Iago ſeja muito ditoſo, e glorioſo á » voſſa nação; aqui me tendes comvoſco

» por

» por companheiro em vossos trabalhos.
» Ah senhores, demos nestes inimigos da
» fé de Christo, e deitemo-los fóra » e querendo passar adiante, o detiveram todos, não lhe consentindo que se puzesse em lugar de perigo. E cobrando todos novo animo, e rebentando de furor, remettêram aos inimigos, e com morte de muitos deram com elles dos muros abaixo.

No mesmo tempo encaminhou Deos nosso Senhor hum pelouro de hum camelo, e tomando a Juzarcão de meio a meio, o desfez em pedaços. Esta nova correo logo pelos seus, que acudíram ao lugar onde estava feito pedaços pera o levarem. Rumecan tanto que o soube, quizera morrer de pezar, e tocando a recolher, o fez pera a Cidade com tamanha melancolia, e tristeza, que não ousava pessoa alguma a lhe fallar. Os nossos ficáram desalivados, e bem cansados. Perdêram-se neste grande assalto sete Portuguezes, ficando perto de trinta feridos. Dos Mouros morrêram mil dos principaes, e foram mil e quinhentos feridos, de que depois acabáram muitos, e perdêram a mór parte das suas bandeiras, e a do seu Mafamede leváram toda rota, e esfarrapada, que foi pera elles huma affronta muito grande.

D. João Mascarenhas vendo-se desapres-

sa-

ſado, e os inimigos recolhidos, deo grandes louvores a Deos noſſo Senhor por tão grande vitoria, mandando enterrar os mortos, e curar os feridos com muito grande cuidado. Ao outro dia deſpedio o Capitão hum navio com cartas pera o Governador D. João de Caſtro, em que lhe dava conta de todos os ſucceſſos, porque logo ſoube da morte de Juzarcão, e dos inimigos, que na batalha morrêram. E porque Baſtião de Sá eſtava muito mal de ſua perna, o fez o Capitão embarcar pera ſe ir curar a Baçaim, onde ao outro dia, que a fuſta partio, chegou arrazada de agua. Deſembarcou Baſtião de Sá; e D. Jeronymo de Menezes, Capitão da fortaleza, o foi buſcar, e o levou pera ſua caſa, onde o mandou curar com todo o cuidado, e reſguardo, e o navio partio logo pera Goa.

## CAPITULO VII.

*De algumas couſas que paſsáram em Goa: e de como o Governador D. João de Caſtro mandou ſeu filho D. Alvaro de Caſtro de ſoccorro a Dio: e dos aſſaltos que os Mouros deram áquella fortaleza, de que ſe recolhêram desbaratados.*

DEpois do Governador deſpedir ſeu filho D. Fernando de Caſtro, ficou eſperando por recado do que lhe ſuccedêra na viagem, mandando encommendar as couſas de Dio a Deos por todos os Religioſos, ſentindo em eſtremo tomallo eſte ſucceſſo em tempo, que não podia ſoccorrer aquella fortaleza em peſſoa; e ſendo entrada do mez de Junho, chegou á barra de Goa velha a náo Eſpirito Santo, de que era Capitão Diogo Rebello, da conſerva do Governador, que elle receava foſſe perdida, que (como diſſemos no Capitulo primeiro do Livro primeiro) foi tomar Melinde, onde eſperou os Ponentes, que lhe entráram em Abril; e dando á véla pera Goa, tendo grandes calmarias, no caminho gaſtou todo aquelle tempo, e com muito trabalho foi ferrar Goa velha, onde o Governador mandou logo embarcações por dentro dos rios a buſcar os doentes, e a

def-

descarregar a náo. E depois do mez de Julho chegáram as cartas de D. João Mascarenhas, que eram as que o Vigario levou, e se mandáram de Baçaim, e Chaul por terra. E sabendo por ellas o grande aperto, em que aquella fortaleza estava, se foi logo pôr na ribeira dos navios, e fez logo lançar ao mar os que estavam melhor negociados, e mandou chamar seu filho Dom Alvaro de Castro, a quem disse, que se fizesse prestes pera ir soccorrer a fortaleza d'ElRey. Estas novas se espalháram logo por Goa, a que acudíram todos os Fidalgos, e Capitães a se offerecerem pera aquelle negocio, sendo o primeiro D. Francisco de Menezes, a que o Governador acceitou os offerecimentos, mandando-lhe que se preparasse pera o outro dia se partir com alguns navios diante, em quanto D. Alvaro de Castro se fazia prestes, o que elle fez com muita diligencia, acudindo-lhe muitos soldados, e alguns Fidalgos mancebos seus parentes, e amigos pera o acompanharem, e em dous dias se poz no mar com sete navios, de cujos Capitães não achámos os nomes. Aos vinte e sete de Julho se fez á véla, e de sua viagem adiante daremos razão.

O Governador ficou negociando o mais soccorro com muita pressa, e tres dias de-

 pois

pois de D. Francisco de Menezes, foi fazer á véla seu filho, que sahio pela barra de Goa a velha, despedindo-o com muitas bençãos, escrevendo por elle a D. João Mascarenhas, e de novo a D. Francisco de Menezes, (sem embargo de lho já ter pedido,) que alli lhe mandava D. Alvaro de Castro seu filho pera não fazer mais que o que elles lhe mandassem, e assim lho deo a elle por regimento. Os Capitães dos navios (que eram dezenove) foram, D. Jorge de Menezes, que depois se chamou Baroche, D. Duarte de Menezes filho do Conde da Feira, Luiz de Mello de Mendoça, e Jorge de Mendoça seu irmão, Dom Antonio de Taíde, Garcia Rodrigues de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pero de Taíde Inferno, D. João de Taíde, Balthazar da Silva, D. Duarte Deça, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavares, e Francisco Guilherme.

Partido D. Alvaro de Castro, ficou o Governador negociando hum caravelão carregado de munições, e mantimentos pera mandar apôs elle; e por ser navio muito pezado, e não poder remar, era muito arriscado naquelle tempo, e por tal não ousava de commetter com elle a algumas pessoas, que elle desejava, porque o não queria

ria entregar ſenão a huma de muita confiança, por ſer couſa muito importante. E praticando iſto com Manoel de Souſa de Sepulveda, elle lhe diſſe: » Que lhe inculcaria hum Fidalgo, que por debaixo do » mar o levaſſe a Dio, e que eſte era An» tonio Moniz Barreto. » Andava eſte Fidalgo aggravado do Governador por couſas leves, e não ſe offereceo pera ir naquelles navios por não querer pedir ao Governador couſa alguma, e andava negociando hum pera ſe partir, e de todas ſuas couſas dava conta a Manoel de Souſa de Sepulveda, de quem era muito amigo. O Governador lhe diſſe: » Que não ſe atrevia a » commetter Antonio Moniz Barreto com » aquelle negocio, que era hum Fidalgo, » que andava ſeparado, e aggravado delle; » que ſe elle o quizeſſe acabar com elle, » que folgaria muito de elle ir no navio, » ainda que não foſſe mais que até o en» tregar a ſeu filho D. Alvaro de Caſtro. » Manoel de Souſa de Sepulveda foi logo buſcar Antonio Moniz Barreto, e lhe deo conta do que tinha paſſado com o Governador, e lhe aconſelhou que logo ſe foſſe embarcar naquelle navio, porque era o maior ſerviço, que podia fazer a ElRey. Antonio Moniz Barreto vendo aquillo, diſſe que o faria. E tomando alguns amigos,

que

que tinha grangeados pera irem com elle, se foi logo embarcar sem se ver com o Governador, porque estava já o navio em Goa velha, e o Governador sabendo delle, o mandou logo fazer á véla pelo Veador da Fazenda, e foi seguindo sua jornada com tempo mui forte: e delle, e de D. Alvaro de Castro a seu tempo daremos razão, por guardarmos a ordem da historia, e tornarmos ás cousas de Dio.

Andava Rumecan mui envergonhado, e muito mais o estava ElRey, (que todos os dias era avisado do que se passava,) de ver huma fortaleza toda arrazada, e posta por terra, e com tão pouca, e cansada gente, não só se defender a tamanho exercito, mas ainda alcançarem os de dentro tão grandes vitorias, e terem-lhe mortos dous tão grandes Capitães, e mais de dous mil homens. E tendo recado deste derradeiro successo, mandou reprender a Rumecan, e a todos os mais Capitães da fraqueza, e covardia, que nelles havia; do que elles tomados, e affrontados, determináram de metter todo o resto do poder, e ou tomarem a fortaleza daquella feita, ou morrerem todos em sima de seus baluartes, e assim se lhes cumpríram seus desejos. E pera lhes ficar mais facil a entrada da fortaleza, mandou Rumecan fabricar defronte do baluar-

te

te Sant-Iago hum muito grande beſtião, e tão alto, que igualava com elle, pera ſe irem chegando, e pera ficarem cavalleiros ao baluarte pera o fazerem deſpejar. D. João Maſcarenhas vendo obra tão prejudicial, determinou de a mandar desfazer, e o encarregou a D. João, e a D. Pedro de Almeida ſeu irmão, dando-lhes pera iſſo cem eſcolhidos ſoldados.

E aos quatro dias de Agoſto, ao quarto da modorra ſahíram por huma bombardeira em muito ſilencio, e com huma grande, e reſoluta determinação foram commetter o beſtião, e dando de ſubito nos Mouros, que nelle eſtavam bem deſcuidados daquelle ſobreſalto, matáram, e eſpedaçáram nelles bem ás ſuas vontades, porque muitos recebêram a morte ſem darem fé della, ſenão depois que ſe víram ſepultados no Inferno, e outros as feridas, e ſuas dores os deſpertáram. E como os tomáram de ſobreſalto, não tratavam de mais que de ſalvar as vidas, largando tudo, ficando os noſſos ſenhores do beſtião, que começáram a desfazer. Os que hiam fugindo deram novas no exercito do damno que recebêram, ſem ſaberem dar razão do que era; porque não ſentíram mais que cortarem-nos, ſem verem ſe eram os noſſos cento, ſe quinhentos. Rumecan acudio logo lá com todo

do

do o exercito poſto em armas ; mas já foi a tempo que os noſſos tinham deſmanchado tudo, e em ſentindo os inimigos, ſe foram recolhendo com muita ordem, e ſe mettêram na fortaleza ſem ſe perder algum, deixando mortos perto de trezentos dos inimigos.

Vendo Rumecan aquelle damno, mandou alevantar logo humas muito groſſas paredes defronte do baluarte S. João, e a ſegunda noite que ſe começáram, lançou o Capitão por huma bombardeira quatorze ſoldados, que pera iſſo eſcolheo, que dando de ſubito nos que vigiavam as paredes, achando-os dormindo, cortáram os que alcançáram, e os mais aos gritos dos que matavam foram fugindo, e ficando tudo deſpejado, derribáram as paredes com muitos ſervidores, que pera iſſo levavam. A revolta foi ouvida no arraial, e acudio hum grande tropel de Turcos; e ſendo ſentidos dos noſſos, deixando tudo derribado, ſe foram recolhendo a ſeu ſalvo.

Affrontado Rumecan daquella ouſadia, deo recado a todos os Capitães, que ao outro dia havia de dar hum geral aſſalto, pera o que ſe prepar áram. E em rompendo a luz da manhã, começáram a apparecer os inimigos com ſuas bandeiras deſenroladas, levando diante de todas outra no-

va,

va, em que eſtava a figura de Mafamede, tão feia, e disforme, que cauſava medo: levava os cabellos (que eram muito compridos, e eſpalhados) por ſima do roſto, e das coſtas, e com eſta medonha visão, a que ſe todos encommendáram, remettêram com a fortaleza, tocando todos os ſeus inſtrumentos, e dando tamanhos gritos, que enſurdeciam o mundo. Os dianteiros, que eram os Rumes, e Turcos, começáram a ſubir pelas paredes derribadas dos baluartes S. Thomé, e S. João, com huma muito confiada determinação de morrerem todos, ou os ganharem, lançando os de detrás grandes panellas de polvora, e varejando os altos dos baluartes com ſua arcabuzaria pera affugentarem os noſſos; e os ſeus que ſubiam, terem lugar de cavalgar em ſima.

Mas os Portuguezes não temendo, e tendo em nada aquellas carrancas, eſperáram os inimigos com a meſma determinação de ou morrerem todos, ou de desbaratarem de todo aquelles barbaros, e não tardáram mais em virarem os Turcos de pernas aſſima, que em quanto os noſſos lhes não alcançáram; mas como lhes puderam chegar, logo lhes moſtráram quão caro lhes havia de cuſtar quererem pôr os pés em ſima dos baluartes, pagando muitos com a

mor-

morte sua porfia, e atrevimento; porque assim como cahiam dez, subiam vinte, indo á porfia todos a buscar seu damno; e todavia como eram muitos, e vinham com aquella barbara determinação, commettêram todos os baluartes mui denodadamente, fazendo todos os seus Capitães, e companheiros maravilhas nas armas. E posto que em todas as partes havia trabalho, e risco, todavia o de Luiz de Sousa, em que estava D. Fernando de Castro com os Capitães de sua companhia, esteve mais apertado que todos, porque carregáram alli os mais escolhidos do exercito, e tambem estava mais aberto, e damnificado que os outros; mas os valorosos defensores delle fizeram taes cousas, que se não póde imaginar de tão poucos braços poder sahir tamanho estrago, como se via ao pé do baluarte nos inimigos, onde estavam tantos estirados, que pera os outros chegarem, era forçado passar por sima de corpos, que estavam ainda palpitando, e revolvendo-se no seu sangue com as ansias, e afflicções da morte. As vozes, os gritos, os bramidos em todas as partes (porque em todas se pelejava) era cousa muito horrenda, e medonha. Os baluartes quasi se não viam, porque estavam escondidos em nuvens de fogo, e fumo, das muitas panellas de pol-

vo-

vora, e bombardadas, que delles ſahiam, e que ſobre elles cahiam. De huma parte chamavam por noſſa Senhora, e pelo Apoſtolo Sant-Iago; da outra pelo falſo, e enganoſo Mafamede, conſtrangendo os Capitães Mouros aos ſeus a ſubirem, o que elles receavam fazer pelos muitos que viam voltar feitos pedaços ſobre elles. Os Capitães, Fidalgos, e ſoldados Portuguezes merecêram muito, porque fizeram tanto, que de cada hum ſe puderam fazer muitos Capitulos; porque eſte foi o dia, em que ſe elles mais aſſignaláram que todos, por pelejarem em meio de chammas, e labaredas, porque em todos os baluartes era tanto o fogo, que parecia que ardia o mundo. Os que andavam veſtidos de couro, (de que muitos ſe provêram pera ſua defensão,) paſsáram bem; mas os mais foram queimados por muitas partes, acudindo ás tinas de agua pera matarem o fogo, que lhes andava pelos veſtidos, que eram de algodão, tornando logo a ſeus lugares, e como que vinham de refreſco, aſſim entravam furioſos, que pareciam leões famintos.

Do baluarte do mar nunca ceſſou a bateria, deſcarregando todas ſuas cargas nos Mouros, que lhes ficavam por huma ilharga deſcubertos, em que fizeram tal eſtrago, que de não poderem ſoffrer tanto, ſe

af-

affastáram, ficando-lhes trezentos, e mais mortos aos pés dos baluartes, levando dous mil feridos, e abrazados. Dos Portuguezes foi cousa milagrosa, que neste temeroso assalto não perigou algum, posto que houve muitos feridos, e queimados. O Capitão em quanto durou o assalto não descançou, correndo todos os baluartes muitas vezes, e os proveo de todas as cousas necessarias, que tudo lhe era logo trazido por aquellas honradas, e animosas mulheres.

Affastados os inimigos, mandou o Capitão repairar os baluartes, e curar os feridos com muita diligencia. E vendo o grande, e importante repairo, que era pera o fogo, vestidos de couro, mandou desarmar seus aposentos dos ricos, e formosos guadamecis que tinha, e os mandou cortar todos em vestidos, que repartio pelos que abrangêram.

## CAPITULO VIII.

*De outras baterias que deram á fortaleza: e de como chegou a ella o Vigario, que foi com recado a Chaul, e Baçaim: e de hum grande aſſalto que os Mouros deram: e das grandes fomes, e neceſſidades, que havia na fortaleza: e de hum muito honroſo, e valoroſo feito, que fez Martim Botelho.*

PAſſado eſte aſſalto, de que Rumecan ficou bem eſcandalizado, mandou que ſe proſeguiſſe no entulho da cava des do baluarte S. João até o de Sant-Iago, recebendo ſempre grande damno da noſſa artilheria, que lhes derribou os caminhos por onde paſſavam, onde ficavam enterrados muitos ſervidores. Vendo Rumecan aquelle damno, mandou fabricar dous beſtiães naquella parte de muito groſſas, e fortes taipas, em que ſe aſſeſtáram dous leões, a que fizeram ſeus repairos, e mantas, e com elles batêram fortemente o baluarte S. Thomé, até lhes cegarem hum camelo, com que lhes tinham feito grande damno, e com iſto lhes ficou tempo mais occaſionado pera entulharem a cava. Eſta obra tinham tomado á ſua conta os Janizaros, que neſte cerco mais ſe avantajáram de todos, e aſſim o pa-

o pagavam tambem mais, porque já eram mortos nos aſſaltos perto de quatrocentos.

Ao outro dia, depois diſto paſſar, chegou á fortaleza o Padre Vigario, que, como diſſemos no Capitulo III. deſte Livro II. foi a Baçaim, e Chaul a pedir ſoccorro, que deo o recado áquelles Capitães, que logo deſpedíram as cartas pera o Governador, e começáram a fazer preſtes gente, e navios pera mandarem de ſoccorro, acudindo todos a Baçaim pera dalli atraveſſarem como lhes o tempo déſſe jazigo. E vendo o Vigario a muita gente, que alli ficava pera ſe embarcar, quiz levar a Dio aquellas novas. E poſto que o tempo era groſſo, ſe embarcou no ſeu navio com nove ſoldados, e ſe metteo no golfo, onde deo em mares tão groſſos, e cruzados, que os comiam, vendo-ſe muitas vezes alagados; mas á força do trabalho, e diligencia de todos, chegáram a Dio o dia que o camelo ſe cegou (como aſſima diſſemos.) Tanto que da fortaleza víram entrar aquelle navio, foi grande o alvoroço em todos, porque apôs elle podiam vir outros, e já não ficavam tão deſconfiados de ſoccorro como eſtavam. O catur foi ſurgir á couraça, por onde entrou o Vigario com os ſeus ſoldados, que foram recebidos todos nos braços do Capitão, e mais Fidalgos, com pala-

lavras de grande louvor. O Vigario disse a D. João Mascarenhas, que em Baçaim ficavam quinhentos homens com navios prestes, e negociados pera partirem em lhes o tempo dando lugar, e que não tardariam sinco dias. Estas novas se espalhàram por toda a fortaleza, que foram festejadas com folias, danças, e outras mostras de alegria, o que tudo foi ouvido no arraial, onde a fama lhes levou logo as novas de tudo, com que Rumecan ficou muito triste. E vendo que cada dia lhes podia vir soccorro, determinou de concluir aquelle negocio primeiro que elle chegasse. Pelo que encommendou a seus Capitães que se batessem todas as estancias, e se preparassem pera darem o derradeiro assalto, em que esperava de arrematar a vitoria.

Nesta conjunção chegou outro Capitão chamado tambem Juzarcão, que Soltão Mahamude mandava em lugar do morto, que era tio de estoutro, pera que ficasse em seu lugar com sua gente. A bateria se começou a dar, que durou todo aquelle dia, e parte da noite, e ao outro dia ás tres horas da tarde, que sahíram os Mouros dos seus exercitos com todo o poder, levando diante suas bandeiras desenroladas, e ao som de muitos, e mui desordenados instrumentos, remettêram com a fortaleza, ha-

vendo que daquella feita a levariam nas mãos. E chegando os primeiros, e mais escolhidos ao baluarte S. Thomé, que estava todo arrazado, começáram a subir por elle com grande soberba, e arrogancia. Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro com seus Capitães, e D. Francisco de Almeida, que D. João Mascarenhas mandou aquelle dia passar pera alli, recebêram os inimigos como sempre, quebrando-lhes logo aquelle furor, e orgulho, que levavam, lançando todos os que alcançáram das paredes abaixo feitos em pedaços. Mas como eram muitos, logo tornáram a encher os lugares, recrescendo a crueza, e furia da batalha por todas as partes, tanto, que parecia que se desfazia o mundo em gritos, e bramidos. O Capitão acudio logo ao baluarte S. Thomé, que estava mais arriscado, mandando-o prover de panellas de polvora, lanças de fogo, pedras, e de todos os mais instrumentos mortaes, que tudo as honradas matronas levavam sobre suas cabeças; porque tanto que havia rebate, logo acudiam com o seu esquadrão ao trabalho, dando com isso mui grande allivio aos homens, que se não occupavam em mais que em menear as mãos em damno dos inimigos, porque tudo o que pediam pera aquelle effeito, achavam logo alli prestes, que as honradas mu-

mulheres eram as que proviam, repartindo tudo por elles, ſem receio de pelouros, nem fogo, em que os baluartes ſe desfaziam; antes com muito animo mettidas antre os ſoldados que pelejavam, os animavam, e esforçavam, mettendo-lhes nas mãos as panellas de polvora, e algumas tambem as arremeſſavam ſobre os inimigos, que deſprezavam todas aquellas couſas, e ſe mettiam pela morte ſem receio de couſa alguma. Sobre o baluarte chovia fogo, porque eſte dia quizeram os Mouros deſpender toda ſua munição; e o que mais empeceo aos noſſos, foi terem o vento contra ſi, que todo o fumo, e pó do entulho, que os inimigos revolviam com os pés, os cegava a todos; mas elles fechando os olhos, e apertando os dentes, cerravam com os Mouros denodadamente, matando tantos, que não lhes eſcapavam ſenão os que não podiam alcançar.

No baluarte S. João tambem houve grande trabalho, porque foi commettido de Juzarcão com todo o ſeu poder, trabalhando pelo ſubirem; mas os ſeus Capitães com os Fidalgos, e cavalleiros, que os acompanhavam, lho defendêram muito bem, fazendo nos inimigos mui grande eſtrago. Bem lhe pareceo a Juzarcão que o levaſſe logo nas mãos, por eſtar todo razo, e ſem

amparo algum ; e porque não tinha ainda experimentado o ferro Portuguez , que o esforço , e animo dos nossos lhes fizeram parecer aquelle baluarte tão forte , como se nunca fora batido , nem damnificado ; porque se puzeram aquelles valorosos defensores por muro , e ameias delle , tão immóveis , que não havia bombardadas , e espingardadas , nem chammas de fogo , nem ainda a mesma morte , que os abalasse , nem movesse do lugar em que se punham , fazendo tanto damno nos inimigos , que já cançavam de matar nelles.

Na guarita de Antonio Paçanha tambem houve grande confusão , e baralha ; mas em todos os lugares que os inimigos commettiam , não achavam outra cousa mais , que generos de mortes , e desenganos da sua contumacia , mostrando-lhes que quando cuidassem que estavam mais cançados , então os haviam de achar mais fortes , e promptos , pera lhes defenderem a sua fortaleza. E assim ( por não particularizarmos tantas miudezas ) os tratáram em todas as partes tão mal , que os fizeram affastar com morte de mil e seiscentos , que ficáram estirados , e espedaçados aos pés das estancias , levando muito maior cópia de feridos , e abrazados. Rumecan pasmava de ver aquelle estrago feito por tão poucos homens ;

mens, e blasfemava contra o ſeu Mafamede, porque cuidava que lhe podia elle dar couſa, que não foſſem damnos, e perdição.

Juzarcão (que eſta foi a primeira vez que vio, e experimentou as obras dos Portuguezes) ficou admirado, e bem entendeo que todo aquelle trabalho era em vão, porque não eram aquelles os homens, a que ſe tomava a ſua fortaleza, por mais raza, e desbaratada que eſtiveſſe; e aſſim ficou dalli com tão grandes deſconfianças, que quaſi corria com ſeu cargo por demais.

Dos noſſos morrêram neſte aſſalto tres, e ficáram feridos trinta e ſinco, mandando o Capitão enterrar huns, e curar outros, e reformar os baluartes o melhor que pode, no que gaſtou toda aquella noite ſem dormirem todos, nem repouſarem. Já neſte tempo eram mortos, aſſim na guerra, como de doenças, cento e ſincoenta Portuguezes, e não havia sãos mais que duzentos e ſincoenta, que o tempo que lhes reſtava da peleja, gaſtavam em repairar os muros, e em derribarem os edificios da fortaleza, e caſas dos caſados, pera repairo das ruinas, e em desfazerem minas, e em outros muitos trabalhos, em que aquellas matronas lhes eram companheiras, ſem lhes ficar huma hora pera repouſarem. Mas o que mais os atormentava, e punha em cuidados, era

a falta que havia já de mantimentos, porque tinham chegado a eſtado, que o alqueire de trigo que ſe achava, valia a tres cruzados; e huma gralha, ſe a tomavam, quatro, e ſinco, (porque depois de faltarem as gallinhas, ſe davam eſtas aos purgados, porque acudiam muitas aos corpos mortos, e ſobre os muros as matavam á eſpingarda.) E por eſta maneira todas as mais couſas até chegarem a eſtado, que comêram gatos, cães, e alguns legumes podres, e damnados, e com iſto andavam todos tão contentes, e tão esforçados, como ſe tiveram tudo de ſobejo. O Capitão ſuppria a eſtas faltas com tudo o que tinha; e ſe ſe achava por dinheiro, não perdoava a deſpezas por remediar aquellas neceſſidades.

As munições eram acabadas, e não havia mais polvora, que a que ſe fazia cada dia, que eram quatro arrobas, que deſpendia o bazaliſco cada vez que atirava; mas poupava-ſe muita por faltarem já panellas pera ella, que era o principal inſtrumento, com que ſe defendiam, de maneira que não ficavam já mais que os braços, e as armas de mãos. O Capitão provia a tudo com muita prudencia; e porque faltavam as panellas pera a polvora, inventou duas telhas dos telhados juntas huma com outra, com os vãos pera dentro, e breadas pelas ilhar-

gas,

gas ; e as bocas tapadas com betume , e cheias de polvora por dentro com murrões atados pelo meio dellas , com as pontas accezas , ficáram ſervindo , e foi muito grande invenção , porque levavam mais polvora que as panellas , e faziam mór damno nos inimigos. Neſte eſtado eſtavam as couſas , que era o mais miſeravel que podia ſer, ſem os noſſos moſtrarem , nem haver nelles huma pequena triſteza , nem deſconfiança , antes alegres , e tão confiados , que lhes parecia que tinham a vitoria certa.

D. João Maſcarenhas andava hum pouco melancolizado , porque não ſabia o que ſe paſſava no exercito , nem tinha eſpias , que o aviſaſſem de couſa alguma. E porque os do baluarte de ſobre a barra lhe diſſeram que algumas noites viam chegar alguns Mouros até a ponte da fortaleza , e que alli ſe deixavam eſtar ſem ſaberem o pera que , e que os mais , que ſempre vinham , ſeriam de oito até dez ; certificando-ſe daquillo , determinou de ver ſe podia colher algum delles pera ſe informar do que lá hia , e encommendou aquelle negocio a hum cavalleiro da ſua obrigação , chamado Martim Botelho , homem de animo , e muito determinado. Eſte eſcolhendo dez companheiros , no quarto da modorra , os lançáram pelas bombardeiras da couraça , com

só espadas, e rodelas, por irem mais leves, e tomando o caminho da ponte de longo da agua muito encubertos, se foram lançar no posto, que os Mouros costumavam a ir demandar, que era na entrada da ponte, e alli baqueados no chão se deixáram estar. Não tardou muito que não ouvissem rumor, e apôs isso enxergáram gente, que se vinha chegando pera a ponte, que seriam quasi dezoito pessoas. E entrando a ponte, onde os nossos estavam agachados á sombra dos parapeitos que fazia de huma, e da outra parte, e sendo em meio delles, se levantáram todos a la una, e deram nelles tão de subito, e com tamanha pressa, que os não sentíram senão nas carnes, que os nossos começáram a cortar ás suas vontades, fallando alto, pera que os do baluarte os ouvissem, que estavam pera isso álerta, que em sentindo-os, os começáram a favorecer com as trombetas. Os Mouros ficáram tão sobresaltados, que se não souberam determinar; e todavia sentindo-se cortar, leváram das armas, e puzeram-se em defensão, travando-se antre todos huma perigosa batalha; mas os valentes soldados Portuguezes desejosos de ganharem honra, e credito com o seu Capitão, apertáram tanto com os Mouros, que os fizeram voltar: sómente hum Noby de nação (homem de opi-

opinião, e grande cavalleiro, que quiz antes morrer que fugir) ficou na entrada da ponte sustentando o pezo dos nossos, pelejando hum arrezoado espaço com todos muito valorosamente. Martim Botelho vendo o esforço daquelle Mouro, desejou de o haver ás mãos, e pondo-se diante dos companheiros, endireitou com elle pera o ferir. O Noby tinha huma meia lança, com que lhe atirou hum golpe, que lhe Martim Botelho tomou na rodela, e largando-lha no ferro, cerrou com elle, e o liou; o Noby tambem o fez com elle, cahindo ambos, e tornando-se logo a alevantar sem se desasirem, andáram travados hum espaço; e posto que o Noby era membrudo, grande, e muito forçoso, Martim Botelho, que nada lhe faltava daquellas partes, fechando os dentes, o arcou, e levantou nos ares, indo-se recolhendo com elle pera a fortaleza, soffrendo grande trabalho, porque o Noby perneava, mordia, e arranhava; os mais companheiros não ousavam de o ajudar pelo não estorvarem, e assim chegáram á porta da fortaleza bradando pelos de sima. Já a este tempo o Noby estava seguro, porque todos estavam asidos nelle, e dando-se recado ao Capitão, acudio com huma companhia de soldados, e mandou abrir hum pequeno postigo, (que dei-

deixou de tapar pera alguma neceſſidade,) por onde os recolheo à todos dentro. Martim Botelho lho entregou. O Noby como ſe vio dentro, deixou-ſe cahir no chão, fingindo-ſe morto. O Capitão entendendo que aquillo era manha, diſſe a hum ſoldado que o picaſſe com a ponta da eſpada, o que elle fez de feição, que em a ſentindo ſe levantou com tanta preſſa, que deo materia de riſo a todos. E recolhendo-ſe pera caſa, fez ſó com a lingua perguntas ao Noby, e delle ſoube tudo o que quiz, affirmando-lhe que Rumecan eſtava deſcontente, e deſconfiado daquelle negocio, e que eram já mortos no exercito quaſi ſinco mil homens dos melhores delle, e que todos os mais eſtavam alli contra ſua vontade. O Capitão o mandou pôr a bom recado, ficando deſalivado do pejo que trazia, de não ter aviſo do que paſſava.

## CAPITULO IX.

*De como Rumecan mandou minar o baluarte S. João: e do ardil de que uſou de huma falſa eſpia pera ſegurar os noſſos: e de como arrebentou o baluarte: e da morte de D. Fernando de Caſtro, e de outros Fidalgos, e cavalleiros.*

COm o ſucceſſo paſſado, e com tardar o ſoccorro, que Rumecan tinha mandado pedir a ElRey, ficou tão deſconfiado, que receoſo de chegar cada dia a Armada, que ſe fazia em Baçaim, e que com ſua chegada lhe aconteceſſe hum deſaſtre, mandou alevantar a artilheria das eſtancias, e recolhella á Cidade. Iſto foi logo ſentido dos noſſos, com o que lhes dobrou o animo, entendendo as deſconfianças dos inimigos, e houveram o negocio por acabado. Rumecan andava tal, que ſe com ſua honra pudéra alevantar o cerco, ſempre o fizera; mas já lhe convinha ir com aquelle negocio ao cabo, ou pera bem, ou pera mal. E chamando alguns officiaes de minas, lhes encarregou que minaſſem o baluarte São João, pera onde ſe tinha paſſado D. Fernando de Caſtro com Diogo de Reinoſo, e alguns Capitães de ſua conſerva. A mina ſe começou a fazer por aquella parte, que fica-

ficava ſobre a çava; porque, como diſſemos no Capitulo IX. do Livro X. da quinta Decada, quando Manoel de Souſa de Sepulveda alargou o ſitio da fortaleza por aquella parte, chegou com aquelle baluarte á cava, e hum grande pedaço delle ficou ſobre hum entulho, e o mais ſobre a rócha. Iſto ſabia Rumecan, pelo que mandou que ſe minaſſe a parte de ſobre o entulho, começando-ſe a pôr as mãos á obra com muitos officiaes, o que ſe fazia por debaixo de ruas cubertas até o pé do baluarte ſem os noſſos o ſentirem. E pera mór diſſimulação, mandou Rumecan que ſe picaſſe o muro por todas as partes, porque ſe não entendeſſe a mina. E porque tambem ſe não precataſſem tanto daquella parte, mandou armar muitos cavallos de madeira groſſa, e os fez chegar ao baluarte S. Thomé, como que determinava de commetter por elle a fortaleza, porque com o tento naquella máquina ſe deſcuidaſſem do baluarte São João.

O Capitão vendo a fabrica dos cavallos, receou-os muito, e acudindo áquella parte, mandou com muita preſſa fazer huns revézes de vigas muito groſſas nas ilhargas do baluarte, que lançavam muito pera fóra, pera dalli deſcubrirem bem os inimigos, donde os começáram a fuſtigar com ſomma

de

de arcabuzaria, e com alguns falcões, com que lhe fizeram bem de damno; não desistindo com tudo os Mouros da obra, nem os nossos de os escandalizar. E andando continuando na obra da mina, chegou huma noite ao pé do muro huma pessoa, (que o Rumecan tinha mui bem ensaiado,) e bradou pelos de sima, pera que o recolhessem, que tinha muitas cousas que tratar com o Capitão, que lhe importavam muito. O Capitão lhe mandou lançar huma escada de corda, por onde subio assima. Era este homem hum mercador, Guzarate de nação, e por as grandes promessas que o Rumecan lhe fez, se offereceo a ir com aquelle engano. Levado ao Capitão, lhe disse: » Que » elle vinha tocado da mão de Deos, e que» ria ser Christão, e que elle o movêra a » lhe vir dar aquelle aviso, que soubesse » de certo, que os Magores estavam já em » campo pera tornarem sobre o Reyno de » Cambaya com muito grosso poder, e que » Soltão Mahamude estava por isso em gran» de confusão; e que era chegado de re» fresco a Dio hum grande Capitão chama» do Mojatecan pera recolher o campo to» do, e o levar, e que por isso os dias » passados recolhêram a artilheria, que a» quellas cousas estavam em segredo por » não haver alteração; mas que os Capi» tães

» tães tinham determinado de dar hum mui-
» to cruel aſſalto á fortaleza, primeiro que
» ſe partiſſem daquella Ilha, por verem ſe
» a podiam tomar, e que já ſe preparavam
» pera elle.» O Capitão lhe diſſe: » Que
» lhe agradecia o aviſo, e eſtimava muito
» querer-ſe fazer Chriſtão, que elle lhe pro-
» mettia de lhe fazer honras, e mercês, e
» o mandou recolher, e ter a bom recado.»
E ſegundo noſſo juizo, eſte ardil deſta eſ-
pia foi pera os Portuguezes ſe deſcuidarem,
e pera o Capitão não puxar tanto pelo ſoc-
corro de Baçaim, que ſe eſperava cada dia,
e pera que eſcreveſſe ao Governador que ſe
não abalaſſe, porque tudo o que o Guza-
rate diſſe era mentira, ainda que ſó era ver-
dade o que diſſe da vinda do Mojatecan,
que o dia dantes tinha chegado de ſoccor-
ro com dez mil homens.

Algum alvoroço cauſáram nos da for-
taleza as novas, cuidando ſerem verdadei-
ras, porque já deſejavam de ſe acabarem
ſeus trabalhos, ainda que foſſe á cuſta do
grande aſſalto que eſperavam. Os inimigos
hiam continuando na obra da mina ſem ba-
terem a fortaleza, o que foi pera os della
muito grande allívio, porque ficáram tendo
alguns dias de folego. Andava neſte tempo
D. Fernando de Caſtro doente de febres,
e ſabendo que ſe eſperava por hum grande
aſ-

aſſalto, mandou-ſe levar pera o baluarte S. João, ſem o Capitão lho poder defender, porque deſejava de ſe não bulir até cobrar mais alento.

Os Mouros acabáram a obra da mina, e dia do Bemaventurado Martyr S. Lourenço, que cahe a dez de Agoſto, na força do meio dia apparecêram os inimigos com todo o poder, ſuas bandeiras deſenroladas, tocando todos os inſtrumentos de guerra, com hum ruſtico, e mal ordenado ſom, e com tão grandes clamores, vozes, e alaridos, que parecia que ſe ſovertia aquella Ilha: com eſta deſordenada confusão ſe foram chegando á fortaleza com tantas carrancas, que puderam cauſar mui eſpantoſo medo a outros muitos mais, e mais folgados homens, e que não eſtiveram em fortaleza tão rota, e desbaratada, e tão mal provída de tudo como aquella eſtava. Mas eſſes poucos que eram eſtavam tão animados, e contentes, que em nada eſtimavam aquellas couſas. O Capitão acudio ao baluarte S. Thomé pera ver o campo, e pera dalli prover no que lhe pareceſſe. Os inimigos foram remettendo ao baluarte S. João com aquelle tropel confuſo, ſem guardarem ordem de milicia, nem diſtinção de bandeiras, e inſignias; mas tudo miſturado, e baralhado, como barbaros que eram. E che-

chegando ao baluarte, commettêram a ſubida pelas quebradas, achando primeiro no caminho muitos ſignaes do que em ſima eſperava por elles, que eram muitas das telhas de polvora, que os abrazou, muitas bombardadas, e eſpingardadas, de que muitos cahíram eſpedaçados. Os inimigos como aquella arremettida foi pera ſegurar os do baluarte, porque determinavam de lhes dar fogo, tornáram a recuar pera trás como que fugiam.

D. João Maſcarenhas, que eſtava no baluarte S. Thomé, vendo aquelle termo, não lhe pareceo medo; mas logo entendeo que aquillo era ardil pera darem fogo a alguma mina, e mandou dizer a D. Fernando de Caſtro, que ſe recolheſſe com todos, e deixaſſe o baluarte, porque entendia que eſtava minado, e que aquelle affaſtar dos inimigos era pera lhe darem fogo. Com eſte recado ſe começáram a ſahir alguns, o que viſto por Diogo de Reinoſo, diſſe alto: » Não ha Deos de permittir que por me» do algum commettam Portuguezes fraque» za, e que ſe diga no mundo, que com » temor da morte largáram o lugar que » ſuſtentavam. Póde bem ſer ſeja iſto ar» dil pera cuidarmos que querem dar fogo » a algumas minas pera nos affaſtarmos, e » elles terem lugar de entrarem, e ganhar

» eſ-

» eſte baluarte, o que ſerá cauſa de ſe per-
» der eſta fortaleza. Por iſſo, ſenhores, ve-
» de o que fazeis, não deſampareis eſte ba-
» luarte que he d'ElRey; e ſe a ventura
» nos tem aqui guardado noſſo fim, não
» queiramos mais ditoſa, nem mais honro-
» ſa morte: e affirmo-vos que o que ſe ſa-
» hir daqui, o hei de pregoar por fraco, e
» covarde. »

Com eſtas palavras ſe detiveram todos, e tornáram alguns dos que ſe tinham ido. Os Mouros tanto que ſe affaſtáram, deram fogo ás minas, que arrebentáram com tão grande eſtrondo, que parecia cahirem os Ceos. O fumo, que era eſpeſſo, eſcuro, e medonho, cubrio toda a fortaleza de feição, que ſe não viam huns aos outros. Todos aquelles, que eſtavam no baluarte, naquelle lugar que cahia ſobre a cava, foram voando pelos ares, e huns cahíram dentro feitos pedaços, outros pera fóra ſobre o arraial dos inimigos ainda vivos, outros foram abrazados, e feitos em cinza. Hum ſoldado foi cahir fóra no campo com a ſua lança na mão, ſem a largar, vivo, e ſem lesão, que foi logo eſpedaçado dos inimigos. Dos que eſtavam neſte baluarte coube melhor ſorte a D. Diogo de Souto-Maior, que voando pelo ar com a força do fogo, cahio dentro na fortaleza com huma lança

nas mãos, porque veio escorregando até o chão, onde ficou sem lesão alguma. Todos os que estavam na parte do baluarte, que ficava sobre a rócha, cahíram dentro na cava, huns com pernas quebradas, outros com braços, outros com focinhos, e outros com outros membros; mas escapáram alguns. Morrêram nesta desaventura quasi sessenta pessoas das principaes da fortaleza, e os de nome foram: D. Fernando de Castro em idade de dezenove annos, mancebo, em que o mundo tinha póstos os olhos pelas grandes esperanças que de si dava; mas parece que a fortuna invejosa do que promettia, ordenou que acabasse com tal genero de morte, pera maior mágoa do velho pai. Morrêram mais D. João de Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Sousa, Diogo de Reinoso, Luiz de Mello, Alvaro Ferreira, Tristão de Sá, e outros. Escapáram treze pessoas, as tres morrêram dalli a dous dias, os mais vivêram, e antre estes foi D. Pedro de Almeida, que ficou tão abrazado, que muitos dias se não alevantou da cama.

CA-

## CAPITULO X.

*De como os Mouros commettêram o baluarte S. João: e do grande valor, com que ſinco homens o defendêram: e de outras couſas.*

VEndo os Mouros tamanho eſtrago, e o baluarte todo arrazado, remettêram a elle com grandes gritas, e alaridos pera o ganharem; mas acháram nas ruinas ſinco homens, que ſe lhes appreſentáram com muito grande esforço, que acudíram áquella parte, porque eſtava ſó, e a defendêram ſós como ſe foram quinhentos: eſtes foram Antonio Paçanha, Bento Barboſa, Bartholomeu Correia, Meſtre João, que naquelle tempo não quiz eſtar em caſa, e do quinto não achámos o nome em parte alguma, ſenão em Jeronymo Corte-Real neſte cerco que fez em verſo, que diz que era Baſtião de Sá, ſem declarar ſe era o filho de João Rodrigues de Sá, ſe outro; porque pera ſer aquelle, temo-lo deixado em Baçaim, curando-ſe da ſua perna, aonde ſe foi pelo mandar o Capitão num catur, em que mandou o ſegundo recado a Baçaim a pedir ſoccorro ao Capitão, e com cartas pera o Governador, em que lhe dava conta de tudo o que até então era acontecido, como

eſtá dito no fim do Capitulo VI. do Livro II. Em toda a India não achámos homem deſte tempo, que nos ſoubeſſe tirar eſta dúvida, baſta qualquer que ſeja. Os inimigos (como hiamos dizendo) entrando por meio daquellas nuvens de fumo, cuidando acharem a entrada franca, e que daquella feita ganhaſſem a fortaleza, deram com aquelles ſinco Heitores, que lha defendêram com tanto valor, e animo, fazendo taes couſas, que paſmáram os inimigos, e que não eſpecificamos, porque não temos palavras baſtantes pera os engrandecer.

Aqui puderamos com muita razão dizer o que Lucio Floro dos Romanos, engrandecendo ſuas obras, que ſe ſenão achâram eſcritas em Annaes, que ſe puderam ter por fabuloſas: e nós dizemos deſtes ſinco Cavalleiros, (e de todos os mais, que neſte cerco ſe achâram,) que ſenão houvera ainda vivas tantas teſtemunhas de ſuas grandezas, e ſenão eſtiveram ainda tão freſcas na memoria de todos os homens as façanhas que neſte, e no outro cerco fizeram os Portuguezes, que nos não atreveramos a eſcrevellas, ainda que não faremos mais que contar ſeus feitos puros, e ſem ornamento de palavras, porque elles meſmos ficam ſendo o louvor de quem os obrou. E ainda podemos dizer mais, que aquelles dos Ro-

manos vieram a ſer celebrados no mundo mais pela eloquencia, e facundia de ſeus Eſcritores, que por ſua grandeza: porque elles nunca pelejáram contra bazaliſcos, ſalvagens, quartáos, e outros inſtrumentos diabolicos, arruinadores do mundo, e deſtruidores de todo o esforço, e valor delle, como o fizeram eſtes noſſos Portuguezes, cujos feitos não ſabemos ſe a inveja (ainda de ſeus naturaes) cauſou ficarem muitos em eſquecimento.

E tornando á noſſa hiſtoria. Andando a couſa travada com tão deſigual partido, como era o de treze mil homens (que tantos commettêram o baluarte) contra ſinco ſós, chegou o Capitão com quinze companheiros, com o animo tão ſeguro, e inteiro, como ſenão víra tudo tão arriſcado, e em tamanho perigo; e pondo-ſe na defensão do baluarte, animando, e esforçando os ſeus, fez tantas couſas, que paſmavam os inimigos, que trabalhavam tudo o que podiam por concluirem aquelle negocio, andando affrontados de ſe defenderem de tamanho poder tão poucos homens, e mais em hum baluarte tão arrazado, e deſcuberto; e aſſim pelejavam como homens, que não temiam a morte, que muitos recebiam das mãos deſtes poucos. A crueza era grande, os gritos, alaridos, eſtrondos, e bar-

bara vozaria dos Turcos, e Mouros era tudo de feição que causavam medo. Esteve aqui a cousa por muitas vezes tão arriscada, que a cada momento tinham os das outras estancias rebate, que a fortaleza era entrada. O esquadrão feminino desamparando as casas, se foram ao baluarte pera nelle morrerem em companhia daquelles esforçados defensores, e dos caros consortes que algumas alli tinham, levando sobre suas cabeças polvora, pedras, e outras cousas pera offenderem aos inimigos, mettendo-se no meio dos que pelejavam com animos varonís, esforçando, e animando aos que pelejavam.

A boa Isabel Fernandes com huma chuça nas mãos se metteo no meio daquelle conflicto, dizendo: » Ah filhos, pelejemos » pela Fé de Christo, e mostremos a estes » inimigos della, que temos Deos por nós » que nos favorece. » E como andava pela fortaleza huma voz que o baluarte era perdido, desamparáram alguns Capitães as estancias, e foram-lhes acudir; e ao mesmo tempo chegou o Padre Vigairo com hum Crucifixo levantado em huma hastea, e entrou pelo baluarte com aquella Divina bandeira de nossa redempção arvorada, e pondo-se no meio de todos, levantou a voz, dizendo:

» Ah

» Ah Cavalleiros de Christo, aqui tendes
» a figura de vosso Deos, que vos não ha
» de desamparar: aqui o vereis com as mãos,
» e pés cravados, e lado aberto derraman-
» do seu preciosissimo Sangue por vosso res-
» gate: derramai vós tambem o vosso ago-
» ra pelo resgatar a elle, porque não vá
» ter a poder de seus inimigos. Pelejai, va-
» lorosos Portuguezes, e defendei vosso
» Deos, que elle está comvosco nestes tra-
» balhos, pera vos ajudar a defender. Aqui
» o tendes, ponde os olhos, e o coração
» nelle, porque delle vos ha de vir o es-
» forço contra vossos inimigos.» E assim
se apresentou diante no mór perigo. Os que
estavam acczos na batalha ouvindo a voz,
levantando os olhos, que víram o Crucifixo
arvorado, bradando por misericordia, re-
mettêram com os inimigos como leões bra-
vos, e lançando-se no meio delles, fizeram
tão grande estrago que foi espanto.

O Capitão não se descuidou de sua obri-
gação, porque vendo o baluarte com gen-
te bastante pera sua defensão, e que os ini-
migos já começavam a afracar, sahio-se del-
le, e mandou ajuntar todos os officiaes, e
escravos, e ordenou logo pela banda de
dentro daquelle baluarte, huma muito forte
tranqueira de pedra, e terra, que toda foi
acarretada ás cabeças daquellas honradas mu-
lhe-

lheres, poſto que das meſmas ruinas do baluarte acháram á mão a mór parte, e aſſim huns trabalhavam, e outros pelejavam, ſuſtentando o pezo da batalha, que durou até ſe pôr o Sol, e o mundo ſe encher de trévas, que os inimigos ſe affaſtáram com perda de trezentos, a fóra oitocentos feridos, e queimados. Dos noſſos morrêram alguns, e dos ſinco, a que podemos dar o ſobre nome de Manlios Capitolinos, morreo ſó Meſtre João, que foi perda geral, aſſim por ſeu officio, como por ſeu esforço, caridade, e outras partes de homem muito honrado. Pelejou eſte dia de feição, que lhe tiveram todos inveja; e depois que o Capitão chegou de ſoccorro, nunca ſe quiz ſahir do ſeu lugar, com ter muitas feridas, trabalhando todos pelo pouparem, e aſſim acabou ataçalhado.

Iſabel Madeira ſua mulher, que andava na obra da tranqueira com as mais companheiras, em lhe dando a triſte nova, correo áquella parte com muitas que a ſeguíram, e achando o amado conſorte eſpedaçado, o alevantou nos braços ajudada de ſuas amigas, e o levou pera ſua caſa, onde o chorou com muita honra, enterrando-o logo com grande dor, e triſteza de todos. E acabado o funebre autho, tornou muito ſegura, e com grande coração á obra

da

da tranqueira, que durou toda a noite, que ſe acabou muito larga, e forte, com o que aquella parte ficou mui ſegura.

Tanto que amanheceo, foi o Capitão recolher os mortos, e antre elles achàram o bem logrado mancebo D. Fernando de Caſtro, (que aſſim lhe podemos chamar,) pois morreo de feição, que mais ſe lhe póde ter inveja que mágoa; achàram-lhe a cabeça toda pizada. O Capitão com todos os Fidalgos o levàram á Igreja, e todos os mais, onde foram enterrados juntos, tirando D. Fernando, que o puzeram ſeparado dos outros. Muitos dias durou o ruim cheiro dos corpos mortos, e queimados, que ficàram enterrados nas ruinas do baluarte, o que deo a todos muito grande trabalho. Com iſto ficou a fortaleza em tal eſtado, que haviam que ſe não poderia defender, aſſim por rota, como por falta de tudo.

E praticando D. João Maſcarenhas com os Capitães ſobre o que fariam, porque ſe lhes acabavam as munições, houve alguns de parecer, que tanto que de todo ſe acabaſſem, que ſe encravaſſe a artilheria, e que ſahiſſem todos aos inimigos, e morreſſem pelejando com elles em campo, e aſſim pareceo a todos bem. Com eſta reſoluta determinação ſe foram remediando o melhor que puderam.

DE-

# DECADA SEXTA.

## LIVRO III.

## Da Historia da India.

### CAPITULO I.

*Do que aconteceo na viagem a D. Alvaro de Castro até Chaul: e de como Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora chegáram a Dio: e do que fez Rumecan.*

PARECE razão que continuemos com D. Francisco de Menezes, e com Dom Alvaro de Castro, que no Capitulo VII. do Livro II. deixámos partidos de Goa, que foram seguindo sua viagem com tão grandes tempestades, que cada dia se viam alagados, e perdidos; porque o vento era travessão, e os mares tão alevantados que subiam ás nuvens, e pera lhes pôrem as poppas haviam de arribar pera a terra, onde ficavam arriscados a varar. E encommendando-se a Deos, foram rompendo por to-

das

das aquellas tempeſtades, que além de vento rijo, e mares groſſos, havia tão grandes chuveiros, e cerrações, que quaſi não differençavam o dia da noite. Alguns navios por de todo ſe verem perdidos foram arribando á terra, e tomáram algumas enceadas, e rios, os mais foram ſua derrota. D. Franciſco de Menezes, que era partido diante, chegou a Baçaim alagado, e deſapparelhado, onde ſeu irmão D. Jeronymo de Menezes o reformou, e negociou, e logo ſe metteo no golfo pera atraveſſar a Dio; mas achou-o tão feroz, e tempeſtuoſo, que lhe foi forçado tornar a arribar a Baçaim, onde chegou alagado. Alli ſe deixou ficar pera eſperar outra conjunção; mas vendo que o tempo não ceſſava, e que a fortaleza podia eſtar em muito trabalho, tornou-ſe a embarcar, e commetteo outra vez o golfo, que achou como de primeiro, e querendo forçar, o navio ſe deſapparelhou de todo, e tornou a voltar pera Baçaim com tudo alijado ao mar.

Ao outro dia chegou D. Alvaro de Caſtro com a mór parte dos navios tão deſtroçados dos mares, e ventos, que lhe foi forçado reformallos, no que ſe deteve tres dias, e nelles chegou Antonio Moniz Barreto no caravelão das munições, que não paſſou menor trabalho que todos elles: e

ſur-

ſurgindo na barra, o entregou a D. Alvaro de Caſtro, porque determinava paſſar a Dio em algum navio pequeno, pera o que ſe foi a terra fazer preſtes. Eſtando aqui reformando-ſe, creſceo o tempo de tal maneira, que eſteve o caravelão quaſi perdido. E porque era a mais importante couſa que hia de ſoccorro, acudio D. Alvaro de Caſtro com alguns Capitães, e navios pera lhe valerem. Antonio Moniz Barreto acudindo á praia, achou huma galueta de hum mercador preſtes, e eſquipada de marinheiros, e embarcando-ſe nella, foi acudir ao caravelão que eſtava em perigo, e nenhum navio dos outros lhe podia chegar com vento, e mares; e Antonio Moniz Barreto forçando a galueta que era leve, e andava na babugem da agua, teve tal ventura que chegou ao caravelão, e o ſoccorreo, e fazendo-lhe dar traquete, o metteo pera dentro. E vendo que a galueta ſoffreo tamanhos mares, determinou de paſſar nella a Dio, e a fretou a ſeu dono á ſua vontade, e ſe negociou pera ao outro dia ſe partir em tanto ſegredo, que não deo conta a peſſoa alguma; porque quatro, ou ſinco companheiros, que determinava de levar, em caſa os tinha, e ao embarcar os levaria comſigo, como fez ao outro dia. E eſtando na praia, chegou Garcia Rodrigues de Tavora,

e ven-

e vendo-o embarcar , lhe pedio o quizesse levar comsigo , do que Antonio Moniz Barreto se escusou com lhe dizer : » Que elle » era hum Fidalgo tão honrado , que se » chegasse a Dio , haviam todos de dizer » que a galueta era sua , e que elle naquella » honra não queria companheiro. » Garcia Rodrigues de Tavora lhe disse : » Que el- » le não se queria embarcar senão por seu » soldado , e que assim o diria , e lhe da- » ria ainda disso hum assignado cada vez » que lho pedisse. » Com isto lhe não pode Antonio Moniz Barreto negar a embarcação , mettendo-se nella , que não levava outra cousa mais que avila , que he arroz torrado , lanhas , e cocos pera mantimentos , e pera beberem ; porque nenhuma outra agua , nem cousa de comer se podia arriscar , nem guardar.

Estando já embarcados , chegou á praia Luiz de Mello de Mendoça , primo de Antonio Moniz Barreto , pera se embarcar com elle ; e vendo como a galueta hia pejada , lhe pedio que se passasse a Dio , lha tornasse logo a mandar pera se elle ir nella , e elle lho prometteo.

Indo-se já desamarrando , chegou á borda da praia hum soldado chamado Miguel Darnide , ( que depois viveo muitos annos em Lisboa , e ElRey se servio delle , ) que

era

era da obrigação de Antonio Moniz Barreto: este soube áquella hora que se partia, e bradando por elle, lhe disse: » Pois que » he isso, Senhor, determinais ir a Dio sem » mim? » Antonio Moniz Barreto lhe respondeo, que a galueta era pequena pera elle: e era verdade, porque Miguel de Arnide era tão agigantado, que trazia na cinta hum montante por espada ordinaria. E vendo elle que o não queria recolher, tomou a espingarda na boca, e lançou-se ao mar á galueta, que hia com o cabo solto. Antonio Moniz Barreto vendo aquella honrosa porfia, ainda que hia de largo já, e juntamente sua determinação, voltou a elle, e o recolheo. E sahindo pela barra fóra, deo á véla, e começou atravessar, e a engolfar-se. E entrando naquelle bravo, e empolado golfo, deram naquelles marouços que os comiam. A galueta como era pequena, e leve, faziam os mares della o que queriam. E entrando-a por todas as partes, e quasi cubrindo-a, ella surdio sempre por diante, e foi passando, e furando aquellas medonhas, e temerosas ondas. Neste risco, e trabalho passáram todo aquelle dia, e parte do outro, sem dormirem, nem repousarem toda a noite, e ao segundo á tarde foram a ver vista da terra já perto da fortaleza, que foram demandar, chegando

já

já de noite. Antonio Moniz Barreto hia receoſo que tiveſſe acontecido algum deſaſtre á fortaleza ; e indo entrando á barra, diſſe : » Que ninguem fallaſſe, até verem ſe » da fortaleza chamavam por elles. » E diſſe em ſegredo a hum ſoldado muito de ſua obrigação , que foſſe de proa , e que ao ſurgir eſtiveſſe preſtes ; e fazendo-lhe elle hum certo ſignal, ( que lhe deo , ) cortaſſe o cabo , e mandaſſe affaſtar a galueta pera fóra. Indo já dentro , foram ſurgir junto do caes ſem fallarem, nem de ſima os verem por ſer eſcuro ; e aſſim eſtiveram em ſilencio pera verem ſe ouviam alguma couſa, e ſentíram fallar os Mouros, que eſtavam nas eſtancias á entrada da ponte, e virem alguns chegando pera a praia, porque já viam a galueta. Antonio Moniz Barreto havendo que era tudo perdido, bradou ao ſoldado que eſtava de proa, que cortaſſe o cabo; mas o ſoldado, porque lho elle tinha dito em ſegredo, e que lhe faria pera iſſo ſignal, vendo que lho dizia alto, havendo-o por opinião, lhe reſpondeo, que o foſſe elle cortar.

Outros contão iſto de outra maneira, e dizem que tinha Antonio Moniz Barreto poſto aquelle ſoldado na proa por ſer homem de recado, e que preſentes todos lhe diſſera, que ſe ſentiſſe Mouros, cortaſſe o

ca-

cabo, e que o ſoldado bem os ſentíra; mas que não bullíra, pelo que Antonio Moniz Barreto, que eſtava perto, lhe diſſe que cortaſſe o cabo muito paſſo ſem o ouvir alguem, e que o ſoldado virando pera elle quaſi agaſtado, lhe diſſe que o cortaſſe elle; e deixando a proa, ſe recolhêra pera dentro, dando-lhe a deſconfiança de poderem alguma hora dizer, que elle cortára o cabo de medo. E eſtando niſto, foram ſentidos do baluarte de ſobre a barra, e bradando as vigias, perguntáram o que era? Ouvindo Antonio Moniz Barreto fallar Portuguezes, ſe foi chegando á couraça, e ſe deo a conhecer.

Alguns dizem que ao perguntar de ſima, reſpondêra hum homem de proa, que vinha alli Garcia Rodrigues de Tavora, porque era elle de ſua obrigação: do que enfadado Antonio Moniz Barreto, eſtivera pera o arrepelar, bradando então alto: *Sou Antonio Moniz Barreto*; e dando recado ao Capitão, acudio com grande alvoroço á couraça, mandando abrir huma bombardeira por onde os recolheo dentro, levando-os nos braços com grande prazer, e alvoroço de todos, porque alli acudíram todos os Fidalgos, e Cavalleiros aos receber. D. João Maſcarenhas perguntou á orelha a Antonio Moniz Barreto por D. Alvaro de Caſtro,

e on-

e onde ficava; ao que lhe respondeo alto, que todos o ouvissem: » D. Alvaro, Senhor, fica com sessenta navios aqui em » Madrefaval, e não tardará dous dias. » Estas novas corrêram logo pela fortaleza, que causáram geral alegria em todos. O Capitão recolheo aquelles Fidalgos, e os foi agazalhar, Antonio Moniz Barreto no baluarte S. Thomé, e a Garcia Rodrigues de Tavora no de S. João: e depois de recolhidos, apartou Antonio Moniz Barreto o Capitão, e lhe disse: » Que D. Alvaro de » Castro ficava ainda em Baçaim sem poder » atravessar por não fazer tempo. »

Ao outro dia, que foram quatorze de Agosto, (quatro dias depois do desastrado successo do baluarte S. João,) despedio Antonio Moniz Barreto a galueta pera vir seu primo Luiz de Mello de Mendoça, em que o Capitão mandou embarcar hum soldado dos da mina, que ficou sem mãos, por quem escreveo a D. Alvaro de Castro, que se apressasse, porque estava em grande aperto, avisando a todos os da galueta, que não dissessem a pessoa alguma da morte de D. Fernando, nem do desastre do baluarte. Este navio atravessou o golfo com muito grande trabalho, e risco, e ao outro dia foi tomar Baçaim, onde logo se souberam as novas de Antonio Moniz Barreto, e

Gar-

Garcia Rodrigues de Tavora ſerem chegados a Dio: com o que todos ſe alvoroçáram pera commetterem a jornada. E deixaremos os de Baçaim por hum pouco, por continuarmos com as couſas do cerco.

Sabendo Rumecan o grande damno, que as minas fizeram, e da morte do filho do Governador, e de tantos Fidalgos, e Cavalleiros, tornou a mandar plantar a artilheria, que tinha recolhido, nos lugares em que dantes eſtava, porque ſem dúvida houve que tomaria a fortaleza pela pouca gente que lhe ficava, e logo com muita preſſa mandou minar o baluarte Sant-Iago, e picar o lanço do muro que hia pera elle, o que tudo ſe fazia por baixo de ruas, e pontes, ſem os noſſos os verem, poſto que bem ouviam o tom, ſem ſaberem em que parte era.

O Capitão receando-ſe do cubello de Antonio Paçanha, mandou-lhe fazer por dentro grandes, e fortes repairos, e abrir eſcutas, pera ouvirem ſe o minavam. Os Mouros acháram o muro tão forte, que o não puderam romper com picões; o que ſabido por Rumecan, mandou trazer muito vinagre, com que molháram o muro, e depois lhe applicáram muito fogo, com o que ſe começou a desfazer, (como o já Anibal fez aos caminhos dos Alpes, por on-

onde passou,) pelo que se verá, que não faltáram a estes Capitães todos os ardís dos passados, e que não pelejavam os Portuguezes na India com homens nús, e despidos, e tão barbaros como alguns os fazem, senão contra tão grandes Capitães, como foram os Carthaginenses, e contra mais bombardas das com que os Romanos nunca pelejáram. O muro começou a cahir, e no recanto antre o cubello, e o baluarte São Thomé, começáram os Mouros huma mina, que foi sentida dos nossos; o Capitão lhe mandou logo fazer huma contra-mina, e pela banda de dentro foi alevantando hum muro mui grosso, e forte, em cujo trabalho suppríram as famosas mulheres com muito trabalho, zelo, e risco.

## CAPITULO II.

*De alguns assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de huns escravos, que della fugíram pera os Mouros: e de como os inimigos ganháram ametade do baluarte Sant-Iago.*

Continuando os inimigos na obra das minas, acabáram de as fazer dous dias depois da chegada de Antonio Moniz Barreto; e ao outro, que foram dezeseis de Agosto, querendo-lhe dar o fogo, sahíram

do arraial com ſuas bandeiras deſenroladas, com os terrores, e eſpantos que das outras vezes, e com aquella ruſtica deſordem remettêram ao baluarte Sant-Iago, como que lhe queriam dar aſſalto. Os noſſos que eſtavam já preſtes, eſperáram por elles com muita confiança. Vendo os inimigos o baluarte cheio de gente, tornáram-ſe a affaſtar, como o fizeram o dia do baluarte de S. João; e como os noſſos eſtavam já aviſados nelle, ſahíram-ſe pera fóra. Os inimigos deram o fogo, e chegando ás minas, achando grande força nos repuxos, que pela banda de dentro eſtavam feitos, arrebentou pera fóra toda a face do muro com mui grande braveza, e foi cahir ſobre os meſmos inimigos, ficando mais de trezentos delles eſpedaçados debaixo das paredes, vaſando-ſe o fogo pelas contra-minas de dentro, ſem fazer mais damno, que ficar a fortaleza toda cuberta de hum eſpeſſo, e negro fumo.

Os Capitães, Fidalgos, e Cavalleiros, que ſe tinham affaſtado, rompendo por aquellas trévas, tornáram-ſe ao baluarte. Os inimigos tanto que as minas arrebentáram, remettêram com o baluarte com todo o poder, e começáram a ſubir pelas ruinas delle; mas foram recebidos dos de ſima nas pontas das armas, fazendo-os tornar por

de-

detrás com as entranhas abertas ſobre os ſeus. Aqui foi a maior, e mais aſpera batalha de todas as que houve em todo o cerco; porque como os inimigos eſtavam derredor do baluarte com mais de vinte mil homens, eram tantos os arremeſſos ſobre os noſſos, tanto o fogo, e tantos todos os mais inſtrumentos de mortes, que cubriam os ares. Tudo o que ſe via eram labaredas, e trovões; quanto ſe ouvia gritos, bramidos, prantos, e laſtimas dos miſeros, que cahiam das mãos dos noſſos ſobre os ſeus, abrazados, e feitos pedaços. Os Portuguezes não eſtavam fóra do damno; porque como o fogo era muito, e os arremeſſos tão baſtos, huns queimados acudiam ás tinas a ſe banharem na agua, e outros com as cabeças quebradas, braços, e pernas eſpedaçadas, ſahiam-ſe a pedir cura, de maneira que em todas as partes havia deſaventuras. As honradas matronas não faltáram aqui, porque em todos os aſſaltos tiveram ſempre cuidado de acudirem ao baluarte, e andavam antre os que pelejavam, mettendo-lhes nas mãos panellas de polvora, e dando-lhes todas as mais couſas que eram neceſſarias, e que ſe pediam, porque ſe não tiraſſem dos ſeus lugares; tanto que hum cahia, era tirado por ellas, e levado a curar. A boa Iſabel Fernandes andava com

huma chuça nas mãos, e com o ſeio cheio de ſeus bocadinhos, humas vezes pelejando, outras animando a todos, e aos que via fracos acudia-lhes com ſeus mimos, mettendo-lhos na boca, dizendo: »Esforçai, » Cavalleiros de Chriſto, e pelejai por ſua » fé, que elle eſtá comvoſco.»

Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora acudíram áquella parte; e por ſer eſte o primeiro aſſalto, em que ſe achâram, ſe aſſignaláram tanto, que com as armas banhadas em ſangue, e os roſtos cheios de pó, e ſuor, andavam como leões fazendo tal eſtrago nos inimigos, que lhes fizeram perder aquelle primeiro furor. No cubello de Antonio Paçanha, e nas mais eſtancias não eſtiveram ocioſos, antes com ſua artilheria, e arcabuzaria fizeram por ſua parte aſsás de damno. Os Mouros vendo-ſe tão maltratados, foram-ſe affaſtando paſmados das couſas que viam fazer a tão poucos Portuguezes, porque já a eſte tempo não havia mais de cento e ſincoenta: perdêram os Mouros deſta vez duzentos, a fóra os trezentos que as minas lhes matáram. Rumecan não ſe ſabia determinar, porque quanto mór cabedal mettia, e quantos mais ardís inventava, tanto menos fazia, e tantas móres perdas recebia.

Mojatecan, que havia pouco era chega-

gado de ſoccorro, ficou como aſſombrado do que víra fazer aos Portuguezes; porque como nunca os vio pelejar, tinha delles mui differente opinião. Rumecan já não ſabia que fizeſſe, e encommendou aos Meſtres de Campo, que bateſſem a Igreja da fortaleza, (que parecia de fóra por eſtar no mais alto della,) por cuidar que niſſo faria grande offenſa á noſſa Religião, e que cauſaria grande mágoa nos noſſos, e aſſim foi em poucos dias arrazada, e poſta por terra. Eſtava neſte tempo a fortaleza tão deſtroçada por todas as partes, que quem de fóra a via, parecia que ſe não poderia defender, nem ſuſtentar a hum muito pequeno poder, quanto mais a tamanho exercito, a tão potente artilheria, e a tantos outros inſtrumentos de guerra, porque nem tinha muros, nem couſa, que pudeſſe amparar os de dentro, mais que os ſeus valoroſos peitos, que todos apreſentáram ás furioſas bombardas, e ás muitas, e mui amiudadas eſpingardadas, e áquellas eſpeſſas nuvens de fréchas, e labaredas de polvora, que cahiam ſobre todos, e aſſim ſe podia dizer por eſtes o que Agiſilao pelos Lacedemonios, que ſuas Cidades não tinham outros muros, mais que os peitos dos ſeus Cidadãos.

Eſtando as couſas neſte bem ruim eſtado, fugíram da fortaleza tres eſcravos, que fo-

foram levados a Rumecan, e delles soube a miseria dos Portuguezes, e da fortaleza, e tudo o mais que até então era succedido, affirmando que não havia já mais de sessenta homens sãos, que pudessem tomar armas, porque os pouco mais que havia, estavam feridos, e doentes. Sabendo Rumecan aquillo, mandou aos Capitães, que se fizessem prestes pera ao outro dia darem hum grande assalto á fortaleza. E assim tanto que amanheceo, sahíram de suas estancias com seus instrumentos confusos, e desordenados, e remettêram com o baluarte São Thomé, começando huns a subir pelas ruinas delle, e outros por escadas; mas os primeiros que chegáram assima, pagáram logo seu atrevimento com as vidas, achando tal resistencia nos de dentro, e recebendo delles tanto damno, que houve Rumecan, que os escravos o enganáram, porque não parecia que pelejavam com sessenta, senão com seiscentos. Luiz de Sousa Capitão daquelle baluarte, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Pedro, e D. Francisco de Almeida, que alli acudíram, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, mostráram aos inimigos o preço, e valor de suas pessoas, assignalando-se Miguel Darnide antre todos. Em fim foi o estrago tal nos inimigos, que tocou Rumecan

can a recolher, e affaſtado pera fóra, foi commetter a tranqueira do baluarte S. João, cuidando que eſtiveſſe vaſia; mas não foi aſſim, porque a acháram tão forte, e bem guarnecida de Cavalleiros, que em mui breve eſpaço de tempo os deſenganáram com mortes de muitos.

O Capitão em todas eſtas couſas ſempre ſe achou muito alegre, e contente, por dar animo aos ſeus, provendo, e governando tudo com muita prudencia, e conſelho. Vendo Rumecan quão mal lhe ſuccedia tudo, recolheo-ſe a ſuas eſtancias mui anojado, e triſte, mandando logo fazer na parede, que dividia o exercito da fortaleza, muitas ſeteiras, por onde a ſua arcabuzaria começou a laborar, tratando muito mal os noſſos, porque eſtavam deſabrigados, e tornou a mandar bater a ciſterna com o quartáo, em que lançáram muitos pelouros. Eſtá eſta ciſterna á entrada de huma rua, que chamam a cova, que foi a cava antiga dos Mouros, onde ſe recolhia toda a gente inutil, e as mulheres ſolteiras. Fazemſe neſta parte duas ruas de caſinhas pequenas, e não tem mais que a ſerventia pela boca da rua, onde eſtá a ciſterna, que pela outra parte he muito alta. Neſta rua cahiam muitos pelouros, que matavam alguma gente daquella. O Capitão acudio alli, e man-

e mandou fazer no topo da rua huma tranqueira alta de vigas pera repairo dos pelouros, que todos entravam pela boca da cova, e mandou furar as casas por dentro pera se servirem resguardados dos pelouros.

Vendo Rumecan que todavia as minas sempre faziam damno, mandou fazer outras no baluarte Sant-Iago, que foram sentidas dos de dentro, mandando logo o Capitão ordenar suas contraminas, e hum muito forte repuxo, de feição, que quando os inimigos lhes derão fogo, achou tão grande resistencia, que deo com parte do baluarte pera a banda de fóra, que cahio sobre os Mouros, e matou muitos, sem dos nossos perigar hum só; e quiz Deos que ficou o muro são sem receber damno. Os Mouros ao arrebentar da mina, remettêram com o baluarte com huma grita, e alaridos, que parecia que se desfazia o mundo, e subindo pelas partes derribadas, o entráram, arvorando logo em sima delle suas bandeiras, e guiões, rodeando-as de huma boa cópia de espingardeiros, que dalli varejavam pera dentro da fortaleza, com o que deram mui grande trabalho aos nossos. Dalli se descêram ao muro, e foram até a casa do Apostolo Sant-Iago, que estava encostada ao mesmo baluarte, onde os nossos acudíram, mettendo-se nos altos da casa, e as-

aſſim ficou o baluarte, e a caſa, ametade dos Mouros, e a outra dos Portuguezes, antre quem ſe travou huma muito aſpera batalha, que durou todo o dia.

Tanto que anoiteceo, mandou o Capitão fazer huma groſſa parede antre huns, e outros, o que ſe fez ſempre com as armas nas mãos, no que gaſtáram toda a noite ſem repouſarem. Acabada a obra, que foi pela manhã, mandou o Capitão pôr hum camelo grande á porta da Igreja, que ficava ſobre o alto, e deſcubria a parte que os inimigos tinham do baluarte, e dalli os mandou varejar, e foi o negocio de feição, que fez nelles mui grande eſtrago. Neſte conflicto paſſáram os noſſos muito trabalho por ſerem poucos, e terem muitas partes a que acudir; mas ſempre Deos os favoreceo, com dar a todos novo animo, e forças pera acudirem a tudo. Os ſoldados, que eſtavam no alto da Igreja de Sant-Iago, como ſempre pelejavam em huma roda viva, ás vezes lançavam os inimigos fóra do que tinham ganhado, e outras ſe tornavam a recolher: niſto paſſáram dous dias, em que todos os da fortaleza pelejáram muito bem, fortificando cada vez mais a parede, que eſtava no meio de huns, e de outros, porque tudo o mais eſtava ſeguro com as groſſas paredes que o Capitão tinha feitas pela

ban-

banda de dentro. Rumecan tambem ſe fortificou ſobre o entulho do baluarte que arrebentou, mandando fazer alguns valos, e tranqueiras pera ſe ſegurar nelles. O que tudo ſe fez ſem os noſſos lho poderem defender, poſto que lhes cuſtou as vidas a muitos.

## CAPITULO III.

*Dos ſoccorros que partíram de Baçaim: e do que aconteceo a Luiz de Mello de Mendoça, e aos mais até chegarem a Dio: e do grande aſſalto que os Mouros deram, em que ganháram parte de todos os baluartes.*

CHegada a galueta, em que Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora partíram de Baçaim pera Dio, ao outro dia, que foram quatorze de Agoſto, ſe embarcou nella Luiz de Mello de Mendoça com nove companheiros, e apôs elle tambem D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, ambos em hum catur com dezeſete ſoldados, e D. Antonio de Taíde, e Franciſco Guilherme, cada hum delles em ſeu navio com quinze companheiros, e deram á véla huns apôs os outros, ficando D. Alvaro com os mais navios negociando-ſe pera partir ao outro dia. Luiz de Mello de

Men-

Mendoça tanto que ſe foi engolfando, como a galueta era pequena, e eſtroncada, e os mares ſoberbiſſimos, começou-ſe a alagar por ambos os bordos, porque o tempo era o mais cruel que podia ſer: os marinheiros começáram a deſacoraçoar, e ainda os ſoldados; mas nada Luiz de Mello de Mendoça, que com muito animo acudia ás couſas neceſſarias, entregando o leme a hum homem de muito recado, e a eſcota, e mais apparelhos a outros de mais confiança. O tempo era tão groſſo que o mar parecia que fervia, e que debaixo das ondas ſahiam labaredas de fogo. De ſima não tinham menos perigo, porque tambem parecia que as cataratas do Ceo queriam fazer outro ſegundo diluvio, e com iſſo eram tão grandes, e eſpantoſos os fuzís, e relampagos, que paſmavam todos. Os ſoldados pedíram a Luiz de Mello de Mendoça, que quizeſſe arribar, porque parecia que os elementos todos eſtavam conjurados em ſeu damno, e que era temeridade querer ir contra a ira de Deos; porque ſegundo havia neceſſidade de homens em Dio, melhor era pouparem-ſe pera outra conjunção, que deixarem-ſe morrer por teima. Luiz de Mello de Mendoça muito ſeguro, e ſem moſtras de algum receio, os esforçou, e animou, dizendo-lhes:

» Esforçados companheiros, não vos ef-
» pantem eftas carrancas, porque alguma
» coufa he neceffario que foffrамos pera
» chegarmos a foccorrer a fortaleza d'El-
» Rey. A honra não fe ganha fem rifcos,
» e perigos, com tempo quieto, e brando
» pouco havia que nos agradecer. Efta he
» a mefma galueta, em que meu primo An-
» tonio Moniz Barreto paffou efte mefmo
» golfo, e eftas mefmas tempeftades, pois
» nós que menos temos que elle, que não
» paffemos por onde o elle fez? e ainda
» que não fora pela honra, que pertendemos
» ganhar, fó pela infamia, em que cahire-
» mos, vendo-nos arribar de medo, nos
» haviamos de arrifcar a mores perigos: an-
» dar por diante, e vá Deos comnofco,
» que elle nos encaminhará. »

Todavia, como a galueta era muito pequena, e os mares tão foberbos, e grandes, deixando-fe vencer delles, ficou adornada, e quafi fubmergida. Luiz de Mello de Mendoça acudio com os companheiros aos baldes, com que começáram a lançar a agua fóra, não largando os homens o leme, e a efcota: e quiz Deos que tornou a furdir a galueta, indo todos aos baldes, deitando a agua ao mar com grandiffimo trabalho; porque fe a lançavam por hum bordo, tornava-lhes a entrar por todos.

Ven-

Vendo os ſoldados hum tamanho perigo, requerêram a Luiz de Mello de Mendoça que arribaſſem; mas elle diſſimulou, mandando-lhes que trabalhaſſem. Vendo elles tamanha contumacia, fallaram-ſe em ſegredo huns com os outros, e determinráram de lho fazer por força.

Diſto foi elle aviſado por hum Gomes de Quadros de ſua obrigação, e diſſimulando ſe foi ás armas, e as tomou todas, e as metteo em hum pequeno paiol, e poſto em ſima delle com huma eſpada nua na mão, diſſe com grande colera.

» Ninguem ſeja ouſado de fallar em ar-
» ribarmos, porque eu ou hei de morrer,
» ou hei de chegar a ſoccorrer a fortaleza
» d'ElRey, por iſſo cada hum trabalhe por
» ſe ſegurar, e não temer, que Deos irá
» comnoſco: e folgai todos de paſſardes
» comigo a ventura que eu paſſar, pois
» não tendes que perder mais que eu; e ſe
» paſſardes riſcos, e perigos, os Portugue-
» zes aſſim ſervem o ſeu Rey, e pera ven-
» cerem todos os trabalhos naſcêram: por
» iſſo não ſejamos ſós os que nos deixemos
» vencer delles, acuda cada hum ao que
» lhe he encommendado, e vamos por
» diante.»

Com iſto ſe caláram todos, e forão trabalhando com os baldes todo o dia, e to-

da

da a noite. Ao outro dia já ſobre a tarde, navegando ſempre por baixo da agua, chegáram a haver viſta da fortaleza.

Ceſſem aqui os encarecimentos das navegações de Ulyſſes, e de Eneas, que aquelles famoſos Poetas Homero, e Virgilio tanto celebráram em verſos ſuaves, e brandos, que iſto que aſſim toſcamente eſcrevemos deſtes noſſos Portuguezes paſſa por tudo quanto elles fabuláram.

Tanto que os da galueta víram a fortaleza, aſſim ſe alegráram como homens, que reſuſcitáram, e demandando a barra, entráram por ella com grande riſco, e perigo, e foram ſurgir á couraça, por onde foram recolhidos dentro, e recebidos do Capitão, e de todos os mais com muito grande alvoroço. Luiz de Mello de Mendoça affirmou ao Capitão, que D. Alvaro de Caſtro teria já dado á véla, e que não tardaria dous dias. Foi eſte Fidalgo com ſeus ſoldados poſto no baluarte Sant-Iago, de que os inimigos tinham ganhado a maior parte. Ao outro dia, que foram vinte do mez de Agoſto, chegáram D. Jorge, e Dom Duarte de Menezes, (que não paſſáram menos riſcos, e trabalhos, que Luiz de Mello de Mendoça,) que foram recebidos com grande alegria de todos, e apoſentados no meſmo baluarte.

Com

Com a vinda deſtes tres Fidalgos ficáram os da fortaleza mais deſalivados. O Capitão deſejou de feſtejar os novos hoſpedes, porque lhes ſentio deſejo de provarem a mão com os inimigos, e quiz que ao dia ſeguinte commetteſſem lançallos fóra do baluarte, e pera iſto deo recado a todos, pera que eſtiveſſem preſtes, querendo-ſe tambem elle achar em peſſoa naquelle negocio. Tanto que amanheceo, ſe foi D. João Maſcarenhas ao baluarte com alguns companheiros, que dos outros eſcolheo, e com todos os mais, que nelle eſtavam, commetteo os Mouros com tão grande determinação, que com morte de muitos delles lhes ganhou os valos, que tinham feitos, e os lançou fóra. Rumecan teve logo aviſo daquelle negocio, e acudio alli com todo o poder, e tornou a cavalgar a eſtancia, ſobre que houve fazerem-ſe couſas notaveis, e muitas mortes dos inimigos, que tudo faziam á cuſta das vidas dos ſeus.

Rumecan tanto que tornou a ganhar aquella parte, deo hum geral aſſalto á fortaleza, commettendo todas as eſtancias, que lhe foram defendidas com o valor, e esforço acoſtumado, fazendo os noſſos que tinham chegado de refreſco, couſas muito pera ſe eſcreverem, e imitarem. Eſtando eſte negocio da batalha na força do maior confli-

flicto, se começou a escurecer o Sol, e a se cubrir ó ar de nuvens mui grossas, e espessas, que se desfizeram em grandes chuveiros sobre a fortaleza. Vendo os Mouros aquella terrivel trovoada, e que por causa da agua lhes não podia empecer o fogo dos nossos, (que era o que elles mais receavam,) remettêram mui determinadamente com os baluartes pera os ganharem; mas os Portuguezes á espada, e lança lhes tiveram o encontro com muito valor, matando, e espedaçando muitos.

D. Duarte, D. Jorge de Menezes, Dom Francisco de Almeida, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, e outros Fidalgos, e Cavalleiros fizeram tão altas proezas, que muitos dos inimigos deixavam de pelejar pelos verem. O Capitão correndo todas as partes, e deixando-as provídas, acudio ao baluarte Sant-Iago, que estava em mór trabalho, e mettendo-se antre todos, animando-os, e esforçando-os, pelejou hum espaço grande, em que os nossos apertáram tanto com os inimigos, que os fizeram afloxar. D. João Mascarenhas não lhe consentindo o coração, nem a obrigação de seu officio deter-se alli muito, fazendo suas lembranças áquelles Fidalgos, e Cavalleiros, tornou a correr as mais estancias pera ver com o olho tudo, e pro-

ver

ver no de que houvesse necessidade, e em todas achou a batalha muito travada. A fortaleza toda em roda se desfazia em gritos, alaridos, golpes, e estrondos de instrumentos, em fim que tudo era confusão. Durou este conflicto (que foi o maior de todos os em que aquelles cercados se víram) seis horas, até que o tempo começou a abrir, e o Sol tornou a apparecer.

Os Portuguezes tornáram-se aproveitar das panellas de polvora, ou das telhas, com que fizeram huma grande, e espantosa destruição nos inimigos, que por honra sustentavam os lugares á custa das vidas, até que de todo anoiteceo, que se recolhêram. Ficáram de esta feita mortos aos pés dos baluartes quatrocentos, a fóra mais de mil, que foram feridos, e da nossa parte morrêram alguns, que haviam de ser sem nome, porque não lhos achámos. Esta noite passáram todos os da fortaleza com grande vigia; ao outro dia em amanhecendo entráram pela barra os navios de D. Antonio de Taíde, e Francisco Guilherme, que rompendo a braveza, a força, e impeto dos mares, e ventos, alagados muitas vezes passáram sempre adiante, até descubrirem as torres da fortaleza, que foi pera todos causa de grande alvoroço. Foram estes Fidalgos recolhidos pela couraça, e postos nos ba-

baluartes S. João, e S. Thomé; e affirmáram que ao outro dia sería alli D. Alvaro de Castro, com o que mostráram por sima dos muros grandes signaes de alegria, tangendo, e foliando, cousa que os mais dos dias faziam acabados os assaltos pera se alegrarem, e alentarem.

## CAPITULO IV.

*De outros assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de hum muito arriscado feito, que commetteo Antonio Correia por tomar huma espia, em que foi cativo: e do grande, e aspero martyrio que recebeo.*

VEndo Rumecan que começavam a chegar os soccorros da India, e que em todo o inverno não tinha feito cousa alguma, estando a fortaleza arrazada, e com tão pouca gente, e que tinha perdido perto de sinco mil homens, começáram-no a entrar mui grandes desconfianças daquelle negocio, porque bem entendeo que como fosse tempo melhor, haviam de vir muitos soccorros, e ainda a pessoa do Governador; e que como elle chegasse, não se havia de deixar estar cercado, antes o havia de ir buscar a suas estancias. Causavam-lhes estes discursos muito grande melancolia, e triste-

za,

za, que elle diſſimulava o melhor que podia, pelos ſeus o não entenderem, e não ſe lhe irem; e todavia parecendo-lhe que era obrigação proſeguir naquelle negocio, mandou fazer huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. João até a guarita de Antonio Paçanha, e começando-ſe a obra, foi ſentida dos noſſos. O Capitão acudio com muita preſſa a fazer ſuas contraminas, e repairos, e outro muro muito groſſo pela banda de dentro, em que trabalhavam todos os Fidalgos, e Cavalleiros, de miſtura com as honradas matronas.

Os Mouros, acabada a mina, deram-lhe fogo, e arrebentando deo com o muro pera fóra, ficando o que eſtava feito pela banda de dentro; e ao dar do fogo remettêram pera entrar á fortaleza por alli, cuidando ficaſſe tudo aberto; mas achando-ſe com outro muro diante, voltáram com todo o poder pera a guarita de Antonio Paçanha, que com a furia do fogo cahio hum bom pedaço; e poſto que accommetteo braviſſimamente, fez pouco, porque os noſſos lha defendêram de feição, que com grande damno ſeu os fez affaſtar. Em quanto iſto durou, das eſtancias dos inimigos batêram toda a fortaleza em roda; e como todos os baluartes eſtavam razos, cahíram tantos pelouros dentro, que parecia que choviam,

ſem fazerem damno algum nos noſſos, o que ſe notou a milagre, havendo que Deos os favorecia, e tinha os olhos nelles, e aſſim ſe lhes encommendáram de coração, e andavam todos tão contritos, e arrependidos de ſeus peccados, que era grande conſolação pera elles.

Eſte dia ficou iſto aſſim, recolhendo-ſe os inimigos tambem arreſoadamente eſcalavrados. Rumecan blasfemava de Mafamede, vendo tantos máos ſucceſſos, e como deſeſperado tornou ao outro dia commetter a fortaleza com todo o poder, fazendo-o elle em peſſoa ao baluarte S. Thomé, tendo dado recado, que em quanto elle o commettia, ſe bateſſem as outras eſtancias, como fizeram. Os inimigos remettêram com o baluarte com grande determinação, travando-ſe antre elles, e noſſos huma mui aſpera batalha, em que elles não receavam perder as vidas, porque como brutos ſe mettiam pelas armas dos noſſos. E tanto porfiáram, que ſubíram ao baluarte, e tornáram a ganhar aquella parte, que já tiveram, onde arvoráram ſuas bandeiras. Dalli começáram com os noſſos a mais aſpera, e cruel batalha que ſe vio, lançando os Mouros tanto fogo ſobre os de dentro, que os abrazáram a todos.

Antonio Moniz Barreto, que aqui fez

gran-

grandes maravilhas, ficou todo ardendo em chammas ſem largar o lugar, (o que todos fizeram pera ſe irem banhar nas tinas da agua,) não ficando alli mais que elle, e dous ſoldados, que pelejáram como leões; e todavia apertou tanto o fogo com Antonio Moniz Barreto, que ſe foi ſahindo pera ir buſcar as tinas da agua. Hum daquelles ſoldados, que tambem eſtava abrazado, fazendo façanhas nunca imaginadas, vendo affaſtar-ſe Antonio Moniz Barreto, tomou-o por hum braço, dizendo-lhe: » Que he iſ-
» to, ſenhor Antonio Moniz, aonde ides,
» e deixais o baluarte d'ElRey? Não dei-
» xo, reſpondeo elle; mas eſtou ardendo
» vivo, e vou áquellas tinas pera matar eſ-
» te fogo. O ſoldado lhe diſſe: Em quan-
» to as mãos eſtam ſans, e podem pelejar,
» tudo o outro he nada: tornai, Senhor, a
» voltar, não acabem os Mouros de ga-
» nhar eſte baluarte. » Antonio Moniz Barreto vendo o esforço do ſoldado, voltou, e ſe poz junto delle, tornando a pelejar, como ſe entrára de novo naquelle lugar.

Aqui eſteve a couſa de todo perdida; porque os inimigos, que a cada momento eram cevados de outros de refreſco, apertáram tanto com eſſes poucos, que havia no baluarte, que ſempre acontecêra hum grande deſaſtre, ſe áquella hora não acu-

dí-

díram alguns dos noſſos de refreſco, que apertáram com os inimigos de feição, que os lançáram fóra, fazendo aquelles dous ſoldados, a que não achámos os nomes, taes couſas, que paſmou Antonio Moniz, principalmente aquelle que o deteve, a quem elle levou nos braços depois do combate paſſado, dizendo-lhe palavras de grandes louvores, pedindo-lhe: » Que quando ſe » elle embarcaſſe pera o Reino, ſe foſſe com » elle, que o apreſentaria a ElRey, e lhe » diria ſeus feitos, e o faria deſpachar »: e aſſim foi, que quando Antonio Moniz Barreto chegou ao Reino, o deſembarcou comſigo, e o entregou ao Infante D. Luiz, contando-lhe tudo o que com elle lhe acontecêra. O Infante o tomou por ſeu, e lhe fez dar a feitoria de Baçaim, que elle não ſervio por morrer primeiro, e ficou ſempre conhecido pelo ſoldado do fogo.

O que ſe mais louva em Antonio Moniz Barreto, foi a confiança com que contou a ElRey, e ao Infante, o como o ſoldado o fizera tornar pera o baluarte, indo elle buſcar as tinas da agua, e que ſem dúvida o baluarte ſe perdêra, ſe o ſoldado não fora. E com eſte homem ſer por iſto digno de outro tão honroſo ſobrenome, como os Romanos deram a Manlio Capitolino por defender o Capitolio aos Gallos,

foi

foi o deſcuido Portuguez tal, que nem nome, nem ſobrenome ficou delle.

E tornando á noſſa hiſtoria: lançados os Mouros do baluarte, ficáram no entulho de fóra, detrás dos repairos que tinham feitos, e dalli ás lançadas, e eſpingardadas pelejavam com os noſſos todo o dia, ſem tomar deſcanço. O Capitão mandou repairar o baluarte, e fazer huma parede alta, e groſſa, com que os noſſos ficáram mais ſeguros.

Ao outro dia, depois que iſto paſſou, mandou o Capitão a Antonio Correia que foſſe em hum catur ligeiro á outra banda, e que trabalhaſſe por tomar alguma eſpia pera ſe informar do que determinava Rumecan. Embarcado Antonio Correia no quarto da modorra com vinte ſoldados, paſſou-ſe á outra banda em grande ſilencio, e chegou-ſe á terra pera ver ſe ſentia alguma gente, onde eſtiveram até de madrugada, que ſe recolhêram ſem fazer couſa alguma, e por eſta maneira foram ſinco noites, ſem fazer preza alguma, do que Antonio Correia andava triſte. E dizendo-lhe humas vigias de hum dos baluartes da fortaleza, que viam todas as noites hum fogo no cabo da Ilha, determinou de ir ver o que era. E ſahindo-ſe pela barra fóra, foi coſteando-ſe a terra no mór ſilencio que pode, e che-

gan-

gando áquella parte vio o fogo , e pondo a proa em terra hum pouco desviado , saltou nella só com huma espada , e rodella , e foi muito encubertamente demandar o fogo ; e sendo perto , vio estar doze Mouros assentados derredor de huma fogueira aquentando-se , o que muito bem pode divisar , porque a labareda os descubria todos , e voltando pera o catur , chamou os soldados , e tornou pera dar nelles , e chegando perto víram ainda os Mouros. Antonio Correia disse aos companheiros muito passo : » Aqui temos boa preza , vamos por duas » partes , dez por cada huma , e demos » nelles de subito , e tomemos dous ás mãos , » e todos os mais se mettam á espada. » Os vís soldados tanto que aquillo víram , perdêram o animo , e a vergonha , e disseram : » Que aquelle negocio era muito arriscado , » que elles não queriam commetter cousa » duvidosa , porque pela ventura seriam os » Mouros muitos mais , que estariam por » ahi derredor que acudiriam , e nenhum » delles escaparia com vida » e sem esperarem razão alguma voltáram pera o navio.

Vendo Antonio Correia tamanha infamia , e covardia em Portuguezes , cousa tão alheia delles , magoado daquelle negocio , que lhe accrescentou a ira , e furor , encommendou-se a Deos , e determinou de commet-

metter os Mouros. E indo-os demandar mui agachado, ſendo já perto, deo de ſubito nos que alcançou com grandes gritos pera os eſpantar, e ferio alguns bem á ſua vontade. Os Mouros ſobreſaltados eſpertando-os a dor das feridas, leváram das armas, e começáram de ſe defender; e vendo que era hum ſó homem, ficáram como paſmados, e rodeando-o o começáram a perſeguir; mas o esforçado cavalleiro não deſmaiando, nem temendo couſa alguma, com ſua eſpada, e rodella ſe poz em defensão, ſaltando a huma, e a outra parte mui ligeiramente, ferindo aos inimigos de feridas mortaes. Mas como era hum ſó, e a briga durou muito, começáram-lhe a faltar as forças, e ſobejando-lhe o animo, os Mouros ſentindo-o enfraquecer, remettêram a elle, e o liáram todos, bracejando elle, mordendo, e fazendo couſas, de que os Mouros paſmáram. E como deſejavam de o levar vivo a Rumecan, o atáram, ainda que com bem de trabalho, e com grandes tangeres, e feſtas o leváram á Cidade, e lho apreſentáram, contando-lhe as façanhas que lhe víram fazer, moſtrando os mais delles muitas, e mui disformes cutilladas que lhes elle deo.

Rumecan o eſtimou muito, e lhe perguntou pelo eſtado da fortaleza, e que gen-

te tinha, e se se esperava cedo pelo soccorro de Baçaim, e se havia novas de se o Governador fazer presles pera vir soccorrer a fortaleza, e por outras muitas cousas. Antonio Correia lhe respondeo a tudo muito differente do que o Mouro desejava, affirmando-lhe, que na fortaleza havia quatrocentos homens, e que tinham de refresco muitas munições, e que até o outro dia se esperava pelo filho do Governador, que já era partido de Baçaim com seiscentos homens, e que o Governador em Goa fazia huma grande Armada, e que esperava pelas náos do Reino pera se embarcar, e que sempre traria de vantagem de quatro mil Portuguezes, e outras cousas desta sorte, de que Rumecan ficou tão agastado, que o mandou amarrar ao cabo de hum cavallo, e tanto que amanheceo, o mandou levar arrastando pela Cidade, pera que todos o vissem, e depois lhe mandou cortar a cabeça.

Todos estes martyrios soffreo o Cavalleiro de Christo com grande paciencia, e com o coração todo em Deos, pedindolhe misericordia, e perdão de seus peccados, offerecendo-lhe por elles aquelles tormentos, e morte, que por honra de sua santa Fé passava. E de crer he que sua alma subiria banhada no quente sangue a gozar

zar

zar da gloriosa coroa de martyrio, e seria recebida antre os bemaventurados. Sua cabeça foi posta em huma lança defronte dos nossos baluartes S. João, e S. Thomé, onde foi vista tanto que amanheceo. Os vís, e fracos soldados que o deixáram se foram metter no navio; e esperando por elle até amanhecer, vendo que tardava, deram á véla pera a fortaleza, aonde chegáram ao mesmo tempo que a cabeça do seu valente, e esforçado Capitão apparecia posta na lança, acompanhada daquella infernal turba, que com vozes, gritas, e tangeres mostravam o contentamento daquella vitoria.

A cabeça foi logo conhecida dos baluartes, e causou em todos huma grande tristeza, principalmente no Capitão, por perder hum tal, e tão esforçado companheiro nos trabalhos daquella fortaleza. O navio chegou á couraça, e os soldados se recolhêram dentro, de quem o Capitão soube logo a verdade, particularmente de hum delles, que lha confessou assim como passára, ficando admirado de tal successo, porque aquelles homens em todo o decurso do cerco tinham feito façanhas, e recebido por muitas vezes muitas feridas: e todavia não os quiz ver, porque o tempo não estava pera proceder em outra fórma contra elles, deixando-lhes por castigo a infamia com que

ficá-

ficáram, que elles purgáram assás bem depois nos assaltos, assignalando-se diante de todos, e morrendo alguns de muitas feridas, que lhes deram nos lugares, em que estavam, sem os quererem largar.

## CAPITULO V.

*De algumas cousas, que mais succedêram: e do que aconteceo na viagem a D. Alvaro de Castro: e de hum grande motim, que houve dos Portuguezes contra o Capitão.*

DEste successo de Antonio Correia ficáram os Mouros tão soberbos, que se arriscáram alguns a fazerem sortes, como foi hum que ao outro dia determinou de tomar huma bandeira, que estava arvorada em huma guarita, que se fazia antre o baluarte S. Thomé, e Sant-Iago; e sahindo das estancias só, e muito agachado, chegou ao pé da guarita, e subio pelas quebradas do muro, e chegou até a bandeira, de que ferrou sem a poder arrancar, e tornou a saltar em baixo, e se recolheo. Como isto foi subitamente feito, não tiveram os nossos tempo pera lhe atirarem com alguma cousa. O Mouro vendo o pouco risco que correo, desejoso de levar aquella bandeira a Rumecan, tornou a commetter a mes-

a mesma sorte, e já não pode ser tão encuberto, que não fosse visto de alguns soldados de hum daquelles baluartes; e vendo-o commetter a subida, prepararam as espingardas, e com elle pegando da bandeira lhe deo hum pelouro pelos peitos de que logo cahio, e acudindo alguns daquelles soldados, lhe cortáram a cabeça, e a arvoráram em huma lança defronte donde estava a de Antonio Correia, o que Rumecan sentio muito. Os Mouros, que estavam no entulho do baluarte S. Thomé, foram fazendo muros, e repairos, cada vez mais pera dentro, até se fazerem senhores da mór parte delle; e sempre o ganháram todo, se o Capitão com sua muita prudencia, e providencia não acudíra logo com hum bazalisco, que mandou levar á porta da Igreja, donde se descubria todo o baluarte, e dalli mandou bater as estancias, e tranqueiras, que os Mouros tinham nelle. O que se fez com tanta braveza, que com poucos tiros lhes puzeram as paredes por terra, desamparando os Mouros o baluarte, que o Capitão mandou reformar o melhor que pode ser.

E deixaremos estas cousas por hum pouco, porque he razão tornemos a D. Alvaro de Castro, que depois de reformar sua Armada muito bem, logo dahi a dous dias, de-

depois que partíram D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, deo elle á véla com ſincoenta navios, que ajuntou com os das fortalezas de Chaul, e Baçaim, e começou a atraveſſar o golfo; mas como a braveza delle não ceſſava, e os navios eram grandes, e pejados, não podendo ſoffrer os mares, tornáram a arribar em poppa quaſi perdidos, e alagados, e foram demandar differentes poſtos; D. Alvaro com a mór parte dos navios foi ferrar Agaçaim com todos deſapparelhados, e os mantimentos podres, e alijados ao mar. Eſtava por Capitão naquella Tanadaria Luiz Xira Lobo, homem Fidalgo, que com muita preſteza, e diligencia reformou os navios, e os proveo de todas as couſas neceſſarias.

Antre os mais navios, que foram correndo tormenta pera differentes partes, foi o de que era Capitão Athanaſio Freire; eſte indo demandar a terra, foi-ſe mettendo na enceada de Cambaia quaſi alagado, e deſapparelhado, e em eſtado que ſe aſſentou antre todos, que varaſſem na primeira terra que pudeſſem tomar, porque era menos mal, que deixarem-ſe morrer affogados, e aſſim foram encalhar junto de Surrate; e ſahindo todos em terra, foram cativos da gente que acudio, e levados a ElRey Soltão Mahamude, que os mandou metter em

hu-

huma mafmorra, onde tinha Simão Feio, e outros Portuguezes. Ruy Freire Feitor de Chaul (que largou o cargo, e fe embarcou em hum navio em companhia de D. Alvaro de Caftro com vinte e quatro foldados, e muitos mantimentos, e munições, tudo á fua cufta) quiz fua boa fortuna que o feu navio foffreffe melhor os mares que os outros, e paffando adiante, foi navegando aquelle dia, e noite com grande rifco, e trabalho, e ao outro dia houve vifta da cofta de Dio, a que fe chegou, e de longo della foi demandar a fortaleza, e entrou pela barra dentro o mefmo dia, que fuccedeo a forte da bandeira ao Mouro, e furgindo na couraça, foram recolhidos por ella com grande alegria, e contentamento de todos. E de Ruy Freire foube o Capitão como já D. Alvaro de Caftro vinha com toda a Armada, porque ainda não fabia de fua arribada. Ifto caufou em toda a fortaleza grandes alvoroços, fazendo-fe tantas feftas, e alegrias, que fe fentíram nas eftancias dos Mouros, que logo fouberam todas as novas.

D. Alvaro de Caftro, e D. Francifco de Menezes tanto que fe reformáram em Agaçaim, tornáram a commetter o golfo, que ainda acháram colerico, e furiofo; mas paffando por todos os inconvenientes, rompen-

pendo por riſcos, e por perigos, foram haver viſta da outra coſta por junto de Madrefaval, e juntamente houveram viſta de huma náo d'ElRey de Cambaya, que vinha de Ormuz. D. Alvaro de Caſtro poz os navios em armas, e a foi demandar, e chegando perto lhe atirou huma bombardada a amainar, o que ella logo fez confiada no ſalvo conduto que trazia, porque tinha partido em tempo de paz com elle. O Capitão da náo tomou o cartaz, e ſe embarcou com os officiaes no batel, e ſe foi ao navio do Capitão mór; elle como os teve dentro, os reprezou, e mandou metter gente na náo, e que lhe levaſſem todos os mercadores, que logo ſe mettêram em ferros. Feito iſto, deſpedio logo D. Alvaro de Caſtro a náo ao Governador pera determinar ſe era de preza, e metteo-lhe dentro hum Capitão com gente. Eſta náo em poucos dias foi tomar a barra de Goa, e os mercadores foram deſembarcados prezos, e a fazenda tirada, que era muito coral, alcatifas, chamalotes, larins, e outras couſas, que tudo montaria perto de trinta e ſinco mil pardáos, o que tudo foi a muito bom tempo pera as deſpezas da Armada, que ſe eſtava fazendo preſtes.

D. Alvaro de Caſtro tanto que deſpedio a náo, foi ſua derrota até tomar a barra

ra de Dio, por onde entrou com toda a Armada, que paſſava de quarenta navios formoſiſſimamente embandeirados, dando huma ſoberba ſalva de artilheria, cujos pelouros foram dar nas eſtancias dos Mouros, e por dentro da Cidade, onde cauſáram aſſás de temor. Da fortaleza lhe reſpondêram com outra ſalva mais temeroſa por ſer com bazaliſcos, aguias, ſalvagens, e outras peças muito groſſas. D. João Maſcarenhas acudio com grande alvoroço á porta, e a mandou abrir pera por ella receber D. Alvaro de Caſtro, que deſembarcou no caes, armado elle, e todos os da Armada, que ſeriam perto de quatrocentos homens, e á porta da fortaleza foi recebido do Capitão com grandes feſtas, e alvoroços de todos. Dalli foi levado ás ruinas do baluarte São João, onde ſeu irmão D. Fernando de Caſtro acabou a vida, pera que nelle tomaſſe della mui grande ſatisfação, e alli o apoſentáram com alguns dos ſeus Capitães. Dom Franciſco de Menezes foi poſto no baluarte S. Thomé, de que ſempre foi Capitão Luiz de Souſa, e os mais Capitães ſe repartíram pelas outras eſtancias. D. Alvaro de Caſtro mandou deſembarcar os mantimentos, e munições, que nos navios vinham, de que já havia bem de neceſſidade, e com iſto ficou a fortaleza muito dif-

ferente do eſtado em que dantes eſtava, e com muito perto de ſeiscentos homens, que já enchiam os baluartes, e eſtancias.

D. Alvaro de Caſtro o meſmo dia que chegou, deſpedio o ſeu navio com cartas ao Governador, em que lhe dava conta de ſua chegada, e do eſtado, em que achou aquella fortaleza, e D. João Maſcarenhas o fez tambem de todos os ſucceſſos paſſados até então. Vendo-ſe o Capitão tão proſpero de gente, dava-ſe-lhe pouco já dos inimigos, e quiz-lhes moſtrar quão cedo os havia de deſenganar de todo, mandando logo aſſeſtar tres camellos de marca maior em tres eſtancias fronteiras ás dos inimigos, e as mandou bater fortemente, e fez nellas tal eſtrago, que foi forçado a Rumecan fortificar-ſe mais.

E porque nas ruinas do baluarte São Thomé ficou hum façanhoſo bazaliſco enterrado, tratou o Capitão de o tirar, pera o que mandou ordenar cabreſtantes, e engenhos; mas nada baſtou por muito que todos trabalháram. E vendo que era trabalho em vão, mandou-o liar com dous viradores groſſos pera o ſegurarem dos inimigos; mas nem iſto aproveitou, porque os inimigos ſervindo-ſe por baixo das ruas, e pontes, determináram de acabar de derribar aquelle baluarte, e aſſim o foram ſolapan-

do

do pelos fundamentos, até que arrunhou de todo, e cahio pera muitas partes, ficando o bazalifco fufpendido nos viradores. Ifto fuccedeo quatro dias depois da chegada de D. Alvaro de Caftro. Vendo os Mouros todo o baluarte derribado, e o bazalifco dependurado, determináram de o ganhar, e affim fahindo de fuas eftancias com todo o poder, e com os terremotos acoftumados, remettêram com o baluarte por onde começáram a fubir, e outros a dar cabos ao bazalifco, porque tirava muita gente pera o levarem. D. Francifco de Menezes, que alli eftava de refrefco, acudio com os feus, e remettendo com os inimigos, travou com elles huma muito arrifcada batalha, trabalhando muito os Mouros por fe pôrem em fima do baluarte; mas como os noffos pelejavam já mais defaffogado, e com mais brio pelo novo foccorro, foi-lhes muito facil lançarem os inimigos fóra do baluarte, e os fizeram recolher a fuas eftancias com mortes, e feridos de muitos dos Mouros. O Capitão mandou vigiar fe havia mina pera prover niffo.

Os foldados da Armada de D. Alvaro de Caftro, ouvindo fallar em minas, tendo fabido o defaftrado fucceffo do baluarte S. João, receando acontecer-lhes outra defaventura, e que todos os baluartes eftivef-

ſem minados, ajuntando-ſe quaſi quatrocentos póſtos em armas, juramentáram-ſe a ſeguirem todos a voz a hum, e depois ſahíram pelas ruas com grande motim, e arrogancia, bramindo, e gritando, dizendo: » Que não haviam de ſoffrer eſtar encurra-» lados, e virem-lhes os inimigos tomar as » peças de artilheria dos ſeus baluartes; e » que não queriam morrer debaixo de mi-» nas, ſenão no campo antre os inimigos » como Cavalleiros.» Com eſta união, e determinação ſe foram a caſa do Capitão, e com palavras arrogantes, e deſordenadas, lhe requerêram: » Que os deixaſſe ir pele-» jar no campo com os inimigos; e que ſe » elle tinha já ganhado muita honra na de-» fensão da fortaleza, que muito mais ga-» nharia pelejando no campo, e não aguar-» dar alli a furia, e braveza do fogo das » minas; porque não era honra dos Portu-» guezes morrerem encerrados, e de fome, » tendo a vitoria tão certa, como todos eſ-» peravam.» O Capitão achou-ſe embaraçado com aquella união, a que acudíram D. Alvaro de Caſtro, e D. Franciſco de Menezes (que já tinham rebate diſto) pera os apaziguarem, ſem poderem acabar com elles couſa alguma. O Capitão com muita brandura, e manſidão lhes pedio » ſe » quietaſſem, e que o ouviſſem, e ſe lhes

» não

» não désse razões muito licitas pera não
» commetterem o que queriam, que elle
» estava prestes pera lhes fazer a vontade
» em tudo. » E querendo ir por diante com
a prática, lha atalháram, começando a bradar:
» Que aquillo era covardia, e fraqueza,
» que se elle não queria sahir ao campo,
» que elles elegeriam antre si Capitão
» que os guiasse, porque não haviam de
» soffrer tanta soberba aos inimigos, que
» tinham ousadia pera lhes levarem as peças
» da artilheria de dentro do baluarte,
» porque ao outro dia tentariam outra cousa
» de mór affronta, e vituperio pera elles.
» Vendo o Capitão aquelle desatino,
disse: » Que se fossem quietar, que elle lhes
» faria as vontades contra a sua, e contra
» o serviço d'ElRey; e que se fizessem prestes
» pera o outro dia pela manhã, que elle
» os metteria onde se arrependessem. »
Com isto se foram recolhendo, ficando o
Capitão assombrado daquelle negocio, porque
via quão arriscado era. Todo aquelle
resto do dia, e toda a noite trabalháram
D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de
Menezes, e o Padre Vigario, com os mais
Fidalgos, e Capitães, pera os moderar, sem
os poderem mover de sua pertinacia. Bem
differente do que fizeram aquelles valentes
soldados Romanos, que alevantados contra
o seu

o ſeu Dictador Quinto Fabio Maximo, pera que déſſe batalha a Anibal, com outra ſemelhante arrogancia, e ſoberba á deſtes noſſos Portuguezes; e dando-lhes o bom velho Fabio ſuas razões, e apontando-lhes os inconvenientes que tinha pera não romper batalha com os inimigos, tiveram tanta força, e authoridade ſuas palavras, que os ſujeitáram, moderáram, e apaziguáram de todo; porque as leis da diſciplina militar, que antre nós falece, os trazia mui enfreado. E ſe antre as virtudes que os Portuguezes tem, como são, fortaleza, valor, e fidelidade, tiveram eſta da diſciplina militar, e da obediencia na guerra, puderam fazer em tudo vantagem áquelles antigos Romanos, e ainda a todas as mais Nações do mundo. Nem ſe póde negar que eſte motim deſtes Portuguezes foi huma temeridade guiada de ſeus esforçados, e grandioſos animos, que lhes fazia parecer que tudo pera elles era pouco, e facil.

CA-

## CAPITULO VI.

*De como D. João Mascarenhas por desconfiança sabio aos inimigos, e lhes ganhou as primeiras estancias, e a parede, e os commetteo no campo, onde foi desbaratado, e morto D. Francisco de Menezes, e outros Fidalgos.*

AO outro dia tanto que amanheceo, armando-se os soldados do motim, se foram juntos ao terreiro da fortaleza, chamando a altas vozes pelo Capitão, e pedindo batalha com palavras mui soberbas, e desordenadas. D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes acudíram logo pera os quietarem com branduras, mimos, e promessas, o que tudo era peior, porque quanto mais lhes diziam, tanto mais destemperados se mostravam. O Capitão entrando-lhe a desconfiança, disse a D. Alvaro de Castro, e a D. Francisco de Menezes: » Ora em fim, senhores, façamos-lhes as » vontades, e encommendemo-nos a Deos. » E encarregando as estancias a seus Capitães, repartio por ellas cem homens, e de todos os mais, que eram perto de quinhentos, fez tres batalhas, dando as duas a D. Alvaro de Castro, e a D. Francisco de Menezes, e a outra tomou pera si. E póstos em

em ordem, sahíram da fortaleza pelo postigo, e remettêram com as estancias, que os inimigos tinham á boca da cava, e aos primeiros encontros as ganhâram com mortes de muitos Mouros, fugindo os mais pera o exercito, indo os nossos apôs elles. E chegando ás paredes (que estavam já com as portas fechadas) as começáram a subir. Dom Alvaro de Castro pedio a Jorge de Mendoça, e a seu irmão Luiz de Mello, que o ajudassem a subir ao muro, e que tivessem o olho nelle, o que elles fizeram pondo-o em sima, e elles logo apôs elle saltáram da outra banda. O mesmo fez D. Francisco de Menezes com os mais da sua companhia, sendo os primeiros Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, Dom Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Francisco, e D. Pedro de Almeida irmãos, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que foram com grande determinação pera darem no exercito.

Rumecan, Juzarcan, e Mojatecan acudindo com seus esquadrões fóra, deram com os nossos, começando-se antre todos huma muita aspera batalha, mui desarranjada, e sem ordem alguma da nossa parte. D. Francisco de Menezes tinha ajuntado a si a mór parte do seu esquadrão, com que commetteo os inimigos pelo alto do jogo da bolla, (por-

(porque alli foi a batalha,) e rompendo nelles com grande furia, e força, animando, e esforçando os ſeus, foram fazendo grande deſtroço nos Mouros. O Capitão com o guião de Chriſto, que hia hum pouco atrás, chegou ás paredes hum eſpaço pequeno, depois de D. Alvaro de Caſtro, e D. Franciſco de Menezes eſtarem já da outra banda, e achou os principaes ſoldados do motim embaraçados nas paredes, e ſem as ouſarem a ſubir, porque des que víram a groſſura, e altura dellas, ficárão como paſmados. Elle vendo-os aſſim, chegou a elles, dizendo alto: » Que he iſto, ouſados, » e atrevidos nas palavras, e tão timidos, » e covardes nas obras? que do voſſo brio, » e arrogancia, ou pera melhor dizer, o » voſſo mal conſiderado esforço? como não » ſubís eſſas paredes? que medo he o que » vos ata as mãos, tendo ha tão pouco a » lingua tão ſolta? ſegui-me que eu vos » guiarei aonde eſtão os inimigos, e quero » ver ſe os achais tão fracos como dizeis. » E commettendo as paredes, as ſubio, ſeguindo-o todos mais por vergonha, que por vontade (bem arrependidos do que tinham commettido.) E ſaltando da outra banda, commettêram os inimigos, que andavam baralhados com D. Alvaro de Caſtro, e com aquelle primeiro impeto os arrancáram hum

pou-

pouco do campo. D. Francifco de Menezes, que pela parte de fima pelejava, tendo feitas muitas coufas dignas de quem era, e muito grande eftrago nos Mouros, parece que invejofa a fortuna de fua virtude, e esforço, ordenou que lhe déffe hum pelouro de hum arcabuz, que o paffou de parte a parte, desbaratando em hum muito pequeno momento tão grandes forças, e tão honrofos penfamentos. Os feus em o vendo cahir logo fe foram retrahindo deforde-nadamente. D. Alvaro de Caftro na parte em que pelejava, carregava fobre elle hum grande efquadrão; e foram tantas as efpingardadas, e fréchadas fobre os feus, que lhe cahíram muitos, e a mór parte dos outros começáram a perder o campo. Vendo-fe D. Alvaro perdido, fe foi recolhendo pera as paredes com o rofto nos inimigos, pelejando fempre com muito valor, e esforço. Vendo Jorge de Mendoça a coufa tão arrifcada, (pofto que tinha huma efpingardada em huma perna,) tomou D. Alvaro de Caftro nos braços pera o pôr em fima da parede; mas a fraqueza lho não deixou fazer, e todavia acudio-lhe feu irmão Luiz de Mello, que o ajudou a fubir. Nefte tranfe deram a D. Alvaro de Caftro huma pedrada na cabeça, de que cahio da outra banda atordoado. Luiz de Mello poz tam-

tambem o irmão em ſima da parede, ficando em baixo elle, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, e outros Fidalgos, que fizeram couſas notaveis, ſuſtentando o impeto dos inimigos, em quanto os outros ſubiam. Aqui deram huma eſpingardada em Luiz de Mello de que cahio; mas foi logo alevantado pelos companheiros, e poſto em ſima da parede, e recolhido, e levado á fortaleza, e depois foi morrer a Chaul da ferida. O Capitão na parte em que andava, teve logo aviſo da morte de D. Franciſco de Menezes, e do desbarato de D. Alvaro de Caſtro, e no meſmo tempo lhe gritou hum ſoldado que acudiſſe á fortaleza, que era tudo perdido, primeiro que os Mouros entraſſem nella; e tomando eſtas novas com grande paciencia, e animo, tocou logo a recolher.

Os ſeus tanto que ſouberão daquella deſaventura, começáram a ſe pôr em desbarato. Vendo elle a deſordem com que alguns ſe recolhiam, acudio a iſſo, dizendo: » Que » he iſto, ſoldados, que vergonha he eſſa? » como arriſcais aſſim a fama Portugueza » por hum pequeno temor da morte? aon- » de vos ides? eſperais de vos ſalvar, dei- » xando o voſſo Capitão no campo? Tor- » nai, valoroſos cavalleiros, e ſegui-me, » que hoje havemos de alcançar huma fa-

» mo-

» mosa vitoria » e com isto voltou a ter o encontro aos inimigos, que carregavam sobre elles, como homens vitoriosos. O Capitão com alguns que o seguíram, fizeram aqui tudo o que se podia esperar de seu animo, e esforço, matando, e derribando muitos dos inimigos. Aqui matáram Dom Francisco de Almeida de huma arcabuzada, tendo feito por seu braço cousas muito notaveis. D. João Mascarenhas vendo tudo perdido, andava como leão bravo antre os inimigos, com o rosto cheio de pó, e suor, as armas todas banhadas em sangue, e cortadas por algumas partes, a espada já sem fios de cortar pelas armas dos inimigos; e gritando-lhe hum soldado que se recolhesse, porque tudo se perdia, elle o fez com grande mágoa, e dor de seu coração, levando os seus mui bem ordenados, e o rosto sempre nos inimigos. Os da companhia de Dom Alvaro de Castro, que pelejavam encurralados ao muro, fizeram todos cousas dignas de muito maior escritura, porque alli carregou Rumecan com o seu esquadrão, apertando tanto com elles, que encraváram nas paredes Ruy Freire, Francisco Guilherme, e outros; os mais ajudando-se huns aos outros o melhor que puderam, subíram o muro. Lopo de Sousa ficou a huma parte cercado de hum corpo de Mouros, e

el-

elle em meio de todos como leão feroz, ferindo a huma, e a outra parte, até que lhe deram com hum dardo de arremeſſo pelos peitos, de que cahio morto. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, (que trazia dezeſete feridas, que o furor lhe não deixava ſentir,) com outros Fidalgos, e Cavalleiros, com o roſto nos inimigos, e as coſtas na parede, fizeram couſas admiraveis, e não eſperadas de tão poucos homens, e tão cançados, ficando todos em barreira ás fréchas dos inimigos, de que todos eſtavam bem empenados, e todavia tinham diante de ſi hum monte de mortos.

Rumecan vendo todos os noſſos desbaratados, mandou a Mojatecan, que com ſinco mil homens foſſe demandar a fortaleza, e ſe metteſſe nella, porque os que eſcapaſſem da batalha não tiveſſem onde ſe acolher, e aſſim acabaſſem todos. Mojatecan foi pelo muro adiante até huma porta, que mandou abrir, por onde ſahio, e foi demandar o baluarte S. Thomé, cuidando que eſtiveſſe ſem gente; mas Luiz de Souſa com ſeus companheiros o começáram a fuſtigar de bombardadas, e eſpingardadas, de que lhe matáram muitos. O Capitão foi logo aviſado daquelle negocio, e recolheo-ſe pela banda da praia em muito boa ordem,

dem, voltando aos Mouros de quando em quando, fazendo-os affaſtar até terem lugar pera cavalgarem as paredes, e de ſima com a arcabuzaria varejáram o campo, pera todos os mais terem tempo de ſe recolherem, como fizeram, e na ponte acháram a gente da companhia de D. Alvaro de Caſtro, que eſtavam favorecendo os que chegavam. Aqui ſoube o Capitão como D. Alvaro de Caſtro era recolhido na fortaleza com a cabeça tão maltratada, que haviam todos que não eſcaparia, o que elle ſentio em eſtremo. E recolhendo-ſe á fortaleza mui anojado, foi ver D. Alvaro de Caſtro, que achou curando-ſe, e ſem falla, encommendando ao Cirurgião tiveſſe muito grande conta com ſua cura, e com a de todos os mais feridos, que foi ver curar.

Ficáram deſta cavalgada mortos dos noſſos trinta, em que entráram os Fidalgos, que já nomeámos, e ſetenta mal feridos, todos Capitães, e Fidalgos, em que entrava Nuno Pereira, que ficou peior que todos. O Capitão quizera morrer de paixão do feito; e ſegundo a couſa eſteve arriſcada, ainda lhe fez Deos mui grande mercê em ſe não perder de todo. No baluarte S. Thomé pelejavam com Mojatecan braviſſimamente, e acudindo os que eſcapáram da batalha, o fizeram recolher

lher com muitos dos ſeus menos, e feridos.

## CAPITULO VII.

*De como os Mouros ganhâram as peças da artilheria do baluarte S. Thomé: e de como Rumecan mandou fazer huma nova Cidade junto da noſſa fortaleza: e das náos, que eſte anno de quarenta e ſeis partíram do Reino, de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora: e de como D. Manoel de Lima chegou a Goa: e das novas que deram ao Governador dos ſucceſſos de Dio, e do ſoccorro que mandou.*

AO outro dia depois que paſſou o triſte, e deſaventurado ſucceſſo, achando-ſe mal Nuno Pereira, pedio licença ao Capitão pera ir morrer a Goa a ſua caſa, onde era caſado de pouco, e rico, e dando-lha, ſe embarcou no ſeu navio, e ſe fez á véla, eſcrevendo D. João Maſcarenhas ao Governador o ſucceſſo paſſado, pedindo-lhe que ſe apreſſaſſe ao ir ſoccorrer, e de ſua viagem adiante daremos razão.

Rumecan vendo a grande vitoria que alcançou dos Portuguezes, ficou tão ſoberbo, que já lhe não dava da vinda do Governador, e logo mandou proſeguir na obra do baluarte S. Thomé, com tenção de o

pôr

pôr no andar da cava, e aſſim o foram ſolapando tanto por baixo, que não ſe podendo já ſuſtentar o pezo do bazaliſco, (que ficou em vão,) quebráram os viradores, e cahio em baixo, e com elle hum formoſo leão, que ſempre alli eſteve. Rumecan acudio áquella parte, e os mandou recolher, ſem os noſſos lhe poderem valer, o que o Capitão ſentio muito, e o houve por grande affronta. E vendo o baluarte todo quebrado, mandou fazer pela banda de dentro outro muito forte com degráos pera dentro. Neſta obra pelejáram ſempre em todas as eſtancias, porque a quizeram os Mouros divertir; mas as mulheres com os officiaes foram proſeguindo nella, ficando todos os mais de fóra pera a peleja. Deſejava Rumecan de moſtrar aos noſſos o pouco que receava a vinda do Governador; e pera os deſenganar que eſtava alli muito de vagar, fez duas couſas: huma foi atraveſſar a paſſagem do rio (que paſſa da Alfandega á Villa dos Rumes) com pontes ſobre barcas fortiſſimas, e largas, cubertas de terra, e rama, pera paſſarem as carretas, que traziam os mantimentos até á Cidade. Foi eſta obra mui grande, e feita com grandes deſpezas, por ſer (como diſſemos) ſobre grandes barcas ſurtas, com muitas, e groſſas amarras, e haver naquelle canal ſete

bra-

braças de fundo, e correr a agua nelle com grande furia. A outra obra foi começar huma formosa Cidade na parte onde tinha o exercito, com formosos aposentos pera si, e pera os Capitães, e muito grandes, e altas mesquitas, o que se fez com muita pressa; e em quanto esta obra dura, daremos conta das cousas que neste tempo succedêram em Goa.

Os Mouros como he seu costume, (e como já o fizeram no tempo de Antonio da Silveira, quando os Rumes tinham cercado aquella fortaleza,) espalháram por todo o Reino de Cambaya, que tinham tomado a fortaleza de Dio, e assim o escrevêram aos Reys Mouros do Balagate. E como sempre a má nova voa, foi de boca em boca ter á Ilha de Goa, onde se começou a espalhar huma voz surda, que foi ter ás orelhas do Governador, sem saber, nem poder ensecar donde fora, e quem a levára. Isto causou em seu peito huma grande tristeza, posto que a encubria bem, e receava que tivesse acontecido alguma desaventura, porque nem tinha novas do que hia na fortaleza, nem da chegada de seu filho D. Alvaro de Castro; e andando com estas melancolias, surgio huma náo na barra de Goa, de seis, que eram partidas do Reino, de que era Capitão mór Lourenço

Pires de Tavora, e os mais Capitães eram: D. João Lobo, João Rodrigues Paçanha, Fernão Alvares da Cunha, Alvaro Barradas, e D. Manoel de Lima, que era o que ſurgio na barra a quinze de Setembro. Vinha eſte Fidalgo provído da fortaleza de Ormuz após D. Manoel da Silveira; e além dos merecimentos que tinha pera lhe darem tudo o que pediſſe, teve o ſeu deſpacho eſta occaſião.

Depois que D. Manoel de Lima chegou a Portugal, aggravado de Martim Affonſo de Souſa, (como na quinta Decada, no Capitulo VII. do Livro X. temos dito,) deixou-ſe andar em Lisboa, ſem requerer, nem ir ver ElRey a Almeirim, onde eſtava, e affirmava-ſe que eſperava por Martim Affonſo pera o deſafiar, o que foi entendido dos grandes. E fazendo-ſe a Armada de Lourenço Pires de Tavora preſtes pera ſe partir, não faltou quem diſſeſſe a ElRey os deſgoſtos com que D. Manoel de Lima andava; e alguns dizem que o Conde da Caſtanheira D. Antonio de Taíde, que era primo com irmão de Martim Affonſo de Souſa, fallando com ElRey lhe diſſera: » Que ſem dúvida D. Manoel de » Lima mandaria deſafiar Martim Affonſo » de Souſa, que o bom ſería evitar aquil» lo, pelo deſgoſto que S. A. diſſo havia

» de

» de ter; que o melhor meio que havia pe-
» ra iſſo, era deſpachar D. Manoel de Li-
» ma pera a India, e mandallo naquella
» Armada, porque Martim Affonſo de Sou-
» ſa vinha já por mar, e não ſe podiam
» encontrar, e que mettendo-ſe o tempo
» neſte meio, ſe curariam eſtas couſas. »
ElRey parecendo-lhe aquillo bem, mandou
chamar D. Manoel de Lima, e lhe diſſe:
» Que era ſeu ſerviço ir á India por ter
» novas de Rumes, e que lhe fazia mercê
» da fortaleza de Ormuz, e de huma náo
» pera ir nella por Capitão. » D. Manoel
de Lima, vendo os termos por onde ElRey
levava aquelle negocio, não pode deixar
de ſe embarcar, e teve tal ventura, que foi
tomar Goa, indo todas as mais náos por
fóra, e com tempos mui ruins tomar Co-
chim, como adiante diremos. D. Manoel
de Lima deſembarcou, e foi ao Governa-
dor, que o recebeo com muita honra, eſ-
timando muito ſua vinda pelas muitas par-
tes que eſte Fidalgo tinha, e muito grande
experiencia das couſas da India, e porque
tinha nelle hum grande companheiro pera
os trabalhos que ſe lhe offereciam.

Poucos dias depois da chegada de Dom
Manoel de Lima, quando o Governador
eſtava em maior agonia, por não ter novas
de Dio, entrou pela barra de Goa o na-

P ii vio,

vio, que levou D. Alvaro de Caſtro. O homem que vinha nelle, á entrada da barra de Goa ſoube as novas que corriam nella, e ainda que levava as da morte de D. Fernando de Caſtro, embandeirou, e enramou todo o navio, e foi entrando pelo rio de Goa atirando muitas bombardadas pera alegrar a Cidade. A eſte alvoroço acudio toda a gente ao caes a ſaber novas, (que já não podiam deixar de ſer boas, pois vinham tão feſtejadas.) O Capitão do navio em deſembarcando foi levado nos ares a caſa do Governador, que eſtava com o Biſpo Dom João de Albuquerque, e com o Padre Frei Antonio do Caſal, Cuſtodio dos Frades de S. Franciſco, e chegando ao Governador, levantou-ſe elle muito depreſſa, e antes que lhe fallaſſe o homem, lhe perguntou ſe a fortaleza de Dio eſtava por ElRey de Portugal? Ao que o homem lhe reſpondeo: » Sim eſtá, ſenhor, e eſtará em quanto os » Portuguezes forem vivos. »

Ouvindo o Governador iſto, com os olhos arrazados de lagrimas de prazer, ſe ajoelhou com as mãos levantadas ao Ceo, dando graças ao Altiſſimo Deos por tamanha mercê, e o meſmo fez o Biſpo, e Cuſtodio. O Governador mandou logo trazer huma rica cabaia de borcado, e a lançou aos hombros do homem, mandando-lhe

que

que fosse por toda a Cidade dar aquellas tão boas novas, o que elle fez, acompanhado de hum grande tropel de gente. O Bispo mandou recado ás Igrejas que repicassem os sinos, que todo o dia não cessáram. O Governador depois deste alvoroço leo as cartas, e achou nellas as novas da morte de seu filho, fazendo o mundo naquillo seu officio, que he não dar hum gosto sem o aguar logo com huma grande tristeza. Pelo que dizia o Sabio mui bem, que o pezar occupava os estremos do prazer. Por isso receava Filippo pai de Alexandre, dando-lhe tres boas novas em hum dia, que viessem ellas sem seus descontos, e levantando os olhos aos Ceos, pedio aos Deoses, que aquelle grande prazer se lhe aguasse com algum pequeno pezar.

O Governador tanto que deo com as tristes novas, que lhe cortáram bem o coração, encubrio-as de feição, que ninguem lhas sentio. Estando assim neste alvoroço, não seriam passadas duas horas, quando entrou pelo rio o navio de Nuno Pereira, que havia dous dias era falecido, e trazia seu corpo, e dando-se as cartas ao Governador, por ellas soube a grande desaventura da sahida do Capitão, e da morte de D. Francisco de Menezes, e de tantos Fidalgos, e Cavalleiros, cousa que o cortou

mui-

muito; mas a morte do filho o traſpaſſou, porque tanto que foi noite que ſe recolheo, mettido na ſua camara, diſſe mil mágoas, chorando rios de agua por aquellas venerandas cans abaixo, não dormindo toda a noite, que paſſou em vivos ſuſpiros das ſaudades do filho.

Aquelle meſmo dia foi enterrado o corpo de Nuno Pereira em S. Franciſco, acompanhado do Governador, Biſpo, Cabido, Freguezias, e de todos os Fidalgos, e Cidadãos, fazendo-lhe ſeu Officio com grande, e funeral pompa. Ficáram a eſte Fidalgo tres filhos, hum macho chamado Duarte Pereira, que tambem morreo em Goa, eſtando deſpoſado com huma filha de hum Cidadão rico; e duas filhas, D. Ignez, que caſou com Affonſo Pereira de Lacerda, cujo filho he Manoel de Lacerda, que foi Capitão de Chaul, e ainda vive; e Dona Joanna, que foi caſada com D. João Lobo, irmão do Barão velho, de que houve Dom Diogo Lobo, que hoje vive caſado na Cidade de Goa; e por falecimento de Dom João Lobo, caſou ſegunda vez com D. Pedro de Souſa, que foi Capitão de Goa, e agora acabou de ſer de Çofala.

Ao outro dia ſe fez huma muito ſolemne Prociſsão, em que o Governador foi veſtido de eſcarlata por encubrir ſua triſte-

za,

za, e por alegrar o povo, que andava asſombrado das ruins novas, que os Mouros eſpalháram. Eſte meſmo dia deſpedio o Governador Vaſco da Cunha, pera que foſſe por todas aquellas coſtas recolher os navios da Armada de D. Alvaro de Caſtro, que eſtavam em differentes portos, e que os levaſſe a Dio, eſcrevendo por elle a D. João Maſcarenhas os agradecimentos dos trabalhos que tinha paſſado, rogando-lhe que por nenhuma occaſião ſahiſſe mais da ſua fortaleza, e que aſsás tinha feito em a defender. E logo apôs Vaſco da Cunha deſpedio o Governador ſeis caravélas carregadas de mantimentos, munições, eſcadas, picões, cudilins, enxadas, ceſtos, padiolas, e de todas as mais couſas deſta qualidade pera effeito do que determinava, e mandou embarcar quatrocentos eſpingardeiros. Deſtas caravélas foi por Capitão mór Luiz de Almeida, e de ſuas viagens adiante daremos razão.

CA-

## CAPITULO VIII.

*De como D. Alvaro de Castro mandou Luiz de Almeida a esperar as náos de Meca: e de como tomou duas: e dos mais damnos, que algumas Armadas, que sahíram de Baçaim, e Chaul, fizeram na enceada de Cambaya.*

VEndo D. Manoel de Lima o trabalho, em que a fortaleza de Dio estava, e que ainda se receavam outros maiores, se foi ao Governador, e se lhe offereceo pera ir diante com trezentos soldados á sua custa, porque não era razão, que estando tantos, e tão honrados Fidalgos tão arriscados naquella fortaleza, estivesse elle em Goa fóra daquelles trabalhos, porque elle não queria a vida, e a fazenda, senão pera tudo se despender, e gastar em serviço d'ElRey. O Governador lhe agradeceo muito aquelle offerecimento com palavras mui honradas, dizendo-lhe: » Que bem sabia o grande zelo que sempre tivera do » serviço d'ElRey; mas que a elle lhe não » convinha largallo de si, porque se queria aproveitar de seu conselho, e esforço, » que se fizesse prestes pera ir em sua companhia em hum navio ligeiro.« D. Manoel de Lima não pode fazer outra cousa,

man-

mandando logo negociar huma fusta, que escolheo pera isso. O Governador foi dando grande pressa a toda a Armada, porque esperava de se partir, tanto que lhe viesse o soccorro de Cochim, e Cananor, que tinha mandado pedir.. E em quanto isto tarda, daremos razão de Vasco da Cunha, e de Luiz de Almeida, que deixámos partidos de Goa.

Vasco da Cunha como hia em navio ligeiro, foi mais apressado tomando as boças dos rios, e enceadas, por onde foi recolhendo alguns navios, que por alli ficáram desapparelhados da companhia de Dom Alvaro de Castro, e os levou comsigo até Baçaim, onde achou D. Jeronymo de Menezes muito anojado pela morte de seu irmão D. Francisco de Menezes, e tinha perto de quinze navios prestes pera ir em pessoa soccorrer a fortaleza de Dio; mas por ter novas que o Bremaluco Senhor de Damão fazia gente pera vir sobre aquellas terras, tanto que elle partisse, sobreesteve na ida. Vasco da Cunha tomou os navios que alli achou, e atravessou logo pera Dio, e no meio do golfo encontrou as caravélas de Luiz de Almeida, e ajuntando-se todos, entráram em Dio com huma formosa Armada toda embandeirada, tocando muitos instrumentos, e dando grandes salvas de artilheria,

ria, o que foi pera huns grandes moſtras de contentamento, e alvoroço, e pera outros de maior dor, e triſteza, porque bem entendêram os inimigos o ruim ſucceſſo, em que aquella ſua jornada havia de vir a parar, porque lhes lembrava quanto lhes tinha cuſtado o tempo do inverno, em que os noſſos não tiveram ſoccorro mais que de quatro navios ſem gente, e que já entrava o Verão, e começavam a chegar Armadas poderoſas, e que ſe eſperava ainda pelo Governador: eſtas couſas cauſáram grandes deſconfianças em todos.

D. Alvaro de Caſtro, que tinha poderes em toda a Armada do mar, ſendo aviſado que em Surrate ſe eſperava por algumas náos de Meca, com conſelho do Capitão deſpedio Luiz de Almeida com tres caravélas, de que a fóra elle eram Capitães Paio Rodrigues de Araujo, e Pedro Affonſo, dando-lhes por regimento que ſe foſſem pôr na barra de Surrate, e que ahi eſperaſſem as náos, que a haviam de ir demandar. Dada á véla, foram ſurgir, onde levavam por regimento; e paſſados alguns dias depois de alli eſtarem, víram vir de mar em fóra duas náos enfunadas, huma mui grande, e formoſa, e a outra de menos porte, e levando ancora, puzeram-ſe as caravélas em armas, e com os traquetes da-

dos

dos as foram demandar, e como ellas vinham com vento em poppa, em vendo as caravélas, foram virando em outro bordo; mas como as caravélas largáram as vélas, e eram muito ligeiras, logo as alcançáram. Luiz de Almeida abalroou a náo grande, em que vinha por Capitão hum Janizaro, parente de Coge Çofar, que trazia muita gente, e mui boa artilheria, e ferrando huma da outra, começáram huma muito aſpera batalha, trabalhando huns por entrarem, e outros por ſe defenderem; mas todavia os noſſos entráram a náo dos Mouros, e dentro ſe começou antre todos outra nova batalha, em que os noſſos fizeram tanto, que com morte de muitos Mouros ſe rendêram os mais, e o Capitão Janizaro acháram ferido de muitas feridas, e Luiz de Almeida o mandou paſſar á ſua caravéla pera ſer curado. Paio Rodrigues de Araujo bordou á outra naveta, que tambem rendeo.

Feito iſto, deixáram-ſe ficar mais alguns dias, em que tomáram algumas embarcações de mantimentos. Pedro Affonſo rendeo hum tabó, que vinha de Ormuz com muita fazenda. E acabando-ſe-lhes os dias do provimento, ſe foram recolhendo com as náos por poppa, e entráram pela barra de Dio com todos os Mouros, que cativáram, en-

enforcados pelas vergas. D. Alvaro de Castro estimou muito o successo, e mandou cortar as cabeças aos Mouros, e lançallos no rio com a enchente, e antre ellas foi tambem a do Capitão Janizaro, parente de Coge Çofar, que dava por si trinta e dous mil pardaos de ouro, havendo os Capitáes que se os acceitassem fariam offensa a tantos, e tão honrados Fidalgos, e Cavalleiros, como naquelle cerco eram mortos. As fazendas das náos foram desembarcadas, e em dinheiro de ouro, e prata, e fazendas se fizeram cincoenta e quatro mil trezentos e oitenta e oito pardaos, (que tantos achámos nas receitas dos Officiaes daquelle tempo sobre quem se carregáram.) Foi isto huma grande ajuda pera as despezas da guerra, de que pagáram logo a todos seus quarteis, e fazendo os Capitáes muitas mercês, porque tinham pera tudo poder.

Rumecan houvera de morrer de paixão, tanto que as cabeças foram conhecidas, porque foram dar á praia junto do exercito.

No mesmo tempo sahíram alguns navios de Baçaim, e Chaul, de cujos Capitáes não achámos os nomes, que entráram pela enceada de Cambaya pera defenderem os mantimentos, que hiam pera o exercito, e tomáram muitas embarcações carregadas delles, e os Gentios, e Mouros dellas foram

en-

enforcados nas vergas em Palancos, e com eſtas bandeiras ſe recolhêram a ſuas fortalezas.

Rumecan mandou minar a guarita de ſobre a porta, em que eſteve Antonio Freire, e proſeguindo-ſe na obra, foi ſentida dos noſſos, a que acudio o Capitão com muita preſteza, e lhe mandou fazer por dentro ſuas contraminas, e repairos, porque ſe cahia aquella torre, ficava por alli a fortaleza toda deſcuberta. Os Mouros acabáram a obra da mina a dez dias de Outubro, em que lhe deram fogo, arrebentando com grande furor; mas não fez mais damno que derribar alguma parte da face de fóra, ficando dos ſoldados, que nella eſtavam, tres feridos. Com eſtas couſas andava Rumecan como doudo, vendo quão mal lhe ſuccedia tudo, e mandou com muita preſſa abrir no muro da fortaleza (naquella parte, que ficava fronteira á ciſterna) dous grandes buracos, em que mandou aſſeſtar dous camelos pera a baterem, e derribarem, o que tudo ſe fez por baixo das ruas, e pontes, ſem os noſſos lho poderem defender, e aos primeiros tiros mandou o Capitão prover, porque ſe lhe arrombavam a ciſterna, perder-ſe-hiam todos. E ordenou com muita preſſa huma parede muito groſſa na fronteria da ciſterna, que ſe fez de

duas

duas faces entulhada, e ficava ſervindo de beſtião, e em ſima mandou plantar dous camelos de marca maior contra os dos inimigos, e dos primeiros tiros lhos fez recolher.

Rumecan paſmava da brevidade com que os noſſos repairavam tudo, e já ſe não ſabia determinar, e todavia determinou de cançar os noſſos, mandando logo fazer outra mina no baluarte Sant-Iago, que logo foi ſentida, e atalhada, como as dantes: e hum pouco affaſtado do baluarte S. Thomé, mandou o Capitão fazer huma groſſa parede, que foi correndo até o de Sant-Iago, porque ſe arrebentaſſe não ficaſſem deſcubertos, não deixando aquellas honradas mulheres de exercitar ſeu officio, (poſto que já na fortaleza havia gente baſtante pera o trabalho; mas quizeram ellas até o cabo do cerco ter tambem quinhão em todos os trabalhos delle.) Acabada a mina, deram-lhe os Mouros fogo ao primeiro de Novembro, e como tinha contraminas, vaſou-ſe a força por ellas, e todavia arrebentou hum pedaço de parede pera fóra.

CA-

## CAPITULO IX.

*De como o Governador D. João de Castro partio pera Dio, e de Baçaim despedio D. Manoel de Lima pera a enceada de Cambaya, e da guerra que por ella fez: e de como as náos, que partíram do Reino no anno de 1546., de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora, chegáram a Cochim, e Lourenço Pires de Tavora se partio pera Dio de soccorro.*

TInha o Governador assentado em conselho soccorrer Dio em pessoa com todo o poder, e resto da India, pera o que se fazia prestes com mui grande pressa, esperando pera se partir pelo soccorro de Nayres, que tinha mandado pedir aos Reys de Cananor, e Cochim. E pera isto tinha mandado dar embarcações, ordem, e dinheiro, se fosse necessario, e tinha mandado recolher todos os mantimentos que pudessem de toda a costa do Canará; e em quanto estas cousas tardavam, negociou a Armada, e mandou fazer gente da terra pelas Ilhas vizinhas á de Goa, donde se ajuntáram mil e duzentos piães, de que deo a Capitanía a Vasco Fernandes, Tanadar mór da Ilha de Goa, dando a cada cento seus Naiques pera os regerem, e mandou fazer

alar-

alardo de todos os Portuguezes que havia em Goa, que o podiam acompanhar, e achou perto de dous mil, que mandou exercitar aos Domingos, e dias Santos no campo de S. Lazaro, onde mandou fazer a fortaleza de Dio de madeira, e a parede, e estancias dos inimigos, assim, e da maneira que estavam, (porque lhas tinha D. João Mascarenhas mandado mui bem pintadas,) e com muitas escadas que repartia pelos Capitães, e elle em pessoa armado, como se houvesse de entrar em batalha de verdade, com as bandeiras repartidas, e gente posta em ordem, commettiam as paredes dos inimigos, encostando-lhes suas escadas, ensaiando-se assim do modo que as haviam de arvorar, encostar, e subir, no que andavam muito bem exercitados.

E sendo quinze de Outubro, começáram a chegar os soccorros de Cananor, e Cochim, de muitos navios, e gente, e Coge Cemaçadim mandou ao Governador huma formosa náo carregada de mantimentos, arroz, legumes, manteiga, carnes, pescados, e lhe escreveo huma muito honrada carta, em que lhe offerecia todo o dinheiro que houvesse mister pera a jornada. E porque ainda vinham atrás mais navios, quiz o Governador illos esperar a Baçaim, e em dezesete de Outubro se fez á véla,

en-

entregando primeiro o governo ao Bispo D. João de Alboquerque, e ao Capitão Dom Diogo de Almeida Freire.

A Armada que o Governador levava, eram doze galeões, de que, a fóra elle (que hia em S. Diniz) eram Capitães Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, D. João Manoel Labastro, Luiz Alvares de Sousa, e outros, a que não achámos os nomes. Levava mais de sessenta navios de remo, cujos Capitães eram, D. Manoel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, D. Diogo de Soto-Maior, o Secretario Antonio Carneiro, com quem hia seu filho Vicente Carneiro, Alvaro Peres de Andrade, D. Manoel Deça, Jorge da Silva, Luiz Figueira, Jeronymo de Sousa, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosmo Fernandes, Manoel Lobo, hum catureiro, chamado o Rey de Zamzibar, Francisco de Azevedo, Pero de Taíde Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosmo de Paiva, Vasco Fernandes, Tanador mór de Goa, que levava á sua conta doze, ou quinze navios, cotias, e taurins, em que hiam os Canarins de Goa, e outros navios de Cananor, e Cochim; e dada á véla em seis

dias, foi ſurgir na barra de Baçaim da banda de fóra, onde D. Jeronymo de Menezes ſeu cunhado o foi viſitar, e lhe deo as novas que havia de Dio, depois da chegada de D. Alvaro de Caſtro. O Governador porque eſperava por mais Armada, que em Goa ſe ficava negociando, não quiz paſſar ſem ajuntar todo o poder. E por não eſtar ocioſo, quiz neſſes dias, que havia de ſe deter, fazer guerra a Cambaya; pera o que deſpedio D. Manoel de Lima com ſeis navios ligeiros, com regimento, que foſſe por dentro da enceada ás prezas dos navios, que levavam mantimentos pera o exercito. E aſſim deſpedio alguns navios pera ſe irem pôr na ponta de Dio a eſperar as náos Portuguezas, que haviam de vir de Ormuz, pera que as fizeſſem arribar a Baçaim pera o acompanharem, pera mór terror, e eſpanto dos Mouros, como fez, porque fizeram voltar tres, ou quatro, que hiam já na volta de Goa.

D. Manoel de Lima tanto que deo á véla, foi correndo a coſta de Damão até Gandar, e por vezes tomou trinta cotias de mantimentos, mandando eſpedaçar toda a gente que nella achou, tirando ſeſſenta Mouros eſcolhidos, que mandou metter nos navios, e os pedaços dos corpos mortos mandou metter em algumas das cotias as mais pe-

que-

quenas, que se leváram á toa até ás bocas dos rios, onde as largáram com a enchente da maré, que as levou até ás povoações, onde foi visto aquelle terrivel, e medonho espectaculo, que encheo a todos de temor, e espanto, dizendo mal aos que foram occasião daquella guerra. D. Manoel de Lima, como passáram os dias limitados, tornou-se pera o Governador, aonde chegou com os navios embandeirados com os corpos dos sessenta Mouros, que para isso mandou guardar.

O Governador vendo o bom successo, logo o tornou a mandar com trinta navios ligeiros, pera que tornasse pela mesma enceada, e fizesse por ella toda a guerra que pudesse, não perdoando a lugar maritimo algum, e que o fosse esperar á Ilha dos Mortos. D. Manoel de Lima se fez á véla com os navios, cujos Capitães eram, Dom Manoel Deça, Alvaro Peres de Andrade, Jorge da Silva, Luiz Figueira, Jeronymo de Sousa, hum sobrinho de Francisco Siqueira o Malavar, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosmo Fernandes, o Rey de Zamzibar, e outros. Com D. Manoel de Lima, e outros Capitães foram embarcados todos os Fidalgos Reynois (que assim chamam na India aos que aquel-

le anno vem do Reyno, ) D. Fernando, Dom Antonio, D. Duarte, todos Limas, parentes do Capitão mór; D. Jeronymo, D. Antonio, D. Gemes, todos da geração dos Deças, Bernabé de Sá, Mathias de Sousa, Miguel Carneiro, filho de Pero de Alcaçova Carneiro, que então era Secretario de El-Rey D. João, e depois foi Conde das Idanhas, e outros. E em quanto esta Armada vai seguindo sua derrota, daremos razão das náos do Reyno que faltam.

Depois de passarem o Cabo de Boa Esperança, tendo grandes contrastes, e gastando-se-lhes o tempo, tomáram a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, e com muitos riscos, e trabalhos foram tomar Cochim aos vinte dias de Outubro. E sabendo Lourenço Pires de Tavora, Capitão mór das náos do cerco de Dio, e de como o Governador ficava em Goa prestes pera lhe ir soccorrer, achando ainda alguns navios que à Cidade negoceava pera lhe mandar, fretou huma formosa galeota, e se embarcou nella com quarenta Fidalgos, e Cavalleiros da sua Armada; e tomando todos os navios comsigo, deo á véla pera Goa mui apressado, e sem se deterem cousa alguma, foram seguindo sua jornada.

D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que com elle

le vinha despachado com a fortaleza de Malaca, negociou huma caravela; e ajuntando sessenta soldados, se embarcou logo pera Dio; e chegando todos á barra de Goa, acháram já o Governador partido, e sem se deterem passáram adiante. Lourenço Pires de Tavora, que hia em navio ligeiro, chegando a Dabul, soube estar alli o Governador; e sem lhe querer fallar, passou adiante, e foi atravessar a Baçaim, e em dous dias foi haver vista da fortaleza de Dio cercada; e entrando pela barra dentro, foi surgir no caes. As vigias, que já tinham perguntado quem eram, deram recado ao Capitão, que acudio com D. Alvaro de Castro, e todos os Fidalgos, e Capitães; e mandando abrir a porta, o recebêram, e a todos com grandes alvoroços; e recolhendo-se na fortaleza, tomou o Capitão a Lourenço Pires de Tavora por seu hospede, e os outros Fidalgos foram repartidos pelas estancias. De todas estas cousas eram os inimigos logo avisados, e todos os soccorros que entravam de novo, o mesmo dia davam assaltos, por mostrarem quão pouco temiam todos; e assim o deram este, em que os hospedes prováram a mão em damno dos inimigos. E deixallos-hemos agora hum pouco por tornarmos a D. Manoel de Lima.

Que partido de Baçaim, foi tomar o rio de Surrate de noite, e de madrugada entrou

por

por elle com a maré, e foi desembarcar em huma mui formosa povoação, que se chama dos Abexins, huma legua pelo rio assima da banda do Levante; e commettendo-a com grande determinação, acháram nella mui grande resistencia, porque foram sentidos, e os moradores estavam já postos em armas; e todavia depois de grande referta foi entrada com morte de muitos Mouros, mettendo-a toda a ferro, e a fogo, matando toda a cousa viva que acháram pera maior terror, e espanto; e depois deram fogo ás casas, em que ardêram muitos celleiros de trigo, milho, grãos, e outros legumes; e o mesmo fizeram a algumas náos, que estavam no porto, cujas labaredas foram vistas da fortaleza de Surrate, que era de Rumecan, e onde tinha sua mulher, e filhos, que causou em todos hum grande temor: e antre as pessoas que os nossos cativáram, (que foram mais de duzentos,) não deram vida mais que a hum Mouro, a quem cortáram as mãos pera ir dar fé do que víra.

Acabado este feito, sahio-se a Armada pera fóra, e foi tomar a Cidade de Ansote, formosa, e estendida em hum campo raso, de grandes, e custosos edificios. Aqui desembarcáram os nossos, dando o Capitão mór a dianteira a Alvaro Serrão; e commettendo a Cidade em muito boa ordem, a entrá-

tráram logo, levando os inimigos diante de si em hum tropel, (que foram os que sahíram fóra a esperar os nossos.) Dentro na Cidade, posto que houve grande baralha, todavia os inimigos a desampararam, e a deixáram aos nossos, que nella fizeram a mesma crueza, que na dos Abexins, espedaçando muitas, e mui formosas Baneanas, e Bramanas, (porque as havia alli mui bellas, e alvas.) E assim nellas, como em toda a mais cousa viva que acháram, fizeram tamanhas, e tão deshumanas cruezas, que excedêram a natureza Portugueza; porque assim como ella estremou aos seus em valor, e esforço a muitos, assim o fez a todos em piedade, e pouca crueza. Dalli se passou a Armada a outros lugares vizinhos, que passáram a mesma desaventura que os passados. E assim correo D. Manoel de Lima toda aquella enceada, por onde fez taes cousas, que causou, e poz espanto até na Corte de Amadabá; e o que se mais sentio foi, a queima que se fez de todos os mantimentos que tinham recolhidos, pelo que começou o Reyno todo a padecer mui grande falta delles.

O Governador D. João de Castro, tanto que despedio D. Manoel de Lima, deo pressa a muitas cousas, e recolheo a Armada que hia chegando pouco e pouco. E porque os de Dio se animassem, despedio o

ca-

catureiro , chamado Antonio Rodrigues , com cartas ao Capitão , e a ſeu filho , em que lhes fazia a ſaber de ſua chegada , certificando-lhes que logo ſería com elles. Eſte homem em quatro dias foi , e tornou com a reſpoſta ; e aſſim em quanto ſe alli deteve , cada dous dias tinha recado de Dio , porque trazia naquelle caminho tres catures ordinarios. O Governador depois de recolher de todo a Armada , deo á véla , e foi tomar a Ilha dos Mortos , onde ſe deteve dous dias , em que D. Manoel de Lima chegou com toda ſua Armada vitorioſa , e cheia de prezas. O Governador o recebeo com muitas honras , e ao outro dia , que foram ſeis de Novembro , ſe fez á véla pera Dio.

## CAPITULO X.

*De como o Governador D. João de Caſtro chegou á fortaleza de Dio : e do conſelho que tomou ſobre a deſembarcação : e de como ſe ordenou pera dar batalha aos inimigos.*

O Meſmo dia que o Governador partio da Ilha dos Mortos , já ſobre a tarde , chegou á viſta daquella tão deſtroçada , e desbaratada fortaleza , o que foi pera todos cauſa de muito grande alvoroço. E tanto que della começáram a enxergar aquella formo-

ſu-

ſura dos galeões, e náos, que pareciam montanhas que hiam á véla, e aquella multidão de fuſtalhas, todas embandeiradas com formoſos toldos, eſtandartes, e galhardetes, que enchiam todo o mar, mandou logo o Capitão embandeirar os baluartes todos, e deſparar toda a artilheria pera moſtrar o alvoroço com que os eſperavam. Lourenço Pires de Tavora ſe embarcou logo na ſua galeota, e foi buſcar o Governador, que vinha já em outra, a que ſe tinha paſſado, toda toldada de borcado rico; e chegando a ella, depois de a ſalvar, ſaltou dentro. O Governador foi aviſado logo de como era Lourenço Pires de Tavora, e acudio depreſſa a bordo ao levar nos braços, tendo com elle muitas palavras de muitos primores, e cortezia; e recolhidos ao toldo, ſoube delle todas as novas do Reyno, e de ſua viagem; e por ſer já tarde, mandou o Governador ſurgir a Armada na ponta da outra banda da terra firme, aonde foi ter com elle D. João Maſcarenhas, que o Governador recebeo com muitas honras; e logo mandou chamar Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Souſa de Sepulveda, e outros Fidalgos, e Capitães velhos, e com todos praticou ſobre o modo que teria na ſahida contra os inimigos, porque elle não vinha pera eſtar cercado, ſenão pera deſcercar a fortaleza

de

de ElRey. Depois de debatidas de parte a parte muitas coufas, affentáram » que o Go» vernador com toda a gente defembarcaffe » de noite, e fe recolheffe na fortaleza, fem » os inimigos o faberem, ficando toda a Ar» mada fóra; e que o dia que fe houveffem » de commetter os inimigos, entraffe toda a » Armada pela barra dentro ao final de tres » foguetes, que deitariam da fortaleza; e » que na reprefentação moftraffe que vinha » nella o Governador com toda a gente; e » que pera iffo metteffem pelas perchas das » fuftas muitas lanças arvoradas, e que as » fuftas paffaffem pela fortaleza, como que » queriam ir defembarcar na Alfandega, aon» de forçado os Mouros haviam de acudir; » e que o Governador então fahiffe da for» leza com todo o poder pera ganhar as pa» redes, e eftancias mais facilmente, e com » menos rifco. »

Affentado ifto, tornou-fe o Capitão pera a fortaleza, tendo em fegredo o que eftava affentado. Toda aquella noite gaftou em mandar fazer muita fomma de efcadas de corda pera recolher na fortaleza toda a gente em fegredo. O Governador ao outro dia foi furgir com toda a Armada na bahia, e poufo das náos, da banda de fóra, falvando a fortaleza, e a Cidade com a mais foberba falva de artilheria, que já mais fe vio,

vio, porque durou muitas horas. Rumecan tambem lhe reſpondeo com outra, pera lhe moſtrar o pouco que o receava. O Governador mandou Luiz de Almeida, Antonio Leme, Franciſco Fernandes Moricale em tres caravelas, que foſſem ſurgir defronte das eſtancias dos inimigos, e lhas bateſſem de dia, e de noite; e mandou recado ao Capitão do baluarte do mar, que os ajudaſſe de lá. Eſtas caravelas foram ſurgir onde o Governador mandou, fazendo grandes arrombadas pera defensão da artilheria dos inimigos, e começáram a dar ſua bateria com grande terror, mas tambem das eſtancias os varejáram bem.

Durou iſto tres dias, e tres noites, em que toda a gente da Armada ſe metteo na fortaleza por eſcadas de corda, e o Governador com todos os Capitães, e Fidalgos velhos pela couraça no mór ſilencio que pode ſer. No exercito tanto que víram o grande poder do Governador, que julgavam pelas vaſilhas da Armada, que cubriam o mar, começou a haver antre todos varios pareceres; porque bem ſabiam elles que o Governador os havia de ir buſcar, e que não era bem que ſe eſperaſſe tamanho poder. Rumecan andou por todo o ſeu exercito curando aquellas deſconfianças, e provendo nas couſas que lhe parecêram ſer neceſ-

céssarias, mandando pôr sobre as paredes muitos barrís de alcatrão, grande quantidade de pedras, e galgas pera se lançarem sobre os nossos ao commetter dellas; e deixou alli quinze mil soldados pera sua defensão, em que entravam todos os Rumes, Turcos, e mais estrangeiros, por serem homens de mais confiança. E receando-se que o commettessem pelo baluarte de Diogo Lopes de Siqueira, (que ficava da banda do mar, aonde a ponta do muro hia fenecer, por haver alli huma calheta, em que podiam pojar navios de remo,) o mandou renovar, e guarnecer de algumas bombardas grossas, e poz nelle setecentos homens de guarnição. E na ponte que atravessava o rio des da Alfandega até á Villa dos Rumes, mandou pôr outras bombardas, e outros seiscentos soldados, temendo-se que as fustas fossem alli lançar gente; e assim se deixou estar tão confiado, como quem estava em sua casa, e que tinha a vitoria por certa.

O Governador tanto que se vio na fortaleza, chamou todos os Fidalgos velhos, e Capitães da Armada a conselho, e lhes disse » que elle determinava de commetter as » estancias dos inimigos; e porque elle não » queria fazer cousa alguma sem o parecer » de todos, lhes pedia que livremente lho » dissessem; » e começando a votar, huns foram

ram de parecer que ſe commetteſſem os inimigos, e outros que não, dizendo » que
» não era bem arriſcaſſe a India em huma ſó
» batalha com tão deſigual partido como ti-
» nham; porque acontecendo hum deſaſtre,
» ſe perderia tudo. E que poſto que alcan-
» çaſſem a vitoria, havia ElRey de eſtranhar
» muito ao Governador, e a todos que alli
» eſtavam, conſentirem pôr-ſe o Eſtado to-
» do em hum tombo de dado (como lá di-
» zem.) » Sobre iſto ſe baralhou todo o conſelho, com grandes gritos, porfias, e altercações.

O Governador ſe alevantou, e mandou que ſe calaſſem; e diſſe a Garcia de Sá, (que ainda eſtava por votar,) que diſſeſſe ſeu parecer, o que elle logo fez, alevantando-ſe em pé, com aquella ſua veneranda, e longa barba, que lhe dava pelos peitos, com aquella ſua authoridade, e gravidade, a que todos tinham mui grande reſpeito, pedindo que o ouviſſem, porque ainda ſe não quietavam. E ſuſpendendo-ſe hum pouco aquelle reboliço, fallando o bom velho com o Governador, lhe diſſe eſtas palavras:

» Eu, Senhor, nunca ſerei de parecer
» que deixeis de dar batalha aos inimigos,
» por duas razões: huma, porque vendo os
» inimigos que os receais, vos virám com-
» metter dentro neſta fortaleza; a outra, por-
» que

» que não convem á reputação do Estado, » que o Governador da India esteja como » encurralado, porque pera isso muito me- » lhor fora ficardes Senhor em Goa, e man- » dar todo este poder, que ainda que não » fizera mais que segurar, e defender a for- » taleza, não daria ousadia aos inimigos (co- » mo teram) se vos virem cercado. Estes » Mouros estam agora medrosos, e acovar- » dados, porque tem os olhos cheios da » grandeza daquella Armada, em que não » devem de cuidar, que em tantas, e tão » grandes vasilhas não haja mais que tres » mil homens, mas julgam o poder pelo ap- » parato della, e ao menos devem de espe- » rar sete, ou oito mil. E como hão de es- » tar com esta imaginação, tantos lhes hão » de parecer os tres mil com que lhe haveis » de dar a batalha; e em vos vendo sahir » desta fortaleza, vos hão de temer, e arre- » cear, e pelejar com temor, e desconfian- » ça. Por isso, Senhor, vede o que fazeis, » porque no commetter está não só o credito, » e opinião do Estado, mas ainda a vitoria. » E pois temos Deos, que nos ha de ajudar, » e favorecer, não temos que arrecear, que » se a eu pudera segurar com o penhor da » pessoa, e da vida, por certo que o fizera.»

Tiveram tanta força estas palavras, que suspendêram a todos tanto, que bradáram por

por batalha. O Governador foi muito grande o ſeu alvoroço, pedindo a todos que ſe fizeſſem preſtes pera o outro dia, e aquelle gaſtou todo em ordenar ſua gente, por eſta maneira.

A dianteira encommendou a D. João Maſcarenhas com quinhentos homens, pera quem ſe paſſáram os Capitães, e Fidalgos ſeguintes: Antonio Moniz Barreto, Dom João Manoel, João Falcão, Garcia Rodrigues de Tavora, Antonio da Cunha, Dom Manoel da Silveira, Franciſco de Azevedo Coutinho, Jorge de Souſa, e outros; e aſſim lhe deo o Governador Vaſco Fernandes, Capitão mór dos Canarins, com ſeiscentos eſcolhidos, e quinhentos Nayres de ElRey de Cochim.

A ſeu filho D. Alvaro de Caſtro ordenou outra companhia de outros quinhentos homens, em que entravam todos os Fidalgos, e Capitães da ſua Armada.

A D. Manoel de Lima deo outra tanta gente, com os mais dos Capitães, e Fidalgos, que com elle ſe acháram na enceada de Cambaya.

O Governador ficou com o reſto da gente, que ſeriam quaſi mil homens, a fóra Canarins, e Malavares, deixando pera o acompanharem Lourenço Pires de Tavora, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e Manoel de Sou-

ſa

ſa de Sepulveda, ordenando ficar o Alcaide mór na fortaleza com trezentos ſoldados. Todo aquelle dia paſſáram em ſe prepararem, e em ſe confeſſarem todos, a que ſupprio o Cuſtodio de S. Franciſco com ſeus companheiros, que aqui exercitáram bem o officio de verdadeiros, e caritativos Religioſos.

Tanto que amanheceo, ſe armou hum formoſo Altar no meio do terreiro da fortaleza, em que o Cuſtodio diſſe Miſſa, e deo o Divino Sacramento da Euchariſtia a todos com muito grande veneração, e devoção, ſendo o Governador, Capitães, e Fidalgos velhos os primeiros. Acabado eſte ſolemne auto, (que foi de muito grande alegria, e conſolação pera todos,) alevantou-ſe o Governador no meio de toda aquella multidão de ſoldados, e alçando a voz, lhes fez eſta breve prática.

» Muito valoroſos, e esforçados Fidal-
» gos, e Cavalleiros de Chriſto, ſe a ale-
» gria, e deſejo de vos ver ás mãos com os
» inimigos, que em todos vejo, cuidaſſe que
» vos procedia de temeridade, confeſſo-vos
» que eſtivera menos confiado do que eſtou;
» mas como ſei mui certo que vos naſce
» da lembrança de quem ſois, e da vonta-
» de que tendes de imitar no valor, e esfor-
» ço áquelles antigos Portuguezes noſſos an-
» te-

» tepaſſados, não ha couſa que me faça re-
» cear couſa alguma; porque aquelles não ſó
» ſe tiveram por ſatisfeitos de vencerem gran-
» des exercitos em Africa, com pouca, e
» mal provída gente, mas ainda aos Roma-
» nos, que nunca foram vencidos de outrem.
» Lembro-vos as grandes vitorias que no cer-
» co paſſado ha bem poucos annos aqui al-
» cançámos, de outros inimigos mais esfor-
» çados, e poderoſos que eſtes, (que com
» o favor Divino havemos de vencer muito
» de preſſa.) Lembro-vos tambem, que a ba-
» talha que havemos de ter, ha de ſer aſ-
» pera, cruel, e arriſcada; e tanto, que ou
» elles, ou nós havemos de acabar naquelle
» campo. E quando iſto for (o que Deos não
» permitta) não devem elles de ficar pera ſe
» gloriarem da vitoria, porque todos have-
» mos de trabalhar por vingar a morte do
» companheiro, que apar delle cahir; mas
» tambem vos affirmo, que a mais deſta gen-
» te anda forçada, e hão de trabalhar todos
» de ſalvar as vidas pelas poucas eſperan-
» ças de honra, e de proveito que diſſo eſ-
» peram haver; porque as duas couſas que
» mais fazem arriſcar a vida aos amigos de
» honra, são a honra, e fama neſta vida,
» e galardão perpetuo na outra. De nada diſ-
» to podem eſtes ter eſperanças, porque as
» honras do ſeu Rey são tratallos como eſ-

» cravos, a fama com elles se acaba, só no
» inferno vão gozar do galardão de suas
» obras em penas perpétuas. Nós não assim,
» que os que daqui escaparmos, temos por
» muito certas as honras, e mercês do nos-
» so Rey, que nos ama como pai; e os que
» morrerem, ficarám vivendo no Mundo em
» fama, e suas almas iram gozar de huma
» bemaventurança, que não tem fim. Por is-
» so, Senhores Fidalgos, e Cavalleiros de
» Christo, pelejemos confiados, como quem
» peleja diante de seu Deos, e do seu Rey,
» defendendo suas honras, como verdadei-
» ros Christãos, e filhos. Aqui tendes a figu-
» ra daquelle Christo Jesus Senhor, e Salva-
» dor nosso, (a este tempo arvorou o Cus-
todio hum devoto Crucifixo sobre huma has-
tia no ar, pera que de todos fosse visto,)
» este he o que vos ha de ajudar, e favo-
» recer, e debaixo de tão piedosa, precio-
» sa, e poderosa bandeira pelejai seguros,
» e desbarataremos diante delle todos estes
» inimigos de sua santa Fé, e Nome.»

Toda aquella multidão, e concurso que estava suspenso, e calado, ouvindo dependurado da boca do Governador, ouvindo-lhe com grande attenção o que lhes dizia, em vendo arvorar aquella sacratissima figura de nossa Redempção, se prostráram todos logo por terra, e com os olhos arra-

za-

zados de lagrimas, adoráram aquella Divina Imagem, pedindo-lhe misericordia, favor, e ajuda, e bradando por batalha. O Governador lhes disse, que se fizessem prestes pera o outro dia, repartindo aquelle as escadas pelos Fidalgos, e Capitães de mais recado, promettendo ao primeiro que subisse as paredes, se fosse Fidalgo, huma viagem de Bengala, (que então era das mais importantes da India, por se fazer com navio de ElRey, e levar resgate seu); e se fosse Cavalleiro, ou soldado, duzentos cruzados em dinheiro. Este dia á tarde entráram na Ilha de Dio dous Capitães, Accedecan, e Alucan com sinco mil homens, que ElRey despedio de Amadabá, tanto que teve recado que o Governador ficava em Baçaim.

# DECADA SEXTA.
# LIVRO IV.
## Da Historia da India.

### CAPITULO I.

*De como o Governador D. João de Castro sahio da fortaleza, e commetteo as estancias dos inimigos: e do muito primoroso, e honroso desafio que tiveram Dom João Manoel, e João Falcão: e de como os nossos ganháram as estancias: e dos grandes, e espantosos casos que acontecêram a alguns Portuguezes.*

AOs onze dias do mez de Novembro, em que a Igreja Catholica celebra a festa de S. Martinho, Bispo, e Confessor, em rompendo a manhã, mandou o Governador fazer final á Armada com os tres foguetes, e elle se poz no terreiro da fortaleza com a bandeira de Christo, arma-

mado, pondo em ordem as cousas necessarias; e mandou ao Alcaide mór que se tirassem as portas fóra de seus antigos couces, e que ficasse a fortaleza aberta. E querendo já sahir por ellas, chegou o Padre Custodio, acompanhado dos Frades que comsigo levava, e hum Crucifixo arvorado em huma lança, e posto em meio de todos, rezou em voz alta o Evangelho de S. João; e acabado, fez huma Absolvição geral a todos, concedendo-lhes remissão de todos seus peccados, por virtude dos Breves Apostolicos, que os Summos Pontifices tinham concedido a ElRey D. Manoel de gloriosa memoria, pera todos os que morressem na guerra. Com isto ficáram todos tão animados, e esforçados, que lhes ferviam os corações nos peitos.

Aqui aconteceo hum caso espantoso de honra a tres soldados Reinois, que tinham vindo em companhia de Ruy Lourenço de Tavora, naturaes do Torrão, patria de Antonio Moniz Barreto, que eram parentes huns dos outros, que não he bem calar-se. Estes soldados desejosos de ganharem fama, e honra, tanto que as bandeiras se começáram a pôr em ordem, foram demandar Antonio Moniz Barreto, que estava na dianteira com huma escada que lhe tinham encommendada; e chegando a elle, lhe deram hu-

huma carta de ſua mãi, em que lhos encommendava muito, pedindo-lhe os favoreceſſe, e agazalhaſſe, porque eram naturaes daquella Villa, e filhos de homens honrados. Antonio Moniz Barreto leo a carta, que o alegrou muito naquelle tempo, por ſer de ſua mãi, e diſſe aos ſoldados, » que » a guardaſſem, que ſe elle eſcapaſſe da ba- » talha, lha déſſem, porque faria tudo o que » nelle foſſe, aſſim por ſua mãi lho encom- » mendar, como pelo elles merecerem. » A iſto tomou hum delles a mão, e diſſe, » que » as mercês, e honras que delle queriam eram » alli, que depois não haviam miſter couſa » alguma; e ſe por aquella carta lhes havia » de fazer pelo tempo muitas, ſó huma na- » quelle queriam delle, e era, lhes entre- » gaſſe aquella eſcada, pera elles a arvora- » rem aonde lhes elle mandaſſe. » Antonio Moniz Barreto vendo a opinião, e brio dos ſoldados, lhe entregou a eſcada, dizendo- » lhes: » Vede-la ahi, e nella vos entrego to- » da minha honra; eu a hei por muito bem » arriſcada nas mãos de ſoldados de tão hon- » roſos penſamentos. »

A Armada tanto que vio o ſinal que lhe fizeram da fortaleza, eſtando já preſtes, e negociada, porque Nicoláo Gonçalves (a quem aquelle negocio eſtava encommendado) tinha arvorado muitas lanças por to-

dos

dos os navios, que eſtavam formoſamente embandeirados, e tinha cortados muitos murrões em pedaços, e accezos, os repartio pelos moços, e marinheiros, pera que os inimigos cuidaſſem que eram eſpingardas. E arrancando do poſto em que eſtava com ſeſſenta navios de remo, tocando muitos tambores, pifaros, e outros muitos inſtrumentos, com tamanhos gritos, e alaridos de moços, e marinheiros, que punha medo. E como iſto era de madrugada, fazia parecer aquella couſa mais medonha. Aſſim foram entrando pelo rio dentro, indo diante a galeota do Governador, com ſeu toldo de brocado, e bandeira de Chriſto por quadra, pera que cuidaſſem os Mouros que hia elle ahi; e voga arrancada, foram paſſando pelas eſtancias dos Mouros com aquellas carrancas, como que queriam deſembarcar na ponte da Alfandega.

Rumecan parecendo-lhe que vinha alli o Governador, deixando as eſtancias encommendadas a Juzarcan com oito mil homens, acudio áquella parte acompanhado de Mojatecan, Alucan, e Accedecan com todo o mais poder. A Armada levava toda a artilheria cevada; e tanto que emparelhou com as eſtancias, foi-lhes dando huma formoſa ſalva, de que matou alguns Mouros. O Governador que já eſtava preſtes, tanto que a Ar-

Armada paſſou pelas eſtancias, ſahio da fortaleza tocando ſuas trombetas, e outros muitos generos de inſtrumentos bellicos. Dom João Maſcarenhas, Capitão della, que levava a dianteira, foi cingindo a cava pera ir commetter pelo cabo do muro, naquella parte em que eſtava o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira.

Aqui aconteceo hum caſo milagroſo, e foi, que eſtavam aſſeſtadas algumas peças de artilheria pera a ponte, por onde os noſſos haviam de ſahir aos inimigos; e antre ellas entrava aquella grande, medonha, e temeroſa, que hoje eſtá na fortaleza de São Gião na barra de Lisboa, que eſtava carregada de jellalas, que he huma moeda de cobre groſſa, e redonda, que tem valia de tres reis. Os Mouros tanto que os noſſos ſahíram da fortaleza, vendo a ponte entulhada delles, puzeram fogo ás bombardas por quatro vezes, ſem de alguma dellas o tomar; e ſem dúvida que ſe Deos aſſim o não permittíra, daquelle ſó tiro fora o Governador desbaratado. E porque não paſſemos por outro milagre, de que os Mouros foram teſtemunhas, elles meſmos affirmáram, que em quanto a batalha durou, víram ſobre as ruinas da Igreja huma mulher tão formoſa, e reſplandecente, que com os ſeus raios os cegava a todos; e iſto particularmen-

mente teſtemunháram os que ficáram cativos na batalha.

E tornando aos da dianteira, tanto que ſubíram a cava á outra banda, remettêram com o muro, em que começáram a arvorar ſuas eſcadas. Os inimigos como eſtavam álerta, deſparáram nelles ſua artilheria; e quiz a fortuna que hum pelouro acertaſſe na eſcada de Antonio Moniz Barreto, que levavam os ſoldados da Villa do Torrão; e fazendo-a em pedaços, aſſim ella, como as rachas della matáram os tres ſoldados logo, atalhando-ſe-lhes em frol ſeus tão honrados penſamentos.

Aqui ſuccedeo outro caſo mui digno de memoria, e foi, que eſtando em Goa deſafiados D. João Manoel com João Falcão, por certas paixões que tiveram, andando o Governador pera ſe embarcar, e vendo que em tempo de tão grande neceſſidade era razão que ſe poupaſſem pera ſoccorrerem a fortaleza de ElRey, concertáram-ſe ambos » que o primeiro que ſubiſſe a parede dos » inimigos em Dio, eſſe ganhaſſe a honra do » deſafio. » E aſſim ſahindo diante de todos, levando cada hum ſua eſcada, remettêram com o muro, aonde as encoſtáram quaſi a hum meſmo tempo. D. João Manoel tinha pedido a Antonio Moniz Barreto que o favoreceſſe na ſubida, e lhe tiveſſe a eſcada,

da, como fez; o meſmo pedio João Falcão a outros Fidalgos ſeus amigos.

D. João Manoel ſubindo pela eſcada, e lançando a mão direita pera aferrar da parede já em ſima, lha cortáram os Mouros, e acudindo com a eſquerda, lhe fizeram o meſmo; e vendo-ſe ſem mãos, não ſentindo o furor de ſeu animo a perda dellas, foi com os cotos dos braços pera ſe pendurar, e ſuſpender do muro, trabalhando por ſe pôr em ſima, porque o deſejo da honra lhe fazia muito faciles todos os riſcos, e perigos: eſtando quaſi em ſima, lhe deram hum golpe pelo peſcoço, que lhe lançáram a cabeça fóra, atalhando a morte huma das mais honradas opiniões que no Mundo naſceo. Era eſte Fidalgo filho de D. Bernardo Manoel, e de huma filha do Conde de Villa-Nova, neto do grande D. João Manoel, que foi Camereiro mór de ElRey D. Manoel, e Guarda mór, e Almotacé mór, e Capitão dos Ginetes.

João Falcão deſejoſo tambem de ganhar a honra do deſafio, ſubio pela eſcada ajudado daquelles a quem ſe encommendou; e chegando á borda do muro, foi morto de muitas cutilladas, e lançadas, não deſmerecendo aqui couſa alguma do outro. Por eſta maneira ſe encoſtáram muitas eſcadas de longo a longo do muro, porque as outras

duas

duas companhias de D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima chegáram logo, trabalhando muitos por subirem, favorecendo-os os debaixo com sua espingardaria, começando-se de parte a parte huma muito rija, e cruel batalha sobre a entrada; e todavia alguns dos nossos cavalgáram o muro, e se puzeram em sima ás cutilladas com os Mouros; e como a cousa foi tão baralhada, e subíram por tantas partes, não se pode averiguar quem foi o primeiro. Mas dos primeiros foi Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha Fios secos, Cidadão nobre de Goa, mui bom Cavalleiro, e Cosmo de Paiva. Este homem deo aqui grandes mostras de seu esforço, porque teve só o pezo de todos os inimigos, que carregáram áquella parte; e como o muro era largo, cercando-o hum monte delles, trabalháram pelo matar; mas elle defendendo-se de todos, ferindo, e derribando alguns, se fez tão temido a todos, que não ousando a lhe chegarem por diante, o perseguiam por detrás, e pelas ilhargas com muitos arremessos, andando elle já ferido de muitas feridas; e como estáva em meio de tantos, hum Turco teve tempo de lhe dar hum golpe por detrás por huma perna, que lha cortou quasi toda. Vendo-se o esforçado Cavalleiro sem perna, poz o outro giolho no chão, e assim

ſim ſe defendeo grande eſpaço, fazendo couſas notaveis até que o matáram. Aqui neſte tempo ſubio Antonio Moniz Barreto o muro, e achou Miguel Rodrigues Coutinho Fios ſecos cercado de muitos Mouros; e remettendo com elles, os começou a cortar, pondo-ſe á ilharga de Miguel Rodrigues Coutinho; e ambos tiveram hum grande pezo dos inimigos que recreſcêram.

Vaſco Fernandes, Tanadar mór de Goa, tambem foi dos primeiros que ſubíram ao muro, e em ſima ſe poz como hum leão bravo em meio dos Mouros, ſem receio da morte, fazendo nelles grande eſtrago; e ſendo mui perſeguido de alguns Turcos, remetteo com hum, e deo-lhe tal golpe por ſima do turbante, que lho cortou todo, e a cabeça até o meio, cahindo-lhe aos pés; e abaixando-ſe pera o acabar de matar, cuidando que eſtava ainda vivo, lhe deo outro Turco huma cutilada pelas coſtas, que lhe cortou hum groſſo cotão de malha, e o fendeo pelo meio, cahindo ſobre o Mouro que tinha aos pés. Já os noſſos ſubiam com menos trabalho o muro, porque os que eſtavam em ſima o tinham franqueado.

D. João Maſcarenhas foi correndo a paréde até o cabo, aonde eſtava o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira, que commetteo com grande determinação; e poſto que nelle

le achou mui aſpera reſiſtencia, o ganhou com morte dos mais Mouros que nelle eſtavam, não lhe cuſtando tão pouco, que não perdeſſe perto de dez homens, em que entrou Franciſco de Azevedo, que eſte dia fez couſas, em que moſtrou bem ſeu valor, e esforço; e eſtando já em ſima do muro no meio de hum eſquadrão de Mouros, em que fez mui grande deſtruição, e eſtando obrando couſas dignas de quem era, lhe deram com huma lança de arremeſſo, de que acabou com muito louvor, paſſado de parte a parte. D. João Maſcarenhas depois de ganhar o baluarte, e o muro daquella parte, paſſou-ſe ao campo da outra banda, e tocou a recolher os ſeus á ſua bandeira; e formando hum formoſo eſquadrão, foi demandar os inimigos, que eſtavam já em outro, e lhe apreſentou batalha já no campo largo, em que a noſſa arcabuzaria jogou bem á ſua vontade. Aqui ſe travou huma muito aſpera batalha com grande deſtruição dos inimigos, em que os noſſos pelejáram de maneira, que a poder de golpes arrancáram os Mouros do campo, e os leváram até os metterem dentro na Cidade.

Os mais Capitães, D. Alvaro de Caſtro, e D. Manoel de Lima commettêram o muro por differentes partes; e depois de muitos caſos acontecidos, que ſe não podem

par-

particularizar, o ſubíram, lançando delle os inimigos com grande eſtrago ſeu delles, e não ſem damno, e mortes de alguns dos noſſos. Ganhado o muro, ſe deſcêram abaixo, e formáram ſeus eſquadrões, e ao ſom de tambores, e pifaros foram commetter Juzarcan, que eſtava com ſeis mil homens em hum corpo antre o muro, e o exercito, e começáram com elle huma muito travada, e arriſcada batalha, que eſteve por hum eſpaço bem ſuſpenſa da parte dos noſſos, por eſtarem com Juzarcan todos os Rumes, e Turcos do exercito, que pelejavam mui valoroſamente. Quando o Governador chegou á parede, já achou a paſſagem franca, e ſubio por ella com a bandeira de Chriſto apar de ſi, que levava Duarte Barbudo, mui bom Cavalleiro, indo cercada de Lourenço Pires de Tavora, Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Souſa de Sepulveda, e de outros muitos Fidalgos velhos, que leváram ſempre o Governador em meio; e deſcendo-ſe abaixo, tocou a recolher, e ajuntou a ſi D. Alvaro de Caſtro, e D. Manoel de Lima com ſuas bandeiras, que andavam em batalha com Juzarcan: e tendo já aquelle poder junto, deo Sant-Iago nos inimigos, que ſe traváram com os noſſos mui determinadamente, com grande damno, e riſco de ambas as partes. Mas como os Portugue-

zes

zes pelejavam diante do ſeu Governador, houveram-ſe de maneira na briga, que arrancáram os Mouros do campo, fazendo-os recolher a ſuas eſtancias. O Governador mandou que apertaſſem com elles, e entraſſem de envolta, e aſſim os de diante commettêram os vallos, que ſubíram a pezar dos inimigos, mas com grande damno, porque aqui ſe perdêram muitos dos noſſos. O Governador hia junto da bandeira Real de Chriſto, e mandou ao Alferes que lha puzeſſe em ſima das eſtancias dos Mouros, o que elle logo fez, bradando *Vitoria, vitoria*; mas como os tiros, e arremeſſos eram muitos, deram alguns no Alferes, que o derribáram dos vallos abaixo. Aqui tornáram os Mouros a cobrar animo, e rebentáram das eſtancias com tamanha furia, que começou a haver nos noſſos grande deſordem. Os Fidalgos que hiam com o Governador acudíram á bandeira Real, ajudando a alevantar o Alferes, que com muito animo, e riſco ſeu a tornou a arvorar ſobre os vallos, bradando *Vitoria, vitoria.* Os Mouros tornáram a apertar tanto, e tantos arremeſſos chovêram ſobre elle, que o derribáram muito mal tratado. Vendo o Governador o riſco, e perigo em que eſtava, e que os ſeus parecia que afracavão, adiantou-ſe com huma adarga embraçada, e hu-

ma

ma formosa, e larga espada na mão; e pondo-se diante de todos, lhes disse:

» Ah fortes, e esforçados Portuguezes, » hoje he o dia que vosso nome ha de subir por todos os passados; não receeis cousa alguma, passai adiante, que aqui está » o vosso Governador diante de vós offerecido aos mesmos riscos, e perigos; segui-me, e fazei o que eu fizer. » E chegando á bandeira, achou já o Alferes em pé muito mal tratado dos tiros, e arremessos com que lhe deram, e levando-a diante, appellidou o Apostolo Sant-Iago, e começou a subir os vallos. Os Fidalgos, Capitães, Cavalleiros, e soldados em vendo o Governador diante a trepar os vallos, pegado á bandeira de Christo, remettêram com tão grande ímpeto, que desprezando tanto genero de instrumentos de mortes, como eram os que sobre elles cahiam, subíram em sima, lançando delles os inimigos com muito grande estrago, e assim os foram seguindo até os encerrarem nas estancias.

O Governador foi passando adiante, com duas fréchas cravadas na adarga, e muito alegre, e gentil-homem fez arvorar a bandeira de Christo sobre as estancias, donde algumas vezes foi derribado o seu Alferes, que logo se tornou a levantar. Aqui se ateou outra nova batalha; mas como os nossos leva-

vavam aquella furia, e quaſi vitoria, apertáram tanto com os Mouros, que de todo lhe ganháram as eſtancias. Rumecan tanto que teve recado do que paſſava, tornou a voltar pera as eſtancias, que já achou em poder dos noſſos; e remettendo com elles pera lhas tornar a ganhar, ſe tornou a atear a mais cruel, e aſpera batalha, que até então houve, em que todos fizeram couſas eſpantoſas; e aſſim os Mouros por ganharem as ſuas eſtancias, como os Portuguezes pelas não perderem, acontecêram caſos muito dignos de mui maior eſcritura. Em fim, no cabo do negocio, depois de muitas mortes, e damnos, os Mouros ſe recolhêram desbaratados, e os noſſos ficáram ſenhores das eſtancias.

## CAPITULO II.

*De como o Governador D. João de Caſtro apreſentou batalha aos inimigos, e da crueza della, e de como os desbaratou, e ganhou a Cidade com morte de Rumecan, e cativeiro de Juzarcan.*

TAnto que Rumecan ſe vio com as eſtancias perdidas, ſe foi retrahindo pera o campo, onde ſe ajuntou com Juzarcan, que ſe vinha recolhendo desbaratado de D. João Maſcarenhas, e alli formou ſeus eſquadrões pera pelejar com os Portuguezes

no campo largo. O Governador vendo que ſe preparavam pera lhe dar batalha, não a refuſou, antes com grande determinação ſe ſahio dos vallos, e eſtancias, e ordenou ſeus eſquadrões, dando aquella dianteira a Dom Alvaro de Caſtro ſeu filho, que foi commetter os Mouros com mais ordem, dando ſua ſurriada de arcabuzaria, de que cahíram muitos dos inimigos. Aqui ſe baralháram todos ás cutilladas, retinindo os golpes de armas, e atroando o Mundo com os eſpantoſos gritos, e alaridos de huns, e de outros. Foi aqui a crueza mui grande, porque ſe feriam em deſcuberto, e ſem amparo algum; mas como o poder dos inimigos era grande, e de todas as partes lhes foi acudindo ſempre mais gente, eſtiveram os noſſos quaſi perdidos, e desbaratados; mas chegou áquelle tempo o Padre Fr. Antonio do Caſal com o Crucifixo arvorado na lança, e paſſando por meio dos noſſos, foi bradando alto: » Ah Cavalleiros de Chriſto, » aqui tendes a figura de voſſo Deos, que » he o que vos guia: esforçai, e paſſai ávan» te, porque com tal Capitão não ha que re» cear; » e com iſto ſe foi pôr diante de todos, chamando por Sant-Iago, como Varão mui animoſo, e Religioſo. Tanta força tiveram aquellas palavras, e a viſta de Chriſto crucificado, que infundio em todos

no-

novos eſpiritos ; e rebentando como hum furioſo torrente , que deſce do alto Apenino , deram Sant-Iago nos Mouros , fazendo nelles tal eſtrago , que a pezar ſeu , e com morte de muitos os arrancáram do campo , começando-ſe a declarar a vitoria pelos noſſos. Rumecan vendo-ſe quaſi perdido , tornou a voltar animando os ſeus com palavras de muita obrigação , e com tanta furia tornou a dar nos Portuguezes , que os fez voltar com grande deſmancho.

Aqui acudio o Governador , acompanhado de Lourenço Pires de Tavora , Garcia de Sá , Jorge Cabral , Manoel de Souſa de Sepulveda , e de outros Fidalgos ; e apreſentando-ſe diante de todos , tiveram o encontro aos inimigos , não deixando o Governador de arriſcar ſua peſſoa , ſem os que com elle andavam o poderem ter. D. Alvaro de Caſtro , e D. Manoel de Lima com ſuas companhias eſtiveram mui apertados ; e ſempre acontecêra hum grande deſarranjo , ſe elles não trouxeram tanto o tento nos ſeus , acudindo-lhes nas mores affrontas , e neceſſidades , fazendo-os ter , e apreſentando-ſe elles com os Fidalgos de ſua companhia ao encontro dos inimigos. Na volta que fez Rumecan eſteve tudo perdido por todas as partes , porque não ſó pelejavam contra os noſſos os que traziam armas , mas ainda to-

da aquella multidão de gente inutil, que lançavam ſobre os noſſos tantas pedras, tiros, e outros arremeſſos, que parecia choverem coriſcos, e trovões do Ceo. E como o Cuſtodio andava diante de todos animando-os, e esforçando-os, permittio o Senhor, por dar mór animo aos ſeus, que daquelles números infinitos de pedras que cahiam ſobre todos, acertaſſe huma em hum braço do Crucifixo, que lho quebrou todo; e vendo aſſim o Cuſtodio, levantou a voz, e começou a dizer:

» Ah Cavalleiros de Chriſto, vedes aqui » a Imagem de noſſo Deos ferida, e eſcalavrada diante de vós; que fazeis que não » vingais tamanha offenſa, e injúria, feita » a hum Senhor, que vos remio pelo ſeu precioſo Sangue? Segui-me, filhos meus, e » Cavalleiros Chriſtãos, vamos vingar noſſo Deos; » e com iſto remetteo com os inimigos, bradando por Chriſto.

Ouvindo todos aquellas palavras, e alevantando os olhos, que lhe víram o braço dependurado do cravo pela mão, clamando todos a grandes brados, miſericordia, miſericordia, arrebentáram com aquella furia, que lhes fazia levar o deſejo de ſatisfazerem, e vingarem aquella injúria feita ao Senhor; e rompendo nos Mouros, com grande eſtrago delles, os arrancáram do campo,

po, indo matando nelles até os metterem pela Cidade dentro; mas todavia não foi sem damno, porque alli cahíram muitos dos nossos mortos, e feridos, e antre estes Manoel de Sousa de Sepulveda, que ficou no campo com muitas feridas.

A'quelle tempo chegou ao caes huma fusta, em que vinha de Baçaim Bastião de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, de se curar da fréchada que lhe tinham dado em huma perna, (como fica dito no fim do Cap. VI. do II. Liv.;) e sabendo estar o Governador no campo, o foi logo demandar com alguns companheiros que trazia; e chegando áquella parte, achou Manoel de Sousa de Sepulveda estirado no campo, e chegando-se a elle, o alevantou. Elle lhe pedio que fossem ambos juntos em busca do Governador, porque se não havia de recolher sem elle. Bastião de Sá, que não se tinha achado naquelle conflicto, não querendo se acabasse sem elle, disse-lhe, que não era tempo; e passou adiante até chegar aos nossos, que andavam já dentro na Cidade envoltos com os inimigos; e pondo-se na dianteira com os primeiros, começou a pelejar como quem vinha de repreza, e desejoso de o fazer. Os Mouros como hiam já de arrancada, os nossos com aquelle animo, e furia acabáram de os desbaratar, e de os espalhar pela Cida-

de.

de. Vendo D. Manoel de Lima (que pelejava na dianteira, e tinha feito grandes cousas) a vitoria por nós, apartou-se com o seu esquadrão, e foi apôs hum corpo de Mouros, que se hiam recolhendo pela banda da praia; e D. Alvaro de Castro, que aqui mereceo muito, foi sempre seguindo Rumecan pela Cidade dentro, pelo caminho que vai ao Bazar, pelejando sempre.

D. João Mascarenhas tanto que desbaratou Juzarcan, o foi seguindo pela parte aonde hoje está a Ermida de nossa Senhora, que então era o lugar da forca, levando-o sempre diante até o metter pela porta da Cidade, aonde entrou de envolta, fazendo hum mui grande estrago nos inimigos. Juzarcan se foi ajuntar com Rumecan (como já dissemos) com parte dos seus.

O Capitão chegou até o meio da Cidade, donde despedio recado ao Governador, como ficava nella, e os inimigos por aquella parte desbaratados. Este recado chegou ao Governador a tempo, que tambem já os inimigos que elle seguia, se punham em desbarato; e prometteo ao homem que lho levou, grandes alviçaras, porque até então não sabia de D. João Mascarenhas; e logo o tornou a despedir, mandando dizer ao Capitão Dom João Mascarenhas » que fos» se recolhendo os seus, e esperasse aon-

» de

» de eſtava , até ſe elle ir ajuntar com
» elle. »

D. Manoel de Lima , que foi ſeguindo os Mouros , que tomáram o caminho da praia , levou-os ſempre diante de ſi , fazendo nelles muito grande eſtrago até ás caſas de ElRey , onde parou , e deſpedio recado ao Governador , que já tudo era rendido ; e em lho dando , deo muitas graças a Deos por tamanha mercê , e foi tomando o caminho da praia ; e chegando aonde elle eſtava , o levou nos braços , dando a elle , e a todos muitos , e publicos louvores. Eſtava D. Manoel de Lima com a ſua bandeira arvorada ſobre a artilheria , que os Mouros tinham á porta da Alfandega , que eram alguns bazaliſcos , aguias , e ſalvagens de metal de maravilhoſa grandeza. O Governador lhe diſſe » que pois elle ganhára aquellas pe-
» ças , lhe fazia mercê em nome de ElRey
» de hum daquelles bazaliſcos , o maior. »
D. Manoel de Lima lhe fez ſua inclinação pela mercê , acceitando-a ; mas diſſe logo , que tornava a fazer ſerviço della a ElRey. O Governador mandou ver ſe eſtava alguem nas caſas do Soltão Mahamude ; e achando-as vaſias , mandou metter nellas huma companhia de cem ſoldados ; e tomando Dom Manoel de Lima comſigo , tornou a entrar na Cidade pela porta da Alfandega , e ſahio

hio ao Bazar grande, onde achou ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, que até alli foi apôs os inimigos, em quem tinha feito grande deſtruição. Dalli o mandou, que com a ſua companhia correſſe a Cidade, e ajuntaſſe a ſi toda a gente deſmandada, e o foſſe eſperar á porta que ſahia por aquella parte ao campo; e o Governador com toda a mais gente foi encaminhando pera onde eſtava D. João Maſcarenhas. D. Alvaro de Caſtro foi recolhendo os ſoldados, que com huma brutal crueza andavam pelas caſas matando, e eſpedaçando mulheres, meninos, e velhos, não perdoando ainda até os brutos animaes; e foi a crueza tão eſpantoſa, que corriam pelo meio de todas as ruas regatos de negro ſangue, carregando-ſe todos de prezas, que pelas caſas tomavam, de ouro, prata, aljofar, deixando as mais fazendas que eram muitas, e ricas, pelas não poderem levar. D. Alvaro de Caſtro depois de com muito trabalho recolher todos a ſi, eſperou em meio do Bazar pelo Governador, que logo chegou; e aſſim foram marchando até darem com D. João Maſcarenhas, que ainda eſtava ás lans com os inimigos, que tornáram a voltar a elle; mas vendo elles o poder, deixáram tudo, e ſe foram recolhendo pera fóra da Cidade.

O Governador ajuntou a ſi todas as bandei-

deiras, e ao ſom de tambores, e piſaros foi marchando pera o campo, aonde ſahio, e vio que ſe ajuntava todo o poder dos Mouros em hum corpo, e eſtavam á ſua viſta Rumecan, Accedecan, Juzarcan, Mojatecan, e Alucan com oito mil homens, poſtos em ſom de batalha, e em muito boa ordem, com determinação de tornarem a buſcar os noſſos. O Governador por não arrefecer da vitoria, mandou a D. João Maſcarenhas, e a ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, que cada hum por ſua parte commetteſſem os Mouros, porque elle o queria fazer pela teſta do eſquadrão.

Apartados os Capitães, foram demandar os inimigos, e os commettêram com muito grande determinação, ateando-ſe antre todos huma muito arriſcada batalha. O Governador os foi tambem demandar, depois de andarem já envoltos, e pegou com elles com tão eſpantoſa furia, que com morte de muitos os começou a arrancar do campo. Os Capitães que pelejavam pelas ilhargas com D. João Maſcarenhas, e com Dom Alvaro de Caſtro, tanto que víram que Rumecan começava a perder o campo, enfraquecêram de maneira, que ſe puzeram em desbarato. Os noſſos vendo iſto apertáram tanto com elles, que os fizeram ir retrahindo, com tanta deſordem, que cahiam huns

ſo-

ſobre os outros. E foram-ſe mettendo tanto os noſſos com os Mouros, que hum Gabriel Teixeira, mui bom Cavalleiro, paſſou tanto adiante, que chegou ao Alferes da bandeira, e derribando-o de hum golpe, lha tomou das mãos, e ſe recolheo com ella arraſtando-a, e bradando *Vitoria, vitoria.*

Juzarcan pelejou muito bem; e depois de ter muitas feridas, e andar muito fraco, e cançado, cahio antre o tropel dos ſeus, que hiam fugindo; e ſendo conhecido dos noſſos, lançáram mão delle, e o leváram ao Governador, que o eſtimou muito, encommendando a alguns homens de recado, que o levaſſem á fortaleza, e o mandaſſem curar, e ter a bom recado.

Rumecan vendo-ſe de todo desbaratado, e indo-ſe recolhendo muito cançado, e fraco, por levar duas eſpingardadas, receoſo de ir ter ás mãos dos Portuguezes; deſpio os trajos que trazia, e veſtio-ſe de huma pobre cabaia por não ſer conhecido; e achando hum cavouco com alguns corpos mortos, ſe lançou antre elles pera ver ſe por alli podia eſcapar; mas como não ha fugir á mão de Deos, alli lhe foi dar huma grande pedra na cabeça, ou foſſe da mão dos noſſos, ou dos ſeus, que lha fez em pedaços; e aſſim acabou no mais miſeravel eſtado o mais poderoſo, e ſoberbo Mouro,

ro, que havia em todo o Reyno de Cambaya, nem em todos os do Oriente naquelle tempo.

Os nossos foram seguindo a vitoria pelo campo adiante por espaço de meia legua, até de todo desbaratarem os inimigos. Hum Jorge Nunes, bom Cavalleiro, que hia por aquella parte pera onde Rumecan se recolheo, (que parece levava o olho nelle,) e indo ter ao cavouco, achou aquelles Mouros mortos, e antre elles vio, e conheceo Rumecan, (porque o conhecia mui bem;) e cortando-lhe a cabeça, a lançou ás costas, e a levou ao Governador, que a estimou muito, e prometteo ao soldado de lhe fazer mercê, como depois lhe fez. Este homem viveo depois muitos annos, casado na Cidade de Damão, e tem ainda nesta era de noventa e sete, em que isto escrevemos, mulher, e filhos, e elle em quanto viveo se chamou Jorge Nunes Rumecan; e depois que faleceo se enterrou em S. Francisco de Damão, aonde hoje apparece sua sepultura com huma mão, e huma cabeça pelos cabellos tomada, e hum letreiro, que diz: » Aqui jaz Jorge Nunes, que matou Rume» can. » Desta verdade não achámos outra testemunha mais que esta; e parece que lhe deve de ficar o direito, pela muito antiga posse em que está, que nós lhe não queremos tirar.

O

O Governador tanto que vio a vitoria arrematada, ſe foi recolhendo pera a Cidade, que entregou liberalmente a ſaco aos ſoldados, que nella ſe cevâram bem; e elle ſe foi ás caſas de ElRey, e nellas achou toda a recamara de Rumecan, de ouro, prata, peças ricas, cavallos, jaezes, armas de muitas ſortes, o que tudo mandou pôr a bom recado; e a artilheria toda, que eram quarenta peças groſſas de bazaliſcos, até camelos de marca maior, e outras muitas de outras ſortes.

Aſſolada a Cidade, ſe recolheo o Governador pera a fortaleza a deſcançar, e a dar folga á gente, que andava mui cançada, mandando recolher, e enterrar os mortos, e curar os feridos com muita diligencia, e reſguardo. Sobre a tarde tornou a ſahir fóra com as bandeiras ordenadas, e entrou nas eſtancias dos inimigos, aonde ſe acháram muitas munições, mantimentos, armas, e huma grande ſomma de alviões, cudilins, machados, pás, padiolas, eſcadas, e todos os mais petrechos de minar: tudo iſto mandou recolher pera a fortaleza, no que ſe gaſtou aquelle dia, e o outro.

Morrêram na batalha dos Mouros ſinco mil, conforme a huma carta que achámos do Governador D. João de Caſtro no Cartorio da Sé de Goa, que eſcreveo ao Biſ-

Bispo D. João de Alboquerque, quando lhe mandou as novas da vitoria, em que lhe relata em breves palavras esta jornada.

Foi cativo Juzarcan, e perto de seiscentos homens de armas.

Morreo Rumecan, Accedecan, Alucan, e outros muitos Capitães.

Tomaram-se muitas bandeiras, armas, e outras muitas cousas, que no triunfo do Governador adiante melhor se veram.

Portuguezes morrêram trinta e sinco, e ficáram feridos duzentos e sincoenta. O Governador despedio logo hum Cidadão nobre, e Cavalleiro, chamado Diogo Rodrigues de Azevedo, em hum navio muito ligeiro, com cartas pera o Bispo, Capitão, e Cidade de Goa, em que lhes dava as novas da grande vitoria que tinha alcançado dos Capitães de ElRey de Cambaya. E á Cidade em particular escreveo huma muito honrosa carta, em que lhe representava as necessidades em que ficava de dinheiro pera a reformação daquella fortaleza, que lhe pedia lhe quizessem emprestar vinte mil pardáos sobre huns cabellos da sua veneranda barba, que pera isso lhe mandou dentro na mesma carta, promettendo-lhe de os desempenhar tanto que chegasse a Goa: e da jornada deste homem adiante daremos razão.

CA-

## CAPITULO III.

*Das cousas que mais succedêram: e de como Lourenço Pires de Tavora se embarcou pera o Reyno, e levou comsigo Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz: e de como o Governador Dom João de Castro mandou D. Manoel de Lima a fazer guerra á costa de Cambaya: e de como destruio as Cidades de Goga, Gandar, e outras.*

AO outro dia, depois que o Governador despedio o recado pera Goa, tornou a correr a Cidade, tendo já recado certo, que toda a gente que escapou da batalha, era passada á outra banda da terra firme; e mandou desmanchar a ponte que hia da Alfandega pera a Villa dos Rumes, e desfazer a parede da contenda, e todas as estancias dos inimigos, que deram a todos muito trabalho, por serem muitas, e muito fortes, e a parede comprida, e muito grossa. Depois de tudo isto feito, tomou o Governador parecer com todos os Capitães, e Fidalgos velhos sobre a reparação, e fortificação daquella fortaleza; e de commum conselho se assentou, que se alargasse mais o sitio, por ser dentro muito estreita, e que se fizessem outros muros novos por fóra da cava, e se

abrif-

abriſſe á roda outra mais larga, e mais funda. Aſſentado iſto, começou o Governador a pôr as mãos á obra com muita preſteza.

Lourenço Pires de Tavora chegando-ſelhe o tempo de ſe ir embarcar, ſe deſpedio do Governador, que eſcreveo por elle a El-Rey muito largo, dos merecimentos dos homens que naquelle cerco ſe acháram, e de ſi muito pouco, porque ſe reportava em tudo ao Capitão mór das náos, como teſtemunha de viſta. Foi embarcado pera o Reyno com Lourenço Pires de Tavora na ſua meſma náo Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz, que levou grande caſa. O Governador ficou proſeguindo na reedificação, e fortificação da fortaleza. E porque lhe deram por novas, que em Surrate ſe eſperava por duas náos de Meca muito ricas, deſpedio D. Manoel de Lima com trinta navios, em que hiam os mais dos Capitães que das outras vezes o acompanháram, dando-lhe por regimento, que em quanto as náos tardaſſem, fizeſſe por aquella enceada toda a guerra que pudeſſe; mas que não tocaſſe na Cidade de Goga, por ſer aviſado que toda a gente que eſcapára de Dio eſtava alli recolhida.

D. Manoel de Lima foi ſeguindo ſua jornada de longo da coſta pera dentro da enſeada; e ao ſegundo dia depois que partio,

tio, lhe deo hum temporal da banda do Sul, com que eſtiveram os navios quaſi perdidos; e correndo com traquetes, foram ſurgir nos poços de Goga á viſta da Cidade, ficando em remanſo por cauſa das reſtingas, e canaes, em que os mares quebram. Os da Cidade tanto que houveram viſta da Armada, a começáram a deſpejar, e a ſe recolherem pera as aldêas do certão. Eſtava huma náo de Mouros do Zamaluco ſurta tambem em hum daquelles poços; e vendo os della o deſpejo da Cidade, como levavam cartaz, e eram de paz, começáram a capear com bandeiras aos noſſos, pera que acudiſſem, e deſembarcaſſem. Os da Armada bem víram o capear da náo; mas não entendendo o porque o fazia, pareceo-lhes que era náo de Cambaya, e que de confiada em ſua fortaleza, e muita gente que trazia, lhes fazia aquellas algazaras, e os deſafiava. Dom Manoel de Lima como era homem mui colerico, e deſconfiado, vendo que o tempo lhe não dava lugar pera ir demandar a náo, eſtava pera arrebentar de pezar. E lançando a viſta a huma, e a outra parte, vio o deſpejo da Cidade, e ir pelo campo grandes exercitos de mulheres, e meninos com ſuas fazendas ás coſtas em compridas fileiras, (aſſim como ſe vem as provídas formigas carregadas de ſeu mantimento a buſcar as co-

vas

vas em que ſe agazalham, ) e entendendo então que o capear da náo era aviſo que lhe dava daquelle deſpejo, que ſe fazia com receio da Armada, mandou chamar todos os Capitães, e lhes diſſe:

» Que bem viam, que o tempo lhes não » dava lugar pera ſahirem dalli; e que pois » á ſua viſta ſe deſpejava aquella Cidade, e » moſtrava tanto temor delles; que pareceria » fraqueza não ſeguirem a vitoria, e pôrem » aquella Cidade (que era das maiores de » Cambaya ) a ferro, e a fogo, e darem nel» la hum bom cevo a ſeus ſoldados. Porém » poſto que trazia por regimento, que não » tocaſſem nella, que a cauſa que movêra ao » Governador a lho defender, fora, ſer avi» ſado que alli eſtava toda a gente que eſ» capára da batalha de Dio, que era muita, » pelos não pôr a perigo; mas que pois viam » fugir os inimigos á ſua viſta com tanta » deſordem, parecia que ſe aventurava pouco » em acabar de deſtruir as reliquias do ex» ercito inimigo, ſe alli eſtava, e que viſ» ſem todos o que lhes parecia naquelle ne» gocio. »

Como todos os que alli eſtavam deſejavam tanto, ou mais, que o Capitão mór, deſembarcar naquella Cidade, todos a huma voz diſſeram » que não era bem ſe per» deſſe huma tão grande occaſião como aquel»

 » la;

» la; que desembarcassem, e seguissem a vi-
» toria em que havia tão pouco risco, pois
» aquelles inimigos hiam desbaratados por si
» proprios.» Vendo D. Manoel de Lima a
resolução de todos, como o tempo hia já
cessando, embarcou-se logo em huma pe-
quena galueta, e foi sondar o esteiro, por
onde se entra á Cidade, (de quem já na quar-
ta Decada no Cap. V. do Liv. VII. démos
larga relação;) e vendo que de baixa mar
era forçado ficarem todos os navios em sec-
co, notou huma coroa de arêa, que em meio
do esteiro deixava a maré depois de vasia,
em que as fustas podiam ficar; porque der-
redor, distancia de hum quarto de legua, e
em partes mais, era tudo vasa, que atolava
até o pescoço, por onde ficavam alli segu-
ros de poderem ser commettidos. E visto tu-
do mui bem, se tornou pera a Armada, e
deo recado aos Capitães, pera que se fizes-
sem prestes.

E tanto que a maré começou a encher,
commetteo a entrada do esteiro; e pojando
em terra, desembarcáram todos os Capitães
com sua gente, e bandeiras, e o Capitão
mór com o guião de Christo; e pondo-se
em ordem, começáram a marchar pera a Ci-
dade pela banda do certão, por pontes que
tinha, que atravessavam os esteiros, que a
cercavam quasi á roda. E com grande deter-
mi-

minação a entráram, achando pouca resistencia, porque a gente da guerra occupouse toda em salvarem as mulheres, e filhos; e alguma desobrigada que acudio a defender a entrada, foi logo desbaratada. D. Manoel de Lima mandou dar fogo á Cidade por algumas partes, por os seus se não desmandarem no roubo. E como nella havia muitas terecenas de mantimentos, manteigas, cifas, drogas, e muitas mercadorias, tomou tamanha posse, e alevantou ao Ceo tão grandes, espessas, e negras nuvens de fumo, que cubriam toda a Cidade. Os nossos foram por huma parte della até sahirem ao campo largo da outra banda, por onde se acolhia a gente, (de que aquelles campos hiam cubertos,) fugindo com tanta pressa, que lhes parecia que hiam apôs elles aquellas temerosas chammas. D. Manoel de Lima houve por desnecessario seguillos, e tocou a recolher; e primeiro que a maré vasasse, se embarcou, levando tres Baneanes cativos, e com todos os navios se recolheo pera a coroa da arêa, onde os ancoráram; e depois da maré vasia, ficáram em secco muito seguros.

O Capitão mór soube dos Baneanes, que a gente da guerra que estava na Cidade era pouca, e que toda a que viera de Dio, ou a mór parte della, se espalhára logo por es-

ſe certão, e que eſſa que havia, com os naturaes ſe foram recolhendo pera huma Villa, que eſtava dalli a huma legua. E informando-ſe do caminho, e de tudo o mais que quiz, tomou conſelho com os Capitães ſobre ſe iria commetter aquella Villa, aonde todos haviam de eſtar deſcuidados; e aſſentando-ſe que ſim, ſe fizeram todos preſtes pera a outra maré, que lhe cahio no quarto d'alva. E deſembarcando em terra, deixando cem homens repartidos pela Armada, ſe foram marchando com grande ordem, e reſguardo, levando os Baneanes por guia. E antes da manhã romper, chegáram á Villa ſem ſerem ſentidos, porque não ſe receavam de tal; e commettendo-a com grande ímpeto, tomando todos dormindo, e cançados do trabalho da fugida, fizeram em todos tamanha deſtruição, e uſáram de tão grandes cruezas com todo o genero de gente que acháram, que foi eſpanto. E aſſim aquelles miſeros, que foram fugindo da morte com tão grande trabalho, a foram achar, quando cuidavam que della eſtavam mais ſeguros, e na maior quietação, e repouſo. O lugar foi todo abrazado, e todo o gado que pelos campos acháram foi morto, e lançado dentro em ſeus pagodes, por affronta de ſua religião, e aſſim nos poços, e tanques de que bebiam, pera lhes ficarem immundos,

e abominaveis pera ſempre, (porque aonde toca o ſangue de vaca, não tem purificação alguma pera iſſo.) Depois de cortarem, aſſolarem, e deſtruirem tudo, mandou o Capitão mór enforcar os tres Baneanes que tomou em Goa, dentro no ſeu maior Pagode, o que foi pera os Gentios a maior abominação, e affronta que podia ſer; e com iſto ſe recolhêram pera Goga, ſem lhes acontecer deſaſtre.

Embarcado o Capitão mór, ſe ſahio pera os canaes; e como lhe o tempo deo lugar, ſe fez á véla, e atreveſſou a enceada á outra banda; e achâram aquelle golfo tão furioſo, que eſtiveram quaſi perdidos, e alagados; e tanto que lhes veio a vaſante, foi-lhes neceſſario ſurgirem, o que fizeram em alguns poços, porque alli são todo alfaques, e em muitas partes de baixa mar ficam deſcubertos; e quem não for muito bom Piloto daquella enceada, e não tiver muito conhecimento dos ſurgidouros, ficará ſobre elles a muito riſco de ſe perder; e muitas vezes ſe aconteceo ficarem alguns navios, parte ſobre elles em ſecco, e parte em nado dependurados em muito perigo até tornar a maré.

He o fluxo, e refluxo no fundo deſta enceada tão ſoberbo, e impetuoſo, que ſe perde a viſta nelle; e ſe acertar de dar hum

na-

navio em parte que toque, em hum breve momento he feito pedaços. E quem está na Cidade de Cambayete, em começando a vasar a maré, em hum breve espaço vê tudo quanto a vista alcança, secco, e espraiado, sómente hum pequeno canal, em que ficam os navios escorados por ambas as partes, com vigas que pera isso trazem; e depois quando a maré torna a encher, vem com tanta soberba fazendo hum macareo tão medonho, que parece que quer encapellar toda a Cidade; e traz comsigo tamanho terremoto, que estando eu naquella Cidade, a primeira noite que o ouvimos nos poz muito grande medo, porque parecia que se sorvertia a Cidade; e em muito pequeno espaço torna tudo a ficar hum mar de agua, que parece que não ha cousa que o seque. E querendo eu por curiosidade experimentar a ligeireza deste macareo, me puz na praia em hum bom ligeiro cavallo Arabio, (em parte que só aquella pequena onda da resaca podia chegar.) E em vendo vir o macareo com grande terremoto huma grande distancia, lhe puz as pernas; mas antes de hum tiro de pedra passou por mim como hum raio, deixando-me bem molhado. E quem bem notar Plinio, e Ariano, Author Grego, fallando da Cidade de Bagariza, (que sem dúvida he a de Cambayete, como em outro lu-

lugar moſtraremos,) verá que claramente fallam deſte macareo; porque dizem, que a Cidade de Bagariza eſtá em dezeſete gráos, e que tem hum grande rio, e revolvimento, e impeto de aguas.

E tornando á noſſa Armada, paſſou toda a noite ſurta nos poços com grande trabalho; e chegada a manhã deram á véla, e foram ferrar terra defronte da Cidade de Gandar, que eſtá ſituada por hum formoſo rio aſſima, por onde entráram os navios; e chegando á Cidade, deſembarcáram nella, e a commettêram com muito boa ordem; e entrando-a, a acháram ſem defensão, por ſer toda povoada de Gentios mercadores, que a deſpejáram em vendo a Armada; os noſſos a mettêram a ſaco, e acháram nelle muitas, e muito ricas roupas, porque ſe fazem alli as melhores de todas as Cidades de Cambaya. Depois que os navios foram cheios, puzeram fogo á Cidade em que toda ſe conſumio. Dalli ſe paſſáram pela enceada mais dentro, deſtruindo todos os lugares maritimos. E porque já eſtavam muito fano ſaco, tornáram a voltar até Baroche, fazendo por toda a ſua coſta grandes damnos, e incendios, tomando muitos navios carregados de fazendas, e mantimentos. E acabando-ſe-lhes o tempo dos provimentos, tornáram a voltar pera Dio vitorioſos.

CA-

## CAPITULO IV.

*De como D. João Mascarenhas desistio da fortaleza de Dio, e o Governador Dom João de Castro a entregou a D. Manoel de Lima: e de como Antonio Moniz Barreto foi esperar as náos de Cambaya: e de como chegáram a Goa as novas da vitoria: e de hum heroico feito que fizeram as matronas de Goa.*

DAva o Governador D. João de Castro muita pressa ás obras da fortaleza por ser já em Fevereiro, tempo, em que lhe era necessario acudir a Goa pera prover nas cousas de Malaca, e Maluco. D. João Mascarenhas vendo a mercê que lhe Deos tinha feito, determinou de se ir pera o Reyno, sem embargo de não ter cumprido o tempo da sua fortaleza, porque não queria della mais, que a honra que lhe ficava daquelle cerco; e pedio ao Governador que a provesse, porque sem dúvida elle se havia de ir com elle pera Goa. O Governador o quiz tirar daquelle proposito, dando-lhe muitas razões pera isso, e lembrando-lhe, que era muito necessario esperar alli recado de El-Rey, que forçado havia de ter muita conta com suas cousas: e por muitas que lhe disse sobre este negocio, o não pode acabar

com

com elle. Vendo o Governador que lhe era necessario prover aquella fortaleza, commetteo alguns Fidalgos velhos com ella, e todos se lhe escusáram, dizendo por fóra publicamente, que pois D. João Mascarenhas havia de levar a honra, e gloria do cerco, que levasse tambem os trabalhos da fortificação da fortaleza. Isto foi ter ás orelhas do Governador, de que se muito enfadou, porque não se sabia determinar no que fizesse; e quando chegou D. Manoel de Lima, andava elle muito melancolizado; e estando hum dia praticando com elle sobre este negocio, o achou de feição, que se atreveo ao commetter com aquella fortaleza, pondolhe diante a muita conta que ElRey com elle tivera, e o grande serviço que naquillo lhe faria. D. Manoel de Lima posto que sabia que muitos lha tinham engeitado, não lhe dando por isso a desconfiança, lhe disse, » que pois elle havia que nisso servia a El- » Rey, que elle a acceitava com muito gosto.» O Governador o metteo logo de posse della, e elle começou a correr com suas obrigações muito bem, proseguindo na obra da fortificação com muita pressa.

O Governador como trazia muitas intelligencias por todo o Reyno de Cambaya, foi avisado que em Surrate se esperava por algumas náos de Ormuz, pelo que logo com mui-

muita pressa despedio Antonio Moniz Barreto com quinze navios ligeiros, com regimento, que se fosse lançar na costa de Pôr, e Mangalor, aonde ellas haviam de vir demandar a terra, e que as tomasse. Antonio Moniz Barreto se foi lançar naquella paragem, aonde se deixou andar; e nós tambem o deixaremos, porque he necessario continuarmos com Diogo Rodrigues de Azevedo, que atrás no fim do Cap. II. do Liv. IV. deixámos partido pera Goa com as novas da vitoria.

Este homem se deo tanta pressa, que em breves dias foi ter áquella Cidade, e deo as cartas ao Bispo, Regentes, e Vereadores, por que souberam da grande vitoria que Deos lhe dera; e espalhando-se as novas pela Cidade, começou-se toda a desfazer em festas, e alegrias, ordenando o Bispo muito solemnes Procissões, pera com ellas se darem louvores a Deos pelas mercês que lhes tinha feito; e despedio logo cartas a Cananor, e a Cochim, aonde se fizeram tambem outras com muito grande devoção. Os Vereadores mandáram ajuntar o povo em Camara, e o do meio leo a carta do Governador, e dentro nella acháram o rico penhor da sua veneranda barba, embrulhado em outro papel; e vendo o que dizia na carta, fez sobre isso huma breve fal-

la

la a todos, em que lhes reprefentava a neceſſidade em que eſtava o Governador, e como naquelle negocio hia toda a ſalvação, e remedio da India; que aquelle era o tempo em que os bons Portuguezes haviam de moſtrar o grande amor, e zelo que tinham ao ſerviço do ſeu Rey, que os ſaberia mui bem galardoar com honras, privilegios, e liberdades. Que era muita razão que todos acudiſſem, e empreſtaſſem ao Governador aquillo, que boamente pudeſſem, porque aſſim o encommendava elle muito; e que a paga ſeria nos direitos da Alfandega, e nos dos cavallos.

Vendo os Cidadãos a honroſa carta do Governador, e a guedelha de ſua branca barba, movidos do zelo Portuguez, diſſeram » que eſtavam muito preſtes pera venderem » (ſe foſſe neceſſario) os filhos pelo ſervi- » ço de ſeu Rey, e pera a defensão de ſeu » Eſtado. » E ſahidos dalli, foram a ſuas caſas ordenar o que cada hum havia de dar; (porque eſte negocio não correo por força, nem com as deſordens que em ſemelhantes caſos acontecem, ſenão por goſto, e amor.)

Sabendo as mulheres dos Cidadãos aquella neceſſidade, levadas de hum honroſo zelo, tiráram as manilhas de ouro dos ſeus braços, e os ricos colares eſmaltados de ſeus peſcoços, e os cintos de rica pedraria, com

que

que se costumavam arraiar nos dias de suas móres festas ; e as que menos podiam , as cadeias , orelheiras , e anneis. E dando tudo isto aos maridos , lhes disseram » que tudo » se empenhasse , e vendesse pera o serviço » do seu Rey , e pera a defensão de sua pa» tria. »

Louvem agora os Escritores aquella grande liberalidade , com que as matronas Romanas mandáram offerecer ao Senado suas joias pera as despezas da guerra , porque nenhuma dellas emprestou mais , que huma onça de ouro ; porque pela Lei , o pião não podia ter mais em joias lavradas. Os Cidadãos , ajuntando logo o dinheiro , que cada hum pode , o leváram á camara , e com elle as joias das mulheres , que tudo prefazia maior quantia de dinheiro , do que o Governador pedia. E recolhendo tudo em hum cofre , e a guedelha da barba do Governador em outro pequeno , guarnecido de prata , lhe mandáram tudo pelo mesmo Diogo Rodrigues de Azevedo , escrevendo-lhe huma breve carta , em que lhe certificavam , » que se fosse necessario empenharem seus fi» lhos pera o serviço de seu Rey , que to» dos o fariam com muito gosto. » E em quanto este recado não chega ao Governador , continuaremos com Antonio Moniz Barreto.

Havendo poucos dias que eſtava ſurto na parte em que o deixámos, veio dar com elle huma formoſa náo de Cambaya, cheia de muitos, e mui ricos mercadores da Perſia, dos Reynos do Zamaluco, e Idalxá, que ſe nella embarcáram, por trazer ſeguro, e cartaz do Governador, que tomou antes que a guerra ſe rompeſſe. E indo-a demandar, amainou logo as vélas confiada no cartaz; e o Capitão que ſe chamava Nacao Nacael, com alguns mercadores principaes, ſe mettêram no batel, e foram demandar a fuſta do Capitão mór com o cartaz na mão. Antonio Moniz Barreto o guardou, e os reteve, mandando metter huma guarnição de ſoldados na náo pera a guardarem; e dando á véla, ſe foi com ella pera Dio, onde depois da náo chegar, mandou o Governador pôr os mercadores a bom recado, e deſcarregar a náo de toda a fazenda, que importou de vantagem de vinte mil cruzados, a fóra doze cavallos Perſios, muito formoſos. Os mercadores eſtrangeiros diſſeram ao Governador » que elles eram de Reynos amigos, e que ſe embarcáram naquella náo » por trazer ſeguro, e cartaz ſeu; que elles » não tinham culpa na guerra, nem eram vaſſallos de ElRey de Cambaya, pelo que » não podiam perder ſuas fazendas. » O Governador ouvindo-os de ſua juſtiça, os mandou

dou ſoltar, dizendo-lhes » que a foſſem re-
» querer a Goa, que lá lha fariam, ſe a ti-
» veſſem, » mandando a náo pera Goa, en-
tregue a Simão Botelho, Veador da Fazen-
da, pera lá vender alguma, que ainda lhe
ficou, e fazer preſtes os provimentos pera
Malaca, e Maluco; e na náo mandou em-
barcar muita artilheria, e outras couſas das
que ſe tomáram na Cidade.

Neſta conjunção chegou a Dio Diogo
Rodrigues de Azevedo com as cartas, e em-
preſtimo da Cidade; e lendo-as o Governa-
dor, e abrindo os cofres em que vinha o
dinheiro, e joias das mulheres dos Cida-
dãos, ſabendo pelas cartas, e de Diogo Ro-
drigues de Azevedo o amor com que lhas
mandavam, aſſim ſe moveo daquelle zelo,
e liberalidade, que lhe rebentáram as lagri-
mas pelos olhos fóra. E vendo-ſe provído
de dinheiro da náo, ſem tocar em nenhu-
ma couſa das que lhe mandáram, tornou a
enviar tudo, aſſim, e da maneira que veio,
pelo meſmo Diogo Rodrigues de Azevedo,
por quem eſcreveo á Cidade huma muito
honroſa carta, cheia de muitos offerecimen-
tos, e agradecimentos, que ſe lhe deo.

E certo, que ſegundo ouvimos a algu-
mas peſſoas daquelle tempo, que quando
as matronas de Goa víram outra vez as ſuas
joias, ſem ſe nellas bulir, que ſentíram em

eſ-

estremo ; e que antes tomáram que se desfizeram todas em moedas pera os gastos da fortificação da fortaleza de Dio, que tornarem-lhas a mandar : tanto póde a affabilidade, virtude, e zelo Christão de hum bom Governador, que não só se faz senhor das fazendas dos homens, mas ainda de seus corações, e vontades, que Deos fez tão livres pera todos. E quanto ao revéz acontece ao Capitão austero, aspero, e tacanho, porque não faz mais que crear nos corações dos homens odio, e aborrecimento.

E deixando esta materia, chegadas as novas desta tomada da náo a ElRey Soltão Mahamude, que andava como doudo da perda de Dio, foi tamanha sua paixão, que arrebentou em furor, mandando levar diante de si Athanasio Freire, e Simão Feio, com todos os mais Portuguezes que estavam cativos, que eram perto de trinta, e alli os mandou cortar, e espedaçar, recebendo todo aquelle martyrio com grande constancia, e paciencia, e com os corações postos em Deos, por cujo serviço, e amor o soffriam. E assim de crer he, que iriam juntos receber aquella gloriosa coroa, que no Ceo está apparelhada pera os Martyres de Christo, que padecêram semelhantes tormentos por seu amor.

CA-

## CAPITULO V.

*Do tempo em que os Turcos tomáram a Cidade de Baçorá: e de como D. Manoel de Lima foi entrar na fortaleza de Ormuz: e D. João Mascarenhas tornou a ficar na de Dio.*

ANdava-se o Governador D. João de Castro negociando pera partir pera Goa, porque tinha já a obra da fortificação em boa altura (por fazer de novo hum muro por fóra da cava velha, e mais com outros baluartes maiores, e mais capazes, com os mesmos nomes dos velhos; e pela banda de fóra outra cava, que cortava de mar a mar, mais larga, e mais alta que a antiga.) Isto tudo pode fazer tão depressa, porque achou todas as cousas necessarias dentro na Ilha, que tinham os inimigos juntas pera suas fabricas, e edificios, e pedra da parede da contenda alevantou a mór parte dos muros. E andando o Governador concluindo com estas obras, chegou huma fusta de Ormuz, com cartas do Capitão Luiz Falcão pera o Governador, em que lhe dava conta de como os Turcos com o favor de alguns Arabios havia pouco tinham tomado a Cidade de Baçorá a Mahamede Asenan, Rey della, que era amigo do Estado, depois de a

ter

ter de cerco muitos dias por mar, e por terra; e que o Rey era recolhido pera o certão; e que se ajuntára com Mir Raxete, e com Mir Marcar, com Coge de Lamixá, e com outros Capitães Arabios daquellas fronteiras; e que ficavam todos com dez mil cavallos no campo, fazendo guerra aos Turcos; e que os favoreciam os Gizares, (que são os Arabios, que vivem nas Ilhas que o Eufrates faz naquella parte, que por serem alagadiças não se receavam dos Turcos, nem elles os podiam conquistar.)

O Governador sentio aquellas novas, porque os Turcos não eram vizinhos com que se havia de dissimular; e bem entendeo que tanto que alli mettêram o pé, se haviam de estender por todo aquelle Estreito; e que ficava a nossa fortaleza de Ormuz tendo nelles huma muito ruim vizinhança. E querendo prover naquellas cousas, começou a negociar gente, e Armada, mandando recado a Chaul a D. Manoel da Silveira, que lá se estava curando, que se apressasse pera se vir embarcar pera Ormuz, porque lhe cabia o tempo daquella fortaleza, de que estava provído. E tendo negociada a Armada que havia de mandar, e que esperava por D. Manoel da Silveira, lhe trouxeram novas que era falecido; porque estes são os brincos da fortuna, quando hum homem

cuida lograr os frutos de ſeus trabalhos, então acode ella com ſeus revezes. O Governador ſentio muito a morte deſte Fidalgo por ſuas muitas, e boas partes. Era caſado com huma irmã de Martim Correa da Silva, de quem tinha hum filho menino, que ſe chamava D. Martinho da Silveira, que foi Capitão de Dio, como em ſeu lugar diremos. E porque D. Manoel de Lima era provído deſta fortaleza de Ormuz, apôs D. Manoel da Silveira lhe mandou o Governador que ſe fizeſſe preſtes, e ſe embarcaſſe logo, tratando de prover a fortaleza de Dio de Capitão; mas não ouſava de commetter Fidalgo algum, porque lha tinham já engeitado muitos, (como diſſemos atrás no Cap. IV. deſte IV. Liv.,) de que andava muito deſgoſtoſo. D. João Maſcarenhas entendendo-lhe ſuas melancolias, e que andava deſconfiado dos Fidalgos dizerem, que pois elle havia de levar as honras, e ſatisfações do cerco, levaſſe tambem o trabalho da reedificação da fortaleza, ſe foi ter com o Governador, e ſe lhe offereceo pera tornar a ficar naquella fortaleza até á vinda das náos, porque entendia cumpria aſſim ao ſerviço de ElRey. O Governador lho agradeceo com palavras muito honroſas; e logo o metteo de poſſe, e a D. Manoel de Lima deſpachou pera Ormuz, com dous galeões, e alguns na-

navios de remo; e D. Paio de Noronha, que com elle hia em hum galeão, havia de andar no Eſtreito de Baçorá, favorecendo os Arabios contra os Turcos.

Chegou D. Manoel de Lima a Ormuz por todo o Abril, e tomou poſſe da fortaleza, e ordenou logo com ElRey, e Guazil proverem-ſe as de Catifa, e Barém de gente, e munições, mandando-as reformar muito bem. E porque adiante havemos de tratar do que neſte Eſtreito aconteceo, o deixaremos agora, por concluir com as couſas de Dio.

Depois que o Governador teve a fortificação da fortaleza em eſtado defenſavel, ordenou-lhe quinhentos homens de preſidio com ſeus Capitães pera lhes darem mezas; e deixou muito dinheiro pera ſe lhes pagarem quarteis, e muito trigo, arroz, vacas, manteigas, legumes pera lhes darem; e muitas munições, e artilheria, que foi dos Mouros, repartio pelos baluartes; e ſó aquella peça muito façanhoſa (que depois mandou ao Reyno por eſpanto, que agora eſtá no forte de S. Gião) fez embarcar em huma muito grande barcaſſa, que cuſtou muito grande trabalho a metter dentro. E na náo, em que foi pera o Reyno, por não poder entrar pelo cisbordo, a abríram ao lume da agua, por onde a mettêram; e em Portu-

 gal,

gal, ſegundo ouvimos, nunca ſe pode tirar, ſenão depois da náo eſtar no eſtaleiro. Eſta peça com outras grandes, que ainda hoje eſtam nos baluartes de Dio, ficáram do primeiro cerco de Antonio da Silveira, porque o Baxá Solimão não as pode embarcar.

O Governador mandou lançar pregões por Gogalá, e pelas aldêas vizinhas, em lingua Guzarate » que todo o mercador aſ-» ſim natural, como eſtrangeiro, Mouro, » ou Gentio, que ſe quizeſſe paſſar pera a » Cidade de Dio; e aſſim todos os mais of-» ficiaes de toda a mecanica, o pudeſſem li-» vremente fazer, porque ſe lhes guardariam » todos os ſeus coſtumes, e ſe lhes faria fa-» vor, e juſtiça. » Com iſto começáram a entrar alguns, e pouco a pouco ſe tornou a Cidade a povoar. E porque nas couſas da Alfandega não havia por então que prover, (por ſer já entrado o inverno,) não bulio nellas; e ordenou ficarem alli todos os pedreiros, cavoqueiros, e mais officiaes que de Goa levou, a que fez muito boas pagas. E de toda aquella fabrica de cudolins, picões, ceſtos, enxadas, padiolas, e de tudo o mais, deixou por olheiro hum Pero Fernandes, homem de baixa ſorte, Gallego, por ſer muito diligente, e eſperto.

Deſte ſe conta, que eſcreveo nas primeiras náos huma carta a ElRey D. João, em

que

que lhe dava conta de como o Governador o deixára encarregado daquelle ſerviço, e de como aquelle anno ſe fizeram tantas braças de muro, tantas de cava, tantos fornos de cal, e que andavam na obra tantos pedreiros, e deſtas particularidades muito. Eſta carta eſtimou ElRey, e folgou de a ver, e lhe reſpondeo, encommendando-lhe que todos os annos o aviſaſſe de todas aquellas couſas; o que elle ſempre fez, e ElRey lhe reſpondia.

Sabido iſto pelos Fidalgos, fizeram de Pero Fernandes o Paſquim de Roma, eſcrevendo alguns a ElRey em nome de Pero Fernandes, tudo o que queriam que elle ſoubeſſe do governo de Portugal, e da India, em que ſe deſenfadavão bem. E depois que as couſas da Alfandega ſe puzeram em ordem, proveo ElRey os cargos della em alguns Caſtelhanos, criados da Rainha Dona Catharina, o que não cahio no chão a Pero Fernandes, ou aos que fallavam por elle, e eſcrevêram huma carta a ElRey, em que lhe davam conta das obras, primeiro que tudo, e depois lhe dizia: » Huma couſa ſe » vio cá, que eſcandalizou muito a todos, » que foi prover V. A. os cargos deſta Al- » fandega em Caſtelhanos, criados da Rai- » nha, havendo cá muitos Cavalleiros, que » pelejáram em ambos os cercos, e ficáram

» alei-

» aleijados, que os mereciam melhor: tenha
» V. A. daqui por diante mais conta aos Por-
» tuguezes, que ficáram aleijados pela de-
» fensão da ſua fortaleza, e achará quem o
» ſirva com goſto em ſemelhantes perigos.»

Eſta carta foi dada a ElRey, que a leo, e diſſimulou; mas não reſpondeo mais ao Pero Fernandes. E certo, que quanto a nós, a carta era ſua, porque era hum homem ſolto, e fallador, e dizia tudo; pelo que era odiado dos ſoldados, porque pouſava no terreiro da fortaleza, e todas as madrugadas ſe ſubia a hum eirado alto que tinha, e como Mouro em ſima do Alcorão, bradava tão alto, que o ouviam por toda a fortaleza, chamando aos officiaes ao trabalho; e muitas vezes chamava por alguns ſoldados conhecidos, nomeando-os: foão, ſahi de caſa de voſſa amiga foã; e vós foão da voſſa tal; e aſſim hia dizendo huma ladainha do que elle queria.

O Governador depois de ter dado ordem a tudo, ſe deſpedio do Capitão, e dos Fidalgos, e Cavalleiros, que alli ficavam, e ſe embarcou pera Goa, deixando D. Jorge de Menezes com ſeis navios pera andar o reſto do verão na enceada de Cambaya, defendendo os mantimentos, que não paſſaſſem a Cambaya. O Governador como levava o vento em poppa, foi em quatro dias a

Goa,

Goa, e ſurgio naquella barra, onde foi viſitado do Biſpo, Regentes, e Cidade, e os Vereadores lhe pedíram » ſe detiveſſe alguns » dias, porque lhe eſtavam preparando o re- » cebimento; porque era razão que triunfaſ- » ſe de huma tão grande vitoria, como lhe » noſſo Senhor dera. » Elle o fez aſſim, ficando em Pangim dando deſpacho a muitas couſas.

## CAPITULO VI.

*Do grande triunfo com que o Governador D. João de Caſtro foi recebido na Cidade de Goa.*

ESteve o Governador em Pangim tres dias, porque chegou aos onze de Abril, huma quarta feita; e ao Domingo ſeguinte, que foram quinze do mez, fez ſua entrada. Tinha a Cidade mandado fazer no Bazar de Santa Catharina hum formoſo caes, pera nelle deſembarcar o Governador, por querer entrar por aquella parte; e porque a porta do muro alli era pequena, raſgou-ſe-lhe toda de alto abaixo, e cubríram-ſe as paredes de huma parte, e de outra de peças de borcados, e de veludos de cores: em ſima das paredes de huma, e da outra banda eſtavam dous grandes galeões de pedra com as gargantas, e cabeças douradas, e nos peitos

tos formosos escudos com as armas dos Castros, que são seis arruelas azues em campo de prata, como as trazem os da casa do Governador do Civel. O caes entrava muito na agua, e estava todo cuberto com formosos arcos de peças de sedas, e delle até á porta do muro que se rasgou, era hum formoso bosque de arvoredo, que fazia tudo muito sombrio. E todo aquelle campo de longo do muro, por onde havia de ir até o caes dos Paços dos Viso-Reys, estava toldado, alcatifado, e enramado, e pela banda do mar muitas peças de artilheria cevadas, todas enramadas, e com suas bandeiras; e o mesmo todas as náos, e galeões que estavam no rio. Acudíram mais todas as almadías de Goa, e de todas as Ilhas vizinhas (que eram infinitas) enramadas, e embandeiradas; e era de feição, que cubriam o rio, que ficava parecendo hum verde bosque. As ruas do caes até á Misericordia, e della á Sé estavam custosamente guarnecidas, e as janellas armadas de pannos de ouro, e sedas com muitas, e muito custosas invenções. Tinham os Vereadores ordenado na boca do terreiro, que hoje he do Paço, huma fortaleza de madeira, cuberta de papel, ou teadas, com seus baluartes, e cubellos, pela traça da de Dio, e dentro nella muitos lascarins com foguetes, bombas

de

de fogo , e algumas bombardas , e eſpingardas, muitas panellas de polvora , e outros artificios de fogo. Pela meſma maneira tinham ordenado muitas folías, e danças de invenções, muito cuſtoſas ; e deſtes regozijos tudo o que o tempo lhes deo lugar.

O Governador ao Domingo á tarde abalou de Pangim neſta ordem. As náos, galeões , caravelas , e todas as mais vaſilhas de alto bordo diante , com todas as vélas dadas, formoſamente embandeiradas; e logo atrás aquella ſomma de fuſtas, que eram mais de oitenta, em ordem com muitas charamelas, trombetas, atabales, tambores , pifaros , pandeiros , folías , e outros inſtrumentos alegres, todas enramadas, e embandeiradas , fazendo hum tamanho eſtrondo, que parecia que ſe desfazia o rio de Goa. O Governador hia detrás de toda a Armada em huma galeota toldada de borcado , e embandeirada de formoſas bandeiras, e eſtandartes de ſedas de cores. Hiam com elle embarcados todos os Fidalgos velhos da Armada.

Neſta ordem foram entrando pelo rio aſſima, por meio daquelle formoſo, e alegre boſque de almadías , batéis , e outras embarcações embandeiradas. E chegando os galeões defronte da fortaleza , ſurgio o São Diniz, que era do Governador, que hia di-

ante

ante de todos com a bandeira Real na gavia, e ſalvou a fortaleza com as vélas em ſima iſſadas nos palancos; e pela meſma maneira todos os mais galeões, e náos, que foi a mais ſoberba couſa que ſe podia ver. Acabada a ſalva, chegou a Armada de remo, e deo a ſua; e abrindo-ſe as fuſtas de huma parte, e de outra, foi paſſando o Governador por meio dellas, e poz a prôa no caes. O Condeſtabre mór, a quem era encarregado aquelle negocio, mandou deſparar toda a artilheria que eſtava em terra, que era muita, que tambem foi outro mui grande terror, e eſpanto.

O Governador deſembarcou no caes, que entrava muito pela agua, ao ſom de muitos inſtrumentos. Vinha veſtido em huma roupa Franceza de ſetim cramezim, toda guarnecida de ouro, com golpes pelas mangas, tomadas com botões ricos, e hum jubão do meſmo theor, huns altos de grã á Portugueza antiga, com alguns golpes; por ſima do jubão levava huma coura de laminas, aſſentada em borcado, e cravada de prégos de prata; na cabeça levava huma gorra de veludo preto com formoſas plumas, e eſpada, e adaga de ouro. No caes o eſtavam eſperando o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida Freire, e os Vereadores, que o recebêram com muito gran-

des

des cortezias. O Governador ſe deteve alli até deſembarcar toda a gente da Armada, e ſe pôr em ordem, aſſim como entráram na batalha, com ſuas bandeiras deſenroladas, ao ſom de tambores, e piſaros, não poſtos em fileiras por cauſa das couſas do triunfo, que haviam de ir no meio, mas a modo de prociſsão de longo das paredes.

Poſto tudo em ordem, abalou o Governador do caes em meio do Capitão, e Vereadores; e chegando á porta do muro que ſe rompeo, achou hum Cidadão, chamado Thomé Dias Cayado, que lhe fez huma falla em Latim mui eloquente, e elegante, toda em louvor da vitoria, que lhe noſſo Senhor deo dos Capitães de ElRey de Cambaya, com que toda a India ficava ſegura, e fóra de receios, louvando-lhe ſua prudencia, ſegurança, e preſteza. Acabada a falla, desfizeram-ſe os inſtrumentos todos, que parecia que o Mundo ſe fundia. Aqui ſe deſparáram algumas peças de artilheria de boca larga, que eſtavam apontadas pera o ar com pouca polvora, cheias todas de maçapães, empenadilhas, fartens, e outras curioſidades deſta ſorte, que em lhes dando o fogo, as lançou a força da polvora por eſſes ares; e como hiam fracas, tornáram a cahir ſobre grandes cardumes de moços, Mouros, Gentios, e de todo o mais povo.

Os

Os Vereadores eſtendêram hum muito rico pallio, e tomáram o Governador debaixo delle; e hum Cidadão chamado Triſtão de Paiva, que era Procurador da Cidade, chegou a elle, e lhe tirou a gorra da cabeça com muita cortezia, e reverencia, e a poz em hum formoſo prato de baſtiães dourado, e a levou diante do pallio alto; e ao meſmo tempo hum Vereador lhe poz na cabeça huma coroa de palma, e na mão hum formoſo ramo della; e aſſim começou a entrar pela Cidade pela rua do Hoſpital, que vai de longo do muro pera o terreiro do Paço. Hia junto delle ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, e diante do pallio o Padre Fr. Antonio do Caſal, Cuſtodio de S. Franciſco, veſtido em huma ſobrepelliz, e com o meſmo Crucifixo que tirou na batalha, levantado na haſtea da lança, com o braço quebrado da pedrada que lhe deram.

Diante hum pouco delle hia a bandeira Real das Armas de Portugal, e diante della Juzarcan, Capitão de ElRey de Cambaya, que foi cativo na batalha, veſtido em huma cabaya de veludo pardo, em meio do Secretario Coſme Anes, e do Ouvidor Geral Antonio Martins. Levava as mãos cruzadas, os olhos baixos; diante delle hiam ſete bandeiras dos Capitães de ElRey de Cambaya, e hum muito grande guião arraſ-

raſtando-ſe todas pelo chão. Diante dellas hiam as dos noſſos Capitães arvoradas, e antre humas, e outras hiam todos os cativos de Cambaya, que paſſavam de ſeiscentos, mettidos todos em correntes, que levavam arraſtando. Diante delles hiam dous Trabucos, e algumas carretas de artilheria miuda, porque a groſſa não pode levar-ſe, nem ainda menear-ſe. E diante outras muitas carretas, carregadas dos deſpojos da guerra, armas, eſpingardas, ſaias de malha, lanças, croques, maſcaras de ferro, e outras muitas invenções de petrechos de guerra.

Neſta ordem foram até o terreiro do Paço, onde eſtava a fortaleza armada, que começou a deſparar ſua artilheria pera o ar, e deſpedir bombas de fogo, e foguetes, e arremeſſar panellas de polvora pera huma parte, que pera iſſo eſtava deſpejada, tudo com muito boa ordem, e compaſſo; couſa que o Governador folgou muito de ver. Dalli atraveſſou toda a rua direita, que eſtava formoſa couſa pera ver, com muitas Damas pelas janellas, com roſas, boninas, aguas de cheiro, que de ſima derramavam ſobre o Governador. Os Gentios, e officiaes de todos os officios foram alli offerecer couſas pertencentes a ſeus officios: os ourives do ouro, ouro batido feito em pedacinhos; os da prata o meſmo; os merca-

do-

dores das ſedas, eſtendiam por baixo dos pés do Governador pedaços de peças, e lançavam pelo chão finos caramabandos; e os das roupas finas, beitilhas, beirames, e outras muitas peças, tudo com mui grande regozijo de todos.

O Governador foi todo o caminho muito alegre, e riſonho; e aſſim deſta maneira chegou á Miſericordia, aonde entrou, e fez a ſua oração, e offereceo ſobre o Altar huma rica peça de borcado. Dalli foi pela rua do Crucifixo, e virou pera S. Franciſco, aonde os Frades eſtavam eſperando em prociſsão da banda de fóra, e o recebêram com *Benedictus, qui venit in nomine Domini*, cantando; e aſſim entrou na Igreja, aonde fez devota oração, e offereceo outra peça de borcado. Dalli ſe foi á Sé, a cuja porta eſtava o Biſpo D. João de Alboquerque veſtido em Pontifical, acompanhado de todos os Conegos, e Clereſia em prociſsão, eſperando ao Governador com o Santiſſimo Lenho da Cruz em ſuas veneraveis mãos. O Governador tanto que chegou a elle, ſe debruçou, e lançou a ſeus pés com grande acatamento, e reverencia, com o roſto, e venerandas cans banhadas em lagrimas, e beijou a ſantiſſima Reliquia, e detrás a foi acompanhando até o Altar, aonde o Governador fez ſua oração, e offereceo duas formo-

mosas peças de borcado. E posto que era costume não acompanharem os Vereadores aos Governadores mais que até á Sé, quizeram estes pelo mais honrar, trazello até sua casa, que eram as do Sabayo. E ao entrar do terreiro, que estava todo feito hum formosissimo, e espesso bosque, largáram muitas lebres, perdizes, rollas, e outros passaros, que huns começáram a correr por antre a gente, outros a avoar por esses ares; que foi huma das mais formosas cousas que se podia ver. Com esta alegria, e regozijo chegáram aos Paços, onde os Vereadores se despedíram do Governador, já de noite, que toda se passou em folías, tangeres, e outros sinaes de alegria, andando o povo pelas ruas bradando a altas vozes: *Viva o nosso Libertador da patria*, titulo tão bem merecido, e tão bem dado, como os Romanos deram a Furio Camillo.

E querendo-o os Vereadores gratificar pelo amor que a todos mostrava, e pelo muito que merecia, o mandáram tirar pelo natural em hum formoso painel, e o puzeram na Camara de Goa, junto de Affonso de Alboquerque. Este auto se fez com grandes festas, e ceremonias, que tudo o Governador agradeceo, assim com palavras, como com obras, solicitando com ElRey muitos favores pera aquella Cidade. Não faltou a es-

este triunfo pera se igualar com todos os dos Romanos, mais que aquelles carros de cavallos, que costumavam levar por ornato de seus triunfos. E soou tanto por toda a Europa este, que quando o contáram á Rainha D. Catharina, disse » que D. João de » Castro vencêra como Christão, mas que » triunfára como Gentio. »

Naquella parte do muro, que se rompeo pera o Governador entrar, mandou elle logo fazer hum Altar ao Bemaventurado S. Martinho, em cujo dia houve aquella grande vitoria, com hum formoso retabolo de oleo; e ordenou com a Cidade » que » todos os dias daquelle Bemaventurado San» to se fizesse huma solemne Procissão, e » se dissesse Missa, e houvesse prégação em » memoria da vitoria que Deos nosso Senhor » lhe deo naquelle dia; » o que se guardou até hoje, e deve de guardar sempre, por ser cousa memoravel, e de louvor de nosso Senhor, de cuja mão nos vem todos os bens.

CA-

## CAPITULO VII.

*Das cousas, que neste tempo acontecêram em Ceilão: e de como o Governador Dom João de Castro mandou Antonio Moniz Barreto com huma Armada em soccorro de ElRey de Candea: e de como D. Jorge de Menezes tomou a Cidade de Baroche.*

NO Cap. IV. do Liv. II. da quinta Decada démos larga conta das grandes guerras que se levantáram em Ceilão, antre os Reys de Ceitavaca Madune Pandar, e Banoega Bao Pandar da Cota seu irmão, por lhe querer tomar seu Reyno; e como por se livrar delle o Rey da Cota, casou sua filha com Tribuly Pandar, por não ter filho macho que lhe herdasse o Reyno. Dantre este casamento nasceo Drama Bolla Bao Bandar, que foi o que ElRey D. João alevantou em Lisboa por Principe, e herdeiro do Reyno da Cota, despedindo os Embaixadores que a isso foram, em cuja companhia mandou alguns Frades de S. Francisco, cujo Custodio foi o Padre Fr. Antonio do Padrão, Varão Religioso, que foi o primeiro Commissario Geral que á India passou. Estes Frades foram assinados pera se repartirem pela Ilha de Ceilão, pera plantarem naquellas terras bravias a Doutrina do

Evangelho, (porque os Reys de Portugal ſempre pertendêram neſta Conquiſta do Oriente unir tanto os dous poderes, eſpiritual, e temporal, que em nenhum tempo ſe exercitaſſe hum ſem o outro.) Chegados eſtes Varões Apoſtolicos a Ceilão em companhia dos Embaixadores, foram mui bem recebidos de ElRey da Cota, dando-lhes licença pera poderem prégar a Lei de Chriſto por todos ſeus Reynos. E não ſe deſcuidando eſtes conquiſtadores Evangelicos de ſua obrigação, começáram a romper em algumas partes o mato bravio, e ſemear nelle a ſemente Evangelica, que começou a fructificar como aquelle grão de moſtarda do Evangelho, alevantando alguns Templos, em que o Altiſſimo Deos começou a ſer honrado, e venerado de todos. E os primeiros lugares em que ſe fizeram, foram Panaturé, Macú, Berberi, Galle, Belliguão, tudo pórtos de mar, em que trouxeram ao gremio da Igreja hum grande número daquelles Gentios.

E paſſando ao coração da Ilha, chegáram ao Reyno de Candea hum Fr. Paſcoal, com dous companheiros, que foram bem recebidos daquelle Rey Javira Bandar, primo com irmão do Madune, filho de hum irmão de ſeu pai, que os favoreceo em tudo; tanto, que lhes deo hum grande chão,

e

e todo o neceſſario pera fazerem huma Igreja, e caſas, em que ſe agazalhaſſem. Alli começáram a lavrar aquella terra infructuoſa, e eſteril, que não dava outros frutos mais que cardos, e eſpinhos de idolatrias nefandas, ſemeando em ſeu lugar a ſemente da vida. E achando ſitio em ElRey pera o convidarem ás vodas do Senhor, o apalpáram, praticando com elle em couſas da noſſa Fé, e Lei, moſtrando-lhe claramente a verdade della, e a cegueira, e engano de ſeus Idolos; e tanto o vieram a molificar, que o rendêram, porém não que recebeſſe a agua do ſanto Bautiſmo, porque teve grande medo de o matarem os ſeus. E não querendo os Padres que ſe perdeſſe aquella ovelha á mingoa, fizeram com elle que eſcreveſſe ao Governador da vontade que tinha, e que lhe pediſſe hum Capitão com gente pera o favorecer contra os ſeus, ſe tentaſſem alguma alteração com a mudança da Lei. Com eſta carta foi hum daquelles Padres, que chegou a Goa poucos dias depois do Governador D. João de Caſtro triunfar. E vendo-ſe com elle, e dando-lhe conta de tudo, e lendo a carta, e entendendo por ella a vontade daquelle Rey Gentio, não quiz perder aquella tão boa occaſião; porque ſabia mui bem, que a principal droga, e a mais rica pedraria, que os Reys de Portugal perten-

diam desta Conquista do Oriente, eram almas pera o Ceo. E movido tambem de seu bom zelo, poz aquelle negocio em conselho, e assentou-se nelle » que lhe mandassem hum Capitão com duzentos homens » pera invernar, e assistir com aquelle Rey, » até o segurarem na Fé, e no Reyno. »

Pera esta jornada elegeo o Governador logo Antonio Moniz Barreto, a quem deo sete fustas, em que levaria cento e sincoenta homens, despedindo-o com muita pressa, dando-lhe Provisão pera em toda a parte a que chegasse, em que achasse navios nossos, os levasse comsigo; escrevendo por elle cartas de muitos mimos áquelle Rey, e mandando-lhe peças, e brincos curiosos. Antonio Moniz Barreto se fez á véla já em fim de Abril, e de sua jornada adiante daremos razão.

Poucos dias depois desta Armada partida, chegou a Goa Fernão de Sousa de Tavora com os Castelhanos, que o Governador recebeo muito bem, mandando-lhes logo pagar quarteis, e dar mantimentos, dando licença pera os que quizessem ir pera o Reyno, o poderem fazer, dando-lhes pera isso ajuda de custo; e os que quizeram ficar na India, sempre foram favorecidos dos Governadores. Com este recado despedio logo o Governador hum galeão, que já esta-

tava preſtes com provimentos pera Maluco; e juntamente proveo em outras couſas neceſſarias, porque ſe hia acabando o verão, por ficar deſoccupado pera as couſas do Idalxá, de que logo daremos razão, porque o cerco de Dio nos não deo até agora lugar pera iſſo; e entre tanto concluiremos com todas as couſas do verão, porque nos não fiquem, que temos ainda D. Jorge de Menezes na enceada de Cambaya, com quem he neceſſario continuemos.

Tanto que o Governador o deſpedio, andou por toda ella defendendo, que não paſſaſſem mantimentos a Cambaya, tomando algumas cotias carregadas delles. E andando ao mar da Cidade de Baroche, achou huma almadía peſcando bem ao pégo; e tomando-a, fez aos que eſtavam nella perguntas, do modo em que eſtava aquella Cidade; e os peſcadores lhe diſſeram, que Madre Maluco, genro de Coge Çofar, (que era ſenhor della,) era ido á Corte de Amadabá, e que tinha partido o dia dantes; e que a Cidade eſtava ſó ſem máis gente, que os mercadores, e officiaes, porque toda a da guerra levára comſigo. D. Jorge eſtimou muito aquellas novas; e mettendo dentro no ſeu navio os peſcadores, foi demandar Baroche de noite. E entrando por aquelle rio aſſima, chegou á Cidade de madru-

drugada, e desembarcando logo, primeiro que fosse sentido, e entrando-a, tomou seus moradores nas camas, e descuidados de tal sobresalto, em que fizeram grandes cruezas, não perdoando a sexo, nem a idade. Todos os que pudéram escapar se foram recolhendo pera o certão, com tanta pressa, que os pais deixavam os filhos, e mulheres, e ellas os tenros filhos, e crianças em seus braços, tratando de salvar cada hum suas vidas. As casas foram entradas dos nossos, matando, e espedaçando os que achavam; e assim foram correndo a Cidade como leões famintos até chegarem aos muros, onde achâram muita, e mui formosa artilheria, e algumas casas cheias de munições.

D. Jorge de Menezes tomou alli conselho sobre o que faria, e assentou-se » que » pela grandeza da Cidade se não podia sus- » tentar com menos de seiscentos homens; » que se arrebentasse a artilheria, já que se » não podia embarcar; e que se recolhessem » primeiro, que houvesse algum desmancho.» D. Jorge de Menezes mandou embarcar algumas peças pequenas, e todas as mais mandou carregar de polvora até ás bocas, deixando por todo o muro grandes carreiras della, e sahindo-se dos murros lhe deram fogo, e chegando ás bombardas arrebentáram por esses ares, com tamanho estron-

do,

do, e braveza, que parecia fundir-se o Mundo.

Feito isto, embarcáram-se os nossos cheios de despojos, pondo primeiro fogo á mór parte das casas. Está esta Cidade fundada em hum alto, que quer imitar ao Castello de Lisboa: será do tamanho de Santarem, cercada toda á roda de muro de ladrilho, que fica cingindo o monte pelo pé, com muitos baluartes, e guaritas. Por sima dellas se descobre toda a Cidade da banda do mar, e fica como alevantada no ar. Toda ella he de formosas, e altas casarias de dous, e tres sobrados, tão custosas, e ricas, que havia muitas janellas de sacadas pera fóra com gelosias, que affirmáram custarem dous, e tres mil cruzados; de formosas obras de macenaria, com grades, e tornos de marfim, e páo preto, mui polido tudo, e com grandes, e claras vidraças, e outras curiosidades destas. São as ruas tão estreitas todas, que não podem por ellas passar dous homens a cavallo juntos, ou ao menos pelas mais dellas. Ha nesta Cidade officiaes mui primos de toda a sorte de mecanica, principalmente tecelões das mais finas roupas, que se sabem no Mundo, que são os bofetás de Baroche tão estimados.

Possuia o Madre Maluco esta Cidade com outras Villas de redor, e mais de quinhentas

tas aldêas. Sustentava sinco, e seis mil homens de cavallo, e muito grande casa que tinha. D. Jorge de Menezes se sahio pera fóra do rio muito a seu salvo, e despedio logo hum catur, de que era Capitão hum Henrique Salgado, com cartas pera o Governador, e com algumas peças de artilheria, que em Baroche tomou, deixando-se elle ficar na enceada fazendo guerra por todos aquelles portos.

O Catur chegou a Goa em breves dias; e espalhando-se as novas, foram muito festejadas, e invejadas de todos, porque foi muito venturoso feito. Dalli por diante ficou D. Jorge de Menezes tomando aquelle muito honrado sobre appellido de Baroche, porque foi muito conhecido de todos.

Madre Maluco foi logo avisado da destruição da sua Cidade; e deixando tudo, acudio a ella com muita pressa, achando-a toda abrazada, e assolada. ElRey de Cambaya sentio em estremo aquellas cousas, e assentou com seus Capitães de ir em pessoa com todo o seu poder cercar a fortaleza de Dio; e não se ir de sobre ella até de todo a destruir, mandando logo fazer grandes preparamentos, e chamamento de vassallos por todos os seus Reynos.

## CAPITULO VIII.

*De como o Madune persuadio a ElRey de Candea alevantar-se contra os Portuguezes: e do que aconteceo a Antonio Moniz Barreto na jornada: e de como atravessou toda a Ilha de Ceilão com as armas nas mãos, pelejando com o poder daquelle Rey.*

SAbendo o Madune de como ElRey de Candea tratava de se fazer Christão, e que tinha mandado pedir ao Governador D. João de Castro favor, e ajuda pera isso, receando que fosse aquillo meio de sua destruição, e que ficasse tendo todos aquelles Reys por inimigos, tratou de atalhar a tudo, com mandar persuadir a ElRey de Candea, que se não fizesse Christão; porque tanto que o fosse, lhe haviam os Portuguezes de tomar o Reyno; e que quando o elles não fizessem, que seus proprios naturaes haviam de tratar de o matar, por não serem governados por homens de differente Lei. Os homens que o Madune mandou com este negocio, tantas cousas disseram áquelle Rey, e assim lhe representáram medos, que não só o trastornáram de todo, mas ainda assentáram com elle de matarem todos os Portuguezes, que hiam com An-

tonio Moniz Barreto, do que já tinham aviſo; tratando-ſe eſte negocio com tanto ſegredo, que os Padres o não entendêram, nem alcançáram.

Antonio Moniz Barreto ſeguindo ſua viagem, até dobrar o cabo do Çamorim, e de longo da outra coſta, foi até paſſar os baixos de Manar, aonde armou dous navios que alli achou, e os levou comſigo, e deo volta á Ilha pera ir tomar o porto de Batecalou, aonde levava por regimento deſembarcar, pera dalli paſſar ao Reyno de Candea, como levava por ordem do meſmo Rey. Em Gale tomou mais alguns navios que alli achou, que ainda que tinha pouca gente, foi-lhe aſſim neceſſario pera ſe eſpalhar a fama pela terra, que levava muita Armada.

E chegando ao Porto de Batecalou com doze navios de remo, deſembarcou em terra, e mandou tirar alguns berços, e munições, e eſcolheo cento e vinte homens, porque os mais deixou em guarda dos navios, e foi caminhando pera Candea, guiado dos Embaixadores daquelle Rey, que foram a Goa em companhia do Frade de S. Franciſco; e aſſim caminhou alguns dias até chegar á Cidade de Candea; e entrando já por ella, foi aviſado da determinação daquelle Rey, e de como eſtava concertado com o

Ma-

Madune pera o matar a elle, e a todos os da ſua companhia ; e não ſe ſoube de que parte ſe lhe deo o aviſo. Antonio Moniz Barreto vendo aquelle negocio , e que não ſoffria dilação alguma , tomou huma mui apreſſada, e reſoluta determinação, que foi mandar logo no meſmo inſtante queimar todo o fato que comſigo levavam, ſem deixar mais que o que tinham nos corpos , com hum pouco de biſcouto , e as armas , e diſſe aos ſeus :

» Bem vedes , valoroſos ſoldados , e com» panheiros meus , o apreſſado aviſo que nos » deram ; pera o que he neceſſario outra a» preſſada determinação pera ſegurarmos noſ» ſas vidas ; e não ſe me offereceo outra me» lhor que eſta , de nos pormos á ligeira , » e caminharmos com as armas nas mãos pe» ra a parte de Triquinimalle , pera dahi » nos paſſarmos á Cota , onde temos Rey » amigo , porque pera tornarmos pera a Ar» mada , receio tenhamos os caminhos to» mados , e que todos nos ſeram inimigos ; » e pera eſtoutra parte temos hum Rey , que » nos ha de recolher , e agazalhar mui bem ; » por iſſo lembro-vos , que a vida de cada » hum eſtá na defensão de ſeus braços , e de » ſuas mãos , ( deixando ás de Deos , que » ellas são as que nos hão de defender , e » livrar neſta jornada , ) por iſſo ſegui-me : »

e

e tomando a efpingarda ás coftas, começou a marchar pera fóra da Cidade.

ElRey de Candea, que eftava diffimulado, efperando por elles pera depois de agazalhados, e efpalhados lhe fazer a traição, tanto que teve recado da determinação de Antonio Moniz Barreto, e do que fizera, bem entendeo que fora avifado; e fufpeitando que sería dos Frades, os mandou logo prender, e defpedio com muita preffa alguns Modiliares com muita gente, pera irem apôs os noffos, como fizeram; e dando-fe preffa, os encontráram já huma boa diftancia fóra da Cidade; e commettendo-os com grande determinação por algumas partes, não deixou Antonio Moniz Barreto feu caminho, no mefmo compaffo que levava, pondo-fe elle na retaguarda pera mór fegurança dos feus; dando ordem pera que a efpingardaria foffe laborando de feição, que nunca ceffaffe, pera com iffo irem entretendo os inimigos, como fizeram. E affim foram caminhando todo o dia com muito trabalho, fem terem tempo de repoufarem hum momento, nem comerem, fenão maftigando o bifcouto fecco, e pelejando. Tanto que anoiteceo, tiveram mais algum folego, e foram caminhando fempre, mas com menos trabalho; porque ainda que os inimigos fempre os perfeguíram, foi mais floxamente;

mas tanto que amanheceo, tornáram a apertar com grande determinação, porque recrescêram tantos, que passavam de oito mil.

Os nossos vendo que lhes era necessario defender as vidas, e que não podiam ter soccorro de parte alguma, fizeram todos tão grandes cousas, que não ha cópia de palavras com que se possam encarecer; porque chegáram muitas vezes a andarem baralhados com os inimigos a braços, e todavia sempre elles ficáram escalavrados, ficandolhes de huma vez nas mãos hum Modeliar cativo, que Antonio Moniz Barreto estimou muito, e o mandou levar no meio a bom recado, pera se aproveitar delle quando lhe fosse necessario.

Deste Modeliar soube que os inimigos determinavam de apertar com elle em huma ponte que estava adiante, aonde haviam que todos os nossos lhes ficariam nas mãos, por ser o passo muito estreito. Isto não poz, nem causou temor algum em Antonio Moniz Barreto, nem em todos os mais, sómente em hum Gallego, que dando-lhe o medo da morte, desejando de salvar a vida, foi fazendo seus discursos, e assentou de se entregar aos inimigos; e porque não podia ser de outra maneira, fez que cançava, deixando-se cahir no chão como morto, dizendo que já não podia mais. Antonio Moniz Bar-

reto como não só trabalhava por se sahir dos inimigos, mas ainda por não perder hum só homem, acudio alli esforçando ao Gallego com palavras brandas, dizendo-lhe que o mór trabalho era já passado, que Deos que os tinha livrado até então, o faria de tudo o mais que estava por passar. O Gallego lhe disse, que já não podia comsigo, nem com as Armas, que o deixasse alli morrer. Antonio Moniz Barreto o fez alevantar, e lhe tomou a espingarda, e a poz ás suas proprias costas, e assim mesmo tudo o mais que o podia pejar, e o metteo no meio dos soldados, e o fez caminhar; mas como elle levava já a morte representada na imaginação, dando-lhe grandes accidentes, tornou a cahir no chão, fazendo-se morto. Antonio Moniz Barreto, que levava o olho nelle, acudio logo pera o levantar, o que elle não quiz, dizendo que o deixasse, que não havia de passar dalli.

Entendendo Antonio Moniz Barreto que aquillo eram melancolias de medo, disse a hum soldado que lhe cortasse as pernas, ou o matasse logo, porque não queria que depois dissessem os inimigos, que lhe tomáram hum Portuguez. E querendo-lhe o soldado dar, saltou o Gallego tão vivo, e esperto, como se nunca tivera passado trabalho algum, e começou a caminhar em meio

de

de todos. Os inimigos nunca largáram os nossos, e todavia de longe, porque a espingardaria tinha feito nelles grande estrago; porque como elles haviam que tinham o negocio acabado ao passar da ponte, não se queriam arriscar; mas de longe varejavam os nossos com nuvens de fréchas, de que quasi todos hiam empenados. Desta maneira foram até á ponte, aonde apertáram com os nossos rijamente; e foi a cousa de feição, que se víram perdidos.

Antonio Moniz Barreto fez aqui o officio de muito experto Capitão, e de valoroso soldado, obrando taes cousas por seu braço, e assim mesmo todos os companheiros, que se desazíram dos inimigos, que hiam já de mistura com elles.

Aqui acudio outra apressada, e proveitosa determinação a Antonio Moniz Barreto, que foi mandar cortar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, que era pessoa principal, e deitallo no caminho, pera que os inimigos se embaraçassem com elle, como fizeram; porque indo perseguindo os nossos, deram com o Modeliar daquella feição, e detiveram-se em o levantarem, e em o mandarem pera ser curado. Neste pequeno espaço se aproveitáram os nossos do tempo, e do caminho, de feição, que chegáram á ponte, ainda que perseguidos de alguns. Anto-

nio

nio Moniz Barreto tanto que a tomou, se deixou ficar na retaguarda com os mais esforçados, e mandando passar os mais, ficando elles tendo o encontro aos inimigos com a espingardaria, até passarem poucos, e poucos; e elles o foram fazendo com infinitos trabalhos, franqueando tambem os que já estavam da outra parte a passagem com a arcabuzaria, que laborava sem cessar. Antonio Moniz Barreto, como foi da outra banda, mandou desfazer parte da ponte, por os inimigos o não seguirem, porque aquelle rio era tão alto, que se não podia vadear por parte alguma. Com isto ficáram os nossos desassombrados, e foram caminhando sem oppresão até Triquinimalle; e dalli se passáram a Ceitavaca, aonde aquelle Rey os recebeo, e agazalhou muito bem, mandando-lhes dar todo o necessario.

Agora engrandeça Tito Livio o seu Decio, quando estando cercado no monte Gauro dos Samnites, que com poucos Romanos sahio de noite por meio dos inimigos, salvando-se com todos; que posto que nós não temos tanta cópia de palavras, nem tão eloquente estilo pera realçar este feito, elle por si he tal, que contado assim sem mais ornamento, mostra quanta mais vantagem faz ao seu Decio; porque este Capitão não sahio de noite perantre os inimigos, aonde a

es-

eſcuridade della fez parecer aos Samnites muito maior o exercito inimigo ; mas na força do dia, e por meio da Cidade do inimigo, cercado de todas as partes, rompendo por meio delles, vendo-ſe bem que não paſſavam de cento e vinte, e não por eſpaço de meia hora, mas por tres dias continuos, ſem perder hum dos ſeus companheiros.

O Madune nas práticas que teve com Antonio Moniz Barreto lhe deo a entender, que ſeu irmão Rey da Cota induzíra ao Rey de Candea, pera que o mataſſe com todos os Portuguezes ; e que elle havia de moſtrar quanto mór ſervidor de ElRey de Portugal era, que todos os Reys daquella Ilha, offerecendo-ſe-lhe pera tudo o que lhe cumpriſſe. Antonio Moniz Barreto teve com elle ſeus cumprimentos, e ſe deſpedio delle ; perſuadindo os Modeliares a ElRey, que o mataſſe com todos os Portuguezes, o que elle não quiz fazer pelo que lhe relevava, e importava. Antonio Moniz Barreto chegou a Columbo, aonde poucos dias depois chegáram Embaixadores de Candea, por quem aquelle Rey mandou dizer a Antonio Moniz Barreto, que eſtava muito arrependido de tomar o conſelho do Madune, que lhe fez fazer aquelle deſatino ; e lhe mandou os berços que lá ficáram, e dez

 mil

mil pardáos em dinheiro pera repartir com os soldados. E escreveo aos Frades de São Francisco, que Antonio Moniz Barreto levou comsigo, que se tornassem pera elle, porque queria cumprir sua palavra, e fazer-se Christão; o que Antonio Moniz Barreto não consentio até ir dar conta ao Governador; e como foi tempo, se embarcou pera Goa.

## CAPITULO IX.

*De como o Idalxá mandou alguns Capitães sobre as terras de Salsete: e de como D. Diogo de Almeida, Capitão de Goa, o foi buscar, e desbaratou.*

JÁ que temos concluido com as cousas deste verão, entraremos nas do Idalxá, que guardámos pera este lugar de proposito, por ser assim necessario pera a ordem da historia. Na quinta Decada Cap. XI. do Liv. IX. fica dito, como o Idalxá se concertou com Martim Affonso de Sousa, sendo Governador, que lhe daria as terras de Salsete, e Bardés, de que lhe logo fez entrega; com condição, que mandaria Mealecan ou pera Portugal, ou pera Malaca, o que lhe não cumprio. E depois do Governador Dom João de Castro estar na India, lhe mandou requerer por algumas vezes » que lhe cum-

» priſſe os contratos que eſtavam feitos an-
» tre elle ; e o Governador Martim Affon-
» ſo de Souſa, com mandar Mealecan pera
» fóra de Goa, ou lhe tornaſſe a fazer en-
» trega das ſuas terras » a que nunca o Go-
vernador lhe deferio. E vendo a pouca con-
ta que ſe com elle tinha neſte particular, ha-
vendo por affronta ſoffrer tanto; porque não
ſó não mandára Mealecan pera fóra, como
eſtava aſſentado, mas ainda lhe tinha dado
em Goa muito honrada caſa, couſa que el-
le ſentia em eſtremo. E vendo eſte verão oc-
cupado o Governador na guerra de Cam-
baya, e cerco de Dio, deſpedio alguns Ca-
pitães com muita gente; que eſte Janeiro paſ-
ſado entráram pelas terras de Salſete, e Bar-
dés, e ſem contradicção alguma ſe ſenhoreá-
ram dellas, e começáram a arrecadar ſeus
fóros, e rendimentos. D. Diogo de Almei-
da Freire, que era Capitão de Goa, a quem
logo chegáram eſtas novas, praticando-as
com o Biſpo, Regente, e mais do Conſe-
lho, aſſentáram » que pois em Goa não ha-
» via cabedal pera ſe acudir áquillo, por
» ſer todo ao ſoccorro de Dio, que ſe pro-
» veſſe a fortaleza de Rachol de gente, e
» munições, e os rios de Goa de algumas
» manchuas pera ſua guarda, até verem as
» couſas de Dio em que paravam; e que
» vindo o Governador, proveria naquel-

» las cousas de proposito; » e assim se fez, ficando as terras em poder dos inimigos.

Depois do Governador D. João de Castro chegar de Dio, e de prover nas cousas de Malaca, e Maluco, começou a tratar destas; e pondo-as em conselho, se assentou, » que se mandasse acudir áquelle negocio com » cabedal, e que se fossem buscar os inimi» gos aonde estivessem; e que se arriscasse » tudo até os lançar fóra, porque vissem que » todas as vezes que a ellas viessem, os po» deriam ir buscar. » Com isto ordenou o Governador, que passasse a Salsete o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida, assinando-lhe oitocentos Portuguezes, em que entravam cento e vinte de cavallo, Cidadãos de Goa, e mil Lascarins da terra. O Governador se foi pôr em Agaçaim pera dar ordem áquella guerra, donde despedio o Capitão que se poz da outra banda, e foi entrando pelas terras até á Villa de Margão, sem achar quem lhe resistisse. Alli por espias que trazia soube estarem os inimigos nas aldeias de Cocoly, e que seriam quatro mil; com o que poz a sua gente em ordem, e passou a ribeira á outra banda, e foi hum dia de madrugada marchando pera onde elles estavam, levando diante alguns cavallos ligeiros, em que hiam descubrindo o campo.

Os

Os Mouros, que tambem traziam ſuas eſpias, foram aviſados de como o Capitão de Goa os hia buſcar; e não ouſando ao eſperar, ſe foram recolhendo pera o certão, deixando todas aquellas terras livres, e deſembargadas. Os noſſos chegáram a Cocoly, que achiáram deſpejado com medo, e logo mandou D. Diogo de Almeida pergoar ſeguros Reaes, pera que livremente pudeſſem vir grangear, e poſſuir ſuas terras, e fazendas, acudindo a ElRey de Portugal com os fóros, pelos meſmos foraes dos Mouros. Com iſto acudíram todos os Gancares, e Pateis das aldeias, e foram dar de novo obediencia ao Capitão, que os recebeo bem, e os ſegurou. Daqui deſpedio ſuas eſpias, e ſoube por ellas, que os Mouros eram paſſados pera Pondá, do que aviſou ao Governador, que lhe mandou ſe recolheſſe, e deixaſſe hum Tanadar nas terras com quinhentos piães, como fez.

Recolhido elle, mandou o Governador a Franciſco de Mello Pereira, que tinha vindo rico de Banda, que foſſe eſtar em Rachol com duzentos ſoldados Portuguezes pera ſegurança das aldeias; e lhe deo titulo de Capitão mór das terras de Salſete, e mil pardáos de ordenado cada anno, pagos nos fóros daquellas aldeias. Franciſco de Mello Pereira ſe paſſou á outra banda, e de Mar-

gão

gão pera Rachol gaſtou todo o inverno, quietando, e ſegurando as terras, e arrecadando os fóros dellas. O Idalxá tanto que ſoube da fugida dos ſeus, e de como os noſſos ficavam ſenhores das terras, ſentio-o em eſtremo; e deſpedio logo outro Capitão com mais quatro mil homens, pera ir diante tornar a tomar as terras, em quanto elle negociava mór exercito. Em companhia deſte foi Gonçalo Vaz Coutinho, homem Fidalgo, que lá andava homiſiado por caſos grandes, que hia por Capitão de huma companhia, em que entravam alguns Portuguezes, que lá andavam arrenegados. Eſtimava o Idalxá muito eſte homem, por ſer esforçado, e de grande animo, e aſſim o moſtrou bem lá antre os Mouros; e tinha naquelle Reyno rendas, e aldeias. Eſta companhia partio da Corte de Viſapôr eſte Julho em que andamos; e do que paſſou, adiante daremos razão, porque he neceſſario que continuemos com Bernaldim de Souſa, e com algumas couſas, que neſte tempo ſuccedêram em Malaca.

DE-

# DECADA SEXTA.
# LIVRO V.
## Da Historia da India.

### CAPITULO I.

*Do que aconteceo na jornada a Bernaldim de Sousa : e de como huma Armada dos Achens foi a Malaca : e de como Dom Francisco Deça sahio apôs ella, e do que lhe aconteceo.*

PARTIDO Bernaldim de Sousa de Malaca, (aonde o deixámos,) como fica dito no Cap. IV. do I. Liv., foi na entrada de Dezembro passado tomar a Ilha de Ternate, e surgio defronte da fortaleza, e logo se embarcou em hum batel com seus criados, deixando ElRey na náo, e defendendo a todos os que com elle hiam, que não dissessem que estava elle nella. Chegados a terra, foi á fortaleza, e no caminho achou

achou Jordão de Freitas, que não tinha ainda recado de cousa alguma; e vendo a Bernaldim de Sousa, ficou sobresaltado, porque logo lhe pareceo que hum homem daquella maneira não hia lá senão a cousas grandes; e depois de o receber, se recolhêram pera a fortaleza, aonde acudíram todos os officiaes, e apresentou suas Patentes, por cuja virtude tomou logo posse da fortaleza. Os filhos de ElRey acudíram logo a ella, sem saberem do pai. Bernaldim de Sousa os recebeo bem, e lhes disse, que o fossem desembarcar que estava na náo. Elles como não sabiam cousa alguma, foi tão grande o seu alvoroço, que como doudos se foram á praia, e desembarcáram ElRey, a quem Bernaldim de Sousa foi esperar á praia com todo o povo. Desembarcado ElRey, foi recebido com muito alvoroço, e alegria de todos, levando os grilhões, com que foi prezo pera a India, alevantados no ar na mão direita, pera que lhos vissem todos, e assim se recolheo pera sua casa. Dahi a tres dias o mandou Bernaldim de Sousa chamar, e a todos os Regedores, e povo, que todos se vieram pera a fortaleza, aonde estavam os officiaes; e como os teve todos juntos no terreiro della, tendo já prestes as cousas necessarias pera aquella ceremonia, fez novamente entrega daquelle Rey-

no

no a ElRey Aeiro, em nome de ElRey de Portugal, dando-lhe alli a posse delle; e os Regedores tambem lhe deram a obediencia a seu modo. De tudo isto mandou Bernaldim de Sousa fazer autos, e papeis assinados por todos. Este auto se celebrou com muitas festas de todo o povo, ficando El-Rey Aeiro dalli em diante correndo com as obrigações do Reyno. E porque no principio do seu governo não houve cousa notavel, o deixaremos, porque he razão continuemos com as cousas, que neste tempo succedêram em Malaca.

ElRey de Viantana Soltão Alaudixá (que foi o que Pero Mascarenhas deitou de Bintão, como na quarta Decada Cap. III. do Liv. II. temos dito) tendo alguns aggravos de ElRey de Patane seu vizinho; e havendo-se por muito affrontado, e offendido de elle por cousas que não são da essencia de nossa historia, convocou os Reys de Perá, Pão, e outros vizinhos pera o irem destruir, formando todos huma Armada de trezentas vélas, em que entravam galés, lancharas, bantins, e outras embarcações, em que embarcáram oito mil homens. Esta Armada se ajuntou no rio de Jor. De tudo isto foi avisado Simão de Mello, Capitão de Malaca, e com muita pressa despedio hum bantim muito ligeiro, por quem es-

efcreveo a Diogo Soares de Mello, que eftava por Capitão no porto de Patane, em que o avifava daquella Armada, e lhe pedia » que logo fe foffe pera Malaça, e não » fe quizeffe achar naquella envolta, porque » como aquelles Reys eftavam amigos do Ef» tado, não era bem que fe achaffe em Pa» tane, porque então fería neceffario favore» cer aquelle Rey contra eftoutros, pois ef» tava em fua terra, do que poderia refultar » algum grande efcandalo; porque de » toda a maneira que fuccedeffe, fería gran» de defgofto; e desbaratando-fe os Reys da » liga, haviam de lançar a culpa aos Portu» guezes, que favorecêram o inimigo, e to» mariam dahi occafião pera darem traba» lhos a Malaca. E fe o Rey de Patane fof» fe vencido, não podia fer fem grande da» mno dos Portuguezes; que eftava certo » ferem os primeiros que o recebeffem, por» que fobre elles havia de carregar todo o » pezo da guerra; pelo que melhor fería ef» cufar defgoftos, e recolher-fe a Malaca. »

Efta carta deram a Diogo Soares de Mello; e parecendo-lhe bem o confelho de Simão de Mello, defpedio logo alguns navios de Portuguezes, que eftavam alli pera a China; e elle fe embarcou nas fuas galeotas com fetenta Portuguezes, em que entravam eftes Fidalgos: Manoel de Mello feu

ir-

irmão, (que era Capitão de huma das galeotas,) Ruy de Mello, hum foão de Sampaio, Belchior de Siqueira, Balthazar Soares de Mello, filho do mesmo Diogo Soares de Mello, e outros. E tomando o caminho de Malaca, tanto ávante como os Ilheos de Calatão, (que estam em seis gráos e meio da banda do Norte, perto de vinte e sinco leguas de Patane,) houveram vista da Armada dos inimigos, que cubria o mar. E como aquelles Reys estavam todos amigos do Estado, pareceo-lhe a Diogo Soares de Mello que era obrigação visitallos, já que se não podia desviar delles; e assim foi demandar a galé de ElRey de Viantana, e com muita confiança entrou dentro. ElRey, que já sabia quem elle era, o recebeo bem, fazendo-lhe grandes gazalhados. Diogo Soares de Mello teve com elle grandes cumprimentos; e despedindo-se logo delle, foi visitar os outros Reys, que o agazalháram honradamente. ElRey de Pão lhe deo huma carta pera os seus Regedores, em que lhes mandava » que tomando Diogo Soares » de Mello o seu porto, e querendo nelle » esperar a monção pera Malaca, (que havia de ser no fim de Agosto,) o recolhessem, e lhe déssem todas as cousas de que » tivesse necessidade. » E por virtude desta carta tomando aquelle porto, lhe deram tu-
do

do o que pedio, despejando os navios, e varando-os, porque se haviam de deter mais de hum mez.

Neste tempo, que sería em Julho, succedeo lançar o Rey de Achém huma Armada de vinte vélas, em que entravam quatro galés muito formosas, de que era Capitão mór hum Mouro muito atrevido. Esta Armada se foi pôr no Estreito de Sabão, aonde fez algumas prezas em juncos, que hiam pera Malaça; e depois que por alli andou hum mez e meio, voltou pera Malaca, aonde chegou de noite. E chegando-se bem á terra, vendo que não era sentido, desembarcou da banda dos Chelins, pera ver se podia fazer alguma preza; mas como tudo estava fechado, não achou mais que huns patos, que ficáram de fóra a hum Chelim rico, e conhecido do Achém, e tomando-os, tornou-se a embarcar. Todavia isto não pode ser tão encuberto, que não fossem sentidos; e dando-se rebate na fortaleza, açudio o Capitão Simão de Mello, que mandou logo sahir fóra D. Francisco Deça seu cunhado com alguma gente, e achou a povoação dos Chelins toda alvoroçada, e posta em armas; e acudindo á praia, vio que os inimigos eram já embarcados, que se hiam recolhendo muito ufanos com os patos que levavam ao Achém, de sinal de como desem-

embarcáram em Malaca, e foram correndo a coſta de Perá, e Quedá ás prezas.

Simão de Mello mandou hum bantim ligeiro a eſpiar eſta Armada, e negociou com muita preſſa alguns navios que havia no porto, pera mandar apôs elles. E andando neſte trabalho, chegou á barra de Malaca Diogo Soares de Mello com duas galeotas, o que Simão de Mello eſtimou muito, porque com ellas fazia Armada baſtante pera ir buſcar os inimigos. Tinha já negociados dous caravelões de mercadores, de que eram Capitães Diogo Pereira, que depois foi ſogro de D. Pedro de Caſtro; e Gemes Barreto, e ſeis fuſtas, de que tinha feitos Capitães ſeu cunhado D. Franciſco Deça, que havia de ſer cabeça de toda a Armada, Affonſo Gentil, André Toſcano, João Soares, Belchior de Siqueira, e D. Manoel Deça, com alguns bantins, de que eram Capitães Antonio de Lemos, Fernão de Alvares, e alguns Chelins; e as duas galeotas de Diogo Soares de Mello, em que elle hia, e ſeu irmão Manoel de Mello.

Preſtes a Armada, em que hia todo o cabedal de Malaca, a deſpedio o Capitão, dando por regimento a D. Franciſco Deça, que foſſe apôs os inimigos; e que paſſados dez dias, (porque não levavam mantimentos pera mais,) ſe tornaſſe a recolher; encom-

commendando-lhe muito, que não fizesse cousa alguma, sem conselho de Diogo Soares de Mello.

Esta Armada foi correndo a costa de Perá, sem achar novas dos inimigos; e passando adiante, chegáram a Pulo Botum, que he Ilha, entrando por antre ella, e a terra firme, e alli acháram novas que estavam em Quedá. E querendo D. Francisco Deça ir buscar a Armada, houve reboliço na gente della, dizendo os mais dos Capitães » que » não haviam de passar a Quedá, que era » longe, porque se lhes passavam já os dias » do provimento; » e assim se quizeram tornar alguns. D. Francisco Deça tratou de os quietar com brandura, mas não pode. A isto acudio Diogo Soares de Mello, estando todos presentes, e disse com paixão: » Que » todo o que tratasse de deixar o seu Capitão mór, que o havia de apregoar por » Judeo, e covarde; e que jurava a Deos, » que o havia de matar, e que pera isso havia de tornar a Malaca após elles, por» que por isso lhe havia ElRey de fazer mui» ta mercê, pois eram occasião de se não to» mar huma Armada, que tinha feito tão » grande affronta áquella fortaleza, tendo-a » nas mãos, e em parte que lhe não podia » escapar. » Disto disse tanto, que fez calar a todos; e quietando-se, foram seguindo o seu

ſeu Capitão mór. Chegados a Quedá, doze leguas de Pulo Botum, ſouberam que as galés eſtavam mais adiante oito leguas, em hum rio que ſe chama Parlés. Aqui houve nos da Armada outro reboliço, dizendo: » Que aquillo era já deſatino, andarem de » rio em rio, » e quizeram-ſe tornar alguns eſcondidamente. Diſto foi o Capitão mór aviſado, e acudio a iſſo com muita prudencia, temperando-os, e affirmando-lhes, que ſe os não achaſſem em Parlés, que ſe tornariam; porque já que tinham chegado até alli, não era razão que por mais oito leguas deixaſſem de ir buſcar os inimigos, já que na jornada eſtava mettido tão grande cabedal. E fazendo alli aguada, e negociando as armas á ſua vontade, ſe detiveram aquelle dia, e a outro ſe partíram.

## CAPITULO II.

*De como a noſſa Armada achou os inimigos no rio de Parlés: e da vitoria que os noſſos alcançáram: e de como foi revelado ao Padre Meſtre Franciſco Xavier da Companhia de Jeſus, eſtando prégando, e a denunciou logo a todos.*

PArtida a noſſa Armada do rio de Quedá, ao outro dia ſobre a tarde chegáram a Parlés, onde ſurgíram da banda de fóra. E alli ſouberam de huma embarcação eſ-

estar a Armada dentro pelo rio assima, três leguas junto daquella Cidade. O Capitão mór tomou conselho com todos os Capitães sobre o que faria naquelle negocio, e assentou-se, que fossem buscar os inimigos, e pelejassem com elles, onde quer que estivessem. Com aquella resolução encommendou a Diogo Soares de Mello que fosse sondar a barra pera ver se podiam as caravelas entrar por ella, promettendo-lhe a dianteira daquelle negocio. Diogo Soares metteo-se logo em hum balão ligeiro com hum Piloto, e foi entrando a barra; e sondando os canaes por todas as bandas, achou que poderiam as caravelas entrar descarregadas; e chegando a terra, mandou cortar grandes ramos de arvores, com que abalizou o canal por onde haviam de entrar, porque por derredor eram bancos, e baixos.

Feito isto, e dada informação ao Capitão mór, mandou descarregar as caravelas, repartio o fato dellas pelos navios, e á toa as metteo Diogo Soares de Mello dentro, surtas da boca do rio pera dentro junto da terra. Já sobre a tarde despedio o Capitão mór hum João Soares com sinco companheiros em huma almadía ligeira, pera que fosse espiar os inimigos, e notar a ordem em que as galés estavam. João Soares foi pelo rio assima até descubrir a povoação, e de-

ram

ram com huma almadía que andava tarrafando; e porque os não conhecessem, por não darem aviso aos Achéns, tornáram a remar pera traz sem virar, (porque a almadía tinha dous lemes,) e todavia não pudéram fazer isto tão apressado, que os pescadores não enxergassem os murriões que levavam nas cabeças, e reluzião ao longe, notando que aquella gente era nova. E virando pera a povoação, deram conta ao Capitão mór das galés, daquillo que víram, e que lhes parecêra gente desacostumada. O Mouro mandou logo algumas pessoas, que fossem a algum outeiro alto, donde descubrissem a barra, pera verem se havia nella alguns navios. Estes enxergáram só os mastos, e gaveas das caravelas, e as fustas não, por estarem cozidas com a terra. Com estas novas se tornáram ao Mouro, Capitão mór da Armada, que assentou que aquillo eram navios de mercadores, que hiam fazer pimenta; com o que se segurou, e quietou, havendo-os por tomados; e porque já era noite, se deixou estar pera o outro dia os mandar buscar. João Soares tornou com o recado a D. Francisco Deça, dizendo-lhe » que » não pudéra chegar a reconhecer bem as ga- » lés por causa da almadía que encontrou, » e que por não ser reconhecido se tornára. »

Esta noite passáram os nossos em gran-

de vigia com as armas nas mãos. Ao outro dia, que foi Domingo seis de Dezembro, dia de S. Nicoláo Bispo, se poz a nossa Armada em ordem; e levando ancora, se foram pelo rio assima a buscar os inimigos. Diogo Soares de Mello levava a dianteira, e as suas duas galeotas; e Belchior de Siqueira, e João Soares levavam á toa as caravellas de Diogo Pereira, e Gemes Barreto. O Capitão mór dos Achéns tambem tanto que amanheceo, despedio duas galés, e doze lancharas, pera que lhe trouxessem os navios que estavam na barra; e vindo pelo rio abaixo, houveram os nossos vista delles. O Capitão mór D. Francisco Deça tanto que os vio, despedio quatro bantins, Antonio de Lemos, Fernão de Alvares, e outros, pera que fossem diante commetter os inimigos, a fim de elles despararem nelles a primeira carga, porque por resteiros lhes não podiam fazer damno, e terem os mais navios tempo de ferrarem delles. Os bantins foram com remo em punho demandar as galés, e atiráram-lhe algumas berçadas, e os inimigos de soffregos, alheios de mais consideração, dispararam toda a sua artilheria, que toda lhes foi por alto.

Era isto na volta de huma ponta que entrava no rio, que ficava encubrindo ambas as Armadas; a nossa hia de longo da

[illegible] ter-

terra, e em voltando a ponta, deram de rosto com elles. E como os inimigos vinham já com a sua artilheria descarregada, deo-lhes a nossa Armada huma formosa salva, acertando hum camello, que se atirou da caravela de Diogo Pereira em huma das galés; e tomando-a hum pouco diante da prôa, a foi varando de parte a parte, mettendo-a logo no fundo. E como os nossos hiam aviados pera sima, e os inimigos vinham com a mesma furia pera baixo, não podendo voltar, investio-os logo Diogo Soares de Mello, e ferrou da outra galé, e os mais navios cada hum do seu, começando-se antre todos huma muito cruel batalha, em que todos os nossos mostráram bem o valor, e esforço Portuguez. O Capitão mór afferrou de huma lanchara, que logo axorou, e passou adiante a favorecer os mais, que pelejavam muito valorosamente.

Diogo Soares de Mello como levava hum navio muito possante com sincoenta bons, e esforçados companheiros, tanto trabalhou, que a poder de golpes se lançou na galé inimiga acompanhado dos seus, e dentro nella á espada se averiguou aquelle negocio, matando todos os inimigos, sem escapar hum só vivo; e tomando a galé á toa, a trouxe comsigo. Os mais navios, que estavam investidos dos nossos, foram rendidos,

 e

e ſinco delles mettidos no fundo ; e foi a deſtruição tão grande nos inimigos , que o rio ſe tornou da côr do ſangue. Acabou-ſe de arrematar a vitoria ás nove horas do dia. E depois de tomarem alguma refeição , e a darem aos marinheiros , chamou o Capitão mór todos a conſelho , e lhes diſſe : » Que » pois Deos lhes tinha feito mercês tão grandes , que o bom ſería não arrefecerem , » nem deixar enxugar o ſangue das eſpadas , » e paſſarem ávante a acabar de concluir » com aquella Armada , porque os inimigos » haviam de eſtar medroſos , e que havia » pouco que fazer com elles. » Os caſados de Malaca diſſeram » que deviam de ſe contentar com a vitoria que tinham alcançado ; que além dos inimigos eſtarem bem » caſtigados de ſeu atrevimento , e ouſadia , » não era bem que foſſem pelejar com a » mais Armada nas barbas do Rey da terra , que era amigo do Eſtado , e Mouro » como os outros , e que forçado ſe havia » de eſcandalizar , e affrontar daquelle negocio ; que melhor era darem-lhe a entender , que ſe lhe tinha aquelle reſpeito , » porque os noſſos navios coſtumavam ir alli todos os annos a fazer ſuas fazendas. » Não pareceo iſto mal ao Capitão mór , e ao outro dia mandou tirar os navios pera fóra ; e querendo-ſe ir pera Malaca , ſe deſpe-

pedio delle Diogo Soares de Mello, porque lhe era neceſſario chegar a Pegú, e lhe pedio a galé dos Achéns, que elle rendeo, e a levou comſigo, e foi pera Pegú, onde o deixaremos até que tornemos a contar as couſas que naquelle Reyno lhe acontecêram, que foram muito grandes.

D. Franciſco Deça ſe fez á véla pera Malaca; e em quanto não chega, daremos razão do que ſuccedeo naquella fortaleza. Atrás no I. Cap. do V. Liv. démos conta de como o Rey de Viantana com outros amigos, e confederados ajuntáram huma grande Armada contra o Rey de Patane; e depois que fizeram eſte negocio, que foi concertaremſe, tornáram a voltar pera Jor. E ſabendo como a noſſa Armada era em buſca da do Achém, e que Malaca ficava com pouca gente, como andava eſpreitando todas as occaſiões pera ver ſe podia lançar mão de alguma em que tomaſſe aquella fortaleza, que fora dos Reys ſeus antepaſſados, foi-ſe com toda aquella Armada pôr no rio de Muar, ſeis leguas de Malaca; e dalli deſpedio hum ſeu Capitão com huma carta a Simão de Mello, que eſtava por Capitão daquella fortaleza, em que lhe dizia: » Que » elle fora informado, que a Armada do » Achém desbaratára a dos Portuguezes, de » que eſtava muito anojado; que elle como

» ami-

» amigo, e irmão de ElRey de Portugal;
» a cujas cousas mostrára sempre ter grande
» amor, não se quizera recolher sem tomar
» satisfação dos Achéns; que lhe pedia lhe
» désse licença pera surgir naquelle porto com
» toda sua Armada, porque tinha por cer-
» to, que os Achéns triunfadores da vitoria
» dos Portuguezes, pertendiam vir sobre a-
» quella fortaleza, por lhe parecer que se-
» ría muito facil tomalla. E que elle estava
» prestes pera arriscar toda sua Armada,
» Reyno, e ainda a vida pelo serviço de El-
» Rey de Portugal, e pela defensão daquel-
» la fortaleza; e que até não ter resposta sua,
» se não bulliria daquelle lugar.» E avisou
ao que levava as cartas, que notasse a gen-
te que havia na fortaleza, e o modo de co-
mo estava.

Esta carta causou em todos grande con-
fusão; mas o Capitão Simão de Mello com
muita segurança, assim porque o Embaixa-
dor lha notasse, como por curar as descon-
fianças que havia nos rostos de muitos, lhe
respondeo com os mesmos cumprimentos,
e offerecimentos, affirmando-lhe » que pera
» o servir contra seus inimigos tinha muita
» gente, muitas armas, e muitas munições,
» e sobre tudo vontade, e o amor que sem-
» pre tivera a suas cousas. E que quanto ás
» novas da Armada, que eram falsas as que
» lhe

» lhe deram, porque elle tinha já recado,
» que os ſeus desbaratáram aos Achéns, e
» que eſperava por horas por toda a Arma-
» da; e que com ella o poderia ainda ſer-
» vir, ſe quizeſſe tornar contra ſeu inimi-
» go. Por onde podia eſcuſar o trabalho,
» que lhe elle ſerveria muito bem, e reco-
» lher-ſe pera ſeu porto. » E com iſto deſ-
pedio o Embaixador, que deo novas a El-
Rey do que víra, e da confiança que no-
tou no Capitão, e da certeza que tinha de
ſua Armada ter vencida a dos inimigos. Eſ-
ta nova por animar a todos tinha elle man-
dado eſpalhar pela terra, com o que o Rey
Malayo não bullio comſigo; mas deixou-ſe
ficar no rio de Muar vinte e tres dias, que
parecêram aos noſſos outros tantos annos;
porque com não terem certeza da Armada,
e verem hum inimigo tão poderoſo, lhe ti-
nha tirado o ſomno a todos; e todavia o
Capitão Simão de Mello proveo a fortale-
za de guarda o melhor que pode, e lançou
eſpias ſobre os inimigos de que cada dia era
aviſado.

Eſtavam todos neſte eſtremo, e receio,
que o Padre Meſtre Franciſco Xavier traba-
lhou por remediar com práticas mui eſpiri-
tuaes, e conſolatorias, que muitas vezes fez
em público; até que eſtando prégando o meſ-
mo Domingo em que os noſſos alcançáram

a vitoria, naquelle meſmo ponto que ſe concluio, fez huma extraordinaria mudança no roſto; e deixando o fio do Sermão, fictou os olhos no Ceo hum pequeno eſpaço, e depois arrebentando num eſpirito inflammado, diſſe: » Que deſſem graças a Deos noſ» ſo Senhor, que acabára a noſſa Armada » de vencer a do Achém. » E aſſim deo relação da batalha, como ſe eſtivera preſente a ella, porque particularizou os caſos della; com o que todo o auditorio arrebentou em lagrimas, dando graças ao Altiſſimo, e poderoſiſſimo Deos. E logo o meſmo dia á tarde fez na Ermida de noſſa Senhora outra prática eſpiritual, em que tornou a declarar, e fallar mais particularmente na batalha, o que deo tal animo a todos, que já não havia triſtezas, nem deſconfianças. Poucos dias depois chegáram novas, que o Rey Malayo era recolhido, e depois a noſſa Armada vitorioſa, com que a fortaleza ſe desfazia em feſtas, e louvores de Deos noſſo Senhor.

CA-

## CAPITULO III.

*De como o Idalxá mandou outros Capitães sobre as terras de Salsete : e do recado que o Governador D. João de Castro teve de Dio : e das Armadas que este anno partíram do Reyno.*

FIcou o Idalxá tão affrontado de lhe lançarem os seus Capitães fóra das suas terras, que determinou de entrar naquelle negocio com todo o cabedal que pudesse. E depois que despedio os Capitães, de que atrás fallámos no Cap. IX. do IV. Liv., enviou logo apôs elles outros com mais sinco mil homens, e hum Capitão dos principaes do seu Reyno sobre todos, com regimento, que logo se tornasse a apossar de suas terras, o que elles fizeram, lançando outra vez mão dellas, sem fazerem mal aos moradores, antes lhes deram liberdades, e lhes fizeram favores. Os nossos se recolhêram na fortaleza de Rachol sem lhes poderem resistir, por ser o poder grande.

Tanto que o Governador teve recado, bem vio que lhe havia aquelle negocio de dar trabalho, e despedio com muita pressa alguns navios pera andarem nos rios, e em guarda daquella fortaleza; e mandou Dom Diogo de Almeida, Capitão de Goa, com cen-

cento e vinte de cavallo, e trezentos de pé, e mil Lascarins da terra, pera ajuntar a si o mais cabedal, que trazia Francisco de Mello Pereira, e pela banda de Rachol ir buscar os inimigos. Esta gente foi toda por mar; e chegados a Rachol, assentáram seu arraial fóra no campo, e dalli fizeram algumas entradas pelas terras até Margão, tendo algumas escaramuças com os inimigos, sem nunca se encontrar o poder junto; e todavia os Mouros ficáram arrecadando os fóros, e senhoreando as terras, sem os nossos lho poderem defender.

O Governador poz este negocio em conselho, porque tratava de passar em pessoa; e assentou-se » que não podia por então ser, » porque era a força do inverno, e as ter» ras estavam alagadas, e intrataveis pera os » Portuguezes poderem andar por ellas; que » se esperasse o verão, que viriam as náos » do Reyno com gente, e que então se fi» zesse aquelle negocio: que se segurasse Ra» chol com gente, e se recolhesse o Capi» tão, porque não fazia mais, que gastar o » tempo em vão, e fazer despezas; » no que logo o Governador proveo em tudo muito bem, mandando dar muita pressa á Armada, porque determinava de ir fóra no verão; visitando elle todos os dias a ribeira, e vendo com os olhos os galeões, e os mais na-

navios. E aos Domingos, e dias Santos fazia exercitar os bombardeiros, e os soldados no campo, em barreiras que pera isso tinha; porque este he o verdadeiro officio do Governador, e esta era a razão, por que então os soldados se prezavam das armas, e se esmeravão em as trazerem limpas, e concertadas, e não empenhadas. E tanto favorecia este Governador os soldados que tinham boas armas, e se prezavam dellas; que passando hum dia pela rua de nossa Senhora da Luz, poz os olhos em huma casa terrea, em que pousava hum soldado, que se chamava Francisco Gonçalves, e vio-lhe de fronte da porta hum cavide com algumas espingardas, espadas, e alabardas, mui limpo tudo, e concertado; e tendo o quartáo em que hia, chegou-se bem á porta, e perguntou quem pousava alli? O soldado acudio de dentro á porta, e elle o festejou muito, gabando-lhe as armas; e mandou que lhe déssem logo trinta pardáos pera azeite pera as untar, e disse-lhe, que como se lhe acabasse, pedisse mais azeite; e o mesmo fez a outros muitos soldados, porque naquelle tempo folgavam os Governadores de fallar com elles, e de os favorecer, e honrar.

Era já entrado o mez de Agosto, e o Governador andava dando pressa ás cousas, por-

porque tinha muito que fazer aquelle verão. E sendo vinte e dous dias do mez, chegou á barra de Goa hum catur, que vinha de Dio, de que era Capitão Francisco de Moraes, que trazia cartas de D. João Mascarenhas, que o Governador vio, e nellas lhe affirmava » que ElRey Soltão Mahamude ti- » nha hum muito grosso poder, pera com » elle vir em pessoa sobre aquella fortaleza; » que o bom sería acudir elle logo em prin- » cipio do verão, porque como lá o visse, » poderia ser se retrahisse, e mudasse o pen- » samento. » O Governador com estas novas despedio logo recado á Cidade de Cochim a pedir-lhe, que o quizessem ajudar nesta necessidade, que de novo se lhe offerecia, com os mais navios, e gente que pudesse. O mesmo escreveo áquelle Rey, pedindo-lhe dous mil Nayres, mandando ordem pera se lhe darem embarcações, e todo o mais necessario. E despedio o mesmo Francisco de Moraes, com cartas a D. João Mascarenhas, em que lhe fazia a saber, que se ficava fazendo prestes; e que tanto que as náos do Reyno chegassem, logo se embarcaria. E escreveo por elle ás Cidades de Chaul, e Baçaim, encommendando-lhes que estivessem prestes pera o acompanharem todos os que pudessem, porque folgaria de os achar negociados, por se não deter. Estas novas

cor-

corrêram logo pela Cidade de Goa; e ajuntando-se os Vereadores em Camara, fizeram chamamento do povo, e lhe lembráram a necessidade que de novo se offerecia, e que era razão que não faltassem a ella; que sería bom fazerem seus offerecimentos ao Governador, pois elle era tal, que da outra vez lhe não quizera acceitar cousa alguma. E parecendo bem a todos, foram os Vereadores ao Governador, e lhe fizeram seus cumprimentos, certificando-lhe que estavam todos prestes pera o servirem com o amor, e vontade que sempre nelles achou. O Governador lhes agradeceo aquillo com palavras muito honradas, e lhes pedio dez mil pardáos, que lhe elles logo negociáram.

E passando nesta materia ainda mais adiante, além do dinheiro que lhes pedíram, houve muitas mulheres de Cidadãos ricos, e honrados, que tomáram suas joias em cofres, e bocetas, e as mandáram por suas filhas meninas apresentar ao Governador, pedindo-lhe » que pois da outra vez que lhas » mandáram, as não quiz gastar, ou porque » não fosse necessario, ou por outra alguma » razão, que pera isso teria; que estimariam » muito servir-se elle por então dellas, pois » era pera cousa tão importante, e neces- » saria. » Vendo o Governador aquella grande lealdade, amor, e liberalidade, ficou

ad-

admirado; e não tocando nas joias, lhas tornou a mandar com palavras de grandes agradecimentos, dizendo: » Que mais estimava » aquelle amor, e vontade, que todos os » thesouros da terra; » e ás meninas, que levavam as joias, deo peças de damasco, e de outras sedas. E por aqui se verá o amor, e gosto com que todos serviam o seu Rey, porque achavam nos seus Governadores este primor, honra, e verdade.

Andando o Governador dando pressa á Armada, mandando-a lançar ao mar, e provella de mantimentos, munições, e de todas as mais cousas necessarias, sendo dez dias de Setembro, chegáram á barra de Goa duas náos, de seis que partíram do Reyno, sem trazerem Capitão mór, de que eram Capitães Balthazar Lobo de Sousa, e Francisco de Gouvea. Das quatro náos que faltavam, eram Capitães D. Francisco de Lima, que trazia a Capitanía de Goa, que vinha na náo S. Filippe, e Francisco da Cunha no Zambuco. Estas duas náos partíram tarde do Reyno, e chegáram a Goa a vinte e tres de Setembro. Da outra náo, que era a Burgaleza, era Capitão Bernardo Nacer, que foi tarde tomar Sacotorá, onde invernou, e foi tomar Goa em Maio. Da outra náo que faltava, era Capitão D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante,

te, que hia provído com a fortaleza de Malaca, que por ruim navegação do ſeu Piloto ſe foi perder nas Ilhas de Angoxa; mas ſalvou-ſe toda a gente, que ſe paſſou a Moçambique, e foi á India repartida pelas outras náos de Franciſco de Gouvea, e Balthazar Lobo.

Eſte anno mandou ElRey ao Governador » que logo lhe mandaſſe fazer huma fortaleza em Moçambique muito forte, e capaz de recolher todos os moradores, porque ſe receava de Rumes; e que a fizeſſe na ponta de ſobre a barra, aonde eſtava a Igreja de noſſa Senhora do Baluarte; porque tratava de ſegurar ſeus vaſſallos, ainda que foſſe com deſpezas de ſua Fazenda, e commercio das Minas de Çofala, e Cuama, e tambem por ſer a principal eſcala das náos do Reyno, aonde ſe vão refazer, e prover de tão longa viagem; e mettendo alli pé os Rumes, além de ſer perda notavel, dariam grande oppreſsão a toda a India. »

CA-

## CAPITULO IV.

*De como o Governador D. João de Castro partio pera Pondá, e tomou aquella fortaleza: e de hum Embaixador que o Ráo mandou ao Governador: e das pazes que com elle se assentáram.*

CHegadas as náos do Reyno, se começou logo o Governador a fazer prestes pera passar, e buscar os inimigos ás terras de Salsete; e fazendo alardo da gente Portugueza, achou tres mil soldados, que repartio em sinco bandeiras, de que deo as Capitanías a seu filho D. Alvaro de Castro, e a D. Bernardo, e D. Antonio de Noronha, filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, e a Manoel de Sousa de Sepulveda, e a Vasco da Cunha; e D. Diogo de Almeida Freire, Capitão da Cidade, levava duzentos de cavallo, em que entravam todos os moradores de Goa. Das Tanadarías vizinhas se ajuntáram todos os piães da terra, que com os que estavam em Rachol, fariam número de mil e quinhentos. O Governador mandou recado a Francisco de Mello, que estava em Rachol com trezentos homens, e quinhentos piães, que estivesse prestes, pera como elle entrasse nas terras pela banda de Agaçaim, que partisse elle de lá,

e

e ſe ajuntaſſem na Villa de Margão. Os inimigos tiveram logo aviſo dos preparamentos, que o Governador fazia pera os ir buſcar; e tomando antre ſi conſelho, aſſentáram de não eſperarem aquelle poder, e de ſe paſſarem á fortaleza de Pondá, como fizeram, deixando as terras em poder dos Rendeiros. O Governador eſtando ultimamente pera ſe paſſar á outra banda, teve rebate de como os Capitães do Idalxá eram recolhidos a Pondá; e tomando parecer ſobre o que faria, aſſentou-ſe » que lá ſe foſ» ſem buſcar, e que os desbarataſſem de to» do, porque não convinha ao Governador » acudir ao Norte, deixando aquelles Capi» tães juntos tão perto; que em ſe elle em» barcando, logo ſe haviam de tornar a » metter nas terras. » Com iſto ſe foi o Governador pôr em Beneſtarim, donde começáram a paſſar as bandeiras; e como eſtiveram da outra banda, dormíram alli aquella noite. Ao outro dia de madrugada paſſou o Governador, e começou logo a marchar pera Pondá; e chegando a huma ribeira, que eſtá a meio caminho, achárain da outra banda huma companhia de dous mil homens, que os eſperavam pera lhes defenderem a paſſagem. D. Alvaro de Caſtro, que levava a dianteira, tanto que chegou á ribeira, o começáram da outra banda a feſtejar com a

arcabuzaria. Elle como levava boas espias, o encamináram pera huma parte por onde começáram a passar a váo, com a agua por sima do giolho, jogando tambem a sua espingardaria em roda viva. As mais bandeiras tambem chegáram á ribeira, e foram todas commetter a passagem por differentes váos.

D. Alvaro de Castro se poz da outra banda, aonde travou com os inimigos huma boa escaramuça, em que os nossos apertáram tanto com elles, que os arrancáram do campo, e se foram recolhendo pera Pondá. O Governador passou a ribeira á outra banda, e foi marchando em muito boa ordem, levando a gente de cavallo pelas ilhargas do exercito; e por todo aquelle caminho foram achando muitos estrepes, em que alguns dos nossos se encraváram, levando sempre os inimigos diante, jogando com sua espingardaria; e assim foram até chegarem á vista da fortaleza. E da banda de fóra acháram todos os Capitães do Idalxá postos em som de batalha.

O Governador mandou a seu filho, que rompesse nelles por huma parte, e D. Diogo de Almeida, Capitão de Goa, com toda a gente de cavallo por outra; e arrancando elles com grande furia, appellidando o Apostolo Sant-Iago, aos primeiros golpes

pes viráram os inimigos as coftas, e foram fugindo, não pera a fortaleza, mas pera o certão, porque fe não atrevêram a defendella. D. Alvaro de Caftro chegou a ella, e da banda de fóra efperou o Governador, que lhe mandou que entraffe dentro, como fez, fem achar peffoa viva, nem fato, mais que algumas coufas de pouca importancia, por onde pareceo que tinham já os inimigos recolhido tudo, com tenção de largarem a fortaleza.

O Governador tomou parecer fobre o que faria naquelle negocio; e affentou-fe » que fe recolheffem fem tocar na fortaleza, » nem derriballa; porque viffe o Idalxá o » pouco cafo que della fazia, porque todas » as vezes que a quizeffem tomar, o podia fa- » zer. » O Governador tornou a voltar pera Goa, aonde chegou aquelle dia, tratando logo de fe embarcar; e eftando pera o fazer, chegou hum Embaixador de ElRey de Canará, mui grandemente acompanhado. Reinava então naquelle Reyno Cidoça Ráo, que andava havia muitos annos em grandes guerras com o Idalxá. Efte fabendo as differenças que havia antre elle, e o Governador, defejando de fe confederar com os Portuguezes, pera juntamente com elles lhe fazer guerra, e o deftruir de todo, defpedio efte Embaixador, que era hum dos prin-

cipaes Capitães do ſeu Reyno, e dos mais chegados de ſua caſa.

Sabendo o Governador da ſua chegada, lhe mandou ordenar grande recebimento, como ſe lhe fez, e o recebeo em ſala com grande apparato; e depois de paſſadas as palavras da viſitação, lhe deo as cartas de ElRey, e algumas joias ricas, e curioſas, que lhe mandava de preſente. O Governador como eſtava de caminho, o ouvio logo ao outro dia, e o Embaixador lhe diſſe » que ElRey ſeu Senhor deſejava mui» to de ter paz, e amizades com elle Go» vernador; e que eſtava preſtes de ſua par» te pera tudo o que foſſe juſto, e honeſto; » porque ſempre os Reys ſeus anteceſſores » corrêram em muita paz, e amizade com » os Governadores paſſados. » O Governador lhe reſpondeo » que eſtimava muito que» rer ElRey Cidoça Ráo ſer amigo de El» Rey de Portugal ſeu Senhor; que elle » eſtava de caminho pera fóra, e por con» cluir primeiro aquelle negocio, elle remet» tia o aſſento das pazes ao Veador da Fa» zenda, e Secretario, e que ſe ajuntaſſe lo» go com elles, e as concluiſſem, porque » elle deſejava muito de ſervir ElRey de Ca» nará em tudo. » O Embaixador folgou com aquella reſolução; e ajuntando-ſe os Officiaes aſſima nomeados com elle, dando huns,

e

e outros ſeus apontamentos, vieram a concluir os Capitulos ſeguintes:

» Que ElRey de Portugal, e o de Ca-
» nará ſeriam amigos de amigos, e inimigos
» de inimigos; e que ſendo neceſſario, ſe aju-
» daria hum ao outro com todas as forças,
» e poder que tiveſſem contra todos os Reys
» da India, tirando o Zamaluco.

» Que lhe deixariam tirar da Cidade de
» Goa todos os cavallos que a ella vieſſem
» de Perſia, e de Arabia, e que nenhum paſ-
» ſaria ao Idalxá, nem a porto ſeu: e que
» elle ElRey de Canará ſería obrigado a fa-
» zer comprar todos os que ſe levaſſem a
» ſeus pórtos, e faria dar breve deſpacho aos
» mercadores que com elles foſſem.

» Que ElRey de Canará não conſenti-
» ria que mantimento algum, de qualquer ſor-
» te, que foſſe, ſahiſſe de porto algum ſeu
» pera os Reynos do Idalxá; e que todos
» ſe ajuntariam em Onor, e Barcalor, aon-
» de ElRey de Portugal teria Feitores pera
» os comprarem todos: e que os Governa-
» dores da India ſeriam obrigados a manda-
» rem lá os mercadores Portuguezes aos com-
» prar. E que pela meſma maneira ElRey
» de Canará defenderia, que de nenhum por-
» to ſeu, nem lugar do certão, paſſaſſe pe-
» ra o Reyno do Idalxá ferro, nem ſalitre;
» e que os mercadores dos ſeus Reynos le-
» va-

» variam estas fazendas aos pórtos maritimos
» do Reyno de Canará, onde os Governa-
» dores da India os mandariam comprar lo-
» go, porque os donos não recebessem perda.

» Que todas as roupas do Reyno de Ca-
» nará não iriam a algum dos pórtos do Idal-
» xá, mas que iriam a Ancolá, e a Onor;
» e que pela mesma maneira obrigariam os
» Governadores aos mercadores Portuguezes
» a que as fossem lá comprar, e lhes leva-
» riam cobre, coral, vermelhão, azougue,
» sedas da China, e todas as mais mercado-
» rias que vinham do Reyno; e que elle se
» obrigava a lhas fazer comprar.

» Que vindo alguma Armada de Turcos
» á India, ou qualquer navio seu particular,
» que elle Rey de Canará os não agazalha-
» ria em porto algum dos seus; e todos os
» Turcos que nelles viessem, os mandaria
» prender, e prezos os enviaria ao Governa-
» dor da India, que pelo tempo fosse.

» Que concertando-se ElRey de Canará
» com o Governador da India, pera ambos
» fazerem guerra ao Idalxá, que em tal ca-
» so todas as terras que se tomassem seriam
» do Rey de Canará, excepto as que jazem
» do Gate pera baixo, desde Banda até o rio
» de Cintacorá, porque todas estas por an-
» tiguidade pertencem ao senhorio, e juris-
» dicção da Cidade de Goa; e que estas fi-

» ca-

» cariam pera todo ſempre da Coroa de Por-
» tugal. »

Eſtes contratos, que foram eſcritos pelo Secretario Coſme Annes, ſe juráram logo pelo Governador, e pelo Embaixador de Canará, com as ſolemnidades coſtumadas, e logo ſe pregoáram por toda a Cidade de Goa com grandes feſtas. Feito tudo iſto, deſpedio o Governador o Embaixador, mandando por elle a ElRey hum muito rico preſente de cavallos formoſos, peças de eſcarlatas, e de veludos de cores; e deo outras ao Embaixador, com que ſe foi muito ſatisfeito. O Governador ſe começou a embarcar; e em quanto o fez, nos pareceo bem darmos razão do fundamento deſte Reyno de Canará, e de todos os ſeus Reys por ſer couſa muito curioſa, e que até hoje ninguem eſcreveo.

## CAPITULO V.

*Do fundamento deſte Reyno Canará, e origem de ſeus Reys com todos os que até hoje reináram: e donde naſceo chamarem a eſte Reyno de Biſnagá, e de Narſinga.*

Este Reyno de Canará, ſegundo ſuas eſcrituras, teve principio quaſi nos annos de mil duzentos e vinte de noſſa Redem-

dempção. O ſeu proprio nome he Charná Thacá, que de corrupção em corrupção ſe veio a chamar Canará. E porque, como já muitas vezes temos dito, todos eſtes Gentios do Oriente fabulão mil patranhas, pera virem dar hum honroſo principio a ſeus Reys, aſſim eſtes o fazem, e contam muitos desbarates.

E continuando ao pé da letra com ſuas eſcrituras, affirmam que todos eſtes Reynos, antre o Indo, e Gange, foram povoados de diverſas caſtas de Gentios, repartidos em muitos Senhorios, e Reynos, com eſte titulo de a Ayas, que eram como Juizes, e cabeças de Tribus, debaixo de cujo governo vivêram muitas centenas de annos em mui grande liberdade, ſem conhecerem Rey, Imperador, nem até os annos aſſima ditos; e que naquella parte aonde depois ſe fundou a formoſa, e rica Cidade de Biſnagá (como logo diremos) ſe levantou hum Bragmane de vida ſanta, e religioſa antre elles, e lhes começou a prégar, e dar leis, e coſtumes novos. Deſte affirmavam que não comia mais que huma vez na ſemana, e ainda eſſa hum pouco de leite, que lhe coſtumava a levar hum paſtor daquelles campos, que hia ao mato aonde ſe elle apoſentava, e aonde muitas vezes o achava enlevado em contemplação. Tanto continuou eſte paſtor

iſto,

isto, que nunca lhe faltou com o seu ordinario serviço, aquelle dia determinado. E hum delles o achou em hum grande extase, e arrebatamento, que lhe durou grande espaço. E tornando em si, achou o pastor apar de si com a reção do leite; e pondo-lhe a mão na cabeça, o benzeo, dizendo-lhe: » Tu » serás Rey, e Imperador de todo este In» dustão, e eu o pedirei a Deos. »

Isto se soube logo antre os pastores, e começáram a tratar aquelle com differente veneração, e o fizeram cabeça de todos. Elle como era sagaz, e astuto, ajuntando hum grande exercito delles, se fez jurar por Rey, e sahio a conquistar aquelles Rayas, e seus Estados, que estavam já reduzidos a sinco; porque fazendo a cubiça seu officio, os que mais pudéram, lançáram mão dos Estados dos outros; e assim tinham constituidos sinco Reynos mui prosperos, e grandes, que eram os do Canará, Taligás, Canguivarão, Negapatão, e o dos Badagás. E assim o favoreceo a fortuna, que se senhoreou de todos estes Reynos, e Estados. E vendo-se tão grande Senhor, se intitulou Bocá Ráo, que quer dizer Imperador. Sabendo hum Rey do Dely como aquelle pastor se tinha alevantado com tantos Reynos, o foi buscar com muito grande exercito, e juntos ambos em huns campos, que se chama-

vam

vam Quis Quedá, vieram a batalha, em que o Rey do Dely foi desbaratado; e em memoria daquella vitoria fundou o Bocá Ráo, no mesmo lugar em que a batalha se deo, huma formosissima Cidade, a que poz nome Visajá Nager, que quer dizer, Cidade de vitoria, a que nós corruptamente chamamos Bisnagá, e ainda damos della o nome a todo o Reyno, não se chamando antre os naturaes senão o Reyno de Canará.

Este Bocá Ráo, tendo reinado vinte e sinco annos, entregou o Reyno a hum filho seu, chamado Harcará Rayo, e elle se recolheo a acabar em vida solitaria, no mesmo lugar em que aquelle Bragmane santo viveo. O filho que lhe succedeo foi homem valoroso, e conquistou muita parte dos Reynos do Decan; e depois de reinar quarenta annos falceo, deixando por herdeiro hum filho, chamado Dava Rayo, que conquistou todos os Reynos do Balagate, e reinou vinte annos. Por sua morte lhe succedeo no Reyno seu filho Visia Ráo, que foi valoroso, e muito rico de thesouro, teve grandes guerras com o Rey do Dely, que era Mouro, com quem confinava da parte do Norte; e em huma batalha que ambos tiveram, foi este Visia Ráo morto, tendo reinado vinte annos. Succedeo-lhe nos Estados seu filho Diva Ráo, que foi vingar a morte do pai,

e

e conquiſtou os Reynos do Dely, e mandou, e reinou dez annos, ficando-lhe dous filhos meninos, a que não ſoubemos os nomes, que ambos reináram, hum doze annos, e outro dezeſeis. E em tempo do primeiro irmão, que ficou menino em poder de tutores, tornáram-ſe-lhe a rebellar os Reynos do Dely, e Mandou, e aquelle Rey (que era Xano Saradim, como João de Barros lhe chama, e as eſcrituras Canarás, Tagalaca, como já na quinta Decada temos dito) entrou pelos Reynos do Decan, perto dos annos de mil trezentos e doze, com grandes exercitos, e os conquiſtou todos, deixando nelles hum ſobrinho por Governador. O Rey do Canará ficou recolhido na Cidade de Viſaya Nager, com todos os Reynos que poſſuíram ſeus primeiros fundadores, que são os ſinco que atrás ficam nomeados.

Falecidos eſtes dous irmãos, filhos de Diva Ráo, ſem terem herdeiros, lhes ſuccedeo no Reyno hum tio irmão de ſeu pai, chamado Narſinga, que foi muito valoroſo. Eſte não quiz tomar o titulo de Ráo, que he de Imperador, nem o de Rayo, que he o de Rey, (como alguns dos Reys paſſados ſe intituláram,) mas tomou o de Naique por mais humilde, que he tanto como dizer Capitão, ou Duque, e aſſim ſe ficou chamando Narſinga Naique. E porque eſte

vi-

viveo muitos annos, e foi valoroſo, e fez ſempre muitas guerras aos Mouros, foi muito nomeado no Mundo; e os Eſtrangeiros Italianos, que antes dos Portuguezes vieram á India por terra, como eſte Reyno era o mais rico de todos os do Oriente, e o Rey Narſinga grande favorecedor de Eſtrangeiros, e todos o continuavam mais, diziam cá na Europa, que vinham do Reyno de Narſinga, ou que hiam pera o Reyno de Narſinga, dando a todo o Reyno o nome do Rey; e aſſim o nomeam João de Barros, e Damião de Goes, porque lhes não ſouberam dizer a razão deſte nome.

Viveo eſte Rey vinte annos, e ſuccedeolhe Criſna Ráo, que foi o mais valoroſo Rey de todos, e tornou a conquiſtar o Reyno do Dely, onde já reinava Soltão Hamed, filho de Togalaca. E aos vinte e oito annos do reinado deſte Criſna Ráo ſe levantou o grande Tamurlang, que foi perto dos annos de Chriſto de mil trezentos e noventa e quatro, e teve com eſte Criſna Ráo aquella aſperiſſima batalha, que conta Ruy Gonçalves de Clavijo no ſeu Itinerario, quando foi por mandado de ElRey D. Henrique IV. ao Grão Tamurlão (como já na quinta Decada temos dado mais particular razão.)

E porque eſte Criſna Ráo levava no ſeu ex-

exercito grande número de Chriſtãos, dos que fez o Apoſtolo S. Thomé, que eram ſeus vaſſallos, houve Ruy Gonçalves de Clavijo, que aquelle Rey era Chriſtão; e aſſim o affirma no ſeu Itinerario. Reinou eſte Criſna Ráo trinta annos. Succedeo-lhe Rama Ráo, que reinou ſeſſenta e dous, e já em ſeu tempo o Decan era todo poſſuido de Mouros. Por ſua morte herdou o Reyno Marſanay Ráo, e ſuccedeo-lhe ſeu filho Criſna Ráo, que teve grandes guerras com o Idalxá, porque em ſeu tempo ſe alevantáram aquelles Capitães com os Reynos de Decan (como na quinta Decada diſſemos.) E o Idalxá lhe tomou as fortalezas de Rachol, e Mundager, que eram os eſtremos de ſeus Reynos. Reinou eſte vinte e ſinco annos, e em ſeu tempo deſcubrio aquelle valoroſo Capitão Vaſco da Gama a India. E ſegundo Fernão Lopes de Caſtanheda, eſte foi o que mandou offerecer as terras de Salſete, e Bardés a Ruy de Mello, Capitão de Goa, ſendo o Governador Diogo Lopes de Siqueira no Eſtreito de Meca; mas João de Barros diz, que no desbarato do Idalxá, depois que eſte Criſna Ráo lhe deo batalha, e tornou a ganhar as ſuas fortalezas, que lançáram mão das terras de Salſete, e Bardés huns Gentios, de alcunha os Gijs, que eſtavam em poder de hum Mouro,

ro vaſſallo do Idalxá, e que eſte vendo que os Gentios ſe levantáram contra elle, mandáram recado a Ruy de Mello, Capitão de Goa, que foſſe tomar poſſe daquellas terras, como fez; mas como quer que foſſe, ellas foram dadas a ElRey de Portugal.

Por morte de Criſna Ráo ſuccedeo ſeu filho Trimal Ráo, que ficou continuando a guerra com o Idalxá. Eſte faleceo depois de reinar dezeſeis annos, ſem deixar herdeiro, e ſuccedeo-lhe hum tio ſeu, chamado Uche Tima Ráo, que era hum doudo, como o nome o declara, porque Uche em lingua Canará quer dizer doudo, e Tima era o ſeu nome proprio. Eſte fez tantos deſatinos, e tantas deſtruições nos Reynos, e theſouros, que não o podendo ſoffrer os póvos, o matáram, tendo reinado tres annos; e alevantáram por Rey hum ſobrinho de Criſna Ráo, filho de ſeu irmão, chamado Achita Ráo, que reinou quinze annos, e faleceo ſem herdeiro. Os Grandes alevantáram por Rey hum menino de pouco mais de treze annos, chamado Cidoça Ráo, que era neto de Criſna Ráo, e he eſte, em cujo nome vieram os Embaixadores do Capitulo atrás ao Governador D. João de Caſtro.

Tanto que eſte moço foi jurado por Rey, acudio á Cidade de Biſnagá Rama Rayo, que era caſado com huma filha de ElRey

Criſ-

Crisna Ráo, e Capitão geral de seu Reyno, que estava governando aquella parte dos Badaguas, e Taligas; e como era muito poderoso, e grande Capitão, metteo-se na Corte, e lançou mão do Rey moço, e o metteo em huma torre fortissima, com grandes vigias, e portas de ferro, aonde o teve em quanto viveo, como huma estatua, com o nome só de Rey; mas com todas as despezas, gastos, e apparatos que pudéra ter, se fora, e estivera livre. Tinha este Rama Rayo outros dous irmãos, antre quem repartio o governo do Reyno; convem a saber, Atrimal Rayo, a quem deo tudo o que pertencia á Justiça; a Vingata Rayo tudo o da Fazenda, ficando elle só com o cargo de Capitão geral, e Governador de todo o Reyno. E pera encubrirem sua tyrannia, hiam todos tres hum dia no anno á torre aonde estava o Rey, e se lhe prostravam pelo chão, fazendo-lhe sua veneração como vassallos, e cativos, sendo-o na verdade o Rey delles. Este Rama Rayo foi grande Capitão, e fez grandes guerras a todos os Reys Mouros do Decan, como pelo discurso da historia com o favor Divino contaremos. E desta maneira fica bem clara, e entendida a origem, e principio deste Reyno, de seus Reys, e tirada a confusão que havia em seus nomes.

CA-

## CAPITULO VI.

*Da grande Armada com que o Governador D. João de Caſtro partio pera o Norte : e de como mandou ſeu filho D. Alvaro de Caſtro a Surrate, e do que lhe aconteceo.*

DEſpedidos os Embaixadores do Rey do Canará, ſe embarcou logo o Governador em navios ligeiros, pondo-ſe no mar com huma Armada de cento e ſeſſenta fuſtas, em que entravam algumas que já eram chegadas de Cochim, com que ſe fez á véla. Os Capitães que nellas o acompanháram, foram, D. Alvaro de Caſtro ſeu filho, D. Roque Tello, D. Pedro da Silva da Gama, D. João de Abranches, D. Jorge Deça, D. Bernardo da Silva, Vaſco da Cunha, D. Franciſco de Lima, Franciſco da Silva de Menezes, D. Jorge de Menezes Baroche, Manoel de Souſa de Sepulveda, Cide de Souſa, Duarte Pereira, Diogo de Souſa, Garcia Rodrigues de Tavora, D. João de Taíde, D. João Lobo, Gaſpar de Miranda, D. Braz de Almeida, Jorge da Silva, D. Pedro de Almeida, Pero de Taíde Inferno, Antonio Moniz Barreto, Coſme Anes Secretario, Belchior Correa, Baſtião Lopes Lobato, Antonio de Sá

o Rume, Alvaro Serrão, D. Antonio de Noronha, Diogo Alvares Telles, Antonio Henriques, Aleixos de Abreu, Antonio Dias, Balthazar Lopes da Costa, Damião de Sousa, Manoel de Sá, Fernão de Lima, Affonso de Bonifacio, Antonio Rabello, Antonio Rodrigues, Antonio Dias Pereira, Belchior Cardoso, Cosme Fernandes, Nuno Fernandes, Francisco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçalves, Francisco Alvares, Francisco Varela, Luiz de Almeida, Francisco de Brito, Gonçalo Gomes, Gregorio de Vasconcellos, Gomes Vidal, Capitão da guarda do Governador, Antonio Pessoa, Veador da Fazenda da Armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pires, João Fernardes de Vasconcellos, Fernão de Alvarez Cernache, João Soares, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunes Homem, João Lopes, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soares, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandes, Manoel Affonso, Marcos Fernandes, Nuno Gonçalves de Leão, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Paes, Pedro Affonso, Pero Preto, Luiz Lobato, Simão de Arede, Francisco da Cunha, Simão Bernardes, Thomé Branco, Patrão mór da ribeira, que hia no galeão S. João, carregado de mantimentos, e munições, Coge

Percoli, lingua. E os navios que vieram de Cochim, de que eram Capitães, Francisco de Siqueira, Vasco Nunes, Balthazar Dias Nobre, Francisco de Siqueira o moço, Francisco Fernandes o Moricale, que traziam quinhentos Nayres, que ElRey de Cochim mandava, e mais navios de Cochim, e Cananor, que chegáram, indo já o Governador á véla, de que eram Capitães, Luiz da Veiga, Guilherme Pereira, Gomes Carvalho, João Fernandes, Pedralvares, Lançarote Gonçalves, Paulo de Pedrosa, Pedro Anes, Rodrigo Ribeiro, Simão Ferreira, João de Magalhães, Cosme Brandão, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que nesta jornada foram em navios seus, a que não achámos os nomes. Com toda esta frota foi o Governador surgir na barra de Baçaim, donde despedio espias a Cambaya, pera saber da determinação de ElRey. E escreveo a D. João Mascarenhas, como já ficava tão perto delle, pera que o avisasse de todas as cousas.

Estando o Governador aqui dando despacho a muitas cousas, teve aviso que Caracen, Genro de Coge Çofar, estava por Capitão de Surrate, e que tinha muito pouca gente, e tão descuidado, que muito facilmente se podia tomar aquella fortaleza. O Governador como não dormia nesta mate-

te-

teria, nem hia buſcar alvitres, nem fazen-das, deſpedio logo ſeu filho D. Alvaro de Caſtro com oitenta navios, dos melhores da Armada, dando-lhe por regimento, que tomaſſe de noite o rio de Surrate, e mandaſ-ſe em muito ſegredo eſpiar a fortaleza; e achando que eſtava com tão pouca gente, como lhe tinham dito, lhe déſſe hum aſſal-to, e a commetteſſe, e levaſſe nas mãos, porque elle hia logo apôs elle. D. Alvaro de Caſtro deo á véla, e ao terceiro dia che-gou a Surrate; e entrado de noite o rio, ſurgio no primeiro poço, e deſpedio logo ſete navios ligeiros, pera que foſſem até ha-ver viſta da fortaleza, e a reconheceſſem bem, e trabalhaſſem por tomar alguma eſ-pia, que lhes déſſe razão do eſtado em que ella eſtava. Eſtes navios foram entrando o rio com o começo da enchente, e chegá-ram até haverem viſta da fortaleza, donde lhes atiráram algumas bombardadas, porque foram ſentidos; e ſem aguardarem mais, vol-táram pera o Capitão mór, brádando Dom Jorge Baroche (que era hum dos Capitães) » que não ſe recolheſſem ſem verem de que; » porque as bombardadas não os comiam; » e todavia elles ſe foram retrahindo. E como já eram ſentidos de todos, paſſando por hu-ma eſtancia, que eſtava da banda da Villa dos Abexins, lhes atiráram algumas bom-

bardadas ; e como elles hiam já desconfiados , chegando á falla , assentáram que déssem naquella estancia , por se não recolherem sem fazerem alguma cousa. E armando-se , puzeram as prôas em terra , onde saltáram com grande determinação ; e remettendo com as estancias , as entráram a poder de golpes , matando alguns Mouros , que alli estávam em guarda de algumas peças de artilheria , que alli tinham pera defenderem aquelle canal , que tomáram todas , e embarcáram muito a seu salvo , e foram-se recolhendo com a vasante da maré.

D. Alvaro de Castro , depois de despedir estes sete navios , o fez logo a outros dous , de que eram Capitães Francisco da Silva de Menezes , e João Fernandes de Vasconcellos , pera que fossem ver se podiam tomar alguma pessoa em terra , de quem se pudessem informar do que passava na fortaleza. Estes foram pelo rio assima com a mesma maré até hum Pagodinho , que está antes da Villa dos Abexins , que he hum poço , em que surgem as náos de Meca , e alli desembarcáram em terra , mandando Francisco da Silva os marinheiros do seu navio com algumas vasilhas , pera fazerem agua em hum tanque que estava hum tiro de espera pela terra dentro , ficando os Capitães com sua gente em terra pera os favorecerem. Caracen ,

Ca-

Capitão de Surrate, tanto que vio voltar os nossos navios, e ouvio as bombardadas nas estancias dos Abexins, deitou logo quinhentos homens, pera que fossem soccorrer os seus, porque logo entendeo que pelejavam. Estes quando chegáram, acháram já a estancia, e artilheria perdida; e passando adiante, foram até o pagode, aonde os outros dous navios estavam, sem saberem huns dos outros, sómente terem os nossos rebate por alguns moços que andavam desviados, que appareciam Mouros.

Francisco da Silva de Menezes ficou enfadado, porque os seus marinheiros estavam fazendo aguada, e se lhos matassem, ficaria elle arriscado a se perder, ou ao menos o navio; e disse a João Fernandes de Vasconcellos, que elle havia de ir buscar os seus marinheiros, e arriscar-se a tudo. João Fernandes lhe disse, que o acompanharia. E assim se foram com setenta soldados, que ambos tinham, em que entravam trinta de espingardas; e póstos em muito boa ordem, foram demandar o tanque, e recolhêram os marinheiros todos. E voltando pera as fustas por antre hum palmarinho, que alli estava, acháram mais de duzentos Mouros mettidos nelle, que lhes tinham tomado o caminho das fustas. Os nossos cerráram-se em hum esquadrão, repartindo as espingar-
das

das pelas ilhargas ; e assim com muita determinação commettêram os inimigos, desparando sua arcabuzaria. E passando ávante, os dividíram, rompendo por antre elles; e naquella ordem se foram recolhendo, e pelejando pera todas as partes sem cessar a arcabuzaria, com que derribáram muitos Mouros. Desta maneira chegáram á vista das fustas a tempo, que as sete de sima vinham emparelhando com aquelle lugar. E vendo D. Jorge Baroche os dous navios surtos, e ouvindo a espingardaria em terra, poz nella a prôa, e desembarcou com os seus soldados, e achou ainda os nossos baralhados com os inimigos; e dando de refresco nelles, os fizeram recolher, e com isto todos se embarcáram a seu salvo com poucos feridos, e com hum só menos, que os Mouros matáram, porque o acháram no palmarinho subido em huma palmeira pera lhe tirar os coços; e depois de morto o despíram, e lhe acháram derredor da cinta hum corrião com duzentos Venezeanos, que não fiava senão de si, com que determinava de se embarcar aquelle anno pera o Reyno. Embarcados os nossos, se foram ao Capitão mór, aonde já estavam os outros seis navios, que tinham dito a D. Alvaro de Castro tantas carrancas da fortaleza de Surrate, que desistio do negocio; posto que D. Jorge Baroche gritou,

e

e brádou ſobre iſſo, dizendo a D. Alvaro de Caſtro, que lhe roubavam ſua honra. D. Alvaro de Caſtro deſpedio hum çatur ligeiro ao Governador com novas de tudo o que era paſſado, deixando-ſe elle ficar ſurto nos canaes da barra.

## CAPITULO VII.

*Das couſas que o Governador D. João de Caſtro fez: e de como chegou a Surrate, e paſſou a Baroche, onde achou ElRey de Cambaya com hum poderoſo exercito: e de como deſembarcou á ſua viſta: e do mais que lhe aconteceo.*

O Governador depois de deſpedir ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, ficou dando ordem, e deſpachou a algumas couſas. E como além de ſer muito Cavalleiro, era fonfarrão, e roncador, ſabendo que andava gente de Cambaya naquella Cidade, que forçado havia de eſcrever lá novas, deitou fama que havia de ir até á Cidade de Amadabá, e tomar ElRey ás mãos, e que o havia de eſpetar, e aſſar vivo. E mandou fazer na ferraria (que elle muitas vezes viſitava) huns eſpetos de ferro mui grandes, dizendo » que eram pera aſſar ElRey, e os » ſeus Capitães. » E porque ſobre iſto aconteceo huma galantaria de hum ſoldado com

o Governador, não deixaremos de a contar.

Estando o Governador hum dia na praia, onde estava a ferraria vendo os espetos, atravessou hum pouco affastado hum soldado, chamado Fausto Serrão de Calvos, filho de Vasco Serrão, que foi Juiz do Terreiro do trigo de Lisboa. Hia este soldado em corpo, com suas armas, como todos andavam, e levava na cinta detrás huma machadinha de Rume mui bem feita, que era cousa que costumavam a trazer os soldados, porque lhes servia, quando entravam em algum navio de inimigos, de cortar huma enxarcea, huma driça, e huma amarra; e além disso servia tambem de arrombar caixões, e fardos pera tomarem suas prezas. Isto estranhava o Governador muito, e tinha má opinião do soldado que trazia estas machadinhas; porque dizia, que mais andava com o tento em roubar, que em pelejar. E como elle conhecia este Fausto Serrão do Paço, aonde servio ElRey limpamente, vendo-o passar, chamou-o, e lhe disse: » Se » quer vós senhor soldado, pera que trazeis » essa machadinha? » O outro entendendo-o, lhe respondeo: » Trago-a, Senhor, pera esquartejar ElRey de Cambaya, e seus Capitães, quando os vossa Senhoria mandar » assar nesses espetos, porque inteiros não o » po-

» poderáõ fazer bem. » O Governador lhe gabou muito a refpofta, e lhe diffe, que folgava muito com aquillo.

Acabados os negocios que o Governador tinha pera fazer, fe embarcou, e foi ter á barra de Surrate, aonde D. Alvaro feu filho havia oito dias que eftava. E de huma efpia que D. Jorge Baroche tinha tomado de novo, foube como a fortaleza eftava foccorrida de muita gente; e não fe querendo deter alli, foi paffando adiante até á barra de Baroche, onde entrou, e mandou Francifco de Siqueira, Capitão dos Nayres de El-Rey de Cochim, que foffe fondar todo o rio, e efpiaffe a fortaleza, e trabalhaffe por faber do modo que eftava. Elle o fez affim, e foi pelo rio affima até perto da fortaleza, e vio nos campos della (que são mui grandes) affentado o exercito de ElRey de Cambaya, em que havia mais de cento e fincoenta mil homens, que tinha alli chegado aquelle dia em foccorro das fortalezas de Baroche, e Surrate, por lhe terem dado avifo, que o filho do Governador eftava fobre Surrate, e que elle ficava em Baçaim com grande poder pera fe ir ajuntar com elle. O Siqueira tanto que foube as novas pela gente de huma almadía que tomou, voltou pera o Governador, e lhe diffe tudo o que víra. E como elle eftava já determina-

do

do a entrar dentro, e haver viſta da fortaleza, dando-lhe a deſconfiança, não querendo que em algum tempo ſe diſſeſſe que ſe recolhêra de medo de ElRey de Cambaya, determinou de lhe dar viſta. E para iſſo mandou embandeirar toda a Armada, e pôr toda a gente em armas; e tanto que a enchente começou, entrou pelo rio aſſima com aquella multidão de fuſtas, que o entulhavam todo. E chegando á viſta da fortaleza, menos de meia legua della, poz a prôa em terra, e mandou deſembarcar todo o poder, ordenando, e formando hum muito formoſo eſquadrão. Eſtava ElRey de Cambaya á viſta do Governador pera o certão, com o ſeu exercito em fórma de lua, com oitenta peças de artilheria de campo na teſta delle, e diante della lançou ſeis mil homens pera a encubrirem, porque ſe os noſſos o commetteſſem, o foſſem eſtes levando até os metter na artilheria, com que eſperava de o desbaratar, como já o fizera o Turco Selym, quando nos campos Calderanes desbaratou o Xeque Iſmael.

Eſtavam antre o noſſo exercito, e o de ElRey de Cambaya humas grandes varzeas de milho já alto, e creſcido, por antre quem ſe mettêram alguns Portuguezes deſmandados com ſeus arcabuzes, pera verem ſe podiam derribar alguns dos inimigos. O Go-

ver-

vernador ajuntando os Capitães, lhes disse,
» que a elle lhe parecia bem dar batalha a
» ElRey de Cambaya, por honra, e credito
» do Estado da India; porque não era bem
» que dissessem, que o Governador della se
» recolhêra, e refusára batalha alguma; que
» elle esperava em Deos havia de alcançar
» huma muito honrosa vitoria com pouco ris-
» co, e perigo; e que quando seus pecca-
» dos fossem grandes, retrahindo-se com as
» costas na sua Armada, que estava com as
» prôas em terra, cuja artilheria varejava to-
» do aquelle campo, não podia acontecer
» desastre, » dando-lhe sobre isto outras mui-
tas razões. Os Capitães todos não só foram
de contrario parecer, mas antes lhe reque-
» rêram » que não quizesse pôr a India em
» balanço, porque o poder do inimigo era
» muito grande, e que já começava a cingir
» todo aquelle campo. » (E assim era, porque
ElRey de Cambaya, tanto que vio o Go-
vernador em terra, assentou de lhe dar ba-
talha; e fez o seu exercito em fórma de lua,
vindo cingindo todo o campo, sahindo até
o rio com duas pontas, em que havia dis-
tancias de huma a outra de mais de huma
legua,) dizendo-lhe os Capitães » que atten-
» tasse bem naquelle negocio; porque se an-
» tre os nossos soldados, que eram bisonhos,
» começasse a haver desmancho, que pode-
» ria

» ria acontecer huma grande desaventura á
» embarcação ; que o bom sería contentar-
» se com aquella honra de esperar alli na-
» quelle lugar ElRey de Cambaya , com as
» costas na sua Armada , pera se ElRey de
» Cambaya o quizesse commetter , o espe-
» rar de rosto a rosto ; e que se contentasse
» com o que fez o Imperador Carlos V.,
» quando esperou o Turco Soleimão em Vie-
» na , porque tudo o outro mais era teme-
» ridade. » O Governador vendo todos con-
tra si , desistio de sua opinião.

Vendo D. Jorge Baroche, que o Gover-
nador mudára o conselho , pedio-lhe qui-
nhentas espingardas pera se metter antre a-
quelles milharaes , pera dar dous pares de
cargas nos inimigos ; e que esperava em Deos
de lhes derribar huma cópia delles , e que
não quizesse mór honra , que fazer-se aquel-
la affronta nas barbas do seu Rey. O Go-
vernador lho concedeo ; e andando D. Jor-
ge ajuntando os soldados de espingardas ,
passou por hum que estava armado com a
sua ás costas , muito bem posto no chão , e
de muita pessoa. D. Jorge lhe perguntou se
hia com elle ? o soldado lhe disse » que não ,
» porque aquillo era desatino ; e que estava
» certo quantos lá fossem , ficarem todos es-
» pedaçados , e seus corpos , pera mantimen-
» to das gralhas , e adibes daquelles cam-
» pos

» pos de Baroche. » Foi isto em parte que o Governador o ouvio; e chamando o soldado, lhe perguntou o que dizia? Elle lhe disse: » Não vedes, Senhor, aquella multidão de Mouros, que cobrem os campos; » pera que deixais arriscar quinhentos homens perantre aquelles milhos, aonde se » houver hum desmancho, todos se hão de » perder? » O Governador tomando aquillo por agouro, mandou a D. Jorge que sobreestivesse na ida; e havendo tres horas que estava em campo, se embarcou muito a seu salvo, sem os inimigos o inquietarem, nem commetterem; e com a vasante da maré se sahio pera fóra, ficando ElRey de Cambaya affrontado de o Governador desembarcar á sua vista, e de elle o não commetter, nem lhe dar batalha.

## CAPITULO VIII.

*De como o Governador D. João de Castro passou a Dio, e metteo de posse daquella fortaleza a Luiz Falcão, e D. João Mascarenhas se embarcou pera o Reyno: e de como o Governador destruio as Cidades de Pate, e Patane.*

PArtido o Governador de Baroche, foi atravessando pera Dio, mandando alguns navios diante, e outros por dentro da en-

enceada a fazerem toda a guerra que pudessem, como fizeram, tomando muitos navios, e dando em muitos lugares, que puzeram a ferro, e a fogo, sem deixarem cousa em pé. O Governador chegou a Dio, aonde D. João Mascarenhas o foi buscar á barra, e elle desembarcou em terra, e Dom João Mascarenhas lhe pedio logo que provesse aquella fortaleza de Capitão, porque era tempo de se elle ir embarcar pera o Reyno, como ficára assentado na entrada do inverno passado. O Governador lhe disse que sim, e mandou que se negociasse, tratando de prover a fortaleza, sem saber determinar o que nisso faria, porque já o verão passado lhe engeitáram alguns, e não ousava de commetter a alguem com ella.

Estando nesta indeterminação, chegou áquella fortaleza Luiz Falcão, que vinha de servir a Capitanía de Ormuz, aonde ficava D. Manoel de Lima, que foi bem recebido do Governador, porque logo determinou de lhe dar aquella fortaleza, sem embargo de ter delle grandes culpas, que de Ormuz lhe mandáram; porque além de ter muitas partes, era rico, e tinha que gastar. E logo ao outro dia estando ambos sós, lhe disse » que elle como seu amigo que era, » desejava de pôr suas cousas em bom esta» do, e de não chegarem a ElRey as cul-

pas

» pas que delle havia ; e que pera iſſo não
» havia outro melhor meio, que acceitar el-
» le aquella fortaleza, e ſervir ElRey nel-
» la, porque então lhe ficaria lugar pera rom-
» per ſuas devaſſas, e eſcrever a ElRey co-
» mo o ficava ſervindo naquella fortaleza,
» que muitos lhe engeitáram por eſtar rota,
» e aberta. » Luiz Falcão lhe teve em mer-
cê aquella lembrança, e deſejo que moſtra-
va de lhe fazer mercê, dizendo-lhe » que
» eſtava muito preſtes pera ſervir a ElRey aſ-
» ſim naquillo, como em tudo o mais que
» lhe mandaſſe, e deſpender quanta fazen-
» da tinha com muito goſto. » O Governa-
dor lho agradeceo muito, e logo lhe deo
a poſſe da fortaleza, e D. João Maſcare-
nhas ſe embarcou pera Cochim, e dahi pe-
ra o Reyno.

Paſſado eſte negocio, que foi em bre-
ves dias, ſe embarcou o Governador, e ſe
paſſou á coſta de Pór, e Mangalor, e por
toda ella fez huma crueliſſima guerra, deſ-
truindo, e aſſolando de todo as Cidades de
Pate, e Patane, que eram formoſiſſimas,
poſto que as acháram deſpovoadas de ſeus
moradores, que ſe tinham recolhido pera o
certão com medo do açoute Portuguez. A
Cidade de Pate tinha a huma banda hum
formoſo, e forte Caſtello, com tres muros
mui fortes, e tres cavas mui largas; as por-
tas

tas eram de madeira mui groſſas, todas chapeadas, e atraveſſadas de barras de ferro, grandes, e fortes, que o Governador deſejou de mandar levar pera Goa; mas não pode ſer por ſua grandeza, e os ſoldados as tiráram de ſeus couces, e as lançáram no mar. Aqui acháram duas coſtas de balêa tamanhas, que depois em Goa (pera onde o Governador as mandou embarcar) fizeram dellas hum arco na boca da rua, que vai dos açougues pera a porta da Cidade, que tomavam do canto onde pouſa hum livreiro, até o outro onde eſtá hum cirgueiro, que ſerá de largura de treze paſſos. Eſte arco durou alli até o tempo do Governador Franciſco Barreto. Neſta Cidade de Pate tomáram os noſſos muitas fazendas, que ſeus moradores não pudéram recolher; e em ſeu porto, e em outros ſe queimáram perto de duzentas embarcações de toda a ſorte, em que acháram muitos mantimentos, de que ſe a Armada proveo, e algumas fazendas.

Deſtruida, e aſſolada toda eſta coſta, voltou o Governador pera Baçaim pera eſcrever ao Reyno, e deſembarcou em terra, onde determinava de eſtar de vagar, porque queria gaſtar todo aquelle verão na guerra de Cambaya; e porque tambem em quanto ElRey Soltão Mahamude o viſſe andar por alli, não buliria comſigo. Daqui deſ-

pe-

pedio eſpias a Cambaya a ſaber o que lá hia; e foi aviſado, que tanto que elle ſe partio de Baroche, provêra ElRey aquella fortaleza, e a de Surrate, e ſe recolhêra á Cidade de Amadabá.

Aqui ſoube o Governador de hum mercador Gentio, (que ao tempo que D. Alvaro de Caſtro chegou a Surrate, eſtava naquella Cidade com ſua fazenda,) que Caracen, Capitão da fortaleza, tanto que ſoube eſtar a Armada de D. Alvaro de Caſtro ſobre a barra de Surrate, fora tão grande o ſeu medo, que mandára ſuas mulheres, e theſouros pera as Cidades do certão, ficando elle preſtes, e á ligeira, pera ſe a Armada commetteſſe a fortaleza, largalla, e recolher-ſe. O Governador tanto que ſoube iſto, quizera morrer de paixão, pondo a culpa daquelle negocio aos Capitães dos navios, que D. Alvaro de Caſtro mandou reconhecer a fortaleza; ficando tão melancolizado, e triſte de perder huma tamanha occaſião, que não tinha goſto de couſa alguma, nem o viam rir. E hum dia ſolemne, eſtando na Igreja de noſſa Senhora armando Cavalleiro Vaſco Nunes, Capitão dos Nayres de ElRey de Cochim, ſendo preſentes todos os Fidalgos, e depois de fazer eſte officio, que foi feito com grande ceremonia, como a mágoa da perda de Surra-

te lhe não sahia do coração, chamou alli por Antonio Pessoa, Veador da Fazenda, e lhe disse: » Antonio Pessoa, quando vos » relevar alguma cousa de vossa honra, fa» zei-a por vós, e não a encommendeis a ou» trem. » D. Alvaro de Castro seu filho, e os Capitães que com elle foram naquella jornada, sentíram muito aquelle negocio, e andavam tão envergonhados, que não ousavam de apparecer diante do Governador, que ficou escrevendo pera o Reyno, por ser já entrada de Dezembro.

## CAPITULO IX.

*De como o Idalxá mandou Calabatecan sobre as terras de Salsete: e de como os Vereadores de Goa não deixáram passar D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade, em busca delles: e da pressa com que o Governador D. João de Castro se embarcou pera Goa: e de como destruio a Cidade de Dabul.*

O Idalxá tanto que lhe deram as novas do desbarato dos seus Capitães, e de como o Governador lhe tomára a sua fortaleza de Pondá, e que estava outra vez de posse das terras de Salsete, havendo-se por muito affrontado, e offendido, despedio com muita pressa hum Capitão principal,

cha-

chamado Calabatecan, com vinte mil homens, em que entravam tres mil de cavallo, mandando-lhe que tornasse a ganhar as terras, e se deixasse ficar nellas, fazendo guerra á Cidade de Goa. Este Capitão ajuntou a si os mais, que já andavam por Pondá, e por aquellas partes, que eram os que fugíram ao Governador; e entrando pelas terras de Salsete, se tornáram a apossar dellas; e Fernão de Araujo, Capitão de Rachol, com Diogo Soares Contador, que era Capitão da gente da terra, se recolhêram na fortaleza, aonde se fortificáram muito bem. As novas disto chegáram logo a Goa; e ajuntando-se o Bispo, Capitão, e mais Regentes, praticáram sobre o modo que naquillo se teria, e o Capitão se offereceo pera ir com toda a gente que havia em Goa; a lançar os inimigos fóra, dando razões pera assim ser necessario; e parecendo bem a todos, assentáram que fosse. E logo se começou a preparar, e a fazer chamamento dos casados pera o acompanharem. Os Vereadores de Goa tanto que aquillo víram, sabendo que o poder dos inimigos era muito grande, e que acontecendo hum desastre ao Capitão, se poderia perder aquella Cidade, foram a casa do Bispo, aonde mandáram chamar o Capitão, e lhe requerêram » que não passasse á outra banda, nem fa-

 » hif-

» hisse fóra da Cidade, e Ilha de Goa, por» que lho não haviam de consentir, nem dei» xar passar com elle os moradores, encam» pando-lhe a Cidade, e Ilha de Goa. » O Capitão lhes disse » que não era credito do » Estado dissimular com aquelle negocio, que » Cavalleiros, Cidadãos, e soldados estavam » em Goa pera poderem dar batalha á pes» soa do Idalxá, quanto mais áquelles Ca» pitães, que ainda que traziam muita gen» te, era toda fraca, e coitada; e que elle » esperava em Deos de os desbaratar com » pouco risco. » Os Vereadores replicáram » que em nenhuma maneira o haviam de con» sentir; que pois não havia perigo na tar» dança, que se sobreestivesse, porque aquil» lo não duraria mais que até á chegada do » Governador, e que então todos passariam » aos lançar fóra. » O Capitão não pode por então fazer cousa alguma, e despedio logo recado ao Governador de tudo o que era passado, provendo entretanto Rachol de gente, e munições, e os rios de navios, e manchuas.

Este recado chegou ao Governador; e vendo as cartas, e o que era passado, esbravejou contra os Vereadores por impedirem a passagem ao Capitão; e o mesmo dia tornou a despedir a mesma embarcação com cartas ao Bispo, e Capitão, de agradecimentos,

tos, do modo de como procedêram naquelle negocio, affirmando-lhes que logo sería naquella Cidade; encommendando muito ao Capitão, que com toda a gente de cavallo, e de pé que houvesse o esperasse em Agaçaim, porque dalli pertendia de passar a Salsete. E aos Vereadores escreveo huma carta mui azeda, reprehendendo-os de impedirem a passagem ao Capitão, com palavras asperas.

Despedida esta embarcação, logo o Governador se embarcou, e deo á véla pera Goa. E chegando defronte da Cidade de Dabul, que he a principal escala que o Idalxá tem naquella costa, determinou tomar nella vingança do atrevimento que teve, em mandar seus Capitães sobre as terras que eram de ElRey de Portugal; e deo recado aos Capitães da Armada, pera que se fizessem prestes pera o outro dia, ficando fóra aquella noite. E tanto que foi o quarto d'alva, commetteo a barra, dando a dianteira a D. Alvaro de Castro, e foi pôr a prôa na praia da Cidade, por meio de todas as bombardadas que lhe atiráram. D. Alvaro de Castro, que levava ordem do Governador do que havia de fazer, saltou em terra com dous mil homens, e com os Nayres de ElRey de Cochim, e na praia achou o Tanadar da Cidade com hum grande corpo

po de gente, com quem travou huma formosa batalha, em que houve algum damno de parte a parte, mas todavia os inimigos foram arrancados do campo.

O Governador desembarcou com toda a gente, e fez della duas batalhas, huma deo a seu filho, e a outra tomou pera si, e assim foram commettendo a entrada da Cidade, onde acháram muito grande resistencia, porque pelejavam seus moradores pela defensão das mulheres, filhos, e fazendas. E posto que os nossos tiveram grande trabalho, e risco, por fim do negocio apertáram com os inimigos de feição, que os rompêram, entrando a Cidade de envolta com elles, tendo-lhes os inimigos sempre o rosto, e pelejando com muito valor; mas como os nossos hiam com aquelle impeto, e o Governador com todo o cabedal era já entrado, foram levados os Mouros de rondão com grande estrago seu, e de tal maneira apertáram com elles, que os deitáram fóra da Cidade, ficando ella em poder dos nossos, com hum muito grosso recheio, que se metteo a sacco; e foi de feição, que se enchêram todos os navios, sem se ensacar a terça parte da Cidade. E depois de todos fartos á sua vontade, puzeram fogo a tudo o mais que sobejou, destruindo, assolando, derribando toda a Cidade de sorte, que nada

da

da della ficou em pé. Queimáram-ſe aſſim em terra, como no rio, muitas náos, e embarcações de toda a ſorte, ficando aquella miſera Cidade convertida em carvões, e cinza. Em fim o caſtigo foi tal, que em quanto durar a India, durará ſua memoria.

O Governador ſe embarcou logo por ſe não deter, e deo á véla com muita preſſa pera Goa, e foi demandar a barra de Murmungão, que he a de Goa velha, por onde entrou, e foi ſurgir em Agaçaim, onde achou D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade de Goa, com cento e ſincoenta de cavallo, com muitas barcaſſas, e jangadas pera a paſſagem da outra banda. O Governador ſe deteve alli aquelle dia, tomando informação do eſtado das couſas, e deſpedio eſpias pera ſaber a ordem, e modo em que o inimigo eſtava. Ao outro dia pela manhã começou a paſſar todo ſeu exercito da outra banda de Salſete, no que gaſtou todo o dia, e noite.

CA-

## CAPITULO X.

*De como o Governador D. João de Castro passou a Salsete em busca dos inimigos, e batalha que lhes deo, em que os desbaratou de todo.*

PAssado o Governador á outra banda, teve logo aviso pelas espias, que Calabatecan estava com todo o poder na Villa de Margão, que sería duas leguas e meia dalli onde estava. E pondo sua gente em ordem, fez de toda a de pé duas batalhas de dous mil homens Portuguezes cada huma. A primeira, que era a vanguarda, deo a D. Alvaro de Castro seu filho, com quem haviam de ir todos os Nayres de Cochim, e Lascarins da terra, de baixo da bandeira do Tanadar mór de Goa. A outra batalha tomou o Governador pera si, com quem ficáram todos os Capitães, e Fidalgos velhos. Da gente de cavallo, que hia toda debaixo da bandeira do Capitão da Cidade, tambem fez duas batalhas, que haviam de ir pelas pontas do esquadrão da vanguarda; e nesta ordem foram caminhando em busca dos inimigos ás tres horas da tarde, deitando diante alguns cavallos ligeiros pera lhes descubrirem o campo. E antes de chegarem a Margão, distancia de meia legua, teve o

Ca-

Calabatecan rebate do Governador ir em peſſoa a buſcallo ; e não ouſando ao eſperar, levou-ſe com tanta preſſa, que deixou as tendas armadas, e os caldeirões no fogo com a cea, e paſſou o rio á outra banda pelos vallos, que logo mandou quebrar por os noſſos o não ſeguirem, e ſe recolheo pera as aldeias de Cocoly. O Governador foi caminhando até Margão, e antes da Villa, teve recado que os inimigos hiam fugindo com muita preſſa. E chegando ao lugar onde os inimigos haviam eſtado, achou o arraial com todas ſuas tendas, camas, e mezas, onde ſe todos apoſentáram, e agazalháram á ſua vontade, porque acháram tudo o de que tinham neceſſidade pera comer. Aquella noite paſſáram alli com grandes vigias; e ao outro dia, que foi do Apoſtolo S. Thomé, Padroeiro da India, ſe levantou o exercito, e foi marchando em buſca dos inimigos, mandando o Siqueira diante com huma companhia de Nayres aos eſpiar, e a deſcubrir o campo; e chegando á ribeira, houve viſta dos Mouros da outra banda, porque o Calabetecan tanto que amanheceo, acudio a tomar os paſſos da ribeira, porque o Governador não paſſaſſe. O Siqueira voltou logo ao Governador, e lhe diſſe, que alli tinha os inimigos da outra banda da ribeira. O Governador hia em hum palanquim, de

de que em lhe dando as novas ſaltou logo fóra, e cavalgou em hum formoſo cavallo melado; e tomando huma lança, e adarga, correo por todo o exercito muito rizonho, dizendo a todos:

» Eia, filhos, alli temos os inimigos: va- » mos a elles, que pouco tendes que fazer, » porque pera voſſo esforço, e pera o alvo- » roço que em todos ſinto, tomára que fo- » ram mais, pera que ficára a vitoria mais » glorioſa. »

E paſſando-ſe á dianteira, aonde hia ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, e D. Diogo de Almeida com a gente de cavallo, lhes deo a nova, e mandou que ſe puzeſſem em ordem. E chegando á ribeira, querendo-a commetter a váo, a achàram muito alta; e indo demandar o vallo, tambem o achàram quebrado; mas com a preſſa ficou ainda alguma parte pequena por onde os noſſos de pé começáram a paſſar, e da outra banda achàram Calabatecan, que mandou hum Capitão que os accommetteſſe, como fez. E como aquella parte era eſtreita, carregando os inimigos ſobre os noſſos, os tornáram a lançar fóra dos vallos. O Governador acudio áquella parte; e vendo retirar os noſſos, ficou tão enfadado, que começou a brádar com elles, dizendo-lhes, que fugiam. O Capitão D. Diogo de Almeida foi aviſado, que abai-

xo

xo fazia a ribeira hum váo, por onde a gente de cavallo podia paſſar com a agua pelas cilhas; e indo-o demandar, chegou a elle, e começou a paſſar; e ſendo já com alguns da outra parte, chegou Calabatecan com dous mil homens, porque teve aviſo que a noſſa gente de cavallo paſſava pelo váo. Hia o Mouro em hum ſoberbo cavallo acubertado, e elle armado de armas inteiras, e fortes, e em lugar de elmo, e viſeira, levava huma maſcara de aço, que elles uſam; e chegando áquella parte diante dos ſeus, foi remettendo aos noſſos. Dom Diogo de Almeida que o conheceo, aſſim pelos ſinaes, como pelo capitanear que fazia, em o vendo, poz a lança no reſte, e abalou pera elle, dizendo: » Ah cão, olha » por ti, que deſte encontro ſe acabará tu» do. » E encontrando-ſe ambos de meio a meio, barafuſtando os cavallos hum com o outro, foi Calabatecan do encontro ao chão; e ainda não foi nelle, quando ſe levantou com o terçado na mão; e lançando a eſquerda ás redeas do cavallo de D. Diogo de Almeida, (que eſtava como atordoado da pancada,) foi pera deſcer com o golpe, e ſem dúvida o tratára mal ſe lhe dera; mas foi ſua dita tal, que hum pagem de cavallo que levava, com outra lança, chegou áquella hora pera lhe ſoccorrer com ella; e

ven-

vendo o Mouro que levantava o braço, abaixou a lança, e poz as pernas ao cavallo, e tomando o Mouro pelos peitos, deo com elle no chão; mas tambem logo ſe tornou a levantar com grande furia, e remettendo com o pagem, lhe levou as redeas, e ao meſmo tempo deſceo com hum tão façanhoſo golpe, que tomando-o pela adarga, lhe cortou huma borda, e foi deſcendo aos peitos do cavallo, e o abrio todo, cahindo elle no chão. D. Diogo de Almeida, poſto que o ſeu cavallo eſtava fraco, lhe poz as pernas, e encontrando o Mouro, o levou por debaixo dos pés, onde foi morto de alguns, que lhe puzeram tambem as lanças, ſem ſe poder averiguar quem foi o que o matou, porque houve muitos que lhe tomáram peças de ſeu corpo; mas ficou melhor de partido hum Jorge Madeira, que lhe tomou o terçado, e adarga, que eram de ouro, com muita pedraria, e tambem algumas cadeias, e anneis ricos; e ſe affirma, que valêram as peças dez mil pardáos.

Os noſſos de cavallo, que já a eſte tempo eſtavam da outra banda, andavam baralhados com os Mouros, aſſignalando-ſe de todos o Capitão Franciſco da Silva de Menezes, Triſtão de Taíde, Alvaro da Gama, Antonio Pereira, Alvaro de Caminha, Anto-

tonio Ferrão , e outros , que todos matáram , e derribáram tantos , que o menos que coube à cada hum dos nossos sessenta de cavallo , (que não passáram mais até então ,) foram tres.

Andando assim a cousa baralhada, correo a nova pelo exercito da morte de Calabetecan, com o que os seus se foram recolhendo. D. Alvaro de Castro pela outra banda do vallo commetteo outra vez a entrada ; e os seus soldados envergonhados do que lhes o Governador disse , a pezar de golpes entráram por elle , e se puzeram da outra banda. O Governador como vio o vallo franco , passou com o resto do exercito , e achou o filho baralhado com os inimigos , que acudíram alli ; e remettendo com a sua batalha , (porque o campo era muito grande , ) deo Sant-Iago por huma banda , e appellidando o Bemaventurado Apostolo São Thomé , cujo dia era. Salvador Fernandes , Alferes da bandeira Real , se foi mettendo com ella no meio dos inimigos , a que acudio o poder , e se travou huma muito aspera batalha de parte a parte. D. Diogo de Almeida , Capitão da Cidade , tanto que ( por onde passou ) se vio desapressado dos Mouros , ajuntou toda sua gente a si , e foi demandar a batalha , porque vio a bandeira Real da outra banda. E rompendo nos

nos inimigos por huma ilharga, começou a fazer nelles grande destruição.

Estando a cousa neste estado, chegou a nova da morte de Calabatecan aos outros Capitães; e em lha dando, largáram o campo, deitando a fugir, e desamparando tudo. Os nossos foram seguindo o alcance, matando, e derribando nelles sem virarem, até á outra ribeira, aonde se lançáram á agua como desatinados, e alli fizeram os nossos nelles muito grande estrago. O Governador tocou a recolher, e mandou recado aos de diante, que se viessem pera elle, como fizeram, ficando o Governador no campo, em que houve a vitoria, vendo os mortos, e acháram dos de cavallo perto de duzentos, e seiscentos de pé, a fóra os que se matáram no alcance, que foram mais de dous mil. E muitos mais se perdêram, se não mettêram nas toucas ramos verdes, que era o sinal que os nossos piães Gentios traziam pera serem conhecidos dos nossos, com o que escapáram a mór parte delles. O Governador se tornou pera Margão, aonde descançou aquelle dia.

Foi esta vitoria tão celebrada, e festejada em Goa, que nos dias das festas nas folías, a que o Governador era muito affeiçoado, se lhe cantava hum Romance, que hum curioso fez, que começa:

*Pe-*

*Pelos campos de Salſete*
*Mouros mal feridos vão,*
*Vai-lhes dando no alcance*
*O de Caſtro D. João:*
*Vinte mil eram por todos, &c.*

Ao outro dia diſſe o Governador aos ſoldados: » Filhos, e Cavalleiros meus, com- » voſco hei de ir tomar o Idalxá pela barba: » fazei-vos preſtes, ide conſoar a Goa, que » eu vos vou eſperar em Pangim, que te- » mos muito que fazer. » E partindo-ſe dalli, ſe embarcou no rio de Agaçaim, e á viſta da Cidade, que lhe fez grande ſalva, ſe foi pera Pangim, aonde teve a feſta, e toda a gente ficou em Goa. Alli em Pangim acabou o Governador de eſcrever pera o Reyno, e pelas Oitavas deſpedio as vias pera Cochim, e tomáram as náos de verga de alto, e até vinte de Janeiro ſe fizeram todas á véla, e tiveram boa viagem.

Neſtas náos foi D. João Maſcarenhas, que ElRey recebeo muito honradamente, pelo grande cerco que ſuſtentou em Dio, e lhe fez depois muitas honras, e mercês. Eſte Fidalgo nunca mais quiz tornar á India; e dizia-ſe que fora muitas vezes commettido pera a ir governar. ElRey o fez do ſeu Conſelho do Eſtado, e lhe deo tenças, e Commendas groſſas; e depois ſendo o Car-

deal

deal D. Henrique Rey de Portugal, foi hum dos ſinco Governadores do Reyno. Foi filho de D. Nuno Maſcarenhas, filho ſegundo do primeiro Capitão dos Ginetes D. Fernão Martins Maſcarenhas. Caſou, depois que da India veio pera o Reyno, com Dona Helena, filha de D. João de Caſtello-branco: deo-lhe ElRey a Alcaidaria mór de Caſtello de Vide: teve dous filhos, D. Nuno Maſcarenhas, D. Pedro Maſcarenhas.

## CAPITULO XI.

*De como o Governador D. João de Caſtro proveo nas couſas das terras de Salſete: e de como partio pera o Norte, e deſtruio toda a coſta do Idalxá.*

COmo o Governador D. João de Caſtro pertendia continuar na guerra do Idalxá, e deſtruir-lhe todos os ſeus pórtos do mar, naquellas Oitavas proveo nas couſas de Salſete, deixando ordenado o Capitão D. Diogo de Almeida com cento e vinte de cavallo, e mil piães da terra pera quietar, e ſegurar aquellas aldeias; e nos rios de Rachol deixou alguns navios da Armada pera guarda delles, cujos Capitães eram, Gaſpar Fernandes, Gonçalo Gomes, Luiz de Almeida, Jorge Fernandes, Ignacio Couti-

tinho, João Pires, João Homem, e outros. E deixando dado ordem a outras muitas cousas, tanto que a festa passou, logo se embarcou na mesma Armada, acudindo-lhe toda a gente, sem faltar huma pessoa; porque andavam todos satisfeitos, e contentes; e o de que andavam mais, era das palavras, honra, e amor com que o Governador os tratava; e assim desejavam de se aventurar debaixo de sua bandeira, e pôr as vidas a todos os riscos, e perigos. Pelo que devem de trabalhar muito os Governadores, e Viso-Reys de ganharem os corações dos homens, se querem vir a ser famosos no Mundo, com aquellas tres cousas, em que o grande Capitão Gonçalo Fernandes encerrava todas as leis da guerra, que eram Capitão clemente, mão larga, e boca prudente; porque nenhuma cousa ata mais os corações dos homens, que prudencia nas palavras, presteza nas obras, humanidade na execução. Anno 1548.

E tornando ao nosso fio, recolhendo o Governador toda a Armada, sahio pela barra fóra na entrada deste mez de Janeiro de quarenta e oito, em que com o favor Divino entramos; e começando no rio de Chaporá, duas leguas de Goa, que he o primeiro do Estado do Idalxá, mandou assolar, derribar, e queimar tudo, e que se não

perdoasse a cousa alguma, nem se deixasse em pé arvore de fruto, nem palmeira, que era toda a sua substancia. E em muitas partes, em que o Governador desembarcou em pessoa, tanto que via a algum soldado cortar huma palmeira, ou qualquer outra arvore, o abraçava, dizendo-lhe: » Ah soldado, agora mataste dous Mouros. » Tanto trazia os olhos nos serviços dos homens, que nunca algum fez cousa boa, que não fosse logo louvada publicamente delle, e depois satisfeita conforme ao tempo, e á posse do Estado. E assim foi destruindo Banda, Meludi, Achará, Tamboná, Mazagão, Carapatão, Rayapor, e todos os mais lugares daquella costa até Dabul, fazendo as mores cruezas, e damnos que se podiam imaginar.

E porque hia avisado que a Cidade de Dabul de sima estava com hum grosso recheio, porque se tinham recolhidos os mais dos mercadores do derredor a ella, pela haverem por segura por estar duas leguas pelo rio assima, deo recado aos Capitães pera que se fizessem prestes pera o outro dia, porque determinava de a destruir. E sendo no quarto d'alva, entrou com toda a Armada pelo rio dentro, e passáram pela Cidade, que estava ainda escondida debaixo das cinzas, e carvões, em que havia pouco a

dei-

deixáram os noſſos conſumida, e chegáram á outra Cidade ao romper da manhã; e pondo as prôas em terra, ſaltou nella D. Alvaro de Caſtro com ſua companhia, porque em todas eſtas couſas ſempre levou a dianteira; e commettendo a Cidade, a acháram deſpejada de gente, e fazendas, porque o terror, e eſpanto do que o Governador hia fazendo por aquella coſta, fez recolher tudo o mais pera o certão. E não achando os Portuguezes em que executar ſua furia, o fizeram nos antigos, e ſoberbos templos, e edificios, por ſer a Cidade em ſi mui populoſa; e deixáram aſſolado, e deſtruido até os derradeiros alicerſes, dando fogo a tudo, que conſumio as pedras em cinza, cortando, e deſtruindo as hortas, fazendas, e palmares, ſem deixarem huma arvore em pé; e o meſmo fizeram a todas as aldeias, que havia pelo rio aſſima, de huma, e outra banda, em que cativáram alguns meſquinhos, matando muito gado groſſo, e miudo; e em fim ficou tudo pera muitos annos não tornar em ſi.

Dalli ſe embarcou o Governador, e foi dando, e deſtruindo todas as mais povoações, que havia até o rio de Cifardão, que divide o Eſtado do Idalxá do Melique, não deixando couſa em pé, de ſorte que por toda aquella coſta não havia outra couſa, ſe-

não nuvens de espesso fumo, que cubriam os ares, e escondiam a claridade do Sol. Chegado a Chaul, entrou no rio a dar despacho a alguns negocios, e alli ouvio na sua galé hum Embaixador do Melique, que havia dias alli estava esperando por elle, por quem aquelle Rey lhe mandou fazer muitos offerecimentos pera contra o Idalxá, porque não estavam amigos. O Governador o ouvio bem, agradecendo-lhe aquella vontade, confirmando com elle novamente as pazes com os Capitulos em damno do Idalxá, e despedio o Embaixador muito satisfeito.

Acabado este negocio, se foi pera Baçaim, donde despedio D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, com vinte navios ligeiros pera continuar na guerra de Cambaya, da outra banda da costa de Dio até Pór, e Mangalór; e o mesmo fez a D. Jorge Baroche com outros tantos navios, pera andar de Agaçaim até Baroche, defendendo aquelle mar, porque não entrasse cousa alguma em Cambaya, nem sahisse pera fóra, por lhe dar perda em suas entradas, e Alfandegas, como lhe deo notavilissima. Em Baçaim desembarcou o Governador em terra, e mandou dar quatro mezas aos soldados, cujos Capitães eram, D. Alvaro de Castro, D. Bernardo de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de No-

ronha, D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante, que defcubrio a India, e Gomes Vidal, Capitão da guarda do Governador; deixando-fe alli ficar, com determinação de fe não recolher, fenão a invernar; porque dalli queria mandar fazer guerra a Cambaya, e ao Idalxá, por ficar em meio de ambos aquelles Reynos, como fez, efpalhando navios por fuas coftas, que lhe fizeram toda a que lhe pudéram fazer, tomando-lhes muitas embarcações carregadas de fazendas, e mantimentos. E porque não houve coufa notavel que fuccedeffe a eftas Armadas, concluimos com ellas affim em fomma, porque temos outras muitas coufas que nos chamam, a que he neceffario acudir.

Fim do Liv. V. da Decada VI.

COUTO
DECADA
T.III. P.I.